

# DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

## UM CAMINHO PARA PAZ

A RELEVÂNCIA DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NA  
CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS DE PAZ E NÃO VIOLÊNCIA:  
PERCEPÇÕES DE LÍDERES RELIGIOSOS NO SUL DO BRASIL



Editora Fundação Fênix

Mirian Rejane Flores Cerveira

*A relevância do diálogo inter-religioso na construção de espaços de paz e não violência: percepções de líderes religiosos no Sul do Brasil* visa investigar a importância da temática da paz para as lideranças no diálogo inter-religioso. Produziu-se uma visão panorâmica como horizonte referencial na busca pela paz entre povos desde a Antiguidade até os dias atuais, revisitando importantes tratados de paz na cidade de Osnabrück, na Alemanha, reconhecida pela Organização das Nações Unidas (ONU) como cidade da paz, perpassando pelas práticas de paz promovidas por Jesus de Nazaré, conforme as pesquisas cristológicas, na atual busca pela paz entre as religiões. Com base em uma pesquisa bibliográfica a respeito do tema na Teologia recente, foi utilizada uma vinculação do conceito de zona proximal de Vygotsky, construindo um novo conceito de zona proximal dialogal inter-religioso. Nesse contexto ainda foi aplicado um questionário e entrevistas para uma pesquisa qualitativa com representantes de diferentes tradições religiosas por meio do grupo Diálogo Inter-religioso de Porto Alegre - DIRPOA. O objetivo principal foi analisar o papel das religiões na promoção da paz e não violência na sociedade local. Este livro aponta para um horizonte de encontros percebidos na zona proximal dialogal inter-religiosa.



Editora Fundação Fênix



DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO UM CAMINHO PARA PAZ –  
A RELEVÂNCIA DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NA CONSTRUÇÃO DE  
ESPAÇOS DE PAZ E NÃO VIOLÊNCIA:  
PERCEPÇÕES DE LÍDERES RELIGIOSOS NO SUL DO BRASIL



# ***Série Religião e Teologia***

---

## **Editor**

Tiago de Fraga Gomes

## **Conselho Científico**

Aline Amaro da Silva (PUC-Minas)  
Flávio Schmitt (EST)  
Francisco de Aquino Júnior (UNICAP)  
Jefferson Zeferino (PUC-Campinas)  
José Aguiar Nobre (PUC-SP)  
Luiz Carlos Susin (PUCRS)  
Rafael Martins Fernandes (PUCRS)  
Rudolf Eduard von Sinner (PUCPR)  
Tiago de Fraga Gomes (PUCRS)  
Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

## **Conselho Editorial**

Abimar Oliveira de Moraes (PUC-Rio)  
Afonso Tadeu Murad (FAJE)  
Agemir Bavaresco (PUCRS)  
Alzirinha Rocha de Souza (PUC-Minas)  
Antonio Luiz Catelan Ferreira (PUC-Rio)  
Bernhard Grümme (Ruhr-Universität Bochum-Alemanha)  
César Augusto Soares da Costa (UCPel)  
Clélia Peretti (PUCPR)  
Draiton Gonzaga de Souza (PUCRS)  
Edison Huttner (PUCRS)

Edla Eggert (PUCRS)  
Emil Albert Sobottka (PUCRS)  
Enir Cigognini (UCPel)  
Evilázio Francisco Borges Teixeira (PUCRS)  
Fabrizio Zandonadi Catenassi (PUCPR)  
Flávio Augusto Senra Ribeiro (PUC-Minas)  
Francilaide de Queiroz Ronsi (PUC-Rio)  
Frederico Pieper Pires (UFJF)  
Heitor Carlos Santos Utrini (PUC-Rio)  
Iuri Andréas Reblin (EST)  
Júlio César Adam (EST)  
Leandro L. B. Fontana (Philosophisch-Theologische Hochschule Sankt Georgen-  
Alemanha)  
Lúcia Pedrosa de Pádua (PUC-Rio)  
Luciano Marques de Jesus (PUCRS)  
Marcelo Bonhemberger (PUCRS)  
Marinilson Barbosa da Silva (UFPB)  
Moisés Sbardelotto (PUC-Minas)  
Nythamar de Oliveira (PUCRS)  
Reginaldo Pereira de Moraes (FABAPAR)  
Roberto Hofmeister Pich (PUCRS)  
Rodrigo Coppe Caldeira (PUC-Minas)  
Rogério Luiz Zanini (ITEPA)  
Silas Guerreiro (PUC-SP)  
Vitor Galdino Feller (FACASC)

**Mirian Rejane Flores Cerveira**

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO  
UM CAMINHO PARA PAZ - A RELEVÂNCIA DO DIÁLOGO INTER-  
RELIGIOSO NA CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS DE PAZ E NÃO VIOLÊNCIA:  
PERCEPÇÕES DE LÍDERES RELIGIOSOS NO SUL DO BRASIL



Editora Fundação Fênix

Porto Alegre, 2023





Dedico este livro a muitas pessoas, a toda a humanidade, a todos os povos e raças, de todas as cores e religiões; aos homens, mulheres, crianças e jovens. Que todos possam acreditar que a paz é possível, crendo que Deus é um Deus de paz, o Deus da paz.

Que não haja mais violência, discriminação, ódio e guerra, que o diálogo possa ser a ponte para a resolução de todas as discórdias, que as diferenças não nos afastem, mas que com as divergências possamos aceitar e conviver com a pluralidade. Que a paz seja o nosso lema!



## AGRADECIMENTOS

Agradecer é algo bem difícil, pois exige colocar em palavras os sentimentos do coração, e expressar nossos sentimentos nem sempre é fácil. Mas de uma coisa tenho certeza: primeiramente, tenho que agradecer ao Pai Eterno, por ter me dado forças e ter me mantido em pé, física, espiritual e financeiramente, nesses quatro últimos anos da minha vida. Não foi fácil. E quando digo que não foi fácil, não estou me referindo somente às questões de estudar, fazer as disciplinas que estavam no currículo do curso de doutorado e depois escrever uma tese. Só isso, porém, já seria suficientemente difícil.

O "não foi fácil" inclui uma vida inteira de disciplina, abnegação e cumprimento de normas e regras; não foi fácil sair de uma redoma de vidro de um mundo protestante calvinista cercado de vários cadeados, como afirmam Edla Eggert, Márcia Alves da Silva e Sara Campagnaro (2021), em um dos capítulos em que apresentam os "Cativeros e a servidão voluntária". As autoras analisam que as mulheres ainda possuem muitos cadeados aprisionados em papéis de mães/esposas em seus lares. Querem dar conta de todos os afazeres domésticos, serem ótimas mães para não traumatizarem seus filhos e belas amantes para não faltar o prazer ao marido, mantendo-se ainda belas e formosas como princesas. Sei que não fui uma aluna exemplar como gostaria de ter sido, uma mãe dedicada e zelosa e uma esposa maravilha como sonhei, mas fiz o melhor que pude. Foi muito difícil fazer essa caminhada, assim como chegar em uma instituição desconhecida para mim, com dogmas e rituais totalmente diferentes dos meus, e me fazer presente.

Assim, agradeço a cada um dos professores que me acolheu, pois no início do primeiro semestre não me sentia nada acolhida, mas fui aos poucos conhecendo professores e colegas e me sentindo acolhida, abraçada e agraciada. Agradeço a cada colega que, de alguma forma, me ajudou me auxiliando com o novo, o diferente, pois eu ousei ultrapassar os muros da diferença e me arriscar em uma nova teologia.

Ao Professor Rudolf Von Sinner, que foi de fundamental importância quando da seleção para o doutorado. Eu precisava saber sobre algumas obras de Ratzinger, as quais não conhecia, e pedi seu auxílio. Na ocasião, Sinner era professor das

Faculdades EST e prontamente me deu uma aula particular, esclarecendo minhas dúvidas e tornando, assim, possível a minha aprovação na seleção de doutorado na PUCRS.

Ao Professor Leomar Antônio Brustolin, que na disciplina de Escatologia nos ensinou que Deus tem um abraço tão especial que eleva o ser humano, não querendo que ninguém se perca. Isso foi tão aconchegante.

Ao Professor Luiz Carlos Susin, com seu jeito meigo e carinhoso, mas sempre firme em seus ensinamentos, explicando em metodologia como fazer uma tese partindo de olhares já vistos em busca de olhares mais longos e criativos, se apoiando em renomadas bibliografias.

Ao Professor Agemir Bavaresco, que por intermédio de sua disciplina de diálogo inter-religioso me deu o norte para esta tese.

Agradeço de uma forma muito amável ao Grupo DIRPOA, na pessoa de cada um dos líderes religiosos membro do grupo, pela forma tão carinhosa que me receberam em seus cultos e reuniões e prontamente se colocaram à disposição para contribuírem com minha pesquisa através das visitas que os fiz para entrevista-los. Gratidão, graça e paz.

À Professora Edla Eggert, que me fez entender que eu estava no lugar certo, portanto não precisava ter medo nem correr ou desistir. Obrigada, professora, por me lembrar que os cadeados de nossa existência podem ser abertos com esforços e vontades sobrenaturais, abrindo assim novos caminhos e novas possibilidades. Você foi fundamental nessa caminhada.

Em especial a um professor e uma professora que não ficarão guardados na memória, e sim eternizados na minha vida. Meu orientador, Professor Érico João Hammes, que sem me conhecer aceitou ser meu orientador, mesmo sabendo que vinha de outra fé; que eu era leiga, e não religiosa; que eu era professora de Ensino Fundamental, e não freira; que eu era mulher, e não homem; e que eu teria pouco tempo para me dedicar à pesquisa; que eu seria a primeira mulher, leiga e calvinista a ganhar o título de doutora na PUCRS. Mesmo com todos esses "poréns", ele me aceitou e acreditou em minha capacidade. Só isso já seria suficiente, mas ainda me apresentou uma pessoa de um coração generoso e amoroso, que tem a marca do Deus de amor: Professora Dr. Margit Eckholt. Por intermédio dela, pude fazer o

doutorado sanduíche. Ela me recebeu na Alemanha na Universidade de Osnabrück, na cidade de Osnabrück, com todo amor e carinho e com o cuidado que uma mãe se dedica a um filho, me possibilitando uma incrível experiência com diversas nações e religiões na coleta de subsídios para a tese. Serei eternamente grata a vocês dois por me proporcionarem tamanho aprendizado, pois além de acreditarem em minha potencialidade, me ajudaram financeiramente e me apoiaram emocionalmente. A escrita desta tese se iniciou no momento mais difícil de minha vida, no auge de uma pandemia e no cume de uma crise existencial humana. Sem saber, vocês foram anjos na minha vida.

A graça de viver está no desenrolar das histórias, nos personagens que encenam seus melhores papéis no palco largo dos nossos dias, girando numa ciranda que nunca tem fim. Sorrindo, chorando, nos mostrando o quão rápido são os instantes, quão instável é a vida. Tudo muda o tempo todo, se refaz, se reconstrói, se reinventa, é poesia inacabada. E se nada é eterno (nem a tristeza, nem a alegria), que a gente saiba descortinar nossas janelas, olhar o horizonte e se banhar de sol como se a noite nunca fosse chegar – ou de neve, como chegou enquanto estive na Alemanha.

Como já disse o poeta: a vida é uma caixinha de surpresas que vai se abrindo e revelando-nos seus mistérios, e de repente o inesperado acontece. Temos ao longo de nossa existência vários sonhos, mas nem sempre nossos sonhos são os sonhos de Deus para nós; as vezes Ele realiza sonhos nunca sonhado por nós ou se quer imaginado. Numa dessas que se desvelou em minha vida meu doutorado sanduíche na Alemanha, em meio à pandemia, após um ano imensuravelmente difícil, com obstáculos nunca, em tempo algum da minha vida, imaginado...

Deus estava ali, junto de mim, me cuidando, zelando, protegendo em seus braços de amor. Aí quando pensei que as ondas estavam muito altas, que iria sucumbir em meio à tempestade, porque tão frágil me sentia, Deus revelou-se a mim e disse: “filha minha, filha Mirian, eu estou aqui, sempre estive aqui, você que estava com a visão tão turva que não me via. Mas nunca larguei sua mão e a carreguei em meu colo durante as ondas mais altas e pelos vales mais desertos e escuros, pela sua destra a segurei. Creia... Tudo vai ficar bem! Para você preparei um 2021 bem especial, eis que vais à Alemanha ter uma experiência ímpar nunca imaginada. Será

para seu crescimento, como todas as experiências que teve neste ano. Use-as para seu crescimento". Falei-lhe então: "Deus, eu tenho medo". E Ele me respondeu: "não tenha medo, minha filha, pois a pego pela destra e a guiarei, estarei contigo em todos os dias da sua vida. És minha filha amada, nunca a deixarei, nunca a abandonarei, vai na paz, que tudo vai ficar em paz". Assim, fui à Alemanha e realizei uma bela pesquisa com o apoio de dois grandes doutores. Obrigada, Dra. Margit Eckholt e Dr. Érico João Hammes.

Agradeço à Juliane Hammerschmidt, secretária do PPGT da Escola de Humanidades da PUCRS, por fazer parte dessa história, por tamanha atenção e carinho, estando sempre em prontidão e conectada para resolver problemas e dar esclarecimentos. Obrigada!

Agora com todo amor, carinho e gratidão, quero agradecer aos meus amores eternos: meus pais, meu marido e meu filho. Aos meus pais, agradeço por terem me educado dentro dos valores cristãos, que requerem que o ser humano tenha o coração segundo o coração de Deus, e por todos os ensinamentos que me passaram. Vocês foram fundamentais para minha formação como cidadã responsável para consigo, o outro e a natureza. Obrigada!

Ao meu marido, meu amor, meu eterno namorado, por me apoiar nessa viagem de pesquisas, não só em apoio moral, mas indo comigo e segurando a outra mão, entrando comigo nessa aventura e embarcando junto no "aviãozinho vermelho" para mais uma aventura, dando-me coragem. Obrigada pelo apoio, pela ajuda e compreensão que dedicaste a mim, por sonhar comigo meus sonhos e seguir comigo na busca de minhas realizações, pela companhia durante a viagem e a pesquisa do doutorado e, principalmente, na escrita da tese. Isso foi fundamental! Obrigada por junto comigo romper os cadeados que aprisionavam minha existência, abrindo assim novos caminhos para grandes projetos. "Quando se sonha sozinho é apenas sonho. Quando sonhamos juntos, é o começo da realidade" (Cervantes).

Ao meu filho, amado de minha alma, obrigada pela paciência, pelo apoio e pela ajuda que me deu em momentos de grandes tensões. Obrigada por cada palavra de apoio, muitas vezes você precisou ser o adulto da casa e eu a filha. Obrigada por esse amor incondicional, imensurável, por ser tão amoroso e prestativo comigo e com as

peessoas ao seu redor. Amo você infinitamente. Grata sou a Deus por me presentear com sua existência.

Agradeço a todas as pessoas que comigo caminharam nessa jornada de doutorado, minhas irmãs, irmão, cunhados, cunhadas, sobrinhos, sobrinhas, primos, primas, tias e amigos. Sei que muitos estiveram comigo de alguma maneira, tanto ativamente quanto afetivamente e em oração. Obrigada!

Preciso ainda lembrar minha instituição a qual sou concursada para ministrar a disciplina de Ensino Religioso, na pessoa de meus queridos alunos e queridas alunas; seria injusto não agradecer a vocês pela grande contribuição que tiveram em minha jornada de doutorado. Vocês foram minha maior inspiração, pois com vocês eu ri, chorei e brinquei, e cada um trouxe sua história, porque cada um escreve a sua história. Assim, descobri que eu sozinha não posso mudar o mundo e a realidade em que vocês vivem, mas sei que muito contribuí na partilha de conhecimentos para vocês buscarem a força que emana de Deus e com garra e ousadia romperem os cadeados que os aprisionam na violência e em suas histórias. Saibam que vocês podem escrever uma nova e linda história. Obrigada, pois por intermédio de vocês conheci e vivi o diálogo inter-religioso, descobrindo que a paz entre as religiões é possível e se faz imperativo para o mundo atual.

Agradeço de forma especial e carinhosa ao coordenador do PPG em Teologia da PUCRS Prof. Dr. Pe. Tiago de Fraga Gomes, por viabilizar o financiamento da publicação deste livro através da Editora Fundação Fênix com apoio da CAPES.





“Um brinde aos construtores de pontes, aos que estendem a mão, aos portadores de luz, essas almas extraordinárias vivendo vidas comuns e silenciosamente tecendo fios de humanidade em um mundo desumano. Eles são os heróis desconhecidos em um mundo em guerra consigo mesmo. Eles são os sussurros da esperança de que a paz é possível. Procure-os na escuridão que se faz presente. Acenda sua vela com o fogo deles. E então vá. Construa pontes. Estenda a mão para alguém. Leve luz para um mundo obscuro e desesperado. Seja o herói que você está procurando. A paz é possível. Começa em nós”.<sup>1</sup>

“As pessoas educam para a competição e esse é o princípio de qualquer guerra. Quando educarmos para cooperarmos e sermos solidários uns com os outros, nesse dia estaremos a educar para a paz”.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> KNOST, L. R. *Jesus, the Gentle Parent: Gentle Christian Parenting*, p. 225.

<sup>2</sup> MONTESSORI, M. *A educação e a paz*, p. 27.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Carta de indulgência (1513) que motivou a Reforma Protestante.....	61
Figura 2 – Vista aérea da cidade de Osnabrück .....	93
Figura 3 – Centro Histórico de Osnabrück.....	94
Figura 4 – Quadros com artigos sobre os Direitos Humanos fixados pela cidade.	101
Figura 5 – Tratado de Paz .....	102
Figura 6 – Sala da paz dentro da Prefeitura de Osnabrück, local onde foram assinados os Tratados de Münster e Osnabrück .....	103
Figura 7 – Prefeitura de Osnabrück .....	104
Figura 8 – Maçaneta da porta da Prefeitura de Osnabrück .....	104
Figura 9 –Praça da Paz.....	108
Figura 10 – Visita da autora à Praça da Paz.....	109
Figura 11 – Bürgerbrunnen.....	110
Figura 12 – Música <i>Pro Pace Dona nobis pacem</i> – música da paz de 1945.....	111
Figura 13 – Fonte Hobby Horse.....	112
Figura 14 – Crianças em frente à prefeitura de Osnabrück caracterizadas como cavaleiros da paz.....	113
Figura 15 – Criança caracterizada como cavaleiro da paz .....	114
Figura 16 – Instituto de Teologia Protestante .....	115
Figura 17 – Encontro com Dr. Boltres .....	116
Figura 18 – Instituto de Teologia Católica .....	119
Figura 19 – Encontro com a Profa. Dra. Eckholt.....	119
Figura 20 – Instituto de Teologia Islâmica .....	121
Figura 21 – Encontro com o Prof. Dr. Merdan Günes.....	122
Figura 22 – Alcorão .....	124
Figura 23 – Logo da Escola das Três Religiões, Johannis Elementary School .....	125
Figura 24 – Visita na Escola das Três Religiões, Johannis Elementary School .....	127
Figura 25 – Encontro com a coordenadora Katrin Großmann .....	129
Figura 26 – Mesa-redonda das religiões de Osnabrück .....	130
Figura 27 – Catedral de São Pedro.....	134

Figura 28 – Monumento em homenagem aos três mártires do ecumenismo .....	135
Figura 29 – Cestos de ferro na Igreja de St. Lambert onde os três mártires ficaram expostos .....	135
Figura 30 – Brasão da cidade de Osnabrück fixado ao lado da Catedral de São Pedro.....	136
Figura 31 – A Igreja de St. Johann .....	136
Figura 32 – Altar da Sagrada Família, com a representação do Pai, do Filho e do Espírito Santo .....	137
Figura 33 – Igreja Evangélica de Santa Maria .....	139
Figura 34 – Igreja de Santa Catarina.....	140
Figura 35 – Igreja Lutero.....	141
Figura 36 – Memorial da “velha sinagoga” .....	143
Figura 37 – Nova Sinagoga .....	144
Figura 38 – “Stolpersteine” .....	145
Figura 39 – O exterior da Mesquita Operária .....	146
Figura 40 – Prof. Dr. Merdan Günes, Profa. Dra. Margit Ecloholt, Almuadém e a autora.....	147
Figura 41 – Almuadém e a autora .....	148
Figura 42 – Realizando a cerimônia religiosa islâmica.....	148
Figura 43 – Visita à Comunidade de Sant’Egídio.....	151
Figura 44 – Encontro do Papa Francisco e outros líderes religiosos para rezar pela paz.....	156
Figura 45 – Cerimônia para acender o candelabro .....	158
Figura 46 – Papa Francisco em audiência com Marco Impagliazzo .....	160
Figura 47 – Obra do artista Kobra, <i>As religiões e a pandemia</i> .....	163
Figura 48 – Mapa dialogal proximal.....	308

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro-resumo de tratados de paz.....	68
Quadro 2 – Quadro-resumo de lideranças que criaram espaços de paz.....	90
Quadro 3 – Teólogos exclusivistas e seus conceitos .....	174
Quadro 4 – Teólogos inclusivistas e seus conceitos .....	183
Quadro 5 – Teólogos pluralistas e seus conceitos .....	192

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACK	Arbeitsgemeinschaft Christlicher Kirchen (Associação de Igrejas Cristãs)
ACKOS	Arbeitsgemeinschaft Christlicher Kirchen in Osnabrück (Grupo de Trabalho das Igrejas Cristãs em Osnabrück)
AG	<i>Ad Gentes</i>
AI	Anistia Internacional
AROS	Arbeitskreis der Religionen in Osnabrück (Grupo de Trabalho das Religiões em Osnabrück)
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEB	Câmara de Educação Básica
CNA	Congresso Nacional Africano
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNPJ	Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONER/RS	Conselho Estadual do Ensino Religioso do Estado do Rio Grande do Sul
CONIB	Confederação Israelita do Brasil
CONIC	Conselho Nacional de Igrejas Cristãs
COVID-19	Corona Virus Disease, 2019
DH	<i>Dignitatis Humanae</i>
DIRPOA	Diálogo Inter-Religioso de Porto Alegre
DUDH	Declaração Universal dos Direitos Humanos
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
EST	Escola Superior de Teologia
ESTEF	Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana
FASE/RS	Fundação de Atendimento Socioeducativo do Estado do Rio Grande do Sul
FERGS	Federação Espírita do Rio Grande do Sul
FIERJ	Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro
FIRE	Fórum Inter-Religioso e Ecumênico
FONAPER	Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso

FT	<i>Fratelli Tutti</i>
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
IEAB	Igreja Episcopal Anglicana do Brasil
IECLB	Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
IIT	Institut für Islamische Theologie (Instituto de Teologia Islâmica)
IKFN	Institut für Kulturgeschichte der Frühen Neuzeit (Instituto de História Cultural da Idade Moderna)
IMIS	Institut für Migrationsforschung und Interkulturelle Studien (Instituto de Pesquisa de Migração e Estudos Interculturais)
IRP	Institut für Islamische Theologie (Instituto de Teologia Islâmica)
IRU	Islamischen Religionsunterricht (Instrução Religiosa Islâmica)
KAICIID	King Abdullah Bin Abdulaziz International Centre for Interreligious and Intercultural Dialogue (Centro Internacional Rei Abdullah Bin Abdulaziz para o Diálogo Inter-religioso e Intercultural)
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LG	<i>Lumen Gentium</i>
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexuais, Assexuais e outros grupos e variações de sexualidade e gênero
LS	<i>Laudato Si'</i>
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NA	<i>Nostra Aetate</i>
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONGS	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PP	<i>Populorum Progressio</i>
PUCPR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SIBRA	Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência
UFCSPA	Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

WCRP	World Conference on Religion and Peace (Conferência Mundial das Religiões pela Paz)
ZDIRP	Zona de Diálogo Inter-Religioso Proximal
ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal
ZIIS	Zentrums für Interkulturelle Islamstudien (Centro de Estudos Islâmicos Interculturais)

Direção editorial: Tiago de Fraga Gomes  
Diagramação: Editora Fundação Fênix  
Capa: Editora Fundação Fênix

O padrão ortográfico, o sistema de citações, as referências bibliográficas, o conteúdo e a revisão de cada capítulo são de inteira responsabilidade de seu respectivo autor.

Todas as obras publicadas pela Editora Fundação Fênix estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 –  
[Http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)

Essa obra foi publicada com Apoio CAPES/PDPG - CONSOLIDAÇÃO 3-4  
AUXILIO Nº 2124/2022 - PROCESSO Nº 88881.710316/2022-01



*Série Teologia – 22*

#### Catálogo na Fonte

C419r Cerveira, Mirian Rejane Flores  
Diálogo inter-religioso um caminho para a paz - a relevância do diálogo inter-religioso na construção de espaços de paz e não violência [recurso eletrônico] : percepções de líderes religiosos no Sul do Brasil / Mirian Rejane Flores Cerveira. – Porto Alegre : Editora Fundação Fênix, 2023.

347 p. : il. (Série Teologia ; 22)

Disponível em: <<http://www.fundarfenix.com.br>>

ISBN 978-65-5460-059-0

DOI <https://doi.org/10.36592/9786554600590>

1. Religião. 2. Paz. 3. Líderes religiosos. 4. Cristologia. I. Título

CDD: 200

Responsável pela catalogação: Lidiane Corrêa Souza Morschel CRB10/1721



# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b>	
<i>Erico Hammes</i>	29
<b>INTRODUÇÃO</b>	33
<b>1. A BUSCA PELA PAZ</b>	39
<b>1.1 UMA NOVA ABORDAGEM DA PAZ</b>	40
<b>1.2 VISÕES E PERCEPÇÕES SOBRE ALGUNS TRATADOS DE PAZ AO LONGO DA HISTÓRIA</b>	47
<b>1.3 CONTEMPLAÇÃO DE AGENTES DA PAZ EM SEUS ESPAÇOS NA PROMOÇÃO DA PAZ</b>	69
<b>1.4 BREVE CONCLUSÃO</b>	91
<b>2. NO PALCO DE WESTFÁLIA, A PAZ É ENCENADA PROPAGANDO-SE DO VELHO AO NOVO MUNDO</b>	93
<b>2.1 DO TRATADO DE PAZ DE WESTFÁLIA ÀS CENAS DE PAZ NA CIDADE DE OSNABRÜCK</b>	94
<b>2.2 EVENTOS CULTURAIS PROMOTORES DE PAZ EM OSNABRÜCK</b>	105
<b>2.3 INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS PROMOTORAS DA PAZ EM OSNABRÜCK</b>	114
<b>2.3.1 Instituto de Teologia Protestante</b>	114
<b>2.3.2 Instituto de Teologia Católica</b>	118
<b>2.3.3 Instituto de Teologia Islâmica</b>	120
<b>2.3.4 Escola das Três Religiões, Johannis Elementary School</b>	124
<b>2.4 ENTIDADES PROMOTORAS DA PAZ EM OSNABRÜCK</b>	129
<b>2.5 ESPAÇOS SAGRADOS DE FÉ e PROMOTORES DA PAZ EM OSNABRÜCK</b>	133
<b>2.5.1 Católicos</b>	133
<b>2.5.2 Protestantes</b>	138
<b>2.5.3 Sinagogas</b>	142
<b>2.5.4 Mesquitas</b>	145
<b>2.5.5 Comunidade de Sant'Egídio</b>	149
<b>2.6 BREVE CONCLUSÃO</b>	161

<b>3. PARADIGMAS DA TEOLOGIA DAS RELIGIÕES, POSTURAS SOBRE O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO</b>	165
<b>3.1 PARADIGMA EXCLUSIVISTA</b>	165
<b>3.2 PARADIGMA INCLUSIVISTA</b>	177
<b>3.3 PLURALISMO RELIGIOSO</b>	184
<b>3.4 BREVE CONCLUSÃO</b>	194
<b>4. CRITÉRIOS PARA A ZONA DE DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO PROXIMAL: IDENTIFICANDO OS PONTOS DE CONVERGÊNCIA E DIVERGÊNCIA NA PROMOÇÃO DA PAZ</b>	199
<b>4.1 CRITÉRIOS PARA ENCONTRAR OS PONTOS DE CONVERGÊNCIA DENTRO DA ZONA DE DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO PROXIMAL</b>	199
<b>4.1.1 Liberdade religiosa com direito de crença individual</b>	200
<b>4.1.1.1 Conceitos pertinentes à liberdade religiosa</b>	201
<b>4.1.2 Ensino religioso nas escolas</b>	207
<b>4.1.3 Ecoteologia</b>	210
<b>4.1.4 Direitos Humanos</b>	217
<b>4.1.5 Promoção da justiça social com enfoque no problema da violência e da criminalidade na promoção da paz</b>	219
<b>4.2 GRUPO DIRPOA E SEUS REPRESENTANTES</b>	223
<b>4.2.1 Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência de Porto Alegre</b>	224
<b>4.2.2 Igreja Episcopal Anglicana do Brasil</b>	224
<b>4.2.3 Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil</b>	225
<b>4.2.4 Federação Espírita do Rio Grande do Sul</b>	225
<b>4.2.5 Comunidade Bahá'í</b>	226
<b>4.2.6 Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros</b>	227
<b>4.2.7 Igreja Católica – Movimento dos Focolares</b>	227
<b>4.2.8 Comunidade Islâmica da Grande Porto Alegre</b>	228
<b>4.3 EXPERIÊNCIAS Com O GRUPO DIRPOA</b>	228
<b>4.4 VISÕES INDIVIDUAIS DOS MEMBROS DO DIRPOA</b>	233
<b>4.4.1 Posicionamento dos líderes religiosos em relação aos paradigmas da teologia das religiões</b>	234

<b>4.4.2 Tolerância e respeito à alteridade nas práticas religiosas com vistas à promoção da cultura de paz e ao cuidado da natureza nas religiões pesquisadas</b>	<b>252</b>
<b>4.4.3 Disposição dos líderes religiosos em relação à prática (participação) do diálogo inter-religioso na promoção da cultura da paz</b>	<b>273</b>
<b>4.4.4 Posicionamentos dos entrevistados sobre a atual situação da pobreza, da justiça social, da violência, da criminalidade e da guerra pós-pandemia</b>	<b>287</b>
<b>4.5 BREVE CONCLUSÃO</b>	<b>304</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>309</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>313</b>



## PREFÁCIO

A tese aqui publicada foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Teologia, na PUCRS, em 2022. Seu objetivo é disponibilizar a percepção de algumas lideranças religiosas engajadas no diálogo inter-religioso no tocante à paz e não violência. Como assinala a própria autora, resulta de pesquisas realizadas, entre outras dificuldades, nas problemáticas condições de uma grande pandemia. A elaboração de seus resultados foi igualmente afetada pelos dois anos de crise generalizada de saúde e escassez de recursos econômicos.

Trata-se de um texto escrito com paixão e sofrimento, mas com tenacidade e resiliência. A paz, enquanto plenitude abrangente de vida, mais do que apenas tarefa, é disposição de acolhida e mudança colaborativa e social. Envolve o ambiente e as pessoas em comunidade e sociedade. É conversão permanente, passagem de um modo violento de resolução de conflitos para a não violência. Como tal, é um empenho corajoso e firme de um modo novo de viver no mundo. Longe de uma unidimensional interrupção de guerra, ou simples cooperação internacional, a paz, assim como é entendida aqui, pode ser inserida na aproximação com o Reino de Deus, que na expressão de São Paulo consiste em "justiça, paz e alegria no Espírito Santo" (cf. Rm 14,17). O contrário da paz, assim entendida, não é mais a guerra, mas a violência. Por isso, paz sempre vai acompanhada de não violência e pode ser adjetivada como paz justa e, hoje, ecologicamente sustentável.

O papel das religiões na busca da paz e não violência é análogo ao da educação, da cultura, da comunicação, da arte, da política, da economia, da tecnologia e da ecologia. Existe efetivamente uma correlação entre as diferentes formas de violência e a não violência. Assim como a violência contamina e é retroalimentada por todos os outros setores, dimensões, instituições e estruturas da vida humana, assim também tem sua expressão religiosa. De modo semelhante, simetricamente, podem a paz e não violência transformar expressões religiosas e ser reforçadas pelas mesmas. Por si mesmas, as religiões não são nem mais nem menos responsáveis do que outras instâncias para a violência. O que sim, pode ser levado em conta, é o fato de o sentimento religioso poder sacralizar a violência, ou não

violência, assim como outros sentimentos podem coincidir em força empenhativa: ideologias, partidos políticos e filosofias, por exemplo. Deuses, mitos, ritos, tradições e teologias, sacerdotes e templos, tanto podem sacralizar a violência como transformar conflitos e promover a concórdia. Trata-se, então, essencialmente, de imaginar e criar um mundo de vida e fraternidade-sororidade em que tudo concorra para um ecossistema de paz.

A tese proposta por Mirian Cerveira, antes de mais nada, disponibiliza um material de reflexão, obtido em entrevista com representantes de um grupo de diálogo inter-religioso de Porto Alegre. O referencial teórico para a coleta desses depoimentos, é o princípio da convivência pacífica entre confissões e religiões diversas como uma realidade testemunhal e caminho de aprendizagem recíproca da peregrinação na história. Como o passado e o presente histórico tem mostrado, a intolerância com as diferenças, sejam elas de que natureza forem, constitui uma violência contagiosa da totalidade da existência. Conflitos religiosos, por si mesmos, ou como pretexto, alimentaram violências e guerras em todos os tempos. Ainda hoje, no Brasil, motivações religiosas levam a perseguições e assassinatos, lutas de classe, conflitos étnicos e discriminações de gênero. Tanto mais relevante é o exemplo de um grupo de diálogo em que se praticam a cooperação e se refletem critérios de convivência e espiritualidade interna e pública.

A partir dos depoimentos colhidos nas entrevistas com as lideranças do grupo de diálogo inter-religioso de Porto Alegre, a autora consegue demonstrar as aproximações relevantes para uma imaginação do papel religioso na construção da paz. Para a interpretação dos resultados das entrevistas, transforma o conceito pedagógico de Zona de Desenvolvimento Proximal, de Vygotsky, para Zona de Diálogo Inter-religioso Proximal, a fim de evidenciar as proximidades atuais e potenciais resultantes do diálogo. Torna-se claro, assim, que a paz é, ao mesmo tempo um princípio hermenêutico de leitura das próprias tradições religiosas enquanto potência a convivência nas diferenças.

Esse núcleo da tese é precedido de um esboço histórico e conceitual em que se buscam aproximações com o tema da paz e não violência, por um lado, e por outro, se exemplifica um caso especial de pacificação ou resolução não violenta de conflito religioso, a paz de Westfália. Para o conceito de paz, percorre alguns fatos, eventos

e personalidades mencionando a tradição bíblica, a história do Cristianismo, o papel de Ghandi, na Índia, Martin Luther King, Jr., nos Estados Unidos, Nelson Mandela, na África do Sul, o Concílio Vaticano II, os nomes de Papas dentre outros. Com um evento especial, da história, dedica espaço destacado ao tratado de paz de Westfália. Celebrado nas cidades de Münster e Osnabrück em 24 de outubro de 1648, foi o tratado pelo qual se encerrou a guerra dos trinta anos, iniciada em 1618, envolvendo especialmente católicos e luteranos na Alemanha, bem como França de Suécia. A moldura histórica é acompanhada no relato das pesquisas com o testemunho atual de iniciativas e práticas de paz entre as religiões na cidade de Osnabrück, visitada pela autora numa viagem especial de estudos e experiência.

Com a delimitação do seu projeto de pesquisa e as condições especiais de sua realização, o texto final aqui publicado pode servir de estímulo a que outros estudos possam seguir e fazer parte do esforço de uma cultura de paz nos sistemas de educação escolar do Brasil, nas instituições religiosas e no conjunto da sociedade. Chamaria atenção especial aos textos das entrevistas. Certamente merecem consideração especial porque são testemunho vivo de um esforço de convergência e colaboração diferenciada de busca de unidade e convivência.

Parabéns à Mirian por sua contribuição e que possa ter sucesso e os votos para que tenha energia de levar adiante seu testemunho e missão.

*Erico Hammes, prof. Sênior – PUCPR.*





## INTRODUÇÃO

O texto a seguir é resultado das pesquisas de doutorado contemplando o diálogo inter-religioso que se faz cada vez mais urgente e necessário, respeitando a alteridade e rompendo a intolerância na busca da não violência entre as tradições religiosas, visando à paz justa e humanitária, no seguimento de Jesus Cristo da paz. Diante de um Brasil tão plural e com tantas expressões religiosas, alarga-se a necessidade de um tema tão relevante. A tarefa que nos espera é a de mostrar que a afirmação da identidade cristã é compatível com um reconhecimento autêntico com a identidade de outras tradições religiosas que se solidificam por intermédio da fé.

Violência, intolerância e injustiça social são assuntos recorrentes em muitos dos encontros entre diferentes religiões. Esta reflexão, portanto, se realizará à luz da fé, tendo como ponto de partida o pluralismo religioso, ou seja, a pluralidade das religiões, uma vez que existem muitas e diferentes tradições religiosas:

Se houvesse apenas uma tradição religiosa, de modo que toda a experiência e crença religiosa tivessem o mesmo objeto intencional, uma epistemologia da religião poderia parar nesse ponto. Mas, de fato, há um número de diferentes tradições e famílias de tradições testemunhando muitas divindades pessoais diferentes e de diferentes realidades últimas não pessoais.<sup>1</sup>

Acerca do pluralismo religioso, as reflexões de Dupuis proporcionam uma grande abertura no que tange ao diálogo inter-religioso. Segundo o teólogo, "num mundo de guerras com motivações religiosas, reflexões elaboradas como estas são um alento a todos aqueles seriamente preocupados com uma convivência fraterna e pacífica entre os seguidores das diversas tradições religiosas".<sup>2</sup>

Os demais campos do conhecimento já reconheceram e convivem com a realidade moderna, em que os diferentes se tocam a todo instante, porém muitos teólogos e instituições religiosas costumam e/ou resistem a visualizar essa realidade plural, talvez até mais nítida no mundo das religiões. Ademais, esse tema é de

---

<sup>1</sup> HICK, J. *Uma interpretação da religião: respostas humanas ao Transcendente*, p. 259.

<sup>2</sup> DUPUIS, J. *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*, p. 294.

fundamental importância no que diz respeito à necessidade de paz entre os diversos povos. Todas as religiões do mundo devem hoje reconhecer a sua responsabilidade e corresponsabilidade pela paz mundial.

O teólogo Claude Geffré ressalta que a “pluralidade dos caminhos que levam a Deus continua sendo um mistério que nos escapa”.<sup>3</sup> São esses caminhos, nesse mistério transcendental, que serão percorridos nesta pesquisa de tese, que irá comungar com diferentes olhares e verdades na busca de diálogo entre eles, na promoção da paz justa, da não violência e do respeito à alteridade.

Nessa busca, nos perguntamos: quais as reflexões sobre o papel das religiões na promoção da paz e da não violência dos atuais religiosos que fazem parte do Diálogo Inter-religioso de Porto Alegre (DIRPOA)?

Visando responder à pergunta-problema, foi traçado o seguinte objetivo geral: analisar as percepções de oito líderes religiosos sobre a promoção da cultura de paz por meio do diálogo inter-religioso e da não violência no seguimento do Jesus da paz num Estado laico. Com vistas a especificar o objetivo geral e facilitar a pesquisa, foram criados objetivos específicos abaixo:

- Rememorar tratados de paz ocorridos ao longo da história, assim como experiências de ações promotoras de paz em agentes da paz;
- Comparar conceitos de paz na antiguidade com a paz na Teologia contemporânea, o Concílio do Vaticano II;
- Identificar a aderência de líderes religiosos aos pressupostos de uma cultura de paz e não violência;
- Observar a disposição dos líderes religiosos em relação à prática do diálogo inter-religioso na promoção da cultura da paz;
- Avaliar o respeito à alteridade nas práticas religiosas na promoção da cultura de paz nas religiões pesquisadas.

Em um mundo conturbado, cheio de ódio e guerra, é necessário um resgate da cultura de paz por intermédio do diálogo inter-religioso e da não violência entre os povos religiosos, desenvolvendo ações em promoção de uma cultura de paz. As

---

<sup>3</sup> *Apud* TEIXEIRA, F. *A teologia do pluralismo religioso em Claude Geffré*.

religiões possuem algo em comum que é a crença em um Ser Superior, o Transcendente, e pregam a "regra de ouro" à sua maneira, conforme explica Vigil: "com a regra de ouro, as religiões podem se encher de ternura e de misericórdia para com toda a humanidade, abrindo mão de atitudes de prepotência, intolerância, domínio e divisão".<sup>4</sup>

A teologia do século XXI encontra-se diante de um desafio fundamental que pode ser traduzido como a acolhida do pluralismo religioso enquanto valor irredutível e irrevogável. Trata-se de um novo horizonte para a teologia, um singular e essencial paradigma que provoca uma profunda mudança na dinâmica de uma autocompreensão teológica no tempo atual. O pluralismo religioso deixa de ser compreendido como um fenômeno conjuntural passageiro, um fato provisório, para ser percebido na sua riqueza como um pluralismo de princípio ou de direito. "Assim como existe a grande e rica biodiversidade do planeta, que requer atenção, cuidado e vontade de preservação, assim há também a diversidade das religiões e opções espirituais que demandam semelhante simpatia e acolhida".<sup>5</sup>

A declaração célebre do teólogo Küng resume bem: "Não haverá paz entre as nações sem uma paz entre as religiões"<sup>6</sup>, ou seja, sem paz entre as religiões não haverá paz no mundo! Essa motivação poderia ficar como o pano de fundo na abordagem desse tema. Nesse mundo plural pós-moderno, em que a aproximação entre as pessoas é extremamente facilitada pela globalização e pelo acelerado desenvolvimento da informática por meio das mídias, é inadmissível que as religiões continuem sendo um impedimento a mais para a convivência fraterna entre os homens.

Tomaremos como horizonte referencial a busca pela paz entre povos desde a antiguidade até os dias atuais, perpassando pelas práticas de paz promovidas por Jesus de Nazaré, conforme as pesquisas cristológicas, apreciando ações de agentes da paz na busca pela paz por intermédio do diálogo inter-religioso e da não violência entre as religiões. Inicialmente, analisaremos escritos que envolvem a questão desde a antiguidade, perpassando pela Idade Média, o renascimento até chegar aos tempos

---

<sup>4</sup> VIGIL, J. M. *Teologia do pluralismo religioso para uma releitura do cristianismo*, p. 469.

<sup>5</sup> TEIXEIRA, F. *Teologia e pluralismo religioso*, p. 167.

<sup>6</sup> KÜNG, H. *Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*, p. 108.

modernos, trazendo autores recentes que se aprofundaram no tema do diálogo inter-religioso. Essa busca irá se concentrar não apenas em autores nacionais, mas buscará acompanhar os estudos e as pesquisas realizados em outras partes do mundo, sobretudo na Alemanha.

Em um primeiro momento, buscamos fazer uma pesquisa bibliográfica e, após, uma pesquisa qualitativa, que se utilizou de informações e dados subjetivos obtidos por meio de entrevistas realizadas com líderes religiosos que fazem parte do grupo de Diálogo Inter-religioso de Porto Alegre (DIRPOA). Esse grupo, foi reconhecido pela Lei Municipal n. 10.372<sup>7</sup>, de 25 de janeiro de 2008, e é constituído por diferentes religiões. Integram o grupo: as igrejas Católica, Episcopal Anglicana do Brasil e Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, a Associação Zen-Budista do RS (Via Zen), a Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS), a filiada ao Atheneu Espírita Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre, a comunidade Bahá'í de Porto Alegre, a Sociedade Islâmica, o Centro Cultural Islâmico do Rio Grande do Sul, a Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência de Porto Alegre (SIBRA) e os representantes da Umbanda e dos Cultos Afro-Brasileiros.

As entrevistas foram realizadas com o recurso de gravação de áudio e com o apoio de questionários, previamente enviados por e-mail e que foram respondidos e devolvidos. A partir do momento em que foi possível entrevistar os participantes do grupo, foi produzido um documento individual das informações apresentadas de cada membro do grupo<sup>8</sup>. Buscamos criar um fator de significância para verificar os axiomas de convergências e divergências sobre o que pensam e como agem os líderes entrevistados a respeito destes temas: paz e não violência; paz justa e sustentável; paz e justiça social; questão ecológica e cuidado com a mãe terra; diálogo inter-religioso; tolerância religiosa; disciplina de Ensino Religioso no currículo escolar e respeito à alteridade. Após serem transcritas as entrevistas e essas informações reunidas com os questionários, foi realizada a análise com as seguintes etapas:

---

<sup>7</sup> PORTO ALEGRE. *Lei Municipal n. 10.372, de 25 de janeiro de 2008.*

<sup>8</sup> O contato com os integrantes ocorreu por meio eletrônico para um encontro que foi sugiro pelo Coordenador do Grupo DIRPOA, na ocasião reunião de preparação da celebração interreligiosa do aniversário de 250 anos Porto Alegre. Foi apresentado um TCLE que se encontra anexo dessa tese, bem como as entrevistas acopladas aos respectivos questionários enviados ao grupo.

- codificação dos dados, separando os temas levantados na conversação;
- codificação de linhas de argumentação dentro de cada núcleo temático;
- redação do texto;

Após a coleta de dados e a classificação das informações, foram relacionadas com os dados bibliográficos encontrados, com vistas a identificar as convergências e divergências do objeto de pesquisa. Desse modo, buscamos consolidar, bem como aprofundar, a compreensão do tema.

A pesquisa bibliográfica foi realizada no transcorrer da primeira, segunda e terceira seções, por meio de levantamento da bibliografia já publicada em forma de livros, artigos de periódicos, revistas, trabalhos apresentados em eventos, anais de simpósios e congressos, teses e dissertações, documentos eletrônicos e pesquisa *in loco* por meio do doutorado sanduíche na Alemanha no período de janeiro de 2021 a final de fevereiro de 2021<sup>9</sup>.

A presente tese foi estruturada em 4 seções, além desta introdução, da conclusão, das referências e dos apêndices e anexos, conforme explicado na sequência.

Na Seção 1, serão apreciados conceitos sobre paz e será feita uma busca de visões e percepções sobre a paz ao longo da história, apreciando alguns tratados de paz que surgiram desde o Tratado de Kadesh, no Egito, em 1259 a.C., até o Tratado de Westfália (ou Tratados de Münster e Osnabrück), na Alemanha, em 1648 d.C., que foi o grande acordo que selou a paz da conhecida Guerra dos Trinta Anos. Ainda, serão apresentadas as percepções de agentes de paz em seus espaços, que com suas ações em busca da paz nos presentearam com preciosos legados.

Na Seção 2, analisaremos de forma aprofundada o Tratado de Paz de Westfália com base nos subsídios da pesquisa *in loco* que foi realizada entre janeiro e fevereiro de 2021 na Universidade de Osnabrück, na Alemanha. A escolha pela cidade de Osnabrück justifica-se por ela ter recebido o título de “Cidade da Paz” e

---

<sup>9</sup> O estágio de intercâmbio foi realizado, sob a supervisão da Doutora Margit Eckholt (Universidade de Osnabrück), o custeio desse empreendimento foi feito por uma rede solidária brasileira e alemã para qual deixo aqui meu agradecimento. Sem essas redes a pesquisa nas Ciências Humanas não acontece.

ganhado a marca do Patrimônio Europeu como “Sítios da Paz de Westfália”. Essa pesquisa ocorreu sob orientação da Professora Doutora Margit Eckholt.

A Seção III mostrará os construtos que darão as diretrizes para a tese, uma vez que a pesquisa se voltará aos novos paradigmas da teologia, que apresenta três abordagens em distintos olhares na ótica cristã de matizes tripartidas de posturas sobre o diálogo inter-religioso, a saber: exclusivismo, inclusivismo e pluralismo, com seus respectivos autores apoiando cada uma das abordagens.

Na quarta seção, a pesquisa se dará na forma de estudo de caso, com a finalidade de colocar a pesquisadora em contato direto com o que foi escrito sobre a paz justa e humanitária, apoiando-se na legislação brasileira à luz do Estado laico. Nesse momento, as entrevistas com os líderes religiosos servirão de subsídios para os resultados qualitativos.

Por fim, serão apresentadas a conclusão, as referências bibliográficas e os apêndices e anexos que fazem parte da pesquisa aqui apresentada.

## 1. A BUSCA PELA PAZ

Desde os primórdios, grandes figuras da história debruçaram-se sobre o tema *paz*, à procura de uma solução para que a paz prevalecesse sobre a guerra. A paz consiste na harmonia de todas as coisas. Ela é vital para todos os seres humanos que pretendem construir um mundo mais justo e humanitário.

O que seria então paz? Etimologicamente, a palavra "paz"<sup>1</sup> tem origem no termo latim "Pax"<sup>2</sup>, podendo ser definida como um estado de tranquilidade e de quietude, ou ainda a ausência de guerra ou violência. Pode ser vista também como a ausência de perturbações. Nas Sagradas Escrituras<sup>3</sup>, a palavra "paz" aparece de duas formas distintas: *Shalom* e *Eirene*:

- *Shalom*<sup>4</sup>, em hebraico, significa literalmente "paz". Vemos diversas vezes a palavra "*Shalom*" nas Sagradas Escrituras com o significado de paz e desejo de bem-estar entre as pessoas ou nações. Quando Jesus ressuscitado apareceu aos seus discípulos, desejou a eles *Shalom*<sup>5</sup> (Jo 20, 20), ou seja, paz.
- *Eirene*<sup>6</sup> (εἰρήνη), em grego, é traduzida por paz. Seu significado no Novo Testamento é bastante específico, pois ela traduz o conceito de reconciliação entre partes que estão em conflito.

*Pax* vem de *Pangere*, que significa estabelecer um pacto e chegar a um acordo. Segundo Guimarães, na perspectiva do Novo Testamento, a paz deixou de ser um atributo individual – "estou em paz", "tenho paz" – e passou a ser um atributo coletivo – "estamos em paz", "temos paz".<sup>7</sup> Nesse sentido, surgiu com o Concílio do Vaticano II uma nova abordagem de paz. Hammes afirma que o conceito de paz:

---

<sup>1</sup> FERREIRA, A. B. H. *Dicionário da Língua Portuguesa*.

<sup>2</sup> GALVÃO, R. *Vocabulário etimológico, orthographico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega*.

<sup>3</sup> BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*.

<sup>4</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Paz*.

<sup>5</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Paz*.

<sup>6</sup> LÉON-DUFOUR, X. *Paz*.

<sup>7</sup> GUIMARÃES, I. R. *Correspondência com Irene: meditações de um Cristão sobre a paz e a não violência*, p. 69.

Tanto é verdade que Agostinho explicitamente diz que é melhor vencer ao inimigo pela palavra do que pela espada, pois a finalidade da guerra sempre deve ser a paz. A guerra não pode ser um fim em si mesma, ela só pode servir à paz. Então, se pensamos no axioma clássico romano: "se quer paz, prepare-se para a guerra". Ao contrário, no Cristianismo, a ideia defendida é: "se queres a paz, prepara a paz".<sup>8</sup>

### 1.1 UMA NOVA ABORDAGEM DA PAZ

O Papa João Paulo II, na celebração do XXXV Dia Mundial da Paz, em 1º de janeiro de 2002, disse que "Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão, a paz é a condição do desenvolvimento, mas uma verdadeira paz torna-se possível somente com o perdão" (*Homilia*, art. 3). O Papa traz aqui o perdão como imperativo para a promoção da paz com justiça.

O Concílio Vaticano II propôs uma nova abordagem de paz, trazendo um novo conceito de paz, afirmando que ela é "obra de justiça e fruto do amor". Os cristãos são "artesãos da paz". Ressalta o Papa Paulo VI: "Todos os cristãos são, por isso, insistentemente chamados a que 'praticando a verdade na caridade' (Ef 4, 15), se unam com os homens verdadeiramente pacíficos para implorarem e edificarem a paz" (GS, n. 78). Assim, ela deixa de ser um estado de tranquilidade e de quietude, ou ainda a ausência de guerra ou violência, e passa a ser a não violência, que deve vir aliada à justiça.

A paz não é ausência de guerra; nem se reduz ao estabelecimento do equilíbrio entre as forças adversas, nem resulta duma dominação despótica. Com toda a exatidão e propriedade ela é chamada "obra da justiça" (Is 32, 7). É um fruto da ordem que o divino Criador estabeleceu para a sociedade humana, e que deve ser realizada pelos homens, sempre anelantes por uma mais perfeita justiça (GS, n. 78).

---

<sup>8</sup> Justiça e paz [recurso eletrônico] : desafios teológicos – Festschrift em homenagem ao professor Erico João Hammes / Tiago de Fraga Gomes, Bernhard Grümme, Aline Amaro da Silva Organizadores. – Porto Alegre : Editora Fundação Fênix, 2023,p.36.



A partir do Concílio do Vaticano II, “a guerra justa deu lugar à paz justa. Precisamente porque a paz mesma não é um estado, e sim um processo, que deve ser reiniciado cada vez de novo”.<sup>9,10</sup> Para Azcuy, Mazzini e Eckholt, “a paz supõe verdade e liberdade, justiça e amor, participação e diálogo”.<sup>11</sup>

Seguindo essa linha, o Papa Francisco ressalta que é particularmente importante hoje gerar espaços de encontro e diálogo: “gerar lugares de encontro e diálogo nos quais experimentar o quanto a comunidade eclesial é capaz de dar carne e sangue às palavras com que o Vaticano II quis exprimir o seu olhar aos homens de seu tempo”.<sup>12</sup>

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, dos pobres, acima de tudo, e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo, e não há nada de genuinamente humano que não encontre eco no seu coração (FT, n. 56).

Exatamente nesses “espacios de paz” que Azcuy, Mazzini e Eckholt dizem que a teologia da paz se faz: “Não podemos fazer teologia de outra maneira senão de local, neste nosso mundo único de espaços que se entrecruzam, delimitam, se abrem e se fecham, estas teologias locais sempre são caracterizadas por dinâmicas interculturais”.<sup>13</sup>

No livro *Correspondência com Irene: meditações de um Cristão sobre a paz e a não violência*, Guimarães esclarece esses movimentos de articulações de paz trazendo uma nova dinâmica dos conceitos de paz. Para ele, quando vemos a paz pela perspectiva de não violência nos é permitido ir além da concepção idealista da paz, entendida como passividade, uma noção “romântica e angelical”.

---

<sup>9</sup> AZCUY, V. R.; MAZZINI, M.; ECKHOLT, M. *Espacios de paz: lectura intelectual de um signo de estos tempos*, p. 20.

<sup>10</sup> Todas as citações de obras estrangeiras apresentadas neste tese foram traduzidas pela autora.

<sup>11</sup> AZCUY, V. R.; MAZZINI, M.; ECKHOLT, M. *Espacios de paz: lectura intelectual de um signo de estos tempos*, p. 39.

<sup>12</sup> INAUGURADA a Cátedra *Gaudium et Spes*, o Papa: um benefício para toda a Igreja.

<sup>13</sup> AZCUY, V. R.; MAZZINI, M.; ECKHOLT, M. *Espacios de paz: lectura intelectual de um signo de estos tempos*, p. 26.

O senso comum tende a dar à paz conotação de tranquilidade e de ausência de perturbação. A paz está associada ao repouso completo e à inércia, quase à completa ausência de vida. A não violência ajuda-nos a passar desta compreensão estática para outra mais dinâmica, em que a paz é entendida como um processo e como um acontecimento. Ao mesmo tempo, ela se revela e se esconde, ela se dá e se perde, ela se apresenta em sua imperfeição e incompletude.<sup>14</sup>

Na sua terceira carta para Irene, Dom Irineu Guimarães lembra que as batalhas podem ser vencidas sem violência, pelo dom do Espírito Santo (Zc 4, 5), o que nos remete a pensar que, por meio do diálogo, acordos de paz poderão ser firmados, num processo de não violência. Nesse sentido de não violência, Hammes e Boldori ressaltam:

A paz, compreendida com a ausência de violência, mas também como um estado pessoal de equilíbrio interior, designa também a capacidade de resignação numa relação frontal com a verdade que se impõe de um ponto de vista espiritual que vai também para o político. Aqui, a não violência é também uma convicção que carrega dentro de si a possibilidade de subversão em situações difíceis e irradia uma força motriz capaz de dobrar, sacudir e arrastar o que não é correto.<sup>15</sup>

Para Dom Irineu, a não violência e a paz são aliadas em uma sociedade estruturada na justiça e no direito, conforme foi previsto nos Salmos: "Amor e verdade se encontram, justiça e paz se abraçam" (Sl 85,11). Referindo-se ao amor, Hammes e Boldori acrescentam: "No amor encontra-se um dos sentimentos mais propícios para fundamentar um extrato prático da resolução não violenta de conflitos. O amor possibilita o reconhecimento da alteridade. Reconhecer a alteridade num processo dialógico é, antes de tudo, um ato ético".<sup>16</sup>

Dom Irineu relembra as palavras do profeta Isaías: "O fruto da justiça será a paz, e o efeito da justiça será sossego e segurança para sempre" (Is 32,17). Podemos

---

<sup>14</sup> GUIMARÃES, I. R. *Correspondência com Irene: meditações de um Cristão sobre a paz e a não violência*, p. 67.

<sup>15</sup> HAMMES, É. J.; BOLDORI, M. *Cristologia: um caminho para a paz*, p. 107.

<sup>16</sup> HAMMES, É. J.; BOLDORI, M. *Cristologia: um caminho para a paz*, p. 107.

fazer uma associação da paz com os Direitos Humanos, visto que já foi muito estudada, pesquisada e contemplada por várias óticas de seu movimento. Assim, vamos aqui nos debruçar sobre a perspectiva da construção da paz pela ótica do diálogo e da não violência.

Para edificar a paz, é preciso, antes de mais nada, eliminar as causas das discórdias entre os homens, que são as que alimentam as guerras, sobretudo as injustiças. Muitas delas provêm das excessivas desigualdades económicas e do atraso em lhes dar remédios necessários. Outras, porém, nascem do espírito de dominação e do desprezo das pessoas; e, se buscamos causas mais profundas, da inveja, desconfiança e soberba humanas, bem como de outras paixões egoístas. Como o homem não pode suportar tantas desordens, delas provém que, mesmo sem haver guerra, o mundo está continuamente envenenado com as contendas e violências entre os homens que se fomentem incansavelmente as organizações que promovem a paz (GS, n. 83).

O Papa Francisco, inspirando-se em São Francisco de Assis, na Encíclica *Fratelli Tutti* de outubro de 2020, em meio aos horrores da pandemia, lembra dos Direitos Humanos assegurados pela Organização das Nações Unidas (ONU) como um direito em todos os países. "Para se caminhar rumo à amizade social e à fraternidade universal, há que fazer um reconhecimento basilar e essencial: dar-se conta de quanto vale um ser humano, de quanto vale uma pessoa, sempre e em qualquer circunstância" (*Fratelli Tutti*, n. 106). E destaca: "Todo o ser humano tem direito de viver com dignidade e desenvolver-se integralmente, e nenhum país lhe pode negar este direito fundamental" (*Fratelli Tutti*, n. 107).

O Papa Francisco nos traz a proposta de uma nova forma de vida com "sabor a Evangelho", rememorando a jornada de São Francisco de Assis, que consistiu em amar o outro como irmão. É um apelo à fraternidade aberta, a reconhecer e amar cada pessoa com um amor sem fronteiras, que vai ao encontro do outro e é capaz de superar todas as distâncias e tentações de disputas, imposições e submissões. Traz aqui, em outras palavras, o respeito à alteridade, mostrando-nos a singularidade de cada ser humano, pois Deus nos criou a sua imagem e semelhança (Gn 1,27). Assim,

sendo todos criados pelo mesmo criador, somos irmãos e irmãs convidados à convivência pacífica num viver em diálogo. O Papa lembra que o coração de São Francisco de Assis não tinha fronteiras:

Na sua vida, há um episódio que nos mostra o seu coração sem fronteiras, capaz de superar as distâncias de proveniência, nacionalidade, cor ou religião: é a sua visita ao Sultão Malik-al-Kamil, no Egito. A mesma exigiu dele um grande esforço, devido à sua pobreza, aos poucos recursos que possuía, à distância e às diferenças de língua, cultura e religião. Aquela viagem, num momento histórico marcado pelas Cruzadas, demonstrava ainda mais a grandeza do amor que queria viver, desejoso de abraçar a todos. A fidelidade ao seu Senhor era proporcional ao amor que nutria pelos irmãos e irmãs. Sem ignorar as dificuldades e perigos, São Francisco foi ao encontro do Sultão com a mesma atitude que pedia aos seus discípulos: sem negar a própria identidade, quando estiverdes "entre sarracenos e outros infiéis [...], não façais litígios nem contendas, mas sede submissos a toda a criatura humana por amor de Deus". No contexto de então, era um pedido extraordinário. É impressionante que, há oitocentos anos, Francisco recomende evitar toda a forma de agressão ou contenda e também viver uma "submissão" humilde e fraterna, mesmo com quem não partilhasse a sua fé (FT, n. 3).

Tem-se a ideia de verdade única. E nesse pensamento de verdade única, acabamos de agir com violência e desrespeito com fiéis de outras religiões, quando deveríamos "amar o próximo como a nós mesmos". Se queremos ser respeitados, e queremos muito e sempre, então temos que respeitar o próximo que está bem mais próximo que imaginamos. Nesse sentido, Hammes e Boldori nos ensinam que "as relações humanas pautadas no amor são relações com força e estabilidade capazes de engendrar o respeito à subjetividade e história do outro. Em resumo, o amor é raiz ética que constrange a violência quando esta se situa no horizonte do desrespeito".<sup>17</sup>

O Papa Francisco diz que os medos fazem reaparecer

---

<sup>17</sup> HAMMES, É. J.; BOLDORI, M. *Cristologia: um caminho para a paz*, p. 107.

[...] a tentação de fazer uma cultura dos muros, de erguer os muros, muros no coração, muros na terra, para impedir este encontro com outras culturas, com outras pessoas. E quem levanta um muro, quem constrói um muro, acabará escravo dentro dos muros que construiu, sem horizontes. Porque lhe falta esta alteridade (FT, n. 27).

Temos medos dos fiéis de outras religiões e isso acaba por construções de muros para não precisarmos nem os ver, quanto mais dialogar.

[...] agora senti-me especialmente estimulado pelo Grande Imã Ahmad Al-Tayyeb, com quem me encontrei, em Abu Dhabi, para lembrar que Deus “criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres e na dignidade, e os chamou a conviver entre si como irmãos”. Não se tratou de mero ato diplomático, mas duma reflexão feita em diálogo e dum compromisso conjunto. Esta encíclica reúne e desenvolve grandes temas expostos naquele documento que assinamos juntos (FT, n. 5).

Tendo como pano de fundo a parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37), o Papa Francisco reforça que devemos ajudar nosso semelhante sem perguntar qual a sua religião. Ao contrário desse bem que o desconhecido de Samaria fez, muitas vezes passamos de largo pelo necessitado e banalizamos o seu sofrimento, porque aquele que está ali sofrendo não é meu irmão de religião, não possui a mesma pertença religiosa, então achamos que não precisamos estender a mão, e sim construirmos muros em nossa frente para nem ver o sofrimento desse desconhecido, o qual não me identifico. O Papa, porém, propõe aqui a derrubada desse muro e a construção de uma ponte para facilitar o acesso e o diálogo com esse próximo que ora faz-se meu Irmão.

Segundo o Papa Francisco, “[...] a nossa família humana necessita de aprender a viver juntos em harmonia e paz, sem necessidade de termos de ser todos iguaizinhos” (FT, n. 100). Comungamos perfeitamente com esse pensamento e o trazemos ao contexto brasileiro, que possui uma aquarela de cores, raças e religiões, sendo necessária e urgente essa busca pelo diálogo inter-religioso.

Este falso sonho universalista acaba por privar o mundo da variedade das suas cores, da sua beleza e, em última análise, da sua humanidade. Com efeito, "o futuro não é 'monocromático', mas – se tivermos coragem para isso – podemos contemplá-lo na variedade e na diversidade das contribuições que cada um pode dar [...]" (FT, n. 100).

A Igreja é caracterizada por uma variedade de culturas, gerações e expressões de fé, representando diversidade e dinamismo e a chance de descobrir Jesus Cristo no outro e aprender a se surpreender com a diversidade do reino de Deus. Essa diversidade garante que todos se entendam como parte de um todo, que ninguém se sente absolutamente único dialogando com respeito e amor mútuo. Não precisamos concordar piamente com o pensamento do outro, mas, sim, temos obrigação de respeitá-lo, para poderemos trabalhar e lutar juntos em busca da paz e da não violência.

O diálogo social autêntico pressupõe a capacidade de respeitar o ponto de vista do outro, aceitando como possível que contenha convicções ou interesses legítimos. A partir da própria identidade, o outro tem algo para dar, e é desejável que aprofunde e exponha a sua posição para que o debate público seja ainda mais completo. Sem dúvida, quando uma pessoa ou um grupo é coerente com o que pensa, adere firmemente a valores e convicções e desenvolve um pensamento, isto irá de uma maneira ou outra beneficiar a sociedade; mas só se verifica realmente na medida em que o referido desenvolvimento se realizar em diálogo e na abertura aos outros. Com efeito, "num verdadeiro espírito de diálogo, nutre-se a capacidade de entender o sentido daquilo que o outro diz e faz, embora não se possa assumi-lo como uma convicção própria. Deste modo torna-se possível ser sincero, sem dissimular o que acreditamos, nem deixar de dialogar, procurar pontos de contato e sobretudo trabalhar e lutar junto" (FT, n. 203).

Refletindo sobre o respeito mútuo entre as religiões, o diálogo, a não violência e a busca da paz, Hans Küng afirma que "não haverá sobrevivência sem uma ética

mundial. Não haverá paz no mundo sem paz entre as religiões. E sem paz entre as religiões não haverá diálogo entre as religiões".<sup>18</sup>

Em que pesem os avanços observados em relação aos conceitos de paz pós-Concílio Vaticano II e na *Encíclica Fratelli Tutti*, serão apresentados a seguir alguns tratados que contribuíram nesse sentido de busca pela paz e não violência no decorrer da história, perpassando pelo nascimento do Senhor Jesus Cristo, o "Príncipe da Paz", e culminando com o Tratado de Paz de Westfália.

## 1.2 VISÕES E PERCEPÇÕES SOBRE ALGUNS TRATADOS DE PAZ AO LONGO DA HISTÓRIA

Nesta subseção, visitaremos alguns tratados de paz no contexto histórico antes de Cristo considerados mais relevantes para nossa perspectiva de paz e não violência. O primeiro a ser abordado será o Tratado de Kadesh, no Egito, perpassando pelos tratados de Paz de Antálcidas, na Grécia, e Pax Romana, em Roma, chegando até Jesus Cristo da paz – Jerusalém/Roma. Antes, porém, é interessante destacar que, nesse período do desenvolvimento humano, a guerra era predominante, sendo pano de fundo de todas as conquistas, e a paz somente prevalecia em um curto período de tempo como selo de paz, pois logo os povos partiam para outra conquista por meio de guerras.

O Tratado de Kadesh (Egito, 1259 a.C.) – também conhecido como Tratado de Qadesh e Tratado Egípcio-Hitita – diz respeito às relações entre os egípcios e os hititas, que iniciaram oficialmente quando os hititas substituíram o reino de Mitani como potência governante no centro da Síria no século XIV a.C., criando grandes tensões com o povo egípcio até o Tratado Egípcio-Hitita, que se firmou quase cem anos depois.

O Tratado Egípcio-Hitita<sup>19</sup> foi um tratado de paz celebrado entre o faraó egípcio Ramessés II e o rei hitita Hatusil III em 1259 a.C. que marcou o fim oficial das negociações entre as duas grandes potências do Médio Oriente. Elas vinham de conflitos armados de grandes proporções que culminaram na célebre Batalha de

<sup>18</sup> KÜNG, H. *Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*, p. 7.

<sup>19</sup> CERAM, C. W. *O segredo dos hititas: a descoberta de um antigo Império*, p. 94.

Kadesh, travada 16 anos antes. O tratado, portanto, objetivava estabelecer relações pacíficas entre as duas partes.

A primeira versão traduzida do tratado em acádio foi publicada em 1916 por E. F. Weidner. É o único tratado antigo do Próximo Oriente do qual sobreviveram as versões de ambos os signatários, o que permite a sua comparação direta. Esse tratado propõe que no futuro os dois lados ficassem em paz para sempre, comprometendo os filhos e netos de ambas as partes. Segundo esse acordo, não cometeriam nenhum tipo de agressão entre eles, dividiriam os refugiados políticos e os criminosos e se dedicariam a extinguir os rebeldes revoltosos. Cada uma das partes iria em auxílio da outra em caso de ameaça externa, ou seja, um reino apoiaria o outro com suas tropas para eliminarem o inimigo.

Esse tratado é considerado um dos tratados de paz entre duas grandes potências mais relevantes do antigo Próximo Oriente.

Dividido em seções, ambas as partes fazem promessas de fraternidade e paz uma à outra em termos dos objetivos. Pode ser visto como um compromisso de paz e aliança, pois ambas as potências dão garantias mútuas de que nenhuma delas invadirá os territórios da outra. Promove a aliança ao prever garantias de ajuda, muito provavelmente apoio militar, no caso de alguma das partes ser atacada por uma terceira potência ou por forças internas rebeldes ou insurgentes.<sup>20</sup>

O tratado finaliza com um juramento solene na presença de mil deuses, deuses masculinos e deuses femininos, das terras do Egito e de Hati, servindo estes de testemunhas, pelas montanhas e pelos rios das terras do Egito, o céu, a terra, o grande mar, os ventos, e as nuvens. Aqueles que mantivessem os seus votos seria recompensado pelos deuses, que o tornariam saudáveis e o fariam viver. No entanto, se o tratado fosse violado, aquele que quebrasse o juramento seria amaldiçoado pelos deuses, que destruiriam as suas casas, as suas terras e os seus servos.

Segundo James Henry Breasted, esse tratado é muitas vezes citado como o mais antigo do mundo. Talvez seria melhor dizer que é o tratado mais antigo do

---

<sup>20</sup> BREASTED, J. H. *A History of Egypt from the Earliest Times to the Persian Conquest*, p. 268.



mundo que sobreviveu até aos nossos dias.<sup>21</sup> O arqueólogo, em 1906, foi uma das primeiras pessoas a compilar documentos históricos do Antigo Egito numa antologia e entendeu o Tratado de Kadesh como sendo “não apenas um tratado de aliança, mas também um tratado de paz, e a guerra continuou evidentemente até que as negociações para o tratado começaram”.<sup>22</sup> Para Breasted, os períodos intermédios de conflito foram resolvidos diretamente pela assinatura do tratado, que visava à aliança e à paz.<sup>23</sup>

Outro tratado de paz que nos chama a atenção é o chamado “A Paz de Antálcidas”<sup>24</sup> (Grécia, 386 a.C.), também conhecido como “Paz do Rei”. Esse tratado marcou a primeira tentativa de conseguir um estado de paz comum na história grega: foi um tratado de paz imposto pela Pérsia em 386 a.C., mas que atendia às conveniências de Esparta, pondo fim à guerra de Corinto na Grécia Antiga. Esse tratado determinava que as cidades fizessem a paz desde que todas as polis concretizassem a independência e autonomia umas das outras.

O nome oficial do tratado vem do embaixador espartano e instigador que o redigiu: Antálcidas.<sup>25</sup> Este viajou até Susa para negociar os termos do tratado com o rei da dinastia Aquemênida persa. Na antiguidade, esse tratado era conhecido como Paz do Rei<sup>26</sup>, nome que refletia a profunda influência persa nos seus termos.

O tratado foi firmado por Esparta e Atenas em 386 a.C., porém a “Paz de Antálcidas” não obteve êxito em trazer a paz para a Grécia.<sup>27</sup> As batalhas foram retomadas na campanha em 382 a.C., e a situação continuou instável nas décadas seguintes. A ideia da paz comum, todavia, foi bastante duradora e houve várias tentativas de estabelecê-la, embora todas tenham terminado em fracasso. O filósofo ateniense Isócrates<sup>28</sup>, no século IV a.C., se opunha à guerra, pois era a favor da paz; a guerra era colocada por ele como fonte primeira dos males gregos.

---

<sup>21</sup> James Henry Breasted (1865-1935) foi um arqueólogo e historiador estadunidense educado no North Central College (1888), no Seminário Teológico de Chicago, na Universidade Yale (Mestrado, 1891) e na Universidade de Berlim (Doutorado, 1894). Foi o primeiro cidadão estadunidense a obter um doutorado em egiptologia.

<sup>22</sup> BREASTED, J. H. *A History of Egypt from the Earliest Times to the Persian Conquest*, p. 271.

<sup>23</sup> BREASTED, J. H. *A History of Egypt from the Earliest Times to the Persian Conquest*, p. 271.

<sup>24</sup> MOSSÉ, C.; RAMALHETE, C.; TELLES, A. *Dicionário da civilização grega*, p. 220.

<sup>25</sup> GIORDANI, M. C. *História da Grécia*, p. 125.

<sup>26</sup> GIORDANI, M. C. *História da Grécia*, p. 129.

<sup>27</sup> MOSSÉ, C.; JONES, P. V. (Org.). *Atenas: a história de uma democracia*, p. 105.

<sup>28</sup> HERMIDA, J. M. G. *Introducción general*.

A Pax Romana<sup>29</sup> foi um tratado que aconteceu em Roma (27 a.C.-180 d.C.) e proporcionou um período de paz e prosperidade de 27 a.C. até 180 d.C. Tinha como objetivo reforçar o poder romano nas províncias dominadas. Pax Romana<sup>30</sup> é o nome que se dá a um período da história romana marcado por uma aparente paz e por uma prosperidade econômica considerável, que fortaleceu o poder de Roma sobre as suas províncias. *Pax Romana* significa *Paz Romana* e diz respeito ao longo período de relativa paz gerada pelas armas e pelo autoritarismo do Império Romano. Esse período específico aconteceu durante a transição da República para o Império e estendeu-se por, aproximadamente, 200 anos, tendo sido iniciada durante o reinado de Otávio Augusto. Esse reinado iniciou-se em 27 a.C., e sua coroação colocou fim à República Romana.

O período final da República Romana foi marcado por uma série de disputas políticas, guerras civis e rebeliões de escravos. Por essa razão, assim que Otávio Augusto assumiu o Império Romano, ele precisava garantir a sua estabilidade política e, principalmente, impedir que novas rebeliões acontecessem ameaçando sua integridade territorial. Por esse motivo, ele tomou várias medidas político-administrativas, que foram chamadas de "Pax Romana".<sup>31</sup>

A paz Romana foi um dos pilares da civilização romana e da sua difusão e implantação no mundo antigo, responsável pela ordem, tranquilidade, pelo cumprimento da lei e, acima de tudo, da obediência e culto ao imperador. Era uma paz armada e atingível apenas com a presença das legiões de soldados armados.

Pode-se dizer que a Pax Romana era um conceito que dizia respeito a um governo que exercia o poder unilateral, sem controle e sem qualquer respeito pelos direitos humanos, pois nesse momento não se pensava nisso. Uma das ações da Pax Romana foi a prisão e condenação à morte de Jesus Cristo, que pregava uma paz legítima e reunia muitos seguidores fiéis, os quais o consideravam "rei dos judeus", pondo em perigo a suposta paz e a estabilidade política de Roma.

Entra em cena agora o Jesus Cristo da paz – Jerusalém/Roma (ano I da era Cristã). O nascimento de Jesus de Nazaré ocorreu durante a Pax Romana. Ele

---

<sup>29</sup> PETIT, P. *A paz romana*, p. 27.

<sup>30</sup> SILVA, D. N. *O que foi a Pax Romana?*

<sup>31</sup> Paz imposta pela força da nação mais forte sobre os povos derrotados, como a que vigorou nas províncias dominadas por Roma.

creceu nesse cenário, presenciando os feitos dos soldados romanos, engajados nesse sistema. Quando Jesus Cristo começou a pregar a mensagem do reino de Deus e o povo passou a segui-lo por toda a parte, levando multidões a ouvir a sua palavra de amor e paz, pessoas de outras religiões passaram a persegui-lo, embora Jesus não estivesse pregando nenhuma religião, pelo contrário, pois era judeu praticante. Sua missão era ensinar o amor e uma nova maneira de viver, com atitudes de amor na promoção da paz e da não violência.

Jesus condenava o uso da violência, prática banal nessa época – não que hoje a violência tenha sido extinta, não, ela continua presente em muitos espaços e de muitas formas. Naquele momento, era utilizada também como diversão para os poderosos. Com sua humildade, Jesus condenava toda a forma de violência e proclamava um princípio revolucionário de vida, viver em amor: “Eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei” (Jo 15, 12).

Jesus não estava invalidando os mandamentos dados por Deus a Moisés, e sim os ressignificando (Mt.5,17-19). No momento dos Dez Mandamentos, o povo de Israel estava mergulhado na mais completa ignorância espiritual, sem disciplina, sem ética, sem preceitos morais, por isso Deus precisou dar um norte para servir de guia ao povo, contendo seus direitos e deveres, para seguirem a Lei do Senhor Deus (Êx 20, 1-17).

Vê-se que Jesus veio para a promoção da paz, porque os pastores que foram visitá-lo ao nascer já sabiam que haveria ações de paz por parte do recém-nascido, que se fez homem para entre os homens levar a paz. “Glória a Deus nas alturas e paz na terra entre os homens” (Lc 2, 14) anunciaram os anjos aos pastores quando Jesus nasceu. O príncipe da paz, conforme profetizou Isaías sobre a vinda do messias, em meio à barbárie, foi o ser humano que conseguiu por onde passou espalhar o verdadeiro amor, o amor sem limites, o amor sem fronteiras, sem preconceitos, ao ponto de dar a vida para nos salvar. Ele foi na história humana e ainda é a personificação da paz: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (Is 9, 6).

As pessoas que conheciam Jesus compreendiam a boa nova, trazida pela voz desse homem manso e humilde, e convertiam-se, mudavam sua rota e seu sentido

de viver, queriam um bem viver, queriam viver em paz, queriam a *Shalom*, engajando-se nessa nova teologia: teologia do Deus conosco, do Deus em forma de homem (Jesus), que não compactuava com os poderosos na banalização da violência, mas, sim, a combatia, oferecendo em seu lugar o amor e a paz. Em seu Evangelho, Mateus explica que Ele trouxe um novo alento, deu uma nova esperança para aqueles que estavam cansados e oprimidos e aliviou o fardo dos escravizados (Mt 11, 28-30).

Para Jon Sobrino, o conteúdo dos Evangelhos é a paz.<sup>32</sup> Essa paz esteve presente na vida pessoal e nas primeiras comunidades cristãs, mas houve um tempo que, pela fé, homens, mulheres e crianças foram sacrificados, mortos e ridicularizados por fiéis de religiões que não aceitaram Jesus Cristo como sendo o filho enviado por Deus para a obra salvífica. Religiões estas que se viam como certas, mas certa para quê? Certa para quem? Para interesses políticos, para *status* sociais de "hipócritas fariseus".

Jesus condenava a hipocrisia: "vocês dão o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, mas têm negligenciado os preceitos mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade" (Mt 23,23), batendo no peito como se tivessem dado todo seu ouro em prol da causa sagrada. Que Transcendente era este que adoravam? Iria Ele exigir tamanha crueldade a ponto de matarem pais de famílias e deixarem criancinhas sem pai nem mãe?

Segundo o Papa João Paulo II, é profanação promover violência e dizer que é em nome de Deus:

*Por isso, nenhum responsável das religiões pode ser indulgente para com o terrorismo e, muito menos, pregá-lo. É profanação da religião proclamar-se terrorista em nome de Deus, cometer violência ao homem em nome de Deus. A violência terrorista é contrária à fé em Deus Criador do homem, em Deus que cuida e ama o homem. E de modo particular, ela é totalmente contrária à fé em Cristo Senhor, que ensinou os seus discípulos a rezar [...] (Mensagem de Sua Santidade João Paulo II..., n. 7, 2001).*

---

<sup>32</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o libertador: a história de Jesus de Nazaré*, p. 217.

Fácil, muito fácil cometer barbarismo em “nome de Deus”. Os judeus esperavam pelo rei salvador para a promoção da paz, e ele veio como o príncipe da paz, mas o povo estava em guerra e não o recebeu como príncipe da paz: “ele veio para o que era seu, mas os seus não o receberam”. Ele veio para um império dominado pela guerra, mas trouxe a paz.

A primeira onda da perseguição romana se estendeu de um período posterior ao incêndio de Roma até a morte de Nero, em 68 d.C. Os primeiros cristãos foram perseguidos e muitos deles mortos, por isso reuniam-se escondidos, encontravam-se em lugares onde os guardas romanos não os encontrariam, para poderem assim realizarem seus cultos e desenvolverem sua fé. Segundo Zimmermann, “Nas catacumbas romanas, em que os cristãos se escondiam para celebrar o culto, é que se desenvolveu toda a arte cristã: a pintura, a escultura e o canto religioso”.<sup>33</sup>

A enorme sede por sangue de Nero<sup>34</sup> o levou a crucificar e queimar vários cristãos cujos corpos foram colocados ao longo das estradas romanas, iluminando-as, pois eram usados como tochas vivas. Sua crueldade foi tamanha que brincou com a vida de muitos cristãos: ele os vestiu com peles de animais e os colocou nas arenas onde eram destroçados por cães. Hurlbut explica que tanto Pedro quanto Paulo foram martirizados na perseguição de Nero: Paulo foi decapitado, e Pedro foi crucificado de cabeça para baixo.<sup>35</sup>

Finalmente, após a morte de Nero, essa atitude de guerra do Império Romano se transformou em busca da paz, para tornar o cristianismo como religião oficial do Império, com ações sob o governo de Constantino. De acordo com Eusébio Cesaréia, Constantino foi um ótimo comandante, de comportamento cristão, abrindo por isso o caminho para um “Império” pautado no cristianismo.<sup>36</sup> O processo de reinado político-administrativo de Constantino é interpretado como uma história conduzida pelo próprio Deus, o qual esteve sempre presente com o imperador, ajudando-o a vencer os inimigos do cristianismo.

---

<sup>33</sup> ZIMMERMANN, N. *Catacomb Painting and the Rise of Christian Iconography in Funerary Art*, p. 21-38.

<sup>34</sup> HURLBUT, J. L. *História da Igreja Cristã*, p. 38.

<sup>35</sup> HURLBUT, J. L. *História da Igreja Cristã*, p. 38.

<sup>36</sup> CESARÉIA, E. *História eclesiástica*, p. 102.

Constantino é conceituado como um imperador benevolente e piedoso, que se destacou no espaço imperial romano multifacetado. Ele incorporou o aspecto cristão na gerência governamental, contudo não banuiu as iniciativas pagãs ao seu redor. Ambas as religiões, cristã e pagã, estiveram presentes no decurso de seu reinado.<sup>37</sup> Além do mais, Constantino assinou um Edito que possibilitava a tolerância religiosa a todos os moradores do mundo romano. Dessa maneira, qualquer tipo de perseguição religiosa estava legalmente proibido, portanto os cultos cristão e pagão foram colocados no mesmo plano.<sup>38</sup> Outra decisão decorrente do Edito foi a devolução dos bens cristãos aos donos, apreendidos durante as perseguições precedentes. Os tratados de paz que veremos a partir daqui ocorreram depois de Cristo e foram baseados nas experiências no campo religioso em busca de pistas para o diálogo inter-religioso.

Edito de Milão, ou Edito de Tolerância de Milão, que ocorreu em Milão (313 d.C.), foi publicado em forma de carta e transcorreu entre os tetrarcas Constantino<sup>39</sup> (imperador do Ocidente) e Licínio<sup>40</sup> (imperador do Oriente). Esse tratado buscava, fundamentalmente, facultar aos cristãos a liberdade de exercer sua religião e, conseqüentemente, colocava fim às perseguições, garantindo a liberdade religiosa dentro do império. “Nosso propósito é garantir tanto aos cristãos quanto a todos os outros a plena autoridade de seguir qualquer culto que o homem desejar”.<sup>41</sup>

Segundo Lactâncio, o Imperador Diocleciano, um pouco antes do Edito de Milão, teria publicado em 303 d.C. um edito que determinava a destruição de templos e obras avaliadas como sagradas para os cristãos.<sup>42</sup> De forma gradual, foram sendo promulgados editos que complementavam o primeiro, sendo que o último, o de 304 d.C., ordenava a execução de quem se negasse a fazer sacrifícios.

Renan Frighetto chama a atenção para “como o cristianismo passou à condição de religião válida e reconhecida, portadora da legitimidade política do

---

<sup>37</sup> NERI, V. *Costantino e le guerre civile. Storia e storiografia*, p. 70.

<sup>38</sup> FRIGHETTO, R. *A antiguidade tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações – séculos II-VIII*, p. 107.

<sup>39</sup> FUNARI, P. P. A. *Grécia e Roma: vida pública e vida privada. Cultura, pensamento mitologia, amor e sexualidade*, p. 125

<sup>40</sup> FUNARI, P. P. A. *Grécia e Roma: vida pública e vida privada. Cultura, pensamento mitologia, amor e sexualidade*, p. 125.

<sup>41</sup> FRASCHETTI, A. *La conversione. Da Roma pagana a Roma cristiana*.

<sup>42</sup> LACTANCE. *De la mort des persécuteurs*.

governante e de seu 'manto' sacro, tanto no mundo baixo imperial romano como nas futuras monarquias romano-germânicas baseadas naquela tradição do passado imperial".<sup>43</sup>

Em *Vida de Constantino*, Eusébio de Cesaréia diz que "Constantino tem presença marcante no cenário político, efetivamente quando os tiranos de nosso tempo se lançaram a combater ao Deus de todas as coisas e abatiam a Igreja. A vitória do Imperador Constantino é envolta por uma aura sobrenatural".<sup>44</sup>

Constantino teria se convertido ao Cristianismo, e o Deus dessa religião teria lhe proporcionado a vitória que o colocou na história. Conforme Hurlbut, o imperador recebeu um aviso ao avistar uma cruz luminosa no céu onde estaria escrito "Por este sinal vencerás".<sup>45</sup> De acordo com Lactânio, "Constantino teria sido avisado, em sonhos, que deveria gravar o símbolo celeste e que assim venceria a guerra. Tendo Constantino feito o que Deus havia lhe ordenado em sonhos, a mão de Deus se estendeu sobre as linhas de combate".<sup>46</sup> Voltando para Roma, logo após sua vitória sobre as tropas de Maxêncio<sup>47</sup>, Constantino não cumpriu os rituais pagãos de agradecimento pela vitória, podendo ser essa sua atitude um sinal de conversão ao cristianismo.

O historiador Gilvan Ventura da Silva defende essa ideia de conversão do imperador ao cristianismo: "Ao adentrar em Roma, no dia seguinte à derrota de Maxêncio, Constantino já se apresenta como um imperador cristão, recusando-se a oferecer sacrifícios ao Deus Júpiter".<sup>48</sup> Em 313, o imperador Constantino em viagem a Milão encontrou-se com Licínio e juntos decidiram selar um acordo de liberdade religiosa, que ficou conhecido como Tratado de Tolerância, Tratado de Liberdade Religiosa, Edito de Constantino e Edito de Milão.<sup>49</sup> Esse edito foi em forma de carta

---

<sup>43</sup> FRIGHETTO, R. *Cultura e poder na antiguidade tardia ocidental*, p. 300.

<sup>44</sup> CESARÉIA, E. *Vida de Constantino*, p. 153.

<sup>45</sup> HURLBUT, J. L. *História da Igreja Cristã*, p. 70.

<sup>46</sup> LACTANCE. *De la mort des persécuteurs*, p. 193.

<sup>47</sup> Maxêncio, filho do imperador Maximiano, foi um imperador benquisto pela população e mantinha boas relações com o Senado. Constantino teria encontrado dificuldades em assumir o poder nos territórios antes dominados por Maxêncio. Até vencer Maxêncio, Constantino era um imperador pagão.

<sup>48</sup> SILVA, G. V.; MENDES, N. M. *Diocleciano e Constantino: a construção do Dominato*, p. 254.

<sup>49</sup> JIMÉNEZ-PEDRAJAS, R. *Milán, Edicto de*.

selada e assinada pelas duas autoridades. Ferdinand Lot traz uma versão do Edito de Milão:

Nós, tendo-nos reunido em Milão sob ditosos auspícios e tendo cuidadosamente buscado tudo aquilo que pudesse ser útil ao bem e à tranquilidade públicos, entre outras coisas, que possam ser úteis à grande maioria dos homens, julgamos ser necessário regulamentar, acima de tudo, aquilo que respeita às honras devidas à Divindade a fim de podermos dar aos cristãos e a todos os outros a livre faculdade de terem a religião que escolherem. Que conseqüentemente possa a Divindade, na sua morada, dar-nos testemunho de sua satisfação e mercê e seus favores, tanto a nós como aos povos que vivem sob nossa jurisdição.<sup>50</sup>

A grande novidade era um elemento inédito trazido no edito chamado *liberdade e tolerância religiosa*. Assim, as perseguições e ameaças que pesavam sobre a Igreja foram cessadas, e as igrejas locais obtiveram a devolução dos bens que o império anterior havia tomado posse. O cristianismo que havia sido anunciado por um Jesus Cristo da paz, com seus conceitos de amor fraternal e de igualdade e paz entre todos os seres humanos para além das fronteiras étnicas, sociais ou de gênero, agora ganhava um novo e forte elemento, que era a liberdade de culto.

Com a fundação da chamada Nova Roma ou Constantinopla, o imperador Constantino buscou excluir a presença do paganismo<sup>51</sup> do império oriental. Só o cristianismo teria direito de reconhecimento formal. Em Roma, movido pela ampla gama de poderes, Constantino se empenhou na construção da Basílica de São Pedro e entrou com honra e glória para a história como sendo o imperador cristão.

Após discorrer reflexivamente sobre tratados de paz envolvendo o judaísmo e o cristianismo, neste momento o olhar recai sobre um tratado de paz relacionado ao islamismo: Tratado de Passarowitz – Império Austríaco e a República de Veneza (1718). O islamismo ou islã foi fundado pelo mercador árabe Muhammad<sup>52</sup>, que se tornou o profeta Maomé (570-632 d.C.). A base do islamismo está contida no seu

---

<sup>50</sup> LOT, F. *O fim do mundo antigo e o princípio da Idade Média*, p. 39.

<sup>51</sup> FRASCETTI, A. *La conversione. Da Roma pagana a Roma cristiana*, p. 34.

<sup>52</sup> MIEHL, M. *O que é o Islã? Perguntas e respostas*, p. 8.



nome, a palavra "Islã"<sup>53</sup>, que significa submeter-se e exprime a obediência plena à lei e à vontade de Alá (*Allah*, Deus em árabe).

Das grandes religiões mundiais, o islamismo é a mais recente e sofreu influências tanto do judaísmo quanto do cristianismo, por ser patriarcal, monoteísta<sup>54</sup> e literária. No Alcorão, a sura 29:46, referente aos judeus e cristãos, afirma que: "Nosso Deus e vosso Deus é o mesmo". Apesar desse trecho no livro sagrado, há muita rivalidade com o cristianismo e o judaísmo. Muitas batalhas foram travadas porque muitos de seus seguidores alegam ser o islamismo a revelação final de Alá.

Os otomanos, povo de religião islâmica, em batalhas contra o cristianismo e o judaísmo, acabaram com o Império Bizantino com a conquista de Constantinopla, em 1453, sob a liderança do sultão Maomé II<sup>55</sup>, que ficou conhecido como o Conquistador. A tomada de Constantinopla (hoje Istambul) selou o fim do antigo Império Romano Oriental e impôs novas e pesadas perdas à Igreja Ortodoxa.

Observa-se na história, porém, que houve também um período de paz. A Era das Tulipas<sup>56</sup> (ou *Lâle Devri*, em turco), conhecida assim por causa da apreciação da flor tulipa pelo sultão Amade III<sup>57</sup>, o qual utilizou as tulipas para simbolizar o seu reinado de paz, trouxe mudanças para a política do Império Otomano em relação à Europa. A região foi pacífica entre 1718 e 1730, após a vitória de Otomana contra a Rússia na Campanha Pruth, em 1711. O Tratado de Passarowitz<sup>58</sup> ou Tratado de Požarevac foi um tratado de paz assinado em Požarevac, cidade da moderna Sérvia, em 1718, entre o Império Otomano, o Império Austríaco e a República de Veneza.

As relações começaram a melhorar com as fortificações das cidades que faziam fronteira com os países europeus nos Bálcãs. Reformas preliminares também foram aprovadas, como: impostos reduzidos, tentativas de melhorar a imagem do Estado otomano e investimentos privados e empreendedorismo.

---

<sup>53</sup> WILKINSON, P. *Religiões*, p. 132.

<sup>54</sup> ARMSTRONG, K. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*, p. 94.

<sup>55</sup> CANER, E. M.; CANER, E. F. *O islã sem véu: um olhar sobre a vida e a fé muçulmana*, p. 123.

<sup>56</sup> LO JACONO, C. *Islamismo: história, preceitos, festividades, divisões*.

<sup>57</sup> INGRAO, C.; SAMARDŽIĆ, N.; PEŠALJ, J. *The Peace of Passarowitz, 1718*, p. 292.

<sup>58</sup> INGRAO, C.; SAMARDŽIĆ, N.; PEŠALJ, J. *The Peace of Passarowitz, 1718*, p. 294.

A Reforma Protestante (século XVI) foi outro marco importante na história dos tratados de paz. As 95 teses publicadas por Martinho Lutero (Martin Luther) com críticas ao sistema de venda de indulgências que foram o estopim da reforma religiosa em 1517, tendo como resultado a divisão da Igreja Católica.

Lutero descobriu a essência da fé cristã em Deus, promessa de graça e justificação, por intermédio de Jesus Cristo, passando a discordar de alguns dogmas da Igreja Católica Romana a qual pertencia. Ele queria restaurar a forma (*reformule*), mas a Igreja se dividiu, surgindo as igrejas evangélicas luteranas e outras denominações de protestantismo.

Sua principal tônica universitária era uma reação à teologia escolástica, que o empurrou na direção de Santo Agostinho e das cartas bíblicas do Apóstolo Paulo. O ponto de partida dessa reflexão, que funcionou como um princípio fundamental, era a convicção de que o pecado permanece sempre no ser humano. Este nasce como pecador e vive toda a sua vida acompanhada pelo desejo de pecar. Todas as pessoas, mesmo as mais abnegadas, ainda carregariam o poder do pecado dentro de si. Não há nada que se possa fazer. Isso significa que estão todos destinados à perdição? A resposta de Martinho a essa questão é também seu segundo dogma fundamental: a solução está na confiança em Cristo. Pela fé, o ser humano é justificado.

Deus faz isso de forma gratuita. Ele deixa de imputar os pecados e aplica naquele que crê os méritos da obra de Cristo. O ser humano é então simultaneamente justo e pecador. Pecador na realidade, mas justo na reputação diante de Deus. Justo porque tem fé em Cristo. Pecador porque vive com o desejo pelo pecado.<sup>59</sup>

Faz então todo sentido que Lutero se volte violentamente contra os que ele chama de justiciários<sup>60</sup>, que eram os frades de Erfurt e outros conventos semelhantes que seguiam a estrita observância e menosprezavam os conventos, como o de Wittenberg. Os justiciários eram aqueles que davam importância exagerada às obras externas, ao ritual e ao cerimonial e ainda cobravam as indulgências, que foi seu

---

<sup>59</sup> LUTERO, M. *Obras selecionadas*, p. 123.

<sup>60</sup> Pessoas que confiam em suas próprias boas obras e que esperam ser premiados por sua ascese.

marco discordante que o levou à Reforma Protestante. A justificação pela fé como um ato extrínseco, de fora, imputação divina da justiça de Cristo, sem necessidade de qualquer obra humana, foi sua primeira solução teológica para a crise espiritual que experimentava.

Um dia, lendo o apóstolo Paulo do alto de sua torre no mosteiro, especialmente a passagem de Romanos 1, 17, como relatou depois, sentiu a iluminação do Espírito de Deus e logo entendeu que o único caminho para alcançar a graça de Deus era a plena confiança na redenção de Cristo. Assim, alcançou a paz e solucionou sua crise religiosa. A solução de Lutero para essa crise foi sua doutrina da justificação pela fé somente. Disse ele que "Não é preciso obras para ser justificado e ser salvo. Cristo pagou pelos pecados humanos. Basta a confiança em Cristo para que Deus considere as pessoas como justas".<sup>61</sup>

Ao ler Romanos 1,17, Martinho entendeu que a expressão "justiça de Deus" que ali aparece não é a que castiga os pecadores, mas, sim, a que os santifica. O homem é justificado pela fé somente, pela confiança exclusiva no Cristo. Deus prometeu a salvação. Quando alguém crê e confia nessa promessa, apropria-se da justiça de Cristo e é salvo. Foi essa a iluminação que Lutero entendeu ter recebido por obra do Espírito Santo. Esse momento passou a ser conhecido como "experiência da torre", visto que ocorreu na torre do mosteiro, voltada para o jardim, onde Frei Martinho esclarecia suas ideias.

Seu coração inquieto estava descobrindo em Paulo as ideias que o ajudavam a sair do intrincado labirinto em que se meteu a sua consciência. A Bíblia de Lutero, a teologia de Lutero e a política da Igreja contribuíram para mudanças profundas na sociedade e na cultura europeia no início do período moderno.

Para Lutero, a fé é indispensável: "Se acreditas, tens; se não acreditas, não tens"<sup>62</sup> –nomeadamente os bens prometidos por Deus: graça, justiça, paz e liberdade (Rm 24, 13). Somente a fé respeita Deus, confiando na sua promessa e não a assegurando de qualquer outra forma, por meio de seus próprios méritos (Rm 25, 9-14). Para Martin Lutero, essa certeza de fé transmite paz interior, e a justificação

<sup>61</sup> BAYER, O. *A teologia de Martin Luther: Eine Vergegenwärtigung*, p. 27-45.

<sup>62</sup> BAYER, O. *A teologia de Martin Luther: Eine Vergegenwärtigung*, p. 46-61.

apenas pela fé é a ideia básica da Reforma Luterana.<sup>63</sup> A compreensão positiva de Lutero sobre a paz recorre assim à liberdade de um homem cristão que é, ao mesmo tempo, sacerdote e rei, pois o crente reza diretamente a Deus como um sacerdote e na sua consciência está sujeito apenas a Deus, e não a qualquer regra mundana.

Lutero também aborda o tema da "guerra e paz"<sup>64</sup> a partir da sua doutrina da justificação: quem acredita em Jesus Cristo é libertado de todos os medos pessoais, bem como de todo o paternalismo religioso ou político – ele vive como uma pessoa justa em paz com Deus (Rm 5, 1). No entanto, esse contentamento só poderia ser alcançado pela fé e não poderia ser provocado por ações políticas ou eclesiásticas curiais.<sup>65</sup>

A concentração e restrição da Igreja às suas tarefas espirituais foram o primeiro impulso de Lutero no sentido de uma ética de paz. Para ele, a religião e a fé nunca devem ser difundidas ou exigidas pela força.<sup>66</sup> Assim, Lutero tornou-se o mestre da liberdade de fé ou consciência da era moderna: "Os pensamentos são livres de deveres". Além disso, qualquer forma de guerra religiosa é rejeitada. Uma guerra de armas por motivos religiosos deve ser recusada pelos soldados cristãos; nem uma cruzada nem uma guerra santa poderiam alguma vez ser justificadas!<sup>67</sup>

O segundo impulso ético-paz vem da descrição que Lutero faz das tarefas do regimento secular. No limiar da modernidade, deu ao Estado o objetivo político da paz, que ele delineia com mais pormenor em quatro outros termos: Monopólio da Força, da Lei, da Ordem e da Segurança.

Ele não estava preocupado em prescrever regras concretas, mas, sim, com o fato de que apenas a regulamentação estatal e legal pode evitar uma recaída ao insistir que um monopólio estatal sobre o uso da força e uma constituição legal do Estado impedem sedições e rixas privadas. Lutero inicialmente teve uma compreensão da paz de forma negativa a nível político: essas medidas preveniam a guerra e a violência bélica.

---

<sup>63</sup> BAYER, O. *A teologia de Martin Luther: Eine Vergegenwärtigung*, p. 46-61.

<sup>64</sup> ANDERSEN, S. *Poder por amor: sobre a reconstrução de uma ética política luterana*, p. 11-81.

<sup>65</sup> STÜMKE, V. *Martin Luther's Understanding of Peace. Grundlagen und Anwendungsbereiche seiner politischen Ethik*, p. 399.

<sup>66</sup> BAYER, O. *Luther as an interpreter of Holy Scripture*, p. 73-85.

<sup>67</sup> GARCIA-VILLOSLADA, R. *Martín Lutero II: En lucha contra Roma*, p. 92.

Lutero não era um pacifista, mas limitou claramente a legitimidade das guerras – e esse é o terceiro impulso ético de paz.<sup>68</sup> Para ele, “[...] as autoridades temporais não são designadas por Deus para quebrar a paz e iniciar guerras, mas para trazer a paz e defender os beligerantes”.<sup>69</sup> Aqui Lutero ainda não tinha desenvolvido o conceito de uma paz justa.

Pelo menos para os cristãos, Lutero abordou outra exigência como um quarto impulso ético para a paz, que, no entanto, só se espera dos crentes, não sendo relevante para o mundo secular e, por conseguinte, não poderia ser imposta ao regime secular. Para os cristãos, aplica-se o mandamento do amor pelo próximo, o que, segundo o Sermão da Montanha de Jesus, implica uma renúncia abrangente à violência.

Para a ética da paz, Lutero formulou mais dois impulsos: aceitou apenas o caso da defesa, mas não a guerra religiosa, e referiu-se à saída da espiral de violência, que se justifica tanto teologicamente (dando tempo a Deus) como politicamente (negociações e vontade de compromisso).<sup>70</sup>

**Figura 1 – Carta de indulgência (1513) que motivou a Reforma Protestante<sup>71</sup>**



<sup>68</sup> STÜMKE, V. *Martin Luther's Understanding of Peace. Grundlagen und Anwendungsbereiche seiner politischen Ethik*, p. 398.

<sup>69</sup> STÜMKE, V. *Martin Luther's Understanding of Peace. Grundlagen und Anwendungsbereiche seiner politischen Ethik*, p. 402.

<sup>70</sup> STÜMKE, V. *Martin Luther's Understanding of Peace. Grundlagen und Anwendungsbereiche seiner politischen Ethik*, p. 400.

<sup>71</sup> A autora. Documento localizado em Kulturhistorisches Museum Stralsund, Alemanha.

Após a Reforma Protestante ocorreu o Tratado de Paz de Augsburg<sup>72</sup>, que foi um acordo de paz realizado entre Carlos V, Sacro Imperador Romano-Germânico, e a Liga Schmalkaldic, assinado em 25 de setembro de 1555 na cidade imperial de Augsburg. Esse tratado pôs fim oficialmente à guerra religiosa e tentou estabelecer um assentamento religioso nas vastas terras alemãs.

As diversas disputas políticas e os interesses econômicos foram marcados por “guerras de religião” ao longo dos séculos XVI e XVII na Europa. O Tratado de Paz de Augsburg foi o estabelecimento da tolerância oficial dos luteranos no Sacro Império Romano-Germânico, estabelecendo a política do princípio como um dos aspectos mais importantes do tratado. Esse princípio afirma que o governante do reino decidiu que a fé do povo – “cujus regio, ejus religio”<sup>73</sup> (de quem for a região, dele seja a religião) – seguiria a religião (católica ou luterana) do príncipe (príncipe-eleitor) da região. Desse modo, seria aquela à qual os súditos desse príncipe deveriam se converter. Aos cidadãos ou residentes que não desejassem estar de acordo com a escolha do príncipe lhes foi dado um período de carência em que eles poderiam escolher se iriam emigrar para diferentes regiões onde sua religião desejada tivesse sido aceita. No artigo 24 da “Confissão de Augsburg”, tem-se esta afirmativa:

No caso de os nossos súbditos, quer pertencentes à velha religião ou à confissão de Augsburg, pretendam deixar suas casas com suas mulheres e crianças por forma a assentar noutra eles não serão impedidos quer na venda do seu imobiliário desde que pagas as devidas taxas, nem magoados na sua honra.<sup>74</sup>

Os calvinistas e os anabatistas, assim como as demais religiões, não ficaram protegidos sob essa paz, pois ela somente abrangeu os católicos e luteranos, como mostra o artigo 17 do Tratado de Paz de Augsburg: “No entanto, todas as religiões que não aquelas duas mencionadas anteriormente não serão incluídas na presente

---

<sup>72</sup> SCHÜLER, A. *Dicionário enciclopédico de teologia*, p. 357.

<sup>73</sup> FRIEDEBURG, R. *Cuius Regio, Eius Religio: os significados ambivalentes da construção do Estado na Alemanha protestante, 1555-1655*.

<sup>74</sup> ARAÚJO, A. M.; ASSIS, A. A.; MATA, S. *Entre filosofia, história e relações internacionais. Escritos em homenagem a Estevão de Rezende Martins*, p. 249.

paz e estão totalmente excluídas dela".<sup>75</sup> João Calvino (1509-1564) foi um teólogo, líder religioso e escritor francês. Foi o pai do Calvinismo - reforma protestante que impôs hábitos austeros e puritanos aos seus seguidores e que se espalhou por vários países da Europa Ocidental.<sup>76</sup> A nova forma de protestantismo desenvolvida por João Calvino que ficou conhecida como "Calvinismo" teve como base os princípios da Reforma de Lutero na Igreja católica e a instalação de um sistema austero de religião. Sua doutrina fundamental era a predestinação absoluta à vida ou à morte, ao bem ou ao mal, com isso negava o livre-arbítrio. A Igreja era a comunidade dos eleitos à glória, os únicos sacramentos que admitia eram o batismo e a eucaristia. Calvino estabeleceu diversas reformas na Igreja, eliminou o ritual e a música instrumental da missa, despiu as igrejas de vitrais, quadros e imagens, reduziu o culto a um sermão entre quatro paredes nuas. Calvino discorda de Lutero, no movimento reformista, Lutero não concordou com o "estilo" de reforma de João Calvino. Martinho Lutero queria reformar a Igreja Católica,<sup>77</sup> enquanto João Calvino acreditava que a Igreja estava tão degenerada que não havia como reformá-la. Calvino se propunha a organizar uma nova Igreja que, na sua doutrina (e também em alguns costumes), seria idêntica à Igreja Primitiva. Já Lutero decidiu reformá-la, mas afastou-se desse objetivo, fundando, então, o protestantismo, que não seguia tradições, mas apenas a doutrina registrada na Bíblia, e cujos usos e costumes não ficariam presos a convenções ou épocas.

Com a Paz de Augsburgo, estabeleceu-se uma relativa trégua entre católicos e protestantes e garantiu-se um importante espaço para a prática do protestantismo na Alemanha, porém a tolerância não foi oficialmente estendida a calvinistas antes do Tratado de Westfália, em 1648.

O Tratado de Paz de Westfália<sup>78</sup>, conhecido como Tratados de Münster e Osnabrück, foi o selo de paz da conhecida Guerra dos Trinta Anos (1618-1648).<sup>79</sup> Essa guerra política/religiosa iniciou-se na região da Boêmia, no Sacro Império Romano-Germânico. Na verdade, foi uma série de guerras que diversas nações

---

<sup>75</sup> REICH, E. (Ed.). *The Religious Peace of Augsburg, 1555*.

<sup>76</sup> Piletti, Nelson. Piletti, Claudino. *História e Vida integrada*. 2008. Editora ática. Pág.: 81.

<sup>77</sup> Piletti, Nelson. Piletti, Claudino. *História e Vida integrada*. 2008. Editora ática. Pág.: 81

<sup>78</sup> WILSON, P. H. *The Thirty Years War: Europe's Tragedy*, p. 67.

<sup>79</sup> WEDGWOOD, C. V.; GRAFTON, A. *The Thirty Years War*, p. 54.

européias travaram entre si por motivos variados, tais como rivalidades religiosas, territoriais e comerciais. Foi a última sequência de uma série de guerras religiosas entre protestantes e católicos que vinha ocorrendo desde 1519.

As tentativas do acordo de paz, iniciadas em 1644 em Münster e Osnabrück, marcam também o fim da Guerra dos Oitenta Anos, ou Revolta Holandesa (1568-1648), entre Espanha e Países Baixos, uma vez que o Tratado de Paz de Augsburg, de 1555, não contemplou todas as demandas, porque seu acordo não foi extensivo aos demais protestantes, deixando de fora as outras religiões.

O novo imperador Fernando II tornou o catolicismo a religião oficial, abolindo as garantias de liberdade de culto da Paz de Augsburg (1555). Começa com a rebelião de Praga o clima de desespero, de intolerância e de violência. Como consequência do término da guerra, estabeleceu-se não só um novo equilíbrio de poder, mas uma nova regra do jogo das relações internacionais. Por isso, os Tratados de Westfália, cuja assinatura em 1648 encerrou a Guerra dos Trinta Anos, são vistos como o marco na construção da ordem europeia moderna em que a "razão de Estado" sobrepõe-se aos princípios religiosos medievais da soberania universal do Papado, que haviam sido a base das grandes monarquias nacionais.<sup>80</sup>

Desse modo, o Tratado de Westfália, assinado em 24 de outubro de 1648, em Osnabrück, entre Fernando III, Imperador Romano-Germânico, os demais príncipes alemães, a França e a Suécia, pôs fim ao conflito. O que no começo era um conflito religioso acabou se tornando uma luta pelo poder na Europa. A Guerra dos Trinta Anos havia começado em 23 de maio de 1618, quando nobres protestantes haviam invadido o castelo da capital e jogado pela janela os representantes do imperador, por causa da intenção de demolir duas igrejas luteranas, contrariando a liberdade religiosa. Esse episódio ficou conhecido como a "Defenestração de Praga".<sup>81</sup>

Com a assinatura do Tratado de paz de Westfália houve uma ratificação nas cláusulas do Tratado de Augsburg, incluindo o calvinismo e demais religiões no

---

<sup>80</sup> KEEGAN, J. *Uma história da guerra*, p. 263-171.

<sup>81</sup> ALVES, W. V. *Católicos e evangélicos: a Guerra dos Trinta Anos*, p. 243.



acordo de paz, garantindo assim a protestantes e católicos a liberdade de culto, bem como um respeito entre si. Iniciou-se então um caminho para um possível diálogo ecumênico, com tolerância na erradicação do conceito de inferioridade e respeito às diferenças.

A Paz de Westfália, além de consolidar a independência dos Países Baixos, abalou o poder do Sacro Imperador, além de ter autorizado que os governantes dos estados germânicos gozassem a prerrogativa de estipular a religião oficial dos territórios sem interferência externa e oferecido reconhecimento legal aos calvinistas.<sup>82</sup>

Bedin esclarece que esse acordo estabeleceu três princípios fundamentais no âmbito do Direito Internacional Público: a liberdade religiosa entre os Estados, a soberania e a igualdade estatal.<sup>83</sup> Philpott destaca que "A Paz de Westfália é concebida como um marco fundamental do sistema laico das interações e dos princípios estatais modernos, como a soberania territorial, a não interferência na política doméstica dos demais Estados e a tolerância entre unidades políticas dotadas de direitos iguais".<sup>84</sup>

Muitos estudos sobre as relações internacionais contemporâneas no sistema político foram realizados, mas acreditamos ser relevante citar alguns. Parker lembra que Jean-Jacques Rousseau, em 1766, escreveu que "a Paz de Westfália pode seguir muito bem para sempre como a base de nosso sistema político".<sup>85</sup> Nesse sentido, Carneiro resume que:

Toda a política moderna e contemporânea, baseada no reconhecimento da legitimidade dos Estados e na constituição de um conjunto político de nações que se reconhecem como parte de um sistema em que rege um direito

---

<sup>82</sup> WATSON, A. *The evolution of international society: a comparative historical analysis*, p. 182.

<sup>83</sup> BEDIN, G. A. *A sociedade internacional e o século XXI. Em busca de uma construção de uma ordem justa e solidária*, p. 68.

<sup>84</sup> PHILPOTT, D. *Westphalia, authority, and international society*.

<sup>85</sup> PARKER, G. (Ed.). *La Guerra de los Treinta Años*, p. 283.

internacional, deriva do modelo criado e formalizado a partir da Paz de Westfália.<sup>86</sup>

Os Tratados de Osnabrück e Münster foram de suma importância para a história, sobretudo para o desenvolvimento do Direito Internacional, devido à sua magnitude:

Os Tratados de Paz de Osnabrück e Münster, assinados respectivamente em maio e outubro de 1648, que encerraram os trinta anos e oitenta anos de guerras sob a paz da Westfália, resultaram no redesenho das fronteiras políticas na Europa central. Também resultou no reconhecimento dos direitos de cada príncipe soberano para determinar os elementos internos de seu estado. E assim nasceu o sistema Westphaliano de direito interestatal – um sistema de entidades soberanas concorrentes e interagentes cujos discursos e interação deveriam ser regulados por lei.<sup>87</sup>

As conferências de paz na Westfália prolongaram-se por vários anos. Os católicos reuniam-se em Münster, e os protestantes, em Osnabrück. Após o acordo de paz ser selado, surgiram grandiosos e novos desafios.

O Tratado de Westfália: I) revoga o Edito de Restituição, decidindo que as terras da Igreja ficariam nas mãos daqueles que as possuíam em janeiro de 1624; II) praticamente manteve as cláusulas da Paz de Augsburgo, como o princípio *cuius regio, eius et religio*, no qual os príncipes impõem a religião a seus territórios, independentemente da vontade do povo; III) permitiu que os príncipes adquirissem maior autonomia em relação ao imperador, apesar de estarem ainda sujeitos à lei imperial; IV) ratificou a fragmentação da Alemanha em mais de duzentos estados, nos quais não havia uma consciência nacional; V) preparou o caminho para a política de engrandecimento da França, que passa a ser o Estado mais poderoso da Europa e terá na figura de seu rei, Luís XIV, o paradigma do

---

<sup>86</sup> CARNEIRO, H. *Guerra dos Trinta Anos*.

<sup>87</sup> BETHLEHEM, D. *The end of geography: the changing nature of the international system and the challenge to international law*, p. 9.

soberano absoluto; VI) assinalou o fim da concepção medieval europeia com o surgimento do Estado moderno.<sup>88</sup>

O Tratado de Westfália a ser estudado em maiores detalhes na segunda sessão deste livro, impôs o respeito à liberdade religiosa, proibindo a perseguição, seja por forças ou por armas; declarou o direito de fazer acordos, de manter a paz e respeitar os direitos humanos e o respeito à vontade soberana dos Estados. O contraventor era considerado infrator da paz, deixando bem claro que o tratado foi um acordo de paz:

Art. CXXIV: [...] sem prejuízo, no entanto, à Jurisdição de cada um é a administração da justiça em conformidade com as leis de cada príncipe e estado e não será permitido a nenhum estado do império perseguir seu direito pela força e armas, mas se alguma divergência tenha acontecido ou acontecer no futuro, cada um deverá tentar os meios da justiça comum, e o contraventor será considerado um infrator da paz.<sup>89</sup>

O tratado propôs um diálogo, e não a guerra, quando houvesse qualquer forma de discordância sem distinção de religião. Se qualquer um dos artigos do acordo fossem violados, o ofendido deveria conversar com a pessoa que lhe ofendeu e tentar amigavelmente a paz.

Art. CXXIII: No entanto a paz estabelecida permanecerá em vigor, e todas as partes nessa transação serão obrigadas a defender e proteger todos e qualquer artigo desta paz contra qualquer um, sem distinção de religião, e se acontecer de qualquer ponto ser violado, o ofendido deverá antes de tudo exortar o ofensor e não promover qualquer hostilidade, submetendo a causa a uma composição amigável, ou aos procedimentos ordinários da justiça.<sup>90</sup>

---

<sup>88</sup> BRANDÃO, A. J. S. *Guerra dos Trinta Anos: imagens de um período de transição*, p. 20.

<sup>89</sup> NEVES, J. R. C. *Como os advogados salvaram o mundo: a história da advocacia e suas contribuições para a humanidade*, p. 49.

<sup>90</sup> NEVES, J. R. C. *Como os advogados salvaram o mundo: a história da advocacia e suas contribuições para a humanidade*, p. 42.

Assim, com o final da guerra e o tratado assinado, houve um período de paz. Paz entre as nações e paz entre as religiões. Com vistas à tolerância e ao diálogo com respeito a alteridades, resultou em um importante legado à história e para o desenvolvimento dos direitos humanos e do direito internacional. Devido à dimensão de sua importância a nível mundial, esse tratado será revisitado na segunda seção desta tese. O Quadro 1, a seguir, apresenta um resumo dos tratados abordados.

**Quadro 1 – Quadro-resumo de tratados de paz**

Tratados	Países	Responsáveis	Data
Tratado Egípcio-Hitita, comumente conhecido por Tratado de Kadesh ou Tratado de Qadesh	Egito e Hititas (atual Turquia)	Faraó egípcio Ramessés II e o rei hitita Hatusil III	1259 a.C.
Tratado de Paz de Antálcidas, também conhecida como "Paz do Rei"	Grécia (Esparta e Atenas)	O embaixador espartano e instigador desse tratado de paz foi Antálcidas, que viajou até Susa	387 a.C.
Pax Romana	Roma	Otávio Augusto	27 a.C.-180 d.C.
Jesus Cristo	Jerusalém/Roma	Jesus Cristo da paz	Desde o ano 1
Edito de Milão	Milão/Itália	Constantino e Licínio	313 d.C.
Tratado de Passarowitz	Império Austríaco e República de Veneza	Amadeo III	1718 d.C.
A Paz de Augsburg	Augsburg	Carlos V	1555 d.C.
Paz de Westfália	Alemanha/Münster e Osnabrück	Fernando III, Imperador Romano-Germânico, os demais príncipes alemães, França e Suécia	1618-1648 d.C.

Fonte: A autora (2022).

### 1.3 CONTEMPLAÇÃO DE AGENTES DA PAZ EM SEUS ESPAÇOS NA PROMOÇÃO DA PAZ

Após a apreciação sobre alguns tratados de paz ligados ao campo religioso, veremos exemplos de lideranças que criaram espaços de promoção da paz justa, igualitária e de não violência.

O primeiro agente de paz a nos chamar a atenção é Santo Agostinho (354-430), ou Agostinho de Hipona, como ficou conhecido. Esse filósofo, escritor, bispo e importante teólogo cristão do Norte da África nasceu em Tagaste, na cidade da Numídia, nem sempre foi cristão, apenas aos 33 anos converteu-se ao cristianismo e batizou-se no Natal de 387 d.C. a exemplo de sua mãe e por influência de Santo Ambrósio. Fundou o primeiro mosteiro agostiniano em 391 d.C. e foi sagrado sacerdote em Hipona, região provinciana do Império Romano. Em 396 d.C., foi sagrado bispo auxiliar de Hipona, onde se tornou um dos pilares da teologia católica.

O bispo de Hipona foi fortemente influenciado pela teoria dualista de Platão, que fazia uma divisão entre o mundo das ideias e o mundo dos sentidos. No entanto, transformou a teoria platônica, adaptando-a à religião, explicando que o mundo ideal seria o mundo de Deus (cidade de Deus), enquanto o mundo das coisas seria o dos seres humanos, dualismo bem explicado em sua obra *A cidade de Deus (De civitate Dei)*.<sup>91</sup> Embora não fosse possível, na sua visão, encontrar a verdadeira justiça na vida terrena, as leis do Estado deveriam ser obedecidas por serem o reflexo das leis divinas que os homens constituíram.

Sobre o tema *paz*, Santo Agostinho diz que "A paz de todas as coisas é a tranquilidade da ordem".<sup>92</sup> Não há nenhum objetivo superior e mais excelente do que a paz. Para Agostinho, a paz do Estado político é a ordenada concórdia entre governantes e governados; enquanto a paz da cidade de Deus é a ordenadíssima e concordíssima união para gozar de Deus e, ao mesmo tempo, em Deus. A paz, portanto, não é nada mais do que a perfeita harmonia da ordem, e esta só é total e perfeita na cidade celeste. O homem virtuoso, defensor da paz e da justiça, tem a liberdade de consciência para construir uma ponte entre a cidade terrena e a cidade

---

<sup>91</sup> AGOSTINHO, S. *A cidade de Deus*, XIX, 13, I.

<sup>92</sup> AGOSTINHO, S. *A cidade de Deus*, XIX, 13, I.

de Deus, pois é o próprio ser humano, como peregrino da cidade terrena, quem deve ser o construtor de sua cidade de Deus, ou seja, o homem na sua dimensão material totalmente dependente da graça constrói a sua cidade celeste.

É verdade que a paz é um estado que todo o ser humano deseja, o que não se sabe ao certo é como alcançar a paz plena. O que é a paz para Santo Agostinho então? É uma consequência, e o caminho para a paz é o mesmo caminho que conduz à cidade de Deus. Ele acreditava que, para a preservação da paz no longo prazo, o uso justificado da força poderia ser necessário, mas estabelecia limites para isso, exigindo, por exemplo, que as guerras com essa finalidade deveriam ser defensivas e ter a restauração da paz como objetivo. Defendia a ideia de que cristãos deveriam ser pacifistas filosoficamente, podendo se utilizar da força como meio de preservar a paz. Ele argumentou muitas vezes que o pacifismo não era contrário à defesa dos inocentes ou à autodefesa.

Na sua principal obra de filosofia política, Agostinho apresenta a paz como um bem desejado, e não uma ordem imposta. Salienta que "o bem a que chamamos paz é tal que nas coisas humanas não é possível desejar outro mais alegre ou mais útil".<sup>93</sup> Todavia, embora se trate de um bem universalmente desejado, ele permanece sempre um desafio porque está frequentemente ameaçado pela expansão contínua das paixões e dos desejos mesquinhos.

Agostinho não concordava com a guerra. Escreveu contra as guerras púnicas, as guerras pagãs, as guerras dos bárbaros e dos romanos, ressaltando que "O homem, com a guerra, busca a paz, mas ninguém busca a guerra com a paz. Mesmo os que, de propósito, perturbam a paz, não odeiam a paz, apenas anseiam mudá-la a seu interesse pessoal".<sup>94</sup> Ele só aceitava a guerra em situação muito especial, como, por exemplo, para efetivar a justiça e a paz. Diz ele que o homem sábio pode declarar a guerra justa, por causa da injustiça dos inimigos que tendem a incutir medo e violência aos inocentes. Nomeou assim três tipos de causas que dão origem à guerra: econômicas, políticas e morais.

Para Agostinho, as guerras que são realizadas pelos desejos e pelas cobiças, alicerçadas nas paixões materiais humanas com objetivos meramente de conquista,

---

<sup>93</sup> AGOSTINHO, S. *A cidade de Deus*, XIX, 10.

<sup>94</sup> AGOSTINHO, S. *A cidade de Deus*, XIX, 12.

são guerras injustas. Elas não conseguem promover a paz e a tranquilidade entre as pessoas, cidades e nações. O ser humano é uma das criaturas mais belas e criadas por Deus a sua imagem e semelhança, mas por causa da soberba se afasta do seu criador. "A guerra, logo, não é nada mais do que um fenômeno feito pela cobiça e egoísmo do homem, quando este se afasta de Deus. Ela torna-se possível por causa da defesa da glória, do poder, da riqueza, da ambição e do mal-uso do livre-arbítrio".<sup>95</sup>

Santo Agostinho era pacifista e apresentou a guerra como "um crime sem nome, uma miséria sem igual, um horror infernal, uma ignomínia puramente diabólica. Tudo isso só é possível por causa da natureza humana corrompida pelo mal, ou seja, o pecado".<sup>96</sup> As razões para a guerra justa também podem ser interpretadas como motivações para guerras santas ou guerras religiosas, e as guerras em nome das ideologias religiosas foram travadas com o objetivo de eliminar os chamados "inimigos" da Igreja.

Segundo Brucculeri, o bispo de Hipona pensa que a guerra justa acaba sendo um mal necessário, mas não um pecado, porque visa estabelecer na cidade terrena a justiça e a paz por causa da violência humana; ao contrário, a guerra injusta é fruto do pecado com o objetivo meramente de causar o terror e a morte entre as pessoas e a instabilidade na cidade terrena por causa das ambições de alguns homens criminosos.<sup>97</sup> Para Agostinho, na história houve muitas guerras injustas causadas simplesmente por paixão de dominar, escravizar ou até matar o inimigo:

A paz é, pois, também o fim perseguido por aqueles mesmos que se afanam em demonstrar valor guerreiro, comandando e combatendo. Onde se segue ser a paz o verdadeiro fim da guerra. O homem, com a guerra, busca a paz, mas ninguém busca a guerra com a paz. Mesmo os que de propósito perturbam a paz não odeiam a paz, apenas anseiam mudá-la a seu talante. [...] A injustiça do inimigo é a causa de o sábio declarar guerras justas.<sup>98</sup>

---

<sup>95</sup> AGOSTINHO, S. *A cidade de Deus*, XII, 21.

<sup>96</sup> AGOSTINHO, S. *A cidade de Deus*, XI, 23.

<sup>97</sup> BRUCCULERI, A. *Il Pensiero Sociale di S. Agostino*, p. 377-378.

<sup>98</sup> AGOSTINHO, S. *A cidade de Deus*, XIX, 17.

Agostinho explica que a guerra justa pode ser de direito próprio ou de direito de terceiros, pois a natureza da legítima defesa consiste em alguém refutar um ato de violência contra si ou contra terceiros. Defende que haja leis que, permitindo o uso da força para defender a si mesmo, e talvez ao outro, contra-ataque injusto, posam ser leis justas. Ele analisa isso com o objetivo estratégico em querer demonstrar que as leis podem ser usadas para legítima defesa<sup>99</sup>, configurando guerras justas como importantes, “pois cumprem a finalidade de reprimir uma injúria, uma injustiça, ou melhor, refutam atos de violência praticados por criminosos ou tiranos em prol da defesa da paz e do bem comum para todos os seres humanos”.<sup>100</sup>

Bignotto elucida que, para Agostinho, “a guerra justa é legal e moral. Ela possui normas de direito público. Ela tem sua própria liturgia. Ela visa manter a ordem e a paz entre os Estados, garantindo a liberdade e a vida de todos os seus cidadãos”.<sup>101</sup> O ser humano tem o direito e o dever de viver em estado de segurança na cidade terrestre. Direito à vida. A liberdade, dignidade humana, paz e propriedade são bens essenciais para todos os homens que vivem na cidade terrestre.

O sábio, acrescentam, há de travar guerras justas. Como se o sábio, cômico de ser homem, não sentirá muito mais ver-se obrigado a declarar guerras justas, pois, se não fossem justas, não devia declará-las e, portanto, para ele não haveria guerras justas! A injustiça do inimigo é a causa de o sábio declarar guerras justas. Semelhante injustiça, embora não acompanhada de guerra, deve deplorá-la o homem. É evidente, por conseguinte, que neles reconhece a miséria quem quer que considere com dor males tão enormes, tão horrendos e inumanos. Quem tolera e considera sem dor é muito mais miserável ao julgar-se, porque perdeu o sentimento humano.<sup>102</sup>

Nesse sentido, acerca do conceito de guerra justa em Agostinho, afirma Hermes Marcelo Huck:

---

<sup>99</sup> AGOSTINHO, S. *O livre-arbítrio*, I, 5, 11.

<sup>100</sup> AGOSTINHO, S. *O livre-arbítrio*, I, 5, 12.

<sup>101</sup> BIGNOTTO, N. *O conceito das liberdades: Santo Agostinho*.

<sup>102</sup> AGOSTINHO, S. *A cidade de Deus*, XIX, 7.



Santo Agostinho, na sua *Cidade de Deus*, analisa com profundidade os primitivos conceitos da guerra justa, lançados pelos teólogos que o antecederam, definindo as bases morais e teológicas para um direito que viesse a admitir o uso da guerra. Na linha da concepção judaica, Santo Agostinho distingue dois tipos distintos de guerra, o primeiro deles englobando as guerras que têm como objetivo a luta contra determinadas injustiças, reparando os danos causados e retomando o que foi indevidamente conquistado. São estas razões, de ordem nitidamente material e terrena, que dizem respeito à vida cotidiana dos homens e às razões do Estado. O segundo tipo de guerra é caracterizado como empresa decorrente da vontade e da ordem de Deus. Na reflexão agostiniana surge com clareza a legitimidade de uma guerra de defesa, enquanto a consciência cristã repele a guerra de conquista.<sup>103</sup>

Agostinho visa como “consequência da guerra justa a paz. Mas é uma garantia de felicidade temporal para todos os seres vivos, pois ocorre uma harmonia e uma tranquilidade da ordem entre bons e maus”.<sup>104</sup> Sabe-se que a paz e a harmonia no mundo são boas para todos os seres vivos, entretanto não é fácil a sua realização por causa da própria vontade humana corrompida pelo mal.

Por causa das guerras o gênero humano padece tremendos choques, tanto quando se guerreia para conseguir a paz, como quando se teme novo recrudescimento. Se quiséssemos expor como merecem os mil e um estragos produzidos por tais males, suas duras e inumanas crueldades, embora por uma parte me fosse impossível pintá-los como exigem, qual seria, por outra, o fim de tão prolixas palavras?<sup>105</sup>

Boyer afirma que a guerra justa em Agostinho só tem sentido quando concretamente há o interesse objetivo de realizar o estado de paz, evitando, assim, qualquer tipo de perda de liberdade, de justiça e de bem comum entre os povos.<sup>106</sup>

---

<sup>103</sup> HUCK, H. M. *Da guerra justa à guerra econômica: uma revisão sobre o uso da força em direito internacional*, p. 39.

<sup>104</sup> AGOSTINHO, S. *A cidade de Deus*, XIX, 12.

<sup>105</sup> AGOSTINHO, S. *A cidade de Deus*, XIX, 7.

<sup>106</sup> BOYER, C. *San Agustin: Sus Normas de Moral*, p. 210.

Pode-se dizer então que a guerra justa, em Agostinho, é possível e tem como estratégia a defesa da paz, ou seja, da vida, pois é um bem irrenunciável e sagrado.

Santo Agostinho afirma que "só haverá felicidade e amor eterno sem guerra e [...] a única e digna de ser e de dizer-se paz da criatura racional é a paz em Deus".<sup>107</sup> É aquela que o ser humano não encontra na cidade terrena, mas encontrará na cidade de Deus: "Na nossa desordem natural de seres humanos, o mundo não encontra a paz. Apenas a paz em nossas almas pode trazer a paz ao mundo, e apenas Deus pode trazer paz às nossas almas".<sup>108</sup>

Concluimos assim que, segundo Agostinho, a paz verdadeira não pode ser alcançada plenamente porque só existe perfeição na natureza que é Deus, que é infinitamente justa, perfeita e ordenada. Apenas na "cidade de Deus" haverá paz. Na "cidade dos homens" somente será alcançada a paz relativa.

Seguindo a reflexão sobre a paz, teremos um olhar sobre o frei católico da Ordem Dominicana São Tomás de Aquino (1227-1274), que foi canonizado pelo Papa João XXII. Foi autor da *Suma teológica*, em que faz uma clara exposição dos princípios do catolicismo. É o criador da doutrina cristã conhecida e reconhecida como "tomismo".<sup>109</sup> Para o tomista, pode-se dizer que a ordem é a reta disposição das coisas segundo sua natureza e finalidade. Assim, um corpo humano vai estar em ordem quando os membros que o compõem estão dispostos de tal maneira que cumprem com o objetivo para o qual existem. Logo, "tranquilidade e ordem são duas condições fundamentais para a existência da paz".

Acerca da teoria de Agostinho de Hipona da guerra justa, desenvolvida séculos antes, São Tomás de Aquino definiu três condições para uma guerra justa. Aquino não apresentou conclusões diferentes daquelas apresentadas por Agostinho, mas procurou definir os critérios de modo mais claro e objetivo. Embora defenda o pacifismo filosófico, a posição de que as pessoas deveriam evitar a guerra tanto quanto possível, acreditava que as pessoas deveriam aderir à guerra se essa fosse necessária para manter a paz a longo prazo.

---

<sup>107</sup> AGOSTINHO, S. *A cidade de Deus*, XIX, 27.

<sup>108</sup> AGOSTINHO, S. *A cidade de Deus*, XIX, 11.

<sup>109</sup> FABRO, C. *Breve introdução ao tomismo*. Belo Horizonte: Edições Cristo Rei, 1997. p. 139.

Ele desenvolveu três passos para decidir se o ser humano deve entrar numa guerra e definiu as condições para que uma guerra fosse considerada justa, resumidos em sua *Suma teológica*.<sup>110</sup> Primeiramente, deve-se analisar se a guerra é gerada por uma boa causa, se o motivo for por poder ou riqueza, a tal guerra deve ser rejeitada. Em segundo lugar, analisar se ela foi declarada por uma autoridade legítima e, em terceiro lugar, em meio à violência, característica inerente à guerra. A paz deve ser o objetivo central como motivação a todo o tempo.<sup>111</sup>

Segundo São Tomás de Aquino, o homem virtuoso, nessa concepção, é aquele que possui a prudência, razão pela qual se torna responsável e age conscientemente em relação ao exercício de seus direitos e ao cumprimento de suas obrigações. A virtude da prudência<sup>112</sup> é capaz de pacificar a vida em sociedade por meio, sobretudo, da harmonia e do equilíbrio nas ações. Sendo um apetite racional, a vontade tende sempre para o bem, muito embora possa praticar o mal com base em um julgamento equivocado do intelecto, não propositadamente. Assim, o homem pode ser considerado bom ou mau conforme a boa ou má disposição de sua vontade. Se agir visando ao bem comum, será bom, do contrário, será mau.

A prudência é uma verdadeira arte de viver, supondo a memória da experiência passada, a compreensão da situação presente, e a previsão do futuro. É capacidade de tomar a decisão correta e agir bem, inscrevendo no singular as normas gerais e a aspiração pela vida mais desejável e satisfatória, isto é, a aspiração pela felicidade. A prudência, tal como Tomás de Aquino a apresenta, é a articulação entre o universal e o singular, guiando a decisão e a ação nas circunstâncias concretas. Tal escolha e decisão depende em última instância do agente consciente e livre, não podendo ser dada previamente nem por terceiros.<sup>113</sup>

Para Aquino, a identidade (princípio fundamental da lógica aristotélica) é o elo fundamental que, ao conectar a existência e a essência, mostra o toque divino. Ele

---

<sup>110</sup> AQUINO, T. *Suma teológica*, II, I, q. 82, a. 4.

<sup>111</sup> JUSTO, L. G. *The Story of Christianity*; AQUINO, T. *Suma teológica*, II, II, q. 40, a. 1.

<sup>112</sup> AUBENQUE, P. *A prudência em Aristóteles*, p. 137.

<sup>113</sup> NASCIMENTO, C. A. R. *A moral de Santo Tomás de Aquino: a segunda parte da Suma de Teologia*, p. 272.

acredita que o ser humano possui livre-arbítrio e está sujeito à lei eterna, mas pode escolher seus atos e construir seu pensamento utilizando-se de seu livre-arbítrio.

O homem, porém, age com discernimento, pois, pela virtude cognoscitiva, discerne que deve evitar ou buscar alguma coisa. Mas esse discernimento, capaz de visar diversas possibilidades, não provém do instinto natural, relativo a um ato particular, mas da reflexão racional. Pois a razão, relativamente às coisas contingentes, pode decidir entre dois termos opostos, como se vê nos silogismos dialéticos e nas persuasões retóricas. Ora, os atos particulares são contingentes e, portanto, em relação a eles, o juízo da razão tem de se avir com termos opostos e não fica determinado a um só. E, portanto, é forçoso que o homem tenha livre-arbítrio, pelo fato mesmo de ser racional.<sup>114</sup>

Assim, ele reconheceu o poder de decisão do ser humano que, dotado de razão, perseguirá seus interesses de acordo com suas próprias convicções, escolhendo entre ações do bem, pacifistas, ou do mal guerreando.

Após a reflexão sobre esses santos, refletiremos sobre o olhar e a trajetória de pacifistas e religiosos que dedicaram suas vidas ao engajamento da construção da paz justa e pacífica, iniciando por Mahatma Gandhi<sup>115</sup> (1869-1948). Esse líder e pacifista nasceu em 1869, em Porbandar, na Índia. Muitas pessoas o tem em suas mentes como uma espécie de semideus ou profeta da paz.<sup>116</sup>

Ele foi advogado, nacionalista, anticolonialista e especialista em ética política indiana, empregou resistência não violenta para liderar a campanha bem-sucedida para a independência da Índia do Reino Unido e, por sua vez, inspirar movimentos pelos direitos civis e pela liberdade em todo o mundo. A visão de Gandhi de uma Índia independente baseada no pluralismo religioso foi desafiada no início da década de 1940 por um novo nacionalismo muçulmano, que exigia uma pátria muçulmana separada da Índia.

---

<sup>114</sup> AQUINO, T. *Suma teológica*, IV, II, q. 83, a. 1.

<sup>115</sup> Nome de origem sânscrita que significa "de grande alma", "venerável". Seu nome de batismo é Mohandas Karamchand Gandhi.

<sup>116</sup> FISCHER, L. *Gandhi*, p. 217.

A palavra que melhor descreve Gandhi é “pacifista”: “Se é valente, como é, morrer, a um homem que luta contra preconceitos, é ainda valente a se recusar a briga e ainda recusar se render ao usurpador”.<sup>117</sup> Até hoje, o dia de seu aniversário é comemorado na Índia como Gandhi Jayanti, um feriado nacional, o Dia Internacional da Não Violência.

Durante a Segunda Guerra dos Bôeres, Gandhi desenvolveu a técnica de Satyagraha<sup>118</sup>, que prezava pela luta pelos direitos sem o uso de violência, apenas com base em desobediência civil e palavras. Leituras de Tolstói e Thoreau, seus ídolos, impulsionaram o pacifista em suas ideias de amor universal, culminando em um despertar da consciência social. Criou uma organização social<sup>119</sup> e política que buscava, em primeiro lugar, evitar que os governos dos brancos no país tirassem direitos básicos dos indianos. Segundo ele, “a violência é criada pela desigualdade, e a não violência, pela igualdade”.<sup>120</sup>

Gandhi forçou o diálogo entre religiões fazendo jejuns.<sup>121</sup> Fez sua primeira greve de fome e sede contra a formação de um eleitorado separado para os sudras<sup>122</sup>, conseguindo que tal casta social pudesse votar como todos os outros. Foi considerado um líder popular, político e espiritual. Por esse motivo, passou a ser tratado como Mahatma<sup>123</sup>, uma alcunha que significa “grande alma”, criada por Rabindranath Tagore.<sup>124</sup>

Ocorrida a separação da Índia em duas nações, uma muçulmana e outra hindu, Gandhi foi acusado de enfraquecer o poder dos hindus com os seus protestos por paz e união. No entanto, o que ele mais queria era a paz e a união entre as religiões. Gandhi acabou sendo assassinado a tiros por um hindu radical chamado Nathuram Godse, em 1948. Ele dizia aos seguidores que: “Sua vida não importava muito, só o trabalho da vida que importava”.<sup>125</sup> Uma vez líder, líder até o fim, e ele foi servidor em prol da pacificação até o fim, com sua morte.

---

<sup>117</sup> NEVES, E. P. *Dar de si*, p. 47.

<sup>118</sup> AXELROD, A. *Gandhi Ceo*, p. 10.

<sup>119</sup> AXELROD, A. *Gandhi Ceo*, p. 9.

<sup>120</sup> NEVES, E. P. *Dar de si*, p. 47.

<sup>121</sup> MASCARENHAS, C. *Mahatma Gandhi*, p. 68.

<sup>122</sup> Casta indiana considerada intocável, impura, inferior a todas.

<sup>123</sup> MASCARENHAS, C. *Mahatma Gandhi*, p. 136-137.

<sup>124</sup> Poeta, romancista e dramaturgo que fez várias reformas culturais na Índia na época de Gandhi.

<sup>125</sup> AXELROD, A. *Gandhi Ceo*, p. 19.

Apreciaremos, na sequência, Nelson Mandela<sup>126</sup>, (1918-2013). O Nobel da Paz nasceu em 1918 na África do Sul e pertencia ao clã Thembu. Mandela fez Direito na Universidade de Fort Hare, a primeira universidade da África do Sul, onde era o único negro da turma. Ele se deparava com um país cada vez mais dividido entre brancos e negros.

Por se envolver em protestos, juntamente com o movimento estudantil, contra a falta de democracia racial na instituição, foi obrigado a abandonar o curso. Mudou-se para Joanesburgo, onde se deparou com o regime de terror imposto à maioria negra. Em 1943, concluiu o bacharelado em Artes pela Universidade da África do Sul. Continuou os estudos de Direito, por correspondência, na Universidade de Fort Hare e sobre isso declarou: "Aprendi que a coragem não é a ausência do medo, mas o triunfo sobre ele. O homem corajoso não é aquele que não sente medo, mas o que conquista esse medo".<sup>127</sup> Mais tarde, recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* na tentativa de compensar a sua expulsão.

Mandela liderou protestos pacíficos contra o regime de "apartheid" (separação) durante longos anos. Brancos e negros viviam em áreas separadas; em escolas, hospitais e praças eram estabelecidos locais distintos para as duas raças, inclusive era proibido o casamento inter-racial, visto que era obrigado o registro da raça na certidão. A segregação racial, a falta de direitos políticos e civis e o confinamento dos negros em regiões determinadas pelo governo branco provocaram uma série de massacres e mortes da população negra. Acerca disso, ele desabafa: "Eu odeio o racismo, pois o considero uma coisa selvagem, venha ele de um negro ou de um branco. Sonho com o dia em que todas as pessoas levantar-se-ão e compreenderão que foram feitos para viverem como irmãos".<sup>128</sup>

Nelson Mandela, em 1944, ao lado de Walter Sisulo e Oliver Tambo, fundou a Liga Jovem do Congresso Nacional Africano (CNA), que se tornou o principal instrumento de representação política dos negros, em defesa da não violência contra

---

<sup>126</sup> Rolihlahla é seu nome de batismo e significa, na língua xhosa, "aquele que ergue o galho da árvore", ou "puxar um ramo de árvore", mas coloquialmente pode ser traduzido como "agitador". Foi batizado na Igreja Metodista, e na escola lhe deram o nome de Nelson. Também era conhecido por Dalibhunga, um nome xhosa que ganhou aos 16 anos em seu rito de passagem para a vida adulta e que significa "criador" ou "fundador da conciliação, do diálogo".

<sup>127</sup> VENTER, S.; MANDELA, Z. D. *Cartas da prisão de Nelson Mandela*, p. 143.

<sup>128</sup> MANDELA, N. *Autobiografia de Nelson Mandela. Um longo caminho para a liberdade*, p. 32.

os negros em prol dos direitos humanos e da paz. Ele costumava inspirar-se em Gandhi como modelo de não violência e era um grande admirador do líder indiano.

O valor da nossa recompensa compartilhada deve ser medida, e a paz triunfará. Porque a humanidade que une negros e brancos em uma só raça dirá a cada um de nós que devemos viver como filhos do paraíso. A luta é a minha vida. Continuarei a lutar pela liberdade até ao fim dos meus dias.<sup>129</sup>

Em 1964, muitos líderes negros foram perseguidos, presos, torturados, assassinados ou condenados. Entre eles estava Mandela, que foi condenado à prisão perpétua, ficando preso por 27 anos.<sup>130</sup> A saída de Mandela da prisão aconteceu juntamente com o fim oficial do regime de Apartheid, sinalizando para uma África do Sul mais justa e igualitária. Sobre esse momento, ele declara:

Não há caminho fácil para a liberdade, ser livre não significa apenas libertar-se das correntes, mas viver de forma que respeite e envolva a liberdade dos outros. Quando eu saí em direção ao portão que me levaria à liberdade, eu sabia que, se eu não deixasse minha amargura e meu ódio para trás, eu ainda estaria na prisão.<sup>131</sup>

Mandela recebeu o Prêmio Nobel da Paz, em 1993, pela luta em busca dos direitos civis e humanos no país. Em 1994, conseguiu a realização das eleições multirraciais, e seu partido saiu vitorioso, sendo Mandela eleito presidente da África do Sul. Finalmente, seu governo, com maioria no parlamento, acabou com o longo período de opressão, aprovando importantes leis em favor dos negros: "A queda da opressão foi sancionada pela humanidade, e é a maior aspiração de cada homem livre. Sonho com uma África em paz consigo mesma".<sup>132</sup>

Mandela governou até 1999, quando conseguiu eleger seu sucessor. Em 2006, foi premiado pela Anistia Internacional por sua luta em favor dos direitos humanos.

---

<sup>129</sup> VENTER, S.; MANDELA, Z. D. *Cartas da prisão de Nelson Mandela*, p. 523.

<sup>130</sup> VENTER, S.; MANDELA, Z. D. *Cartas da prisão de Nelson Mandela*, p. 4.

<sup>131</sup> MANDELA, N. *Autobiografia de Nelson Mandela. Um longo caminho para a liberdade*, p. 47.

<sup>132</sup> MANDELA, N. *Autobiografia de Nelson Mandela. Um longo caminho para a liberdade*, p. 154.

Nelson Mandela foi o primeiro presidente negro da África do Sul e um nome de referência na luta contra o Apartheid e pelos princípios democráticos e igualitários em busca da paz e da justiça social para o seu país. Ele faleceu em Joanesburgo, África do Sul, em 2013. Muitas de suas frases ficaram consagradas no mundo inteiro, como, por exemplo: "Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar".<sup>133</sup>

Martin Luther King Jr. (1929-1968) é outro exemplo de pacifista, apenas diferindo-se dos supracitados porque era religioso. Nasceu em Atlanta no estado de Geórgia, nos Estados Unidos, em uma família religiosa, de tradição protestante Batista, sendo seu pai e avô pastores. Formou-se em Sociologia na Morehouse College, em 1948, e continuou seus estudos no Seminário Teológico Crozer, onde se formou em 1951. Consagrou-se ao pastorado em 1954, assumindo a função de pastor em uma igreja na cidade de Montgomery, no Alabama. Posteriormente, em 1955, fez doutorado em Teologia Sistemática na Universidade de Boston.

Seu posto como pastor da Igreja Batista sempre caminhou lado a lado com a sua vida como ativista, e Luther King fazia questão de pregar ensinamentos religiosos, principalmente ligados ao amor ao próximo e à não violência em busca da paz.

Em 1955, sentiu na pele o preconceito e começou sua luta pelo reconhecimento dos direitos civis dos negros norte-americanos, militando pela causa. Era adepto da filosofia de não violência do líder indiano Mahatma Gandhi, utilizando métodos pacíficos e as mesmas fontes que inspiraram a luta de Nelson Mandela contra o Apartheid na África do Sul. Ele acreditava que manifestações pacíficas teriam melhor resultado e falava muito na importância da paz, no valor da persistência e superação.

Apesar de no ano de 1863 o presidente Abraham Lincoln ter assinado o Ato de Emancipação, em que o ponto central da lei era a libertação de escravos negros, cem anos após os negros estavam sofrendo discriminações e agressões físicas. A legislação não conseguiu impedir a humilhação e a violência da população branca

---

<sup>133</sup> MANDELA, N. *Autobiografia de Nelson Mandela. Um longo caminho para a liberdade*, p. 163.



sobre a população negra. "Não haverá tranquilidade nem sossego na América enquanto o negro não tiver garantidos os seus direitos de cidadão. Enquanto não chegar o radiante dia da justiça, a luta dos negros por liberdade e igualdade de direitos ainda está longe do fim"<sup>134</sup>, dizia ele.

Em 1955, uma senhora negra, chamada Rosa Parks, foi detida e multada por ocupar um assento no ônibus, quando homens queriam se sentar e ela, retornando do seu trabalho, quis sentar-se. Ela estava sentada no lugar destinado aos negros, mas o motorista era branco e junto com outros humilharam-na e a tiraram do ônibus, multando-a.

Uma das coisas importantes da não violência é que não busca destruir a pessoa, mas transformá-la. A violência como forma de alcançar a justiça racial é impraticável e imoral. Eu não desconsidero o fato de que a violência muitas vezes traz resultados momentâneos. As nações frequentemente conquistaram sua independência na batalha. Mas, apesar das vitórias temporárias, a violência nunca traz paz permanente.<sup>135</sup>

Parks protestou, e o seu protesto propagou-se rapidamente. Luther King Jr. disse: "O que me preocupa não é o grito dos maus. Mas é o silêncio dos inocentes".<sup>136</sup> O Conselho Político Feminino organizou um boicote aos ônibus urbanos, como medida de protesto. Martin Luther King apoiou a ação, e pouco a pouco milhares de negros passaram a caminhar quilômetros a caminho do trabalho, causando prejuízo às empresas de transporte. "A irmã gêmea inseparável da injustiça social era a injustiça econômica", discursava ele.<sup>137</sup> O protesto durou 382 dias, terminando em novembro de 1956, quando a Suprema Corte norte-americana aboliu a segregação racial nos ônibus de Montgomery.

Luther King Jr., com sua forma cativante de falar e com sua inteligência emocional, foi capaz de promover mudanças. Tinha garra e capacidade de convencer

---

<sup>134</sup> CLAYBORNE, C. (Org.). *A autobiografia de Martin Luther King*, p. 24.

<sup>135</sup> CLAYBORNE, C. (Org.). *A autobiografia de Martin Luther King*, p. 23.

<sup>136</sup> CLAYBORNE, C.; SHEPARD, K. (Org.). *Um apelo à consciência. Os melhores discursos de Martin Luther King*, p. 143.

<sup>137</sup> CLAYBORNE, C. (Org.). *A autobiografia de Martin Luther King*, p. 24.

outras pessoas ao seu redor de que os negros ganharam direitos, por exemplo, de sentarem em qualquer lugar no ônibus e de frequentarem espaços públicos e restaurantes.

No ano de 1963, sua luta alcançou um dos momentos culminantes ao liderar a conhecida Marcha sobre Washington, que reuniu cerca de 250 mil pessoas. Seu discurso tomou proporções mundiais, e o ativista norte-americano se tornou um ícone na luta contra a discriminação racial nos Estados Unidos. Seu discurso intitulado "I Have a Dream" ("Eu tenho um sonho"), em que descreve uma sociedade onde negros e brancos podem viver harmoniosamente, se transformou em poema:

Eu tenho um sonho que meus quatro pequenos filhos um dia viverão em uma nação onde não serão julgados pela cor da pele, mas pelo conteúdo do seu caráter. Eu tenho um sonho que um dia, nas montanhas rubras da Geórgia, os filhos dos descendentes de escravos e os filhos dos descendentes de donos de escravos poderão sentar-se juntos à mesa da fraternidade. Quando permitirmos que a liberdade ressoe, quando a deixarmos ressoar de cada vila e cada lugar, de cada estado e cada cidade, seremos capazes de fazer chegar mais rápido o dia em que todos os filhos de Deus, negros e brancos, judeus e gentios, protestantes e católicos, poderão dar-se as mãos e cantar as palavras da antiga canção espiritual negra: "Finalmente livres! Finalmente livres! Graças a Deus Todo-Poderoso, somos livres, finalmente".<sup>138</sup>

Nesse mesmo ano, Martin Luther King Jr. e outros representantes de organizações antirracistas foram recebidos pelo presidente John Fitzgerald Kennedy, que se comprometeu a agilizar sua política contra a segregação nas escolas e a melhorar a questão do desemprego que afetava de modo especial toda a comunidade negra. Em 1964, foi criada a Lei dos Direitos Civis, que garantia a tão esperada igualdade entre negros e brancos. Nesse mesmo ano, Martin Luther King recebeu o Prêmio Nobel da Paz.

Martin Luther King Jr. foi assassinado em Memphis, Tennessee, Estados Unidos, no dia 4 de abril de 1968. Em 1977, em homenagem póstuma, representado

---

<sup>138</sup> CLAYBORNE, C. (Org.). *A autobiografia de Martin Luther King*, p. 23.

por sua esposa, Coretta Scott King, recebeu a Medalha Presidencial da Liberdade. Em 2004, recebeu a Medalha de Ouro do Congresso Americano pelos 50 anos da promulgação da histórica Lei dos Direitos Civis.

Em 1983, Ronald Reagan, então presidente dos Estados Unidos, instaurou o dia 20 de janeiro como feriado nacional, chamando-o de Dia de Martin Luther King Jr. (Martin Luther King Day). O 20 de janeiro passou a ser dedicado a celebrar a vida desse homem tão importante para a história do combate ao racismo, que agia sempre orientado pela não violência e pelo diálogo entre etnias. Tornou-se um dos maiores símbolos da luta por igualdade, justiça e paz da humanidade.

Muitos homens de Deus têm se destacado dedicando suas vidas nessa nobre causa em prol da paz. O italiano Papa João XXIII (1881-1963) é mais um exemplo. Ângelo Giuseppe Roncalli ingressou na vida religiosa aos 16 anos de idade e é considerado um dos melhores papas da história. João XXIII teve um papado curto de apenas 4 anos, de 1958 a 1963, devido a sua idade avançada, mas implementou uma série de reformas que colocaram a Igreja no clima do século XX. Defensor da tolerância e do ecumenismo, mudou radicalmente a relação com outras religiões por intermédio do diálogo. Para ele: "A paz na terra, anseio profundo de todos os homens de todos os tempos, não se pode estabelecer nem consolidar senão no pleno respeito da ordem instituída por Deus" (*Pacem in Terris*, p. 248).

O Papa João XXIII é conhecido por sua bondade e por ser um defensor da paz, embora a hierarquia da Igreja Católica e os teólogos sempre usassem a tese da guerra justa como bandeira para ampliar a ideologia religiosa em nome de Deus para todos os povos conquistados, inclusive como paradigma estratégico de guerra para efetuar a evangelização de conquista. No entanto, o Estado do Vaticano considerou o fim da guerra justa com o surgimento da encíclica papal, de 11 de abril de 1963, cujo título é *Pacem in Terris* (Paz na Terra), feita pelo Papa João XXIII: "à Paz de todos os povos na base da Verdade, da Justiça, da Caridade e da Liberdade". Para ele, "a Paz entre os povos exige: a verdade como fundamento, a justiça como norma, o amor como motor, a liberdade como clima" (*Pacem in Terris*, p. 248).

A encíclica papal postula pela negociação pacífica entre os Estados, podendo-se justificar que a corrida ao armamento se dá com a motivação de que não se

conquista a paz senão com o equilíbrio de forças, mas, segundo o Papa João XXIII, o verdadeiro desarmamento se dá com o desarmamento integral do Espírito.

[...] Todos devem estar convencidos de que nem a renúncia à competição militar, nem a redução dos armamentos, nem a sua completa eliminação, que seria o principal, de modo nenhum se pode levar a efeito tudo isto, se não se proceder a um desarmamento integral, que atinja o próprio espírito, isto é, se não trabalharem todos em concórdia e sinceridade, para afastar o medo e a psicose de uma possível guerra (*Pacem in Terris*, p. 248).

O Concílio Vaticano II é contrário à guerra, pois causa grandes contendas e prejuízos materiais e morais e acaba em destruição ambiental e matança de demais seres vivos existentes. Nesse sentido, o Concílio se posiciona contrário a qualquer tipo de guerra:

Toda a ação de guerra que tende indiscriminadamente à destruição de cidades inteiras ou vastas regiões e seus habitantes é um crime contra Deus e o próprio homem, que se deve condenar com firmeza e sem hesitação. O perigo peculiar da guerra hodierna está em que ela fornece, por assim dizer, a oportunidade de cometer tais crimes àqueles que estão de posse das modernas armas científicas; e, por uma consequência quase fatal, pode impelir as vontades dos homens às mais atrozes decisões. Para que tal nunca venha a suceder, os bispos de todo o mundo, reunidos, imploram a todos, sobretudo aos governantes e chefes militares, que ponderem sem cessar a sua tão grande responsabilidade perante Deus e a humanidade.<sup>139</sup>

O Santo Papa João XXIII dedicou-se ao tema da paz em sua Encíclica *Pacem in Terris* após explicar a respeito da ordem que Deus imprimiu na criação, ensinando que a paz só se estabelecerá quando a humanidade respeitar a harmonia que Deus instituiu na criação e na alma do homem como um reflexo de suas infinitas perfeições.

---

<sup>139</sup> VIER, F. F. (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 458.

Segundo seus ensinamentos, "Contrasta clamorosamente com essa perfeita ordem universal a desordem que reina entre indivíduos e povos, como se as suas mútuas relações não pudessem ser reguladas senão pela força" (*Pacem in Terris*, p. 248). Ele lutava pela verdade, a justiça, o amor e a liberdade: "Portanto, a todos os amantes da paz impõe-se uma obrigação, que é educar as novas gerações para estes ideais, a fim de preparar uma era melhor para a humanidade inteira" (*Pacem in Terris*, p. 249). Papa João XXIII afirmava que, para a sustentação da paz, é preciso o reconhecimento da existência de uma lei moral que regule as relações entre os homens e que haja respeito por ela.

Nesse sentido, destaca-se também o Papa João Paulo II (1920-2005). Karol Józef Wojtyła era polonês, da cidade de Wadowice, quebrando assim o ciclo de seguimento de papas italianos. Foi inserido na vida religiosa muito jovem, quando perdeu toda a família antes dos 21 anos de idade e teve que trabalhar como ator e roteirista para prover seu sustento, antes de iniciar a vida religiosa. Seu papado foi o terceiro maior da história. Era muito culto, falava mais de dez idiomas. Estudou Teologia em Roma, na Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino, onde conseguiu a sua licenciatura e, posteriormente, o seu primeiro doutorado em Teologia, com a tese *A doutrina da fé segundo São João da Cruz*.

Foi um dos papas mais populares, sendo mundialmente conhecido por suas viagens evangelísticas. Levou a religião católica aos quatro cantos do mundo, tendo viajado para mais de 120 países, consagrando-se assim como um dos papas mais importantes e articulados da história. João Paulo II foi proclamado "venerável" pelo seu sucessor papal, o Papa Bento XVI. Foi proclamado beato em 1º de maio de 2011 pelo mesmo papa na Praça de São Pedro, no Vaticano. Em 27 de abril de 2014, numa cerimônia inédita presidida pelo Papa Francisco, e com a presença do Papa Emérito Bento XVI, foi declarado santo juntamente com o Papa João XXIII.

A respeito da paz, Papa João Paulo II esclarece: "Como afirmou o Concílio Vaticano II, 'a paz é fruto da ordem que o divino Criador estabeleceu para a sociedade humana e que deve ser realizada pelos homens, sempre anelantes por uma mais perfeita justiça'" (*Mensagem de Sua Santidade João Paulo II para a celebração do XXXV Dia Mundial da Paz*, n. 3). O Papa João Paulo II foi considerado arauto da paz: "Se é possível, a paz é um dever" (*Mensagem de Sua Santidade João Paulo II para a*

*celebração do XXXVII Dia Mundial da Paz*). Na Assembleia Geral das Nações Unidas, no dia 5 de outubro de 1995, João Paulo II trouxe as seguintes palavras sobre a paz:

Não vivemos num mundo irracional ou sem sentido, mas [...] existe uma lógica moral que ilumina a existência humana e torna possível o diálogo entre os homens e os povos. A "gramática" transcendente, ou seja, o conjunto de regras da ação individual e do recíproco relacionamento entre as pessoas de acordo com a justiça e a solidariedade, está inscrita nas consciências, nas quais se reflete o sábio projeto de Deus. Como recentemente quis reafirmar, nós cremos que na origem está o Verbo eterno, a Razão, e não a Irracionalidade. A paz é, portanto, também uma tarefa que compromete cada indivíduo a uma resposta pessoal coerente com o plano divino. O critério que deve inspirar esta resposta não pode ser senão o respeito pela "gramática" escrita no coração do homem pelo seu divino Criador (*Apostolic Journey of His Holiness John Paul II to the United States of America*, n. 3).

Segundo palavras do santo Papa João Paulo II no XXXV Dia Mundial da Paz, em 2002: "Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão" (*Mensagem de Sua Santidade João Paulo II para a celebração do XXXV Dia Mundial da Paz*).

As colunas da verdadeira paz são a justiça e aquela forma particular de amor que é o perdão. [...] Mas o perdão opõe-se ao rancor e à vingança, e não à justiça. Na realidade, a verdadeira paz é "obra da justiça" (Is 32, 17). Como afirmou o Concílio Vaticano II, a paz é "fruto da ordem que o divino Criador estabeleceu para a sociedade humana, e deve ser realizada pelos homens, sempre anelantes por uma mais perfeita justiça" (*Mensagem de Sua Santidade João Paulo II para a celebração do XXXV Dia Mundial da Paz*, n. 2-3).

O Papa João Paulo II por onde passou sempre deixou uma mensagem de esperança, dizendo que a paz entre as culturas não é utopia. Ele foi uma das pessoas mais marcantes na prática do diálogo inter-religioso, pois foi o primeiro papa católico a visitar uma sinagoga e uma mesquita. O santo Papa mostrou que por intermédio do diálogo inter-religioso é preciso promover a paz entre os povos, sendo necessário

para isso somente a disposição de ouvir, compreender e respeitar-se mutuamente. O diálogo inter-religioso baseia-se na consciência viva do valor da alteridade e da riqueza da diversidade.

Na atualidade, quem tem se destacado e dado grande exemplo de ações em prol da paz, da justiça e não violência é o Papa Francisco (1936-). Jorge Mario Bergoglio nasceu em Buenos Aires, Argentina, sendo o primeiro papa latino-americano, o primeiro pontífice do hemisfério Sul, o primeiro papa a utilizar o nome de Francisco e o primeiro pontífice não europeu em mais de 1.200 anos. Formado em Filosofia e doutor em Teologia, foi ordenado sacerdote aos 30 anos de idade.

Foi eleito papa em 13 de março de 2013 e escolheu ser conhecido como Papa Francisco por ser devoto de São Francisco de Assis<sup>140</sup>, um exemplo de humildade e devoção. São Francisco de Assis encarnou a paz com o mundo e com Deus, propondo a fraternidade como base de sua Ordem.

O cântico do Sol  
Ó Senhor,  
Fazei de mim um instrumento de vossa paz:  
Onde há ódio, que eu leve o amor;  
Onde há ofensa, que eu leve o perdão;  
Onde há discórdia que eu leve a união;  
Onde há dúvida, que eu leve a fé;  
Onde há erro, que eu leve a verdade;  
Onde há desespero, que eu leve a esperança;  
Onde há tristeza, que eu leve a alegria;  
Onde há trevas, que eu leve a luz.  
Ó Mestre,  
Fazei que eu busque mais  
Consolar que ser consolado;  
Compreender que ser compreendido;  
Amar, que ser amado,  
Porque é dando que se recebe;

---

<sup>140</sup> FRANCISCO, P. *O Espírito de São Francisco. Palavras inspiradoras do Papa Francisco sobre o santo dos pobres e protetor dos animais*, p. 104.

É perdoando que se é perdoado;

É morrendo que se vive para a vida eterna. Amém.<sup>141</sup>

Logo após ser eleito, o Papa Francisco começou a desenhar uma trajetória que promete entrar para a história como uma das mais importantes da Igreja, por ser extremamente popular, adepto de costumes simples e humilde, não apegado a coisas materiais deste mundo. Continuou a usar o crucifixo que usava enquanto cardeal, que é de aço, e não de ouro, como de costume com papas anteriores.

Papa Francisco se destaca pela sua humildade, tendo uma especial preocupação com os pobres. Firmou um compromisso harmonioso e aberto com o diálogo inter-religioso, tem elevado potencial discursivo, inteligência diplomática e grande e cativante carisma. Em 4 de fevereiro de 2019, o Papa e o Grande Imame de Al-Azhar assinaram a Declaração de Abu Dhabi, que incentiva homens e mulheres a promoverem a justiça e a paz. Esse encontro inter-religioso ocorreu no Memorial do Fundador, em Abu Dhabi, no âmbito da viagem apostólica do Papa Francisco aos Emirados Árabes. O documento é um marco na relação entre o cristianismo e o islamismo.

O compromisso firmado entre o Papa Francisco e o Grande Imame de Al-Azhar, Ahmad Al-Tayyib, indica uma valorização da cultura do diálogo, da colaboração comum e do conhecimento mútuo. O documento é um apelo para pôr fim às guerras e condena os flagelos do terrorismo e da violência, especialmente os que têm motivos religiosos. "A fé leva o crente a ver no outro um irmão a ser apoiado e amado", diz o prefácio.<sup>142</sup>

O Papa Francisco exortou todos os seres humanos a se comprometerem com a cultura da tolerância, da convivência pacífica entre as religiões, pondo fim aos conflitos, à degradação ambiental e ao declínio cultural e moral, implementando uma distribuição justa dos recursos naturais. Lembrou, junto ao Grande Imame, que Deus,

---

<sup>141</sup> BOFF, L. *A Oração de São Francisco: uma mensagem de paz para o mundo atual*, p. 5.

<sup>142</sup> BECK, Júlia. *Assinatura do Documento sobre a fraternidade humana completa um ano*.



o “Todo-Poderoso, não precisa ser defendido por ninguém e não quer que o Seu nome seja usado para aterrorizar as pessoas”.<sup>143</sup>

Um documento pensado com sinceridade e seriedade para ser uma declaração conjunta de boas e leais vontades, capaz de convidar todas as pessoas, que trazem no coração a fé em Deus e a fé na *fraternidade humana*, a unir-se e trabalhar em conjunto, de modo que tal documento se torne para as novas gerações um guia rumo à cultura do respeito mútuo, na compreensão da grande graça divina que torna irmãos todos os seres humanos (*Documento sobre a Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e da convivência comum*).

O documento garante que:

A liberdade é um direito de toda pessoa: cada um goza da liberdade de credo, de pensamento, de expressão e de ação. O pluralismo e as diversidades de religião, de cor, de sexo, de raça e de língua fazem parte daquele sábio desígnio divino com que Deus criou os seres humanos. Esta Sabedoria divina é a origem donde deriva o direito à liberdade de credo e à liberdade de ser diferente. Por isso, condena-se o fato de forçar as pessoas a aderir a uma determinada religião ou a uma certa cultura, bem como de impor um estilo de civilização que os outros não aceitam (*Documento sobre a Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e da convivência comum*).

Durante o encontro, o Papa Francisco reitera a importância das religiões, afirmando que elas não podem renunciar à tarefa urgente de construir pontes entre os povos e as culturas:

“Não há alternativa: ou construímos juntos o futuro ou não haverá futuro”. [...] Chegou o momento de as religiões trabalharem mais ativamente, com coragem e audácia, sem fingimentos, para ajudar a família humana a amadurecer a capacidade de reconciliação, a visão de esperança e os caminhos concretos para a paz.<sup>144</sup>

---

<sup>143</sup> BECK, Júlia. *Assinatura do Documento sobre a fraternidade humana completa um ano*.

<sup>144</sup> BECK, Júlia. *Assinatura do Documento sobre a fraternidade humana completa um ano*.

Com esse passo de abertura para o diálogo inter-religioso, o Papa Francisco demarca uma nova fase nas relações entre religiões em busca da paz entre os povos, numa liberdade de consciência religiosa. O Papa Francisco é defensor da não violência quando na resolução de conflitos, porque a violência provoca enormes sofrimentos do qual se tem ciência: guerras em diferentes países e continentes; terrorismo, criminalidade e ataques armados imprevisíveis; os abusos sofridos pelos migrantes e as vítimas de tráfico humano.

Nesta ocasião, desejo deter-me na *não violência* como estilo duma política de paz, e peço a Deus que nos ajude, a todos nós, a inspirar na não violência as profundezas dos nossos sentimentos e valores pessoais. Sejam a caridade e a não violência a guiar o modo como nós tratamos uns aos outros nas relações interpessoais, sociais e internacionais. Quando sabem resistir à tentação da vingança, as vítimas da violência podem ser os protagonistas mais credíveis de processos não-violentos de construção da paz (*Mensagem do Santo Padre Francisco para a Celebração do 50º Dia Mundial da Paz*).

O Papa Francisco tem um firme propósito de pregar a não violência em prol da construção da paz, seja por meio de caridade ou no cotidiano dos relacionamentos interpessoais. O Quadro 2, a seguir, apresenta um resumo das lideranças supracitadas que criaram espaços de paz.

**Quadro 2 – Quadro-resumo de lideranças que criaram espaços de paz**

Líderes	Palavras-chave	Data
Santo Agostinho	Bem viver chamado paz	(354-430)
São Tomás de Aquino	Virtude da prudência	(1227-1274)
Mahatma Gandhi	Igualdade	(1869-1948)
Nelson Mandela	Liberdade	(1918-2013)
Martin Luther King Jr.	Igualdade, justiça e paz. "I Have a Dream" (Eu tenho um sonho)	(1929-1968)
Papa João XXIII	Respeito da ordem	(1881-1963)
Papa João Paulo II	Arauto da paz, justiça, diálogo inter-religioso	(1920-2005)
Papa Francisco	Diálogo, humildade	(1936-)

Fonte: A autora (2022).

## 1.4 BREVE CONCLUSÃO

Após ter realizado uma visita a alguns personagens e eventos de paz, conclui-se que há uma imensa necessidade de pesquisa sobre o tema em pauta. Mesmo já tendo ocorrido muitas ações em prol da paz mundial, sua concretização ainda é um sonho.

O Papa Francisco nos convida à reflexão quando diz que a “fé leva o crente a ver no outro um irmão que se deve apoiar e amar. Da fé em Deus, que criou o Universo, as criaturas e todos os seres humanos, o crente é chamado a expressar esta fraternidade humana, salvaguardando a criação e todo o Universo” (*Documento sobre a Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e da convivência comum*). Ele afirma que Deus criou os seres humanos para comungarem uns com os outros e que não há espaço para ódio e guerra, mas somente para união e comunhão entre povos.

O diálogo, a compreensão, a difusão da cultura da tolerância, da aceitação do outro e da convivência entre os seres humanos contribuiriam significativamente para a redução de muitos problemas econômicos, sociais, políticos e ambientais que afligem grande parte do gênero humano (*Documento sobre a Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e da convivência comum*).

Os bispos católicos da Ásia, em documentos de grande riqueza e significação, vêm apontando com firmeza a importância dessa diversidade religiosa, entendida como valor a ser preservado.<sup>145</sup> A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* destaca essa importante verdade da doutrina católica sobre a Igreja e as religiões não cristãs:

A Igreja católica nada rejeita do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo. Olha com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que, embora se afastem em muitos pontos daqueles que ela própria segue e propõe, todavia, refletem não raramente um raio da verdade que ilumina todos os homens. No entanto, ela anuncia, e tem mesmo obrigação de anunciar incessantemente Cristo, “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6), em quem os

---

<sup>145</sup> TEIXEIRA, F. *Teologia e pluralismo religioso*, p. 170.

homens encontram a plenitude da vida religiosa e no qual Deus reconciliou consigo todas as coisas (NA).

Após esta pesquisa contemplando na primeira seção tratados de paz ao longo da história e visões e percepções de importantes personagens religiosas e pacifistas em suas ações nos seus espaços como agentes da paz, a seção II se debruça numa pesquisa aprofundada sobre o tratado de Paz de Westfália. Em um mundo conturbado e cheio de ódio e guerra, é preciso buscar um resgate da paz entre povos religiosos, por meio de ações em promoção de uma cultura de paz.

## 2. NO PALCO DE WESTFÁLIA, A PAZ É ENCENADA PROPAGANDO-SE DO VELHO AO NOVO MUNDO

Após discorrer na primeira seção sobre experiências na busca da paz ao longo da história, neste momento a atenção recai sobre uma cidade ao norte da Alemanha, Osnabrück, que foi palco de importantes acontecimentos anteriormente relatados, em especial o Tratado de Paz de Westfália. O que tudo isso trouxe de contribuições? É exatamente isso que será apresentado nesta seção, que mostra a experiência de Osnabrück na busca pela paz entre as religiões por meio do diálogo inter-religioso, tendo como mote o respeito à alteridade. Realizou-se em 2021 uma pesquisa *in loco*, para compreender melhor como se deu esse processo e quais os reflexos dessas decisões no mundo contemporâneo.

**Figura 2 – Vista aérea da cidade de Osnabrück<sup>1</sup>**



---

<sup>1</sup> OSNABRÜQUE.

Figura 3 – Centro Histórico de Osnabrück<sup>2</sup>



## 2.1 DO TRATADO DE PAZ DE WESTFÁLIA ÀS CENAS DE PAZ NA CIDADE DE OSNABRÜCK

A Paz de Westfália foi composta por dois acordos distintos, ambos firmados em 24 de outubro de 1648, tendo como uma das partes signatárias o Sacro Império Romano: o primeiro deles, o Tratado de Osnabrück, concluído com o Reino (protestante) da Suécia, e o segundo deles, o Tratado de Münster, firmado com o Reino (católico) da França. Tais documentos foram redigidos após longo processo de negociação, que contou com a presença de representantes de outros reinos e de mais de trezentos principados e Stände (corpos políticos autônomos ou quase autônomos) do próprio Império.<sup>3</sup>

O processo de negociação desses acordos reuniu os principais governantes e plenipotenciários europeus da época. O ponto de destaque desse processo residia na própria forma com que os delegados se apresentavam, uma vez que se referiam

---

<sup>2</sup> CITY of Osnabrück.

<sup>3</sup> BEAULAC, S. *The Westphalian model in defining international law: challenging the myth*, p. 199.

a si mesmos como o "Senado do mundo cristão"<sup>4</sup>, em clara referência à presunção de uma "respublica christiana" (ou cristandade), capaz de integrá-los a uma única comunidade. Contudo, ao longo do processo de negociação, os contendores não se posicionavam como membros dessa comunidade universal.

Defende-se aqui que o aspecto mais relevante desses acordos de paz consiste no arranjo institucional que eles produzem no seio do Sacro Império e o pacto de compromisso que resultou na fixação de parâmetros para tolerância religiosa. Indubitavelmente, as cláusulas de natureza religiosa dos tratados representam parte relevante de seu legado.<sup>5</sup> Tais cláusulas consagravam inúmeras garantias relativas à tolerância religiosa aptas a disciplinarem as práticas religiosas no interior do Império.

Os clássicos *The Peace of Westphalia, 1648-1948*, de Leo Gross, e *The Problem of Sovereignty Reconsidered*, de Hans J. Morgenthau<sup>6</sup>, ambos datados de 1948, contribuíram significativamente para a consolidação da ideia de que os Tratados de Paz de Westfália representam uma "pedra angular" para a consolidação do moderno sistema de Estados. Tais trabalhos são representativos das principais correntes dos estudos das relações internacionais, o idealismo/institucionalismo e o realismo, e teriam contribuído para que tais premissas fossem assumidas por diferentes tradições científicas. Lima<sup>7</sup> afirma que não é difícil compreender que, em 1648, quando o Tratado de Westfália pôs fim à guerra, encerrou-se a era dos conflitos religiosos, instaurando-se a dos conflitos políticos; além disso, sinalizou que a concepção medieval da Europa, há muito moribunda, chegara a ser termo, dando lugar ao aparecimento do Estado moderno.

Esses aspectos concorrem para o desenvolvimento da ideia de que a concretização material dos elementos constitutivos da soberania seria resultado direto da Paz de Westfália.<sup>8</sup> Devido à sua importância, é relevante reafirmar, mais uma vez, os três princípios fundamentais estabelecidos pelo Tratado da Paz de

---

<sup>4</sup> LESAFFER, R. *The Westphalia peace treaties and the development of the tradition of great European peace treaties prior to 1648*, p. 82.

<sup>5</sup> GROSS, L. *The peace of Westphalia, 1648-1948*.

<sup>6</sup> GROSS, L. *The peace of Westphalia, 1648-1948*, p. 24-26.

<sup>7</sup> LIMA, O. *História da civilização*, p. 38.

<sup>8</sup> GORDON, K. *The origins of the Westphalian Sovereignty*, p. 3-4.

Westfália: a) o princípio da liberdade religiosa dos Estados; b) o princípio da soberania dos Estados; c) o princípio da igualdade entre os Estados. Esses três princípios, quando vistos em conjunto, formam o núcleo fundamental da sociedade internacional moderna, sendo, portanto, o Tratado de Westfália.<sup>9</sup>

Os principais tratados desde a Idade Antiga até a Idade Moderna regulamentavam o Direito de Guerra, geralmente colocando fim ao estado de beligerância. O principal dos tratados da Idade Moderna foi a Paz de Westfália de 1648, que colocou término à Guerra dos Trinta Anos (1618-1648). O caminho da guerra e do Direito se cruzam de maneira mais clara e definida no século XVII, quando surgiu o Direito Internacional clássico.<sup>10</sup>

Quando se fala em século XVII, há a lembrança sempre de cem anos sem progresso para a humanidade. Guerras e desolação tomaram conta do continente europeu nesse tempo. Por outro lado, o século anterior (XVI) foi marco pelas grandes navegações, pelo renascimento, pela corrida para um novo mundo de riquezas e maravilhas e pelas revolucionárias invenções. É inclusive o século da Reforma Protestante.

O Tratado de Westfália representa um grande avanço para o Direito como um todo, pois, a partir de então, as relações interestatais passaram a ser asseguradas e reguladas por um Direito comum a todos os Estados. Para a formação do Direito Internacional, o século XVII foi importantíssimo. Não se pode deixar de lembrar que dois dos maiores pensadores que influenciaram o Direito moderno viveram e escreveram suas principais obras nesse século: o holandês Hugo Grotius, com seu *Direito da guerra e da paz* (1625), e o inglês Tomas Hobbes, com *O leviatã* (1651). Enquanto Hobbes era católico, Grotius seguia o protestantismo.<sup>11</sup>

Grotius achava que a competência da Igreja era servir de apoio espiritual para os Estados católicos. Não cabia ao Vaticano interferir nos assuntos políticos dos Estados, pois, assim, nações católicas e protestantes poderiam viver em paz, sem a religião. Para Hobbes, o que poderia unir os soberanos e evitar a guerra era a

---

<sup>9</sup> GROSS, L. *The peace of Westphalia, 1648-1948*, p. 46.

<sup>10</sup> HOBBS, T. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*, p. 83.

<sup>11</sup> HOBBS, T. *Do cidadão*, p. 97; GROTIUS, H. *O direito da guerra e da paz*, p. 28



desconfiança mútua entre eles.<sup>12</sup> Só se relacionariam para evitar que um enfrentasse o outro, estabelecendo limites. Ao contrário, Grotius via que os soberanos deveriam formar uma sociedade de valores comuns, onde propósitos comuns a todos deveriam ser obedecidos, para uma pacífica convivência e assim compartilhem a lei natural, ressaltando-se aí a força do jus naturalismo na formação do Direito Internacional.<sup>13</sup> O Tratado de Westfália afirma em suas primeiras sentenças que a paz deve ser “cristã, universal, perpétua e que ela seja uma amizade verdadeira e sincera”.<sup>14</sup>

Desse modo, como imaginou Grotius, esse tratado foi uma estabilidade conseguida pela confiança mútua entre as partes.<sup>15</sup> Sem a interferência da Santa Sé no Tratado, a Paz de Westfália era uma obrigação civil entre os governantes, que eram simultaneamente magistrados e partes. Assim se definiu que, a partir daquele momento, o Vaticano não seria mais o juiz entre desentendimentos intergovernamentais, pondo fim à participação da Igreja nos assuntos políticos dos Estados, devendo o clero se limitar apenas às questões religiosas e espirituais. A obra de Grotius serviu de inspiração para nortear os princípios jurídicos a serem aclamados na composição do Tratado de Westfália. A proposição de “O Direito da guerra e da paz”<sup>16</sup> serviu como inspiração para a formulação da Paz de Westfália, tratado que representa um marco para a evolução do Direito Internacional

Fábio Floh observa não apenas a revisão da Ordem Internacional e dos parâmetros tradicionais das relações internacionais, mas também o estabelecimento de novas bases para o sistema de normas de Direito Internacional, ou seja, o surgimento de uma nova ordem jurídica, tal como proposto na obra clássica de H. Grotius, alguns anos antes da Paz de Westfália.<sup>17</sup> Pode-se considerar a Paz de Westfália como um dos instrumentos internacionais mais importantes de todos os tempos.

---

<sup>12</sup> HOBBS, T. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*, p. 106.

<sup>13</sup> GROTIUS, H. *O direito da guerra e da paz*, p. 124.

<sup>14</sup> ROMANO, R. *Paz da Westfália (1648)*, p. 83.

<sup>15</sup> GROTIUS, H. *O direito da guerra e da paz*, p. 137.

<sup>16</sup> GROTIUS, H. *O direito da guerra e da paz*, p. 206.

<sup>17</sup> FLOH, F. *Direito Internacional Contemporâneo: elementos para a configuração de um direito internacional neovestfaliano*, p. 220.

Além de ser a forma jurídica da resolução da Guerra dos Trinta Anos, o tratado trazia em seu conteúdo a positivação dos princípios norteadores do Direito das Gentes, formando-se assim a Ciência Jurídica que regulamentava a relação entre Estados. Entre os princípios positivados no teor desse acordo, pode-se destacar: a dessacralização da guerra e a limitação ao seu uso; a valorização dos tratados, como instrumentos capazes de criar normas que expressam a vontade convergente dos Estados; a instituição de um ordenamento jurídico internacional; e o engrandecimento de uma Ciência Jurídica do "Jus Gentium".

Destacamos ainda a busca de meios pacíficos para a solução de conflitos, sempre valorizando a paz; a relatividade das partes, ou seja, os efeitos da guerra devem atingir diretamente apenas os envolvidos, criando dessa forma um estado de neutralidade aos não envolvidos; a elaboração de teorias que priorizassem o progresso da sociedade internacional como uma entidade composta por Estados soberanos; e a instituição do Estado moderno, composto de uma ordem soberana que impera sobre o povo que vive. Sobre a grande importância desse tratado, Guido Soares observa que:

A denominada Paz de Westfália consagraria a regra que passaria a ser conhecida em sua formulação detestável no latim cartorário da época: *hujus regio, ejus religio*, traduzindo, "na região dele, a religião dele". Na verdade, a regra de Westfália nada mais quer significar do que: na região (leia-se território) sob império de um príncipe, esteja vigente unicamente uma ordem jurídica, sua ordem jurídica. [...] trata-se da definitiva consagração do princípio que passaria a dominar toda a concepção moderna sobre eficácia (existência e aplicabilidade) das normas dos sistemas jurídicos nacionais: a territorialidade do direito.<sup>18</sup>

Segundo Dallari, o Tratado de Paz de Westfália teve o caráter de documentação da existência de um novo tipo de Estado, com a característica básica de unidade territorial dotada de um poder soberano.<sup>19</sup> Os Tratados de Münster e Osnabrück nos chamam a atenção pela sua importância na história, sobretudo para

---

<sup>18</sup> SOARES, G. F. S. *Direito internacional*, p. 29.

<sup>19</sup> DALLARI, D. A. *A constituição na vida dos povos: da Idade Média ao século XXI*, p. 70.

o desenvolvimento do Direito Internacional<sup>20</sup>, pois impôs o respeito à liberdade religiosa, proibindo a perseguição tanto por força física quanto por força armada; declarou o direito de fazer acordos de manter a paz e respeitar os direitos humanos, direitos estes que foram validados na atualidade.

Hoje esses direitos estão assegurados na legislação brasileira pela Constituição de 1988<sup>21</sup>:

Art. 5º. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

Inciso VI – é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo o assegurado livre para exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.<sup>22</sup>

No âmbito mundial, surgiu a Declaração Universal dos Direitos Humanos<sup>23</sup>, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948, como uma norma comum que todos os povos e nações devem alcançar. Moldado por duas guerras mundiais e impulsionado pelo desejo de uma paz duradoura, esse documento estabeleceu, pela primeira vez, a proteção e o fortalecimento universal dos direitos humanos. Essa declaração é o acordo internacional escrito mais abrangente hoje com o objetivo de manter a paz.

A ONU, ao assegurar os direitos humanos, visa que todas as nações do mundo os respeitem, pois, “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. São dotados de razão e de consciência, e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”.

Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da

---

<sup>20</sup> DALLARI, D. A. *Elementos de teoria geral do Estado*, p. 38.

<sup>21</sup> BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*.

<sup>22</sup> BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*.

<sup>23</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*.

liberdade, da justiça e da paz no mundo. Considerando que o desprezo e o desrespeito pelos direitos humanos resultaram em atos bárbaros que ultrajaram a consciência da humanidade e que o advento de um mundo em que mulheres e homens gozem de liberdade de palavra, de crença e da liberdade de viverem a salvo do temor e da necessidade foi proclamado como a mais alta aspiração do homem comum. [...] Agora portanto a Assembleia Geral proclama a presente Declaração Universal dos Direitos Humanos como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade tendo sempre em mente esta Declaração, esforce-se, por meio do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades, e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universais e efetivos, tanto entre os povos dos próprios Países-Membros quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição.<sup>24</sup>

A Declaração Universal dos Direitos Humanos tem como objetivo evitar guerras, promover a paz mundial e fortalecer os direitos humanitários e, principalmente, manter tratamento digno e igualitário a todos os povos do mundo.

Artigo 2. Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional. [...]

Artigo 18. Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; esse direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença pelo ensino, pela prática, pelo culto em público ou em particular.<sup>25</sup>

A Anistia Internacional (AI), fundada em Londres em 1961, é uma organização de defesa dos direitos humanos e assumiu a tarefa de exigir o seu cumprimento e prevenir a sua violação com uma política preventiva. A organização recebeu o Prêmio

---

<sup>24</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*.

<sup>25</sup> SENADO FEDERAL. *Direitos humanos: atos internacionais e normas correlatas*, p. 21.

Nobel da Paz em 1977. Hoje conta com seções nacionais em mais de 50 países e tem mais de sete milhões de membros e apoiadores em 150 países.<sup>26</sup>

Fixada em Osnabrück desde 1969, o grupo local, em 2008, comemorou o 60º aniversário da Declaração Universal dos Direitos do Homem colocando oito quadros com artigos sobre os direitos humanos nas colunas que cercam a praça da Paz de Westfália, abaixo da biblioteca da cidade. A presença pública dos artigos de direitos humanos enriquece o compromisso de paz da cidade de Osnabrück, que foi agraciada pela ONU com o título de “Cidade da paz”.

**Figura 4 – Quadros com artigos sobre os Direitos Humanos fixados pela cidade<sup>27</sup>**



Esse selo foi um marco na história da Europa.<sup>28</sup> A Paz de Westfália foi negociada em 1648 nas prefeituras de Osnabrück e Münster. Essa paz encerrou a devastadora Guerra dos Trinta Anos e a Era das Guerras Confessionais por meio de negociações diplomáticas em vez de força militar.

<sup>26</sup> GEHRKE, Mirjam. 1961: *Fundação da Anistia Internacional*.

<sup>27</sup> A autora.

<sup>28</sup> Osnabrück recebeu o título de “Cidade da Paz” ou “City of Peace”. A proclamação da Paz de Westfália, em 1648, foi o acontecimento mais marcante da história da cidade, e os cidadãos de Osnabrück estão ativamente comprometidos com a ideia de paz até hoje. A Câmara Municipal de Osnabrück ostenta o selo do patrimônio cultural europeu como um “Local de Paz da Westfália”.

Figura 5 – Tratado de Paz<sup>29</sup>

Com a assinatura do Tratado de Paz<sup>30</sup>, Osnabrück lançou as primeiras bases para uma comunidade europeia de Estados e se tornou um pilar das relações internacionais<sup>31</sup> que ainda são válidas hoje. Em Osnabrück, uma conquista especial, única na Alemanha, foi acordada: uma sucessão alternada de príncipes-bispos católicos e protestantes, que durou até 1803 e regulamentou a coexistência pacífica entre as denominações.

Em Münster e Osnabrück, sendo então cidades neutras e de paz, conselhos intensivos foram dados durante anos, principalmente em pequenos grupos. Um importante avanço foi alcançado em Osnabrück no verão de 8 de agosto de 1648: o documento *Instrumentum pacis Caesareo-Suecicum sive Osnabrugense* foi assinado no salão da embaixada pelo enviado sueco Oxenstierna, que residia com sua grande embaixada na Grande Catedral da Liberdade, sendo esse momento “celebrado entre o imperador, as propriedades imperiais e a coroa da Suécia”.

Depois que a paz entre o imperador e a França foi negociada em Münster, os dois tratados de paz foram assinados em 24 de outubro de 1648. O então prefeito de

<sup>29</sup> A autora.

<sup>30</sup> PHILIPPI, F. et al. *Livro de documentos de Osnabrück*, v. V, VI e VII.

<sup>31</sup> BRUNERT, M.-E. *Vom Rapular zum Dictatum. Entstehungsstufen der reichsständischen Protokolle*.

Osnabrück, Schademann, que esteve presente em Münster, e o sindicato da cidade de Bögers levaram a mensagem a Osnabrück no dia 25 de outubro do mesmo ano.

Os tratados de paz encerraram a Guerra dos Trinta Anos na Alemanha. O Tratado de Paz de Osn/abrück incluiu direitos iguais para todas as religiões e garantiu uma paz religiosa duradoura. Ele também criou uma constituição para o império.

**Figura 6 – Sala da paz dentro da Prefeitura de Osnabrück, local onde foram assinados os Tratados de Münster e Osnabrück<sup>32</sup>**



---

<sup>32</sup> A autora.

Figura 7 – Prefeitura de Osnabrück<sup>33</sup>



Figura 8 – Maçaneta da porta da Prefeitura de Osnabrück<sup>34</sup>



<sup>33</sup> A autora.

<sup>34</sup> A autora.



Além da ideia de tolerância religiosa existe também a ideia de compromisso. Ambas as conquistas, tão decisivas para a história europeia, continuam a ser um mandato e uma obrigação para os “lugares da Paz de Westfália”: Osnabrück e Münster. As palavras-chave e os campos de ação para isso são o diálogo religioso e a participação, numa convivência pacífica de culturas e religiões. Essa cultura é vivida e desenvolvida em inúmeras atividades e formatos de eventos nacionais e europeus. Existem na cidade vários espaços de ações em prol da paz em diversos segmentos com vistas aos direitos humanos na promoção da paz.

Na primavera de 1986, a cidade de Osnabrück foi convidada pela primeira vez para negociações de paz em sua histórica prefeitura. Desde então, as negociações de paz se estabeleceram como um fórum de discussão para questões sobre construção e manutenção da paz e ganharam atenção nacional. Entre os convidados estão regularmente importantes personalidades internacionais da ciência, cultura, religião e política.

Todos os anos há sete eventos regulares na Cidade da Paz que são documentados no *Anuário Paz e Ciência de Osnabrück*, que também oferece contribuições para os principais tópicos que mudam anualmente. As negociações de paz são organizadas conjuntamente pela cidade e pela Universidade de Osnabrück.<sup>35</sup>

## 2.2 EVENTOS CULTURAIS PROMOTORES DE PAZ EM OSNABRÜCK

Traremos aqui algumas dessas manifestações culturais de paz que ocorrem na cidade de Osnabrück, que, além de estar engajada com o diálogo entre as religiões no campo educacional, também está nos campos cultural e literário.

Em 2020, foi publicado o *Handbook Peace in Early Modern Europe*<sup>36</sup>, de 1.100 páginas, que inclui 51 artigos sobre conceitos e ideias de paz, ordens de paz, práticas e processos de paz, cultura de paz e primeiros acordos de paz modernos.<sup>37</sup> A diretora do Centro de Pesquisa do Instituto de História Cultural da Primeira Idade Moderna

---

<sup>35</sup> PHILIPPI, F. et al. *Livro de documentos de Osnabrück*, v. V, VI e VII.

<sup>36</sup> DINGEL, I. et al. *Handbook of Peace in Early Modern Europe*.

<sup>37</sup> O manual bilíngue, alemão e inglês, foi publicado pela Gruyter em dezembro de 2020. Chegamos a Osnabrück logo após seu lançamento.

(IKFN), Profa. Dra. Siegrid Westphal, enfatiza a grande importância da época em discussão:

O início do período moderno fornece as bases centrais para nossa compreensão da paz hoje e para nossa diplomacia da paz hoje. Basta pensar na Paz de Westfália negociada em Osnabrück em 1648. Sem ela e os inúmeros outros esforços e processos de paz do período de 1500 a 1800, a política de paz do presente seria inconcebível.<sup>38</sup>

O manual suprarreferido propõe visões de paz, projetos e regulamentos de paz, ações de paz governamentais e não governamentais e manifestações culturais de paz. Os artigos que o compõem tratam de congressos de paz, táticas de negociação, paz doméstica e rural, culturas da memória e símbolos da paz na arte e na literatura, assim como dos acordos de paz mais importantes da época. Dr. Volker Arnke, assistente de pesquisa no Centro de Pesquisa do IKFN e editor-chefe do manual, explica sua importância:

Nossa abordagem multiperspectiva, que liga questões históricas com questões filosóficas, teológicas, musicológicas, história da arte, linguística e ciências sociais, tem como objetivo fornecer uma ilustração holística da questão da paz. Nosso manual é, portanto, do interesse de pesquisadores de várias disciplinas, mas também de todas as pessoas que se sentem conectadas à paz.<sup>39</sup>

Siegrid Westphal acrescenta: "Estamos muito orgulhosos de que, neste ano difícil, em meio à pandemia mundial, conseguimos concluir nosso grande projeto de manual internacional".<sup>40</sup>

Outra ação em prol do reconhecimento e desenvolvimento da paz é o Prêmio Erich Maria Remarque da Paz. Em memória do envolvimento pacifista de Erich Maria Remarque, Osnabrück tem concedido o Prêmio da Paz Erich Maria Remarque a cada dois anos desde 1991. O prêmio é atribuído a autores que tratem do tema "paz interna

---

<sup>38</sup> DINGEL, I. et al. *Handbook of Peace in Early Modern Europe*, p. 63.

<sup>39</sup> DINGEL, I. et al. *Handbook of Peace in Early Modern Europe*.

<sup>40</sup> DINGEL, I. et al. *Handbook of Peace in Early Modern Europe*, p. 44-49.

e externa" no sentido mais amplo, como guerra e paz, desarmamento, direitos humanos e liberdade, exílio, deslocamento e asilo, bem como a personalidades cujo compromisso jornalístico com a paz, a humanidade e a liberdade humana seja exemplar. O ganhador do Prêmio da Paz Erich Maria Remarque recebe 25.000 Euros, sendo este o prêmio mais dotado da cidade de Osnabrück. Além disso, há um prêmio especial de 5.000 Euros que é sugestão do júri, cujo conteúdo deve estar relacionado com o prêmio principal.

Erich Maria Remarque (1898-1970), natural de Osnabrück, nunca deixou que a estima por sua cidade natal e a ligação com ela diminuíssem até sua morte, por isso foi agraciado com a Medalha Möser da cidade de Osnabrück. Ele dizia: "Meu tema são as pessoas deste século, a questão da humanidade".<sup>41</sup> Segundo o documento de premiação:

No trabalho de sua vida rica, o Sr. Erich Maria Remarque sempre defendeu a paz, a liberdade e os direitos humanos, retratou a guerra em sua crueldade e insensatez e convocou as pessoas a agirem no sentido da verdadeira humanidade. Erich Maria Remarque é conhecido e apreciado mundialmente, seus livros foram traduzidos para mais de 50 idiomas. Em sua defesa da humanidade e da liberdade humana da opressão, ele é considerado uma testemunha confiável da língua e da cultura alemãs. É o que diz o obituário da Academia de Língua e Cultura.<sup>42</sup>

O obituário da Academia de Língua e Poesia, Darmstadt, refere-se a ele com gratidão: "Que sorte para o povo alemão que em seus piores tempos, quando o mundo via a Alemanha como inimiga do mundo, eles tinham representantes literários como este amigo mundial Erich Maria Remarque".<sup>43</sup>

A cidade e a Universidade de Osnabrück se comprometeram conjuntamente a manter o legado de Remarque e a trabalhar em seu espírito por um mundo mais humano. A entrega do "Prêmio Erich Maria Remarque da Paz da Cidade de

---

<sup>41</sup> PHILIPPI, F. *et al. Livro de documentos de Osnabrück*, v. V, VI e VII.

<sup>42</sup> PHILIPPI, F. *et al. Livro de documentos de Osnabrück*, v. V, VI e VII.

<sup>43</sup> PHILIPPI, F. *et al. Livro de documentos de Osnabrück*, v. V, VI e VII.

Osnabrück" também atende a esse objetivo. O Centro Erich Maria Remarque fica localizado na Praça da Paz.

**Figura 9 –Praça da Paz<sup>44</sup>**



---

<sup>44</sup> A autora.

Figura 10 – Visita da autora à Praça da Paz<sup>45</sup>



Na Praça da Paz também se encontra o “Bürgerbrunnen”, que é um chafariz, conhecido como “Fonte do cidadão”. É um monumento da paz<sup>46</sup> que conta a história da cidade com muitas representações figurativas: a água simboliza o fluxo do tempo; o mundo das lendas está escondido atrás da cortina de água; a maior tigela em que a água flui representa o passado; a tigela do meio representa o presente, e como não se sabe o que o futuro trará, o fluxo de água flui para a tigela menor antes que a água desapareça no subsolo. O imperador Friedrich Barbarossa, que concedeu a Osnabrück direitos de cidade em 1171, pode ser visto no topo da fonte. O leão na tigela grande representa a jurisdição conferida pelo Duque Heinrich, o Leão. O tribunal da cidade incluiu o direito de impor a pena de morte. A economia e o comércio estão sendo representados por trabalhadores; a cidade é toda envolta por muralhas; o cidadão arável de Osnabrück é mostrado com seu gado; a administração

---

<sup>45</sup> A autora.

<sup>46</sup> THÜMLER, H. *Der Dom zu Osnabrück*, p. 142.

da cidade e das igrejas também está muito bem representada, assim como a doença e a morte estão representadas de forma impressionante – a morte está representada por uma pessoa com uma grande foice, que ceifa muitas vidas.

Figura 11 – Bürgerbrunnen<sup>47</sup>



Um evento muito marcante para a cidade é a série de concertos "Musica pro pace"<sup>48</sup>, que dá vida a composições em que a ruína e o sofrimento da guerra, bem como os anseios de paz das pessoas, encontram expressão musical. Esses concertos comemoram a proclamação da Paz de Westfália e ocorrem anualmente na escadaria da Câmara Municipal de Osnabrück.

Os concertos de alta qualidade e sempre lotados são muito populares entre os amantes da música e enriquecem de forma especial as ofertas culturais da Cidade da Paz. Com seus programas multifacetados e encenação virtuosa, eles sempre

<sup>47</sup> OSNABRÜCK-Altstadt: Der Bürgerbrunnen.

<sup>48</sup> PHILIPPI, F. et al. *Livro de documentos de Osnabrück*, v. V, VI e VII.

despertaram grande interesse na mídia. As estações de rádio nacionais e internacionais gravaram concertos individuais e os transmitiram repetidamente. Além de composições muito famosas, também são encenadas obras raramente executadas ou esquecidas. Não é incomum que sejam raridades impressionantes que precisam ser redescobertas e disponibilizadas para um grande público durante os shows.

O foco do repertório, em particular, está direcionado às obras do século XX, mas o Renascimento e o Barroco também são representados com composições importantes. Nos shows, o público pode encontrar caminhos musicais que o tocam de maneira especial e possibilitam uma abordagem emocionante e impressionante para lidar com os temas da guerra e da paz. Musicólogos e compositores explicam as origens históricas, características musicais e mensagens das obras individuais com grande experiência. Desde o seu início, a série tem sido um componente central das "Conversas de Paz de Osnabrück", sob responsabilidade de Stefan Hanheide, que ensina musicologia histórica na Universidade de Osnabrück.

**Figura 12 – Música Pro Pace *Dona nobis pacem* – música da paz de 1945<sup>49</sup>**



---

<sup>49</sup> A autora.

A fonte Hobby Horse é uma reminiscência do Festival de Paz Infantil de Osnabrück "Hobby Horse Riding". Transformar as crianças em cavaleiros da paz foi a forma lúdica que Osnabrück encontrou para trabalhar o diálogo inter-religioso com os estudantes menores. No dia da paz, as escolas preparam um evento para comemorá-la, e cada criança confecciona o seu cavalo de pau e brinca de cavaleiro que promove a paz, e não a guerra. A equitação *hobby* é um festival de paz para crianças, que visa transmitir-lhes a ideia de tolerância e convivência pacífica de forma lúdica.

**Figura 13 – Fonte Hobby Horse<sup>50</sup>**



---

<sup>50</sup> A autora.



Figura 14 – Crianças em frente à prefeitura de Osnabrück caracterizadas como cavaleiros da paz<sup>51</sup>



---

<sup>51</sup> DAS OSNABRÜCKER Rathaus des Westfälischen Friedens.

Figura 15 – Criança caracterizada como cavaleiro da paz<sup>52</sup>



## 2.3 INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS PROMOTORAS DA PAZ EM OSNABRÜCK

Entre as instituições educacionais de Osnabrück, a Universität Osnabrück se destaca por contemplar em sua estrutura e seu currículo a diversidade religiosa, o diálogo inter-religioso e o respeito à alteridade. A universidade possui distintos institutos dentro do curso de Teologia, descritos na sequência.

### 2.3.1 Instituto de Teologia Protestante

O prédio conhecido como castelo, atualmente, é utilizado pelo Instituto de Teologia Protestante, que está sob coordenação do Dr. Prof. Andreas Kubik Boltres.

---

<sup>52</sup> DAS OSNABRÜCKER Rathaus des Westfälischen Friedens.

O Castelo de Osnabrück foi construído por iniciativa do Príncipe Guelph Ernst August e Sophie von der Pfalz, em 1667.

**Figura 16 – Instituto de Teologia Protestante<sup>53</sup>**



---

<sup>53</sup> UNIVERSITÄT OSNABRÜCK.

Figura 17 – Encontro com Dr. Boltres<sup>54</sup>



---

<sup>54</sup> A autora.

No encontro com o Dr. Boltres, explicou-nos que a teologia protestante na Universidade de Osnabrück inclui: história da igreja protestante, dogmas, teologia e história denominacional, bem como teologia ecumênica. O ensino cobre todas as épocas da história da igreja, incluindo didática especializada da história da igreja, mas a pesquisa se concentra nos tempos modernos. Outras áreas de trabalho são filosofia da ciência (teologia como ciência em relação a outras ciências), enciclopédia teológica (a relação entre disciplinas teológicas) e teologia prática.

No âmbito da formação de professores no Instituto de Teologia Protestante, a disciplina "Teologia prática" está em primeiro plano, com ênfase especial na educação religiosa na pesquisa e no ensino. O tema dessa disciplina é a reflexão da prática religiosa e eclesiástica e suas orientações de ação no quadro das condições dos vários contextos sociais e institucionais. Já o "Ensino religioso" se vê como uma ciência combinada entre teologia e educação, em que se aborda: ensino religioso, aprendizagem e processos educacionais na sociedade, família, escola e igreja. Em conexão com essas duas disciplinas estão as formas religiosas e cristãs com seus modelos históricos e biográficos. São trabalhadas disciplinas comuns aos três institutos da universidade, visando a um diálogo inter-religioso entre as religiões presentes na universidade.

Explica-nos o Dr. Boltres:

*"Nossa pesquisa e ensino se concentram no estudo das escrituras da Bíblia Hebraica. No contexto da história religiosa, dos estudos literários e da abordagem da história literária. É dada atenção especial à pluralidade da literatura do Antigo Testamento em sua forma atual e aos seus processos seculares de criação e transmissão. O curso oferece amplo conhecimento da Bíblia Hebraica, a história da religião e teologia do antigo Israel e do judaísmo. O objetivo dos processos de ensino e aprendizagem em nossa disciplina é lidar de forma crítica e construtiva com os escritos fundamentais da fé judaica e cristã e aprender a transmiti-los de forma independente".*

O foco do assunto do Novo Testamento é a exegese dos escritos do Novo Testamento no contexto do antigo judaísmo e do mundo greco-romano. As subdisciplinas do assunto incluem a teologia do Novo Testamento, a história do Cristianismo primitivo e a hermenêutica do Novo Testamento. A gama de cursos cobre todas as áreas do assunto. O curso serve para transmitir métodos científicos de interpretação de texto, para transmitir conhecimentos básicos sobre os testemunhos originais da fé cristã, sobre o desenvolvimento do cristianismo primitivo e sobre a formação do querigma cristão em seus primórdios e leva a um exame teológico hermenêutico refletido das fontes. A graduação é para formação de professores, mas não para formação de pastores, pois existem outras universidades de Teologia na Alemanha direcionadas para a formação pastoral.

Na Alemanha não existe divisões dentro da cultura religiosa protestante como no Brasil. Há um projeto das igrejas luteranas que se chama lugares de paz, formado por cinco igrejas, e Osnabrück foi eleito um desses lugares de paz.

### **2.3.2 Instituto de Teologia Católica**

O curso de Teologia Católica está sob coordenação da Profa. Dra. Margit Eckholt. Durante nosso encontro, nos explicou sobre o funcionamento do curso:

*“A teologia católica é a ciência da fé cristã, na qual se fazem reflexões racionais, discursivas e argumentativo-críticas sobre como a fé em Deus se dá na história e na experiência da Igreja no mundo e é relevante para a forma como as pessoas pensam, vivem e agem. O discurso de Deus refletido criticamente busca sua origem e os critérios para falar de Deus nas Sagradas Escrituras (Teologia Bíblica), considera a história empírica da Igreja posta em marcha a partir daí (Teologia Histórica) e coloca a fé em sua responsabilidade razoável no contexto de questão da verdade (Teologia sistemática) de forma que fique clara sua praticabilidade e relevância para a vida das pessoas (Teologia prática). Possui em sua grade curricular disciplinas comuns do Instituto Protestante, Católico e*

*Islâmico numa busca do respeito à alteridade e ao diálogo inter-religioso”.*

**Figura 18 – Instituto de Teologia Católica<sup>55</sup>**



**Figura 19 – Encontro com a Profa. Dra. Eckholt<sup>56</sup>**



<sup>55</sup> UNIVERSITÄT OSNABRÜCK.

<sup>56</sup> A autora.

A Dra. Eckholt acrescenta:

*“A teologia é uma ciência da fé no diálogo entre os estudos culturais. Desenvolve uma atual ‘autocompreensão do crente’ e do pensamento de Deus no diálogo com a cultura secular e no diálogo ecumênico e inter-religioso (especialmente com o judaísmo e o islã), levando em consideração os ‘sinais dos tempos’, os diversos objetivos que os acompanham com a globalização, os pontos de ruptura, como o fosso da pobreza, a migração e a exclusão, o aumento da violência, especialmente entre os jovens devido à falta de perspectivas de futuro etc. A teologia é a ciência da fé a serviço das várias formas de prática da fé. Uma ênfase especial é colocada na ponte entre a teologia sistemática e espiritualidade e o cuidado pastoral. A teologia cristã está comprometida com o Evangelho libertador de Jesus Cristo e, a partir daí, se relaciona com uma prática libertadora orientada para a dignidade humana”.*

O Instituto de Teologia Católica tem como objetivo a formação de professores para atuarem em escolas de Ensino Fundamental e Médio, lecionando a disciplina de “Religião Católica”. Seu foco é desenvolver habilidades para lidar com o conteúdo do credo cristão e seu desenvolvimento a partir de uma perspectiva ecumênica, inter-religiosa e intercultural.

### **2.3.3 Instituto de Teologia Islâmica**

Em 2012, foi fundado o Instituto de Teologia Islâmica (IIT), substituindo o Centro de Estudos Islâmicos Interculturais (ZIIS). O Prof. Dr. Uçar, que representa a Cátedra de Ensino Religioso Islâmico desde 2007, assumiu a sua gestão quando o ZIIS foi fundado, em 2008. O ZIIS era um instituto do Departamento de Educação e Estudos Culturais que acompanhava e assegurava a implementação de estudos e ensino, pesquisa e transferência de conhecimento, bem como a promoção de jovens talentos e redes interdisciplinares de teologia islâmica ou estudos de educação religiosa.



Figura 20 – Instituto de Teologia Islâmica<sup>57</sup>



Por meio de sua rede, o ZIIS também se envolveu em várias tarefas de política educacional fora da universidade: o currículo básico para a instrução religiosa islâmica (IRU) nas escolas primárias, que foi desenvolvido em cooperação com atores do IRP, e a participação ativa no treinamento de professores do Ministério da Cultura para o experimento escolar da Baixa Saxônia, assim como o desenho conceitual de programas de formação contínua para professores. A estreita cooperação entre as áreas referidas na investigação e no ensino garantiu o cumprimento de elevados padrões científicos e ofereceu as melhores condições para a futura expansão de atividades de investigação inovadoras, tanto em termos de quantidade como de qualidade.

No encontro com o Prof. Dr. Merdan Günes, do IIT, ele revela que: *“vemos a questão do diálogo inter-religioso na maneira como os três institutos dialogam, com respeito mútuo, e comungando de várias disciplinas, onde seus alunos sentam-se ao redor da mesma mesa com diferentes dogmas, ritos e com fé em diferentes Transcendentes, mas com respeito à alteridade”*.

---

<sup>57</sup> A autora.

Figura 21 – Encontro com o Prof. Dr. Merdan Günes<sup>58</sup>

A orientação interdisciplinar e a rede do ZIIS continuarão a existir e serão expandidas no IIT. Essa continuidade, conseqüentemente, se reflete nos tópicos de pesquisa temática e nos professores e funcionários do IIT que trabalharam no ZIIS. Estes últimos têm diferentes origens culturais e levam em consideração diferentes abordagens metodológicas e conceituais e perspectivas em suas pesquisas. Além dos temas centrais da teologia islâmica e educação religiosa islâmica, são feitos estudos islâmicos, orientais e árabes, com ciências relacionadas, incluindo estudos religiosos, pesquisa de migração, educação intercultural e estudos pós-coloniais, integrados à pesquisa e ao ensino.

---

<sup>58</sup> A autora.

A fundação do ZIIS lançou a pedra fundamental para a institucionalização universitária de uma teologia islâmica em Osnabrück, garantindo uma autenticidade islâmica interna de seus conteúdos. Ao mesmo tempo, se voltou para as religiões abraâmicas, criando um elo entre as teologias e sua mediação educacional (religiosa). Do mesmo modo, a pesquisa de migração e o conteúdo inter-religioso do ensino religioso foram levados em consideração.

Com base nas melhores condições possíveis, o ZIIS apresentou-se ao Ministério Federal da Educação e Pesquisa (BMBF) em setembro de 2010, a fim de obter financiamento federal para o estabelecimento de um Instituto de Teologia Islâmica, se afirmando ao lado de outros candidatos de toda a Alemanha graças ao trabalho efetivo anterior. Assim, em outubro de 2010, o ZIIS obteve o contrato para estabelecer seu instituto na Universidade de Osnabrück.

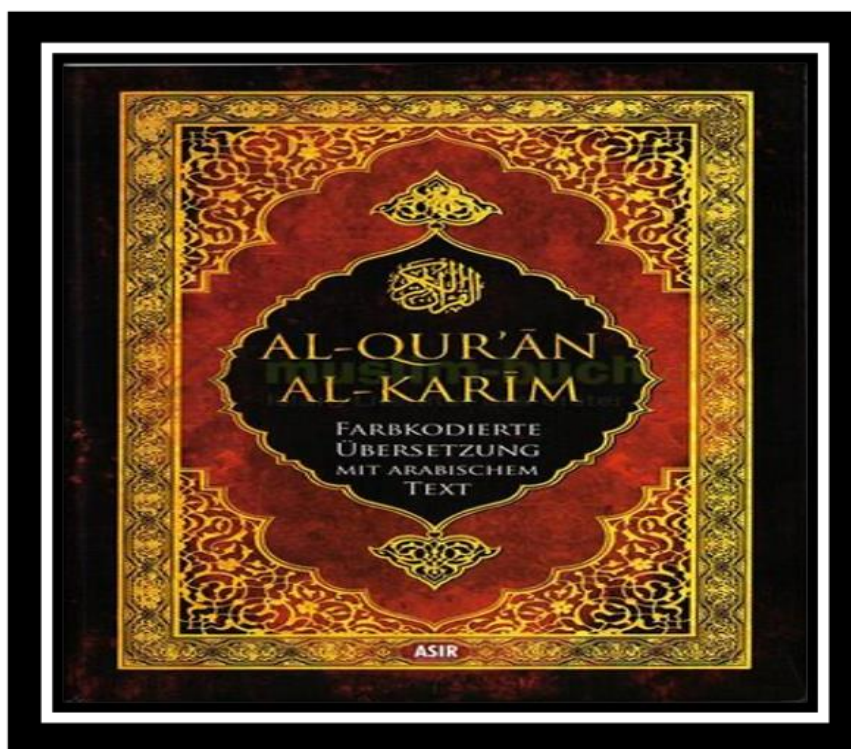
Segundo o Prof. Dr. Merdan Günes:

*“O conceito de teologia não é usado no sentido mais restrito para denotar a doutrina da fé, mas em um sentido mais amplo, é a discussão científica confessional do islã. O islã é entendido como uma tradição fundamentalmente fixada e, ao mesmo tempo, discursiva, no centro da qual estão os textos fundamentais do Alcorão e do Hadith e que inclui práticas rituais, sociais e estéticas, bem como normas éticas e legais. Essa tradição discursiva se troca com contextos culturais e históricos que a influenciam e que, por sua vez, a afeta, o que é uma das razões da diversidade islâmica interior e do alto grau de flexibilidade”.*

É, portanto, uma questão de conexão com a tradição em sua forma de discussão argumentativa e discurso erudito. Com base nas fontes primárias islâmicas, os contextos históricos e culturais devem ser levados em consideração, sem cair no ecletismo, na arbitrariedade ou no integralismo. A análise dos contextos e das condições não é importante apenas para um olhar crítico sobre a tradição, mas também para uma reflexão sobre a condicionalidade das posições contemporâneas em sociedades democráticas plurais.

Nesse contexto, o foco está nos desafios e nas oportunidades que os muçulmanos enfrentam hoje. Isso inclui, por exemplo, questões de coexistência multirreligiosa, o papel da minoria muçulmana na Alemanha e na Europa e a questão da igualdade de gênero. Por causa da afinidade espiritual, a conexão inter-religiosa com as ciências judaicas e cristãs é, particularmente, ambiciosa a fim de desenvolver semelhanças teológicas como comunidades religiosas “abrahimíticas” em um discurso crítico-constructivo.

Figura 22 – Alcorão<sup>59</sup>



### 2.3.4 Escola das Três Religiões, Johannis Elementary School

Outro exemplo de diálogo inter-religioso encontramos na Escola das Três Religiões, Johannis Elementary School. Seu logotipo torna claro o conceito educacional religioso dessa escola à primeira vista: judeus, cristãos e muçulmanos

<sup>59</sup> O Prof. Dr. Merdan Günes e sua equipe traduziram o *Alcorão* para o alemão. Essa versão apresenta o original em árabe e, ao lado, a versão alemã, em uma magnífica encadernação. Recebemos como lembrança de nossa visita ao Instituto de Teologia Islâmica. Foto da autora.

vão para a escola juntos. Por meio desse símbolo comum com características individuais, a escola primária de três religiões na Johannis Schule também pode ser identificada dentro da variedade de escolas públicas e escolas independentes em Osnabrück.

**Figura 23 – Logo da Escola das Três Religiões, Johannis Elementary School<sup>60</sup>**



A aparência deve continuar a ser uma expressão de atividade, dinamismo, comunicação, alegria e confiança. O que chama a atenção é a estilização dos símbolos religiosos das três religiões como elementos gráficos individuais com muitos pontos de contato que, como uma impressão geral, resultam em um todo harmonioso. Eles se encaixam em uma forma circular aberta, simbolizando a abertura para o diálogo inter-religioso, que também é altamente dinâmica.

A forma circular torna-se clara do lado direito através do semicírculo verde, que se eleva na parte central inferior e permite uma grande abertura através da pincelada imperfeita. O verde simboliza a natureza abrangendo todas as religiões, a recorrência cíclica das estações, pretendendo esperança e força de vontade. A forma circular à esquerda é ocupada pela barra longitudinal do símbolo cristão da cruz, que se refere à ligação entre o céu e a terra. A barra transversal da cruz, que, como horizontal, deixa claro o amor que tudo abrange, aponta tanto para o círculo para os símbolos das outras duas religiões quanto

<sup>60</sup> SCHULSTIFTUNG IM BISTUM OSNABRÜCK. *Interreligiöser Dialog: Drei-Religionen-Schule Osnabrück.*

para além do círculo. A cor mista laranja é baseada no amarelo, a cor do Sol e do calor expansivo, misturado ao vermelho como a cor da vida. Como sua própria cor, ele libera energia e é ainda mais quente que o amarelo. As duas conexões circulares surgem sob o tronco da menorá, o símbolo religioso do judaísmo. O castiçal de sete braços tem – começando pela luz do meio – seis braços, que significam os quatro pontos cardeais, bem como o céu e a terra. Este lustre assume também a dinâmica e a forma de um azul calmante, a cor do céu e do mar, o infinito e a distância. A foice da lua nova, em árabe *Hilal*, é um símbolo mundial para a prática religiosa islâmica e o cálculo astronômico, por exemplo, para o início do Ramadã ou a peregrinação. Vermelho é a cor associada à energia, força, poder e determinação, mas também empatia e alegria.<sup>61</sup>

Os símbolos das religiões funcionam por si só, mas se interligam e são mais do que a soma das partes descritas acima: um todo comum. Isso deixa claro que essa escola é um lugar inter-religioso de aprendizagem para as três grandes religiões mundiais que se consideram descendentes de Abraão e Sara ou Agar. Alunos, mães e pais, professores e todos os envolvidos na Escola das Três Religiões tomam consciência da sua própria religião, percebem as diferenças e também as semelhanças, tratam com respeito as pessoas com outras crenças religiosas e convivem aprendendo juntos.

Quando você e eu, todos nós nos sentamos juntos, apesar das diferentes opiniões e visões, diferentes valores e religiões, diferentes origens e cor de pele, diferentes intenções e objetivos, ajudamos uns aos outros, conversamos, ouvimos uns aos outros, aprendemos uns com os outros, estão lá um para o outro, algumas coisas são mais fáceis. Muitas coisas ficam mais bonitas, tudo tem sucesso melhor: coisas novas tornam-se possíveis por intermédio de nós.<sup>62</sup>

A presença da Igreja no campo escolar manifesta-se de modo particular por meio da escola católica, uma vez que esta busca, não menos que as demais escolas,

---

<sup>61</sup> SCHULSTIFTUNG IM BISTUM OSNABRÜCK. *Interreligiöser Dialog: Drei-Religionen-Schule Osnabrück*.

<sup>62</sup> FEIGENWINTER, Max. *Dieser Tag ist dein Geschenk*, p. 5.

fins culturais e a formação humana da juventude. É próprio dela, todavia, criar um ambiente de comunidade escolar animado pelo espírito evangélico de liberdade e de caridade, ajudar os adolescentes para que, ao mesmo tempo que desenvolvem a sua personalidade, cresçam segundo a nova criatura que são mercê do Batismo, ordenando finalmente toda a cultura humana à mensagem da salvação, de tal modo que o conhecimento que os alunos adquirem gradualmente a respeito do mundo, da vida e do homem seja iluminado pela fé. Assim, a escola católica, enquanto se abre convenientemente às condições do progresso do nosso tempo, educa os alunos na promoção eficaz do bem da cidade terrestre e prepara-os para o serviço da dilatação do reino de Deus, para que, pelo exercício de uma vida exemplar e apostólica, se tornem como que o fermento salutar da comunidade humana.<sup>63</sup>

A Escola das Três Religiões acredita que a vida é bem-sucedida se a pessoa não viver apenas para si, mas também para os outros. Envolvendo-se com os colegas, ela se sente responsável também diante de Deus.

**Figura 24 – Visita na Escola das Três Religiões, Johannis Elementary School<sup>64</sup>**



<sup>63</sup> PAULO VI, P. *Declaração gravissimum educationis sobre a educação cristã.*

<sup>64</sup> A autora.

Katrin Großmann<sup>65</sup>, coordenadora da Diocese de Osnabrück, que é mantenedora da Escola, explicou que passou muito tempo no Oriente Médio, testemunhou as tensões políticas e religiosas e conheceu as religiões não apenas como atores em conflitos armados. Depois de completar seu treinamento em Enfermagem, Großmann prestou serviço voluntário em um lar para crianças deficientes em Jerusalém. Esse lugar, de intensa convivência inter-religiosa, a impressionou tanto que a fez mudar de carreira. Estudou então Teologia e agora está na estrada como representante para o diálogo inter-religioso com as religiões não cristãs na Diocese de Osnabrück.

A coordenadora nos conta que cresceu como uma “boa católica” e só percebeu que também havia cristãos protestantes quando era quase adulta. Durante um ano de estudos em Jerusalém, seu interesse por questões inter-religiosas se aprofundou – também porque ela tinha a diversidade religiosa bem à sua porta: *“Eu estava frequentemente na sinagoga às sextas-feiras”*.

A Diocese de Osnabrück possui abertura para pessoas de diferentes religiões, e as comunidades religiosas comungam há muitos anos. Esse clima favorece projetos nacionais pioneiros, como a Escola das Três Religiões ou a Creche Judaico-Cristã Rei Davi. Katrin Großmann ressalta:

*“Vivemos em uma sociedade cada vez mais plural e laica. É importante que quem acredita em Deus fale a uma só voz em determinados contextos e defenda o espaço das religiões na vida pública. E acho importante que desenvolvamos formas de cooperação que conheçam o outro, que o conheçam e o tratem com respeito. Quem se depara com o desconhecido também apura seu próprio perfil”*.

---

<sup>65</sup> Katrin Großmann é a representante para o diálogo inter-religioso na Diocese de Osnabrück. Seu trabalho é baseado nos textos do Concílio Vaticano II, que expressa a atitude da Igreja Católica para com as religiões não cristãs, especialmente na declaração *Nostra Aetate*. A oficial de diálogo mantém contato com representantes de várias religiões mundiais na diocese e está ativamente envolvida na cooperação inter-religiosa nos vários contextos. Ela assessora e apoia colaboradores e voluntários em tempo integral, assim como instituições, comitês e associações, sobre temas inter-religiosos e acompanha projetos inter-religiosos. No âmbito da educação de adultos, disponibiliza informação sobre outras religiões do ponto de vista católico, bem como sobre os limites e as possibilidades da cooperação inter-religiosa nas várias formas de eventos e formações. Ela está sempre disponível para perguntas sobre a convivência com membros de outras religiões.



Figura 25 – Encontro com a coordenadora Katrin Großmann<sup>66</sup>



#### 2.4 ENTIDADES PROMOTORAS DA PAZ EM OSNABRÜCK

Respeito e tolerância na fé são resultados da coexistência de diferentes religiões, que têm uma influência duradoura na coexistência pacífica. Osnabrück atribui grande importância ao diálogo entre religiões e culturas.

---

<sup>66</sup> A autora.

Figura 26 – Mesa-redonda das religiões de Osnabrück<sup>67</sup>



A Runden Tisches der Religionen Osnabrück (Mesa-Redonda das Religiões) é um órgão independente e não oficial da cidade de Osnabrück, sendo composta por representantes das comunidades religiosas monoteístas. Ela serve ao propósito de encontrar, construir confiança e compreensão entre e dentro das comunidades religiosas. Os membros são representantes do Judaísmo, Cristianismo, Islamismo e Bahá'ís. A Mesa-Redonda das Religiões se reúne de quatro a seis vezes por ano para fornecer informações mútuas, planejar o Dia das Religiões e comentar as declarações para a imprensa e para as comunidades religiosas em um contexto inter-religioso.

O Prof. Dr. Reinhold Mokrosch, fundador da Mesa-Redonda das Religiões, fez campanha pelo diálogo intercultural como líder de longa data das Conversações de Paz de Osnabrück. São várias as entidades promotoras de paz em Osnabrück nas quais o professor emérito de Teologia da Universidade de Osnabrück esteve ativo por

<sup>67</sup> RUNDER Tisch der Religionen in Osnabrück.

muitos anos, incluindo: 1) Fundação para a Paz de Osnabrück; 2) Mesa-Redonda das Religiões; 3) Sociedade Germano-Israelense; 4) Germano-Palestino Sociedade; 5) grupo local de Osnabrück de "Religiões pela Paz"; 6) Erich Maria Remarque; e 7) Sociedade Félix Nussbaum.

Com a Mesa-Redonda das Religiões, o Prof. Mokrosch conseguiu reunir representantes de todas as comunidades religiosas na Cidade da Paz para lutar pela tolerância e não violência em todo o mundo. Segundo seu depoimento:

"Eu só dei pequenos impulsos aqui e ali para promover a integração", disse ele. As pessoas devem se aproximar e falar umas com as outras por iniciativa própria. "Especialmente neste momento em que a integração está sendo pisoteada em todo o mundo e a exclusão e a violência estão na ordem do dia, é importante envolver-se localmente em uma cultura de acolhimento e integração", disse Mokrosch.<sup>68</sup>

O professor fala de "religiões e paz mundial" e "potenciais de paz e resolução de conflitos de comunidades religiosas":

[...] as religiões do mundo estão repetidamente envolvidas em terríveis disputas, os autores examinam o papel das comunidades religiosas na promoção da paz [...]. Eles conversam com aqueles que têm dificuldade em falar uns com os outros. Essa habilidade é talvez uma das coisas mais importantes que alguém precisa trazer consigo se estiver comprometido com a paz.<sup>69</sup>

Existe também um Grupo de Trabalho de Igrejas Cristãs chamado Arbeitsgemeinschaft Christlicher Kirchen in Osnabrück (ACKOS) – Grupo de Trabalho das Igrejas Cristãs em Osnabrück. O trabalho ecumênico resulta em vários pontos de contato com o trabalho cultural pacífico da cidade de Osnabrück e a cooperação relacionada ao projeto. O ACKOS quer promover a solidariedade e a coexistência das pessoas na Europa de acordo com alguns princípios básicos:

---

<sup>68</sup> SCHMIDT, H. P.; SENANCET, D. *Ethik und Religionsunterricht. Thema: Frieden*, p. 108.

<sup>69</sup> HELD, T.; CZADA, R. *Religionen und Weltfrieden. Friedens und Konfliktlösungspotentiale von Religionsgemeinschaften*, p. 239.

- Viver em comunidade numa diversidade reconciliada;
- Superar a estranheza e ganhar confiança;
- Realizar valores básicos como justiça, paz, tolerância e participação.

Além disso, o ACKOS organiza o serviço ecumênico no Dia da Paz de Osnabrück todos os anos, assim como faz orações regulares pela paz em Sankt Marien, prepara seminários de fé para reduzir as reservas denominacionais ainda existentes e apoia projetos e instituições sociais e beneficentes.

Há também o Grupo de Trabalho das Religiões em Osnabrück (Arbeitskreis der Religionen in Osnabrück – AROS) que inclui os presentes na cidade para um diálogo inter-religioso. O AROS tem como tarefa promover a troca de ideias e a solidariedade entre as religiões, defendendo a liberdade de religião e protegendo o indivíduo da discriminação. O grupo de trabalho também quer contribuir para uma cultura em “que ser diferente não seja visto como uma ameaça, mas como um enriquecimento e ampliação da experiência pessoal”.<sup>70</sup>

Além de encontros regulares entre as comunidades religiosas, o grupo de trabalho organiza vários eventos públicos todos os anos que apresentam as religiões, especialmente as minorias, como o judaísmo e o islã:

Ele defende a aprendizagem intercultural e inter-religiosa nas escolas em Osnabrück e promove visitas de estudo para alunos da Índia, Israel e Palestina. O grupo de trabalho coordena projeto por projeto juntamente com as instituições e iniciativas que contribuem para o desenvolvimento da cultura de paz de Osnabrück.<sup>71</sup>

O entendimento inter-religioso como base para uma manutenção da paz sustentável é o tema de vários projetos de cooperação com o Escritório Municipal para a Cultura da Paz.

O grupo regional da Conferência Mundial das Religiões pela Paz (World Conference on Religion and Peace – WCRP) de Osnabrück trabalha pela coexistência

---

<sup>70</sup> PHILIPPI, F. *et al.* *Livro de documentos de Osnabrück*, v. V, VI e VII.

<sup>71</sup> FELDWISCH-DRENTROP, H.; JUNG, A.; GROVERMANN, C. *Osnabrück – Dom und Domschatz, Die blauen Bücher Cathedral de São Pedro, Osnabrück*, p.78.

das religiões na área de Osnabrück, visando assim apoiar os objetivos da WCRP. Em face das guerras contínuas, que muitas vezes são justificadas por motivos religiosos, do distanciamento cada vez maior entre países ricos e pobres e da exploração e destruição da natureza e seus recursos, as próprias religiões devem fazer algo pela paz e pelo futuro da terra.

O Escritório de Cultura de Paz da cidade de Osnabrück promove as atividades do grupo de trabalho e coopera em projetos individuais.<sup>72</sup>

## 2.5 ESPAÇOS SAGRADOS DE FÉ e PROMOTORES DA PAZ EM OSNABRÜCK

### 2.5.1 Católicos

A Catedral de São Pedro (St. Peter's Cathedral) foi fundada por Carlos Magno<sup>73</sup> e é o centro espiritual da Diocese de Osnabrück há mais de doze séculos. A aparência de hoje vem, principalmente, do final do período românico no século XIII. Destacam-se a pia batismal de bronze, a cruz triunfal românica e o claustro contemplativo do século XII, bem como o altar-mor.

---

<sup>72</sup> PHILIPPI, F. *et al.* *Livro de documentos de Osnabrück*, v. V, VI e VII.

<sup>73</sup> FELDWISCH-DRENTROP, H.; JUNG, A.; GROVERMANN, C. *Osnabrück – Dom und Domschatz, Die blauen Bücher Catedral de São Pedro, Osnabrück*, p. 97.

Figura 27 – Catedral de São Pedro<sup>74</sup>

Durante a Segunda Guerra Mundial, o telhado da catedral, com cúpulas barrocas, e alguns anexos da igreja foram destruídos por bombas incendiárias. A catedral foi reconstruída e ainda é uma grande atração para os cristãos da cidade e da diocese, bem como para pessoas interessadas em história da arte. A roda de Osnabrück, que em 13 de setembro de 1944 caiu da maior das torres devido ao bombardeio, foi reerguida na lateral da catedral. O claustro encontra-se anexo à igreja, a sul, e no seu interior há um cemitério. Na Segunda Guerra Mundial, o claustro, que foi murado para o pátio, serviu de abrigo antiaéreo.

Chama a atenção, entre tantos símbolos importantes que estão preservados no interior da catedral, o monumento em homenagem aos três mártires do ecumenismo. Em visita à cidade de Münster, encontramos a réplica dos cestos de ferro que seguravam os cadáveres dos líderes da Rebelião de Münster, que eram anabatistas pendurados no campanário da Igreja de St. Lambert.

---

<sup>74</sup> DIOCESE de Osnabrück.

**Figura 28 – Monumento em homenagem aos três mártires do ecumenismo<sup>75</sup>**



**Figura 29 – Cestos de ferro na Igreja de St. Lambert onde os três mártires ficaram expostos<sup>76</sup>**



---

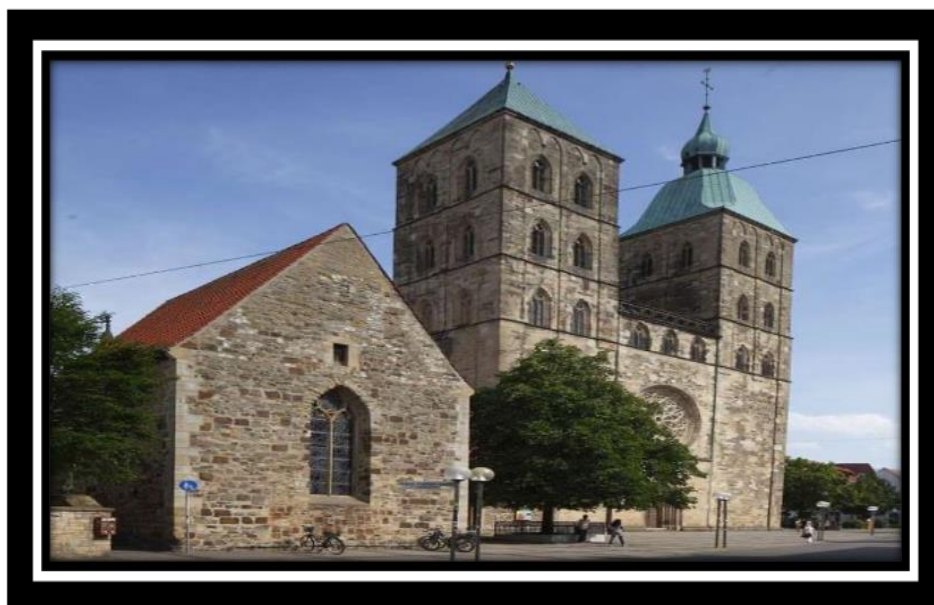
<sup>75</sup> A autora.

<sup>76</sup> A autora.

Figura 30 – Brasão da cidade de Osnabrück fixado ao lado da Catedral de São Pedro<sup>77</sup>



Figura 31 – A Igreja de St. Johann<sup>78</sup>



---

<sup>77</sup> A autora.

<sup>78</sup> A autora.



A Igreja de St. Johann é uma igreja gótica com três corredores. Seu interior é alto e bem iluminado. Em 1011, a Abadia de St. Johann foi fundada pelo Bispo Detmar, e a igreja foi consagrada em 1292. Em 1996 e 1997, a igreja foi totalmente reformada. No seu interior, há imagens da Sagrada família em seu cotidiano: José, o carpinteiro, em sua lida diária; Maria enquanto mãe protetora; e o brilho divino do menino Jesus. Ao centro, existe uma representação do Pai, do filho e do Espírito Santo, juntamente com a família terrena, Maria e José com o menino Jesus.

**Figura 32 – Altar da Sagrada Família, com a representação do Pai, do Filho e do Espírito Santo<sup>79</sup>**



---

<sup>79</sup> A autora.



### 2.5.2 Protestantes

A Igreja de Santa Maria (Marienkirchec) é uma das quatro igrejas medievais mais antigas de Osnabrück. Duas delas, Santa Maria e Santa Catarina, se tornaram evangélicas com a introdução da Reforma em 1543, em Osnabrück. A catedral e a igreja paroquial de São João na cidade nova permaneceram católicas. A fim de não comprometer o estado confessional de todas as igrejas, foi realizado um acordo nas disposições para a implementação da paz em Westfália (1650-1951), em Nürnberg.

A Igreja de Santa Maria é um dos monumentos de arte mais historicamente significativos na Alemanha. Sua história é anterior à data da sua primeira menção documental, em 1177. Vestígios arqueológicos sugerem uma construção românica anterior a partir do século X. A igreja tem uma história arquitetônica complexa. Com o tempo, extensas restaurações permitiram escavações arqueológicas que contribuíram consideravelmente para a reconstrução da história do edifício. A existência de pelo menos três edifícios predecessores foi assim estabelecida.

Figura 33 – Igreja Evangélica de Santa Maria<sup>80</sup>



A construção da Igreja de Santa Catarina (Katharinenkirche) e de seu salão gótico começou há cerca de 800 anos e durou cerca de 200 anos para ser finalizada. Em 1543, se juntou à Igreja da Reforma Luterana e se tornou protestante. Destaca-se em seu interior a cruz triunfal (no presbitério) do final do século XIII, o tríptico da crucificação também a partir do século XIII, o ciclo da Paixão por Albrecht Dürer (1510), o altar alado (1515), a pia batismal (1560) e a mesa de comunhão (1995).

---

<sup>80</sup> A autora.

Figura 34 – Igreja de Santa Catarina<sup>81</sup>



A torre da Igreja de Santa Catarina tem 103 metros de altura, sendo considerada a estrutura medieval mais alta do oeste da Baixa Saxônia, podendo ser vista de longe. Ela foi mencionada pela primeira vez no século XIII e documentada pela primeira vez pelo nome em 1253, quando Bruno von Osnabrück regulamentou as condições da igreja nas paróquias de Sancte Marie et Sancte Katerine.

A proximidade do castelo, que foi construído em 1669 e serviu como residência do príncipe-bispo protestante de Osnabrück desde 1673, foi a razão para usar St. Katharinen como a igreja da corte. O seu edifício central, talvez baseado no modelo da Igreja de Jerusalém do Santo Sepulcro, e o patrocínio de Katharinen difundido na Palestina apontam para uma conexão com a Terceira Cruzada (1189-1190-1192), da qual Arnold von Osnabrück também participou. A igreja, ao longo da história, ora pertenceu aos católicos, ora aos protestantes.

---

<sup>81</sup> A autora.

Durante a Guerra dos Trinta Anos<sup>82</sup>, os católicos estiveram novamente ativos. Clero nas duas igrejas da cidade de Osnabrück. No seu interior estão seis pinturas com representações gigantescas de Martinho Lutero.

Figura 35 – Igreja Lutero<sup>83</sup>



A Igreja Lutero foi originalmente estabelecida como uma congregação filha de Igreja de Santa Catarina. Ela trabalha por conta própria desde 1927 e foi consagrada em 1911. Como parte do trabalho de renovação de 1985 a 1989, as elaboradas pinturas de parede Art Nouveau foram descobertas novamente. O interior da igreja é, particularmente, interessante.

<sup>82</sup> CARNEIRO, H. *Guerra dos Trinta Anos*.

<sup>83</sup> A autora.

### 2.5.3 Sinagogas

Na noite de 9 para 10 de novembro de 1938, inúmeras sinagogas foram incendiadas na Alemanha. Não foi diferente em Osnabrück. A igreja judaica na atual Alte Synagogen-Straße foi incendiada, cidadãos judeus<sup>84</sup> foram perseguidos, maltratados e assassinados, e lojas e apartamentos judeus foram saqueados e incendiados.

A partir de 2001, em Osnabrück, como lembrete para os vivos, todos os anos são recordados os crimes e as vítimas daquela noite em um ritual *in memoriam*, como parte de um serviço memorial central organizado por escolas da cidade. É realizada uma cerimônia e, após, feita uma caminhada comemorativa até o local da velha sinagoga destruída, na Alte Synagogenstrasse, onde hoje se encontra um memorial. Nesse memorial ocorre a cerimônia de colocação da coroa na antiga sinagoga. Os eventos são acompanhados por um programa diversificado de apoio com palestras de testemunhas oculares, shows, leituras e palestras.

---

<sup>84</sup> CIXOUS, H.; KAMUF, P.; HOFFMAN, E. *Osnabrück Station to Jerusalem*, p. 47.

Figura 36 – Memorial da “velha sinagoga”<sup>85</sup>



---

<sup>85</sup> A autora.

Figura 37 – Nova Sinagoga<sup>86</sup>



Há também outro projeto *in memoriam* dos judeus, chamado de “Stolpersteine”, “Obstáculos em Osnabrück”, ou “Pedra de tropeço”. O ritual consiste em colocar pela cidade “blocos de tropeço”, que são cubos de concreto medindo dez por dez centímetros de largura fornecidos com uma placa de latão etiquetada. Na placa estão gravados o nome, a data de nascimento e morte de uma pessoa que foi assassinada durante a tirania nazista de 1933 a 1945. As pedras são colocadas na frente das casas em que essas pessoas viveram ou trabalharam pela última vez. “Stolpersteine” é um projeto do artista de Colônia Gunter Demnig, que colocou essas pedras pela primeira vez em 1996, em Berlin-Kreuzberg. Só no sentido figurado você “tropeça” nesses “traços” da história.

---

<sup>86</sup> A autora.



Em dezembro de 2006, o Conselho da Cidade da Paz de Osnabrück decidiu implementar o projeto em Osnabrück e encarregou a administração de desenvolver uma proposta para a implementação do projeto com o envolvimento dos cidadãos. Em 15 de novembro de 2007, as primeiras pedras de tropeço foram colocadas em Osnabrück. Os "obstáculos" são usados para que todos se lembrem dos cidadãos que foram vítimas do regime nazista e tão cruelmente assassinados. "Eles eram nossos vizinhos, e nossos cidadãos precisam lembrar sempre que agora estamos em busca da paz entre as nações."<sup>87</sup>

**Figura 38 – "Stolpersteine"<sup>88</sup>**



#### 2.5.4 Mesquitas

Tivemos a honra de ser recebidos em uma cerimônia sagrada na Mesquita Operária em Osnabrück, juntamente com a Profa. Dra. Margit Ecloholt e o Prof. Dr. Merdan Günes. Ao chegarmos na mesquita, passamos por um ritual de purificação e

<sup>87</sup> CIXOUS, H.; KAMUF, P.; HOFFMAN, E. *Osnabrück Station to Jerusalem*, p. 62.

<sup>88</sup> A autora.

retiramos nossos calçados, para podermos entrar ao interior da mesquita. Foi-nos mostrado o lado dos homens e o lado das mulheres e explicado que ambos não poderiam participar de cerimônias juntos.

Fomos apresentados ao líder religioso intitulado Almuadém, que nos acolheu e mostrou toda a mesquita, explicando o significado de cada objeto sagrado. Almuadém (Almuédão ou Muezim)<sup>89</sup> é, no islão, o encarregado de anunciar em voz alta, do alto das almádenas (ou minaretes), o momento das cinco preces diárias.

**Figura 39 – O exterior da Mesquita Operária<sup>90</sup>**



<sup>89</sup> SILVA, A. C. *A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700*, p. 94.

<sup>90</sup> A autora.

Figura 40 – Prof. Dr. Merdan Günes, Profa. Dra. Margit Ecloholt, Almuadém e a autora<sup>91</sup>



---

<sup>91</sup> A autora.

Figura 41 – Almudém e a autora<sup>92</sup>



Figura 42 – Realizando a cerimônia religiosa islâmica<sup>93</sup>



---

<sup>92</sup> A autora.

<sup>93</sup> A autora.

O chamamento consiste em proferir a frase "Allah hu Akbar" (Alá é grande), seguida da chahada, a "profissão de fé" islâmica, por meio da qual se atesta que "não há outro Deus para além de Alá, e Muhammad é o seu profeta". Esse chamamento (adã) é entoado de forma melodiosa, sendo necessário que as palavras sejam bem pronunciadas.

O Almuadém nos convidou para nos sentarmos ao chão, nos tapetes, e ficamos em sentido de oração enquanto ele fazia orações a Alá e lia textos sagrados no Alcorão. Esse momento foi ímpar em nossas vidas, pois orávamos e meditávamos em um verdadeiro, autêntico e ingênuo diálogo inter-religioso. O líder religioso islâmico não falava a língua alemã, somente árabe.

Era uma tarde gelada de -12 °C do inverno alemão de 2021, durante o caos da epidemia de coronavírus, e nós ali dentro de uma mesquita interagindo com pessoas de diferentes partes do mundo, com diferentes fé, dogmas e convicções, porém com a grande certeza da necessidade de respeitar e amar ao próximo, indiferente de credo, nacionalidade ou sexo. Todos fomos criados pelo mesmo Criador, que deu a todos nós a mesma oportunidade de demonstrar esse amor ao próximo.

### **2.5.5 Comunidade de Sant'Egídio**

Finalizamos nossa caminhada por Osnabrück visitando a Comunidade de Sant'Egídio, localizada no centro histórico, bem ao lado da Catedral San Peter. Encontramos aqui uma linda história de diálogo inter-religioso na busca pela paz.

A Comunidade de Sant'Egídio<sup>94</sup> é uma organização católica que nasceu em Roma, Itália, no bairro de Trastevere, em 1968, logo após o Concílio Vaticano II, quando um grupo de jovens, inspirado pelo Evangelho e pelo desejo de um mundo melhor e mais justo, começou a visitar todos os dias as crianças marginalizadas da cidade de Roma para ensiná-las a ler e escrever. Um desses jovens e fundador da comunidade era o estudante Andrea Riccardi, que havia sido educado no ambiente de tolerância com o sonho de ouvir o Evangelho e colocá-lo em prática.

---

<sup>94</sup> ROCCA, R. M. D. *Making Peace: The Role Played by the Community of Sant'Egidio in the International Arena*, p. 34.

A partir daí a Comunidade cresceu no ambiente estudantil por meio de ações concretas em benefício dos marginalizados.<sup>95</sup> É dedicada à caridade, evangelização e promoção da paz<sup>96</sup>, num empenho caracterizado pela oração<sup>97</sup>, a serviço dos mais pobres, pela atividade a favor da paz e da reconciliação, do empenho ecumênico e do diálogo entre crentes de diversas tradições religiosas. Para Riccardi, “diversidade não precisa significar conflito violento, e se queremos um futuro pacífico (que existe em alguns lugares), então devemos fundar uma civilização de convivência entre os muitos elementos de nosso mundo”.<sup>98</sup>

A comunidade busca um cristianismo forte, radicado na fé, na caridade e na justiça, e nunca um cristianismo “contra”, mas, sim, aberto ao diálogo, como uma chave para reconstruir as razões do bem comum e da capacidade de viver em conjunto, mesmo em tempos de tensão e conflito. Essa comunidade é conhecida como “a pequena ONU do Trastevere”, pela dedicação aos pobres. Hoje é um movimento de leigos, ao qual pertencem mais de 60.000 pessoas, em mais de 70 países de vários continentes. A oração, a comunicação do Evangelho, a solidariedade para com os pobres, o ecumenismo e o diálogo são os princípios de Sant’Egídio.

A Comunidade de Sant’Egídio abriu Escolas da Paz em dezenas de cidades. Um vasto movimento da juventude pela paz espalhou-se pelas escolas e universidades, difundindo uma cultura de solidariedade e gratuidade, pré-requisitos para uma sociedade pluralista e pacífica. O papel de mediação da Comunidade de Sant’Egídio foi decisivo no Tratado de Paz em Moçambique (1992) e na Guatemala (1996). Seu fundador, em 21 de maio de 2009, foi galardoado com o Prêmio Carlos Magno<sup>99</sup>, atribuído a pessoas e instituições que se tenham distinguido na promoção de uma Europa unida e na divulgação de uma cultura de paz e diálogo. A motivação é: “Honrar um exemplo extraordinário de empenho civil em favor de uma Europa mais humana e solidária dentro e fora das suas fronteiras”.

---

<sup>95</sup> COMUNITÀ DI SANT’EGIDIO. *Come rimanere a casa da anziani*, p. 94.

<sup>96</sup> RICCARDI, A. *Living Together*, p. 87.

<sup>97</sup> RICCARDI, A. *The Sant’Egidio. Book of Prayer*, p. 107.

<sup>98</sup> RICCARDI, A. *Living Together*, p. 123.

<sup>99</sup> ROCCA, R. M. D. *Making Peace: The Role Played by the Community of Sant’Egidio in the International Arena*, p. 196.

Para a promoção do diálogo inter-religioso e ecumênico, desde 1987 a Comunidade de Sant'Egídio organiza encontros anuais de Oração pela Paz<sup>100</sup>, onde os representantes de todas as grandes religiões mundiais se unem em prol da paz, da unidade e da proteção aos mais frágeis da sociedade.

**Figura 43 – Visita à Comunidade de Sant'Egídio<sup>101</sup>**



A Alemanha realizou um Encontro Internacional Caminhos da Paz, nos dias 10 a 12 de setembro de 2017, nas cidades de Münster e Osnabrück. O evento foi organizado pelo atual presidente da Comunidade Romana de Santo Egídio, Marco Impagliazzo, na sede do organismo, em Roma. Do coração da Europa desejando lançar uma mensagem forte de paz, Marco Impagliazzo ressalta: "É preciso levantar a voz e dizer não a um mundo marcado pelo terrorismo e vários conflitos que destroem países inteiros".<sup>102</sup>

Segundo Cesare Zucconi, da Comunidade de Sant'Egídio,

<sup>100</sup> RICCARDI, A. *A força desarmada da paz*, p. 10.

<sup>101</sup> A autora.

<sup>102</sup> COLAGRANDE, Fabio. *De Roma, a Oração pela Paz: o mundo precisa de palavras de esperança*.

“Se as religiões não podem ser instrumentalizadas, são parte integrante da solução. As religiões têm energias de paz que precisam ser liberadas. Durante estes anos, através do espírito de Assis, as religiões tomaram consciência da sua responsabilidade. As religiões podem e devem fazer mais pela paz”.<sup>103</sup>

Durante o Encontro Internacional Caminhos da paz, de 2017, o bispo de Münster, Félix Genn, também exortou as pessoas a “continuar a acreditar na mudança do mundo, como a Comunidade de Sant’Egídio, que surgiu em 1968 quando havia um desejo de mudança social”. O Bispo de Osnabrück, Franz-Josef Bode, lembrou nesse encontro que numerosas testemunhas de zonas de guerra participaram dos “Caminhos da Paz”: “Não são teorias, nós os ouvimos: Eles nos pedem para sermos pacificadores”.<sup>104</sup>

O encontro iniciou em Münster. O grande salão do Messe und Congress Centrum encheu-se com centenas de representantes das religiões, do mundo da cultura e das instituições de todos os continentes. O encontro foi acompanhado por uma significativa participação popular de toda a Europa. Além dos 2.500 participantes no salão, vieram de toda a Europa numerosos grupos de jovens e adultos para seguir o evento de paz, sendo esse de 2017 o que contou com mais participações.

A Chanceler alemã, Angela Merkel, foi recebida pelo fundador da Comunidade de Sant’Egídio, Andrea Riccardi, e as autoridades locais. Entre os oradores previstos do programa, além das personalidades acima mencionadas, estavam o presidente do Parlamento Europeu, Antonio Tajani, o ambientalista Jeffrey Sachs, o patriarca ortodoxo grego de Antioquia e todo o Oriente, João X, o rabino de Frankfurt, Avichai Apel, o presidente do budismo, Risho Kosei Kai, e Alba Ruiz de Andrés, do Movimento Jovem pela Paz de Barcelona, que deu seu testemunho.

Também foi lida a mensagem enviada pelo Papa Francisco aos participantes do encontro internacional. Há um ano, o Papa Francisco participou do mesmo tipo de encontro em Assis para o trigésimo aniversário do grande Dia Mundial pela Paz promovido em 1986 por João Paulo II e repetido todos os anos em várias cidades

---

<sup>103</sup> COLAGRANDE, Fabio. *De Roma, a Oração pela Paz: o mundo precisa de palavras de esperança.*

<sup>104</sup> COLAGRANDE, Fabio. *De Roma, a Oração pela Paz: o mundo precisa de palavras de esperança.*



européias pela Comunidade de Sant'Egídio. Um longo discurso para incentivar o diálogo e o compromisso com a paz, começando pelo papel que a Europa pode desempenhar.

[...] Por iniciativa das Dioceses de Münster e de Osnabrück e da Comunidade de Santo Egídio, à qual agradeço vivamente, reunistes-vos para um novo encontro internacional, intitulado "Caminhos de paz". Este caminho de paz e de diálogo, desejado e iniciado por São João Paulo II em Assis em 1986 e do qual no ano passado celebramos juntos o trigésimo aniversário, é atual e necessário: conflitos, violência difundida, terrorismo e guerras ameaçam hoje milhões de pessoas, espezinhando a sacralidade da vida humana e tornando todos mais frágeis e vulneráveis. O tema deste ano é um convite a abrir e construir novos caminhos de paz. Temos necessidade disto, especialmente onde os conflitos parecem não ter solução, onde não há o desejo de empreender percursos de reconciliação, onde nós confiamos às armas e não ao diálogo, deixando povos inteiros imersos na noite da violência, sem a esperança de uma aurora de paz. Muitos, demasiados, ainda têm "sede de paz", como dissemos no ano passado em Assis. Ao lado dos responsáveis políticos e civis, comprometidos a promover a paz para todos, hoje e no futuro, as religiões são chamadas, em particular com a oração e com o compromisso concreto, humilde e construtivo, a responder a esta sede, a indicar e abrir, juntamente com todos os homens e mulheres de boa vontade, caminhos de paz, sem se cansarem. [...] A paz está no coração da construção europeia, depois das ruínas provocadas por duas guerras mundiais desastrosas e pela tragédia terrível do Shoah. A vossa presença na Alemanha seja um sinal e uma evocação para a Europa a cultivar a paz, através do compromisso a construir vias de unidade mais sólidas no interior e de abertura cada vez maior ao exterior, sem esquecer que a paz não é fruto só do compromisso humano, mas da abertura a Deus. Assim continuamos a abrir novos caminhos de paz. Acendam-se luzes de paz onde existir trevas de ódio. Haja a "vontade de todos para superar as barreiras que dividem, aumentar os vínculos da caridade recíproca, compreender os outros, perdoar quantos causaram injúrias; [...] se irmanem todos os povos da terra e floresça a desejadíssima paz neles e reine sempre" [...] (*Mensagem do Papa Francisco aos Participantes no Encontro Internacional Inter-Religioso "Caminhos de Paz"*).

Angela Merkel, com seu discurso longo e apaixonado, falou sobre a sua “road map”<sup>105</sup> para o futuro da Europa e de um mundo ainda marcado por muitos conflitos e pelo terrorismo. A chanceler alemã já participou do encontro no “espírito de Assis” que teve lugar em Munique em 2011 e agradeceu à Comunidade de Sant’Egídio pela sua “ação pacificadora, fundamental e baseada no poder da palavra e da compreensão mútua, na consciência de que é possível mudar para o melhor”.<sup>106</sup>

Afirmou ela que o diálogo é possível e necessário, pois ajuda a olhar o mundo com os olhos dos outros e a viver juntos. As religiões têm a tarefa da paz, e não há nenhuma justificativa para a violência em nome das religiões, que certamente podem ser usadas para dar sentido à violência. Ao mesmo tempo, “não podemos nos fechar em mundos paralelos porque sabemos que é do não conhecimento mútuo que surgem os problemas”.<sup>107</sup>

Depois de ter recordado que na cidade de Münster e na vizinha Osnabrück, em 1648, a Guerra dos Trinta Anos entre as religiões culminou com a Paz de Westfália, a Chanceler insistiu no papel fundamental que a Europa deve desempenhar em favor da paz, precisamente pela sua história, que chegou a resultados de unidade e reconciliação inimagináveis até a Segunda Guerra Mundial e a tragédia da Shoah: “A Europa não é um nivelamento das nações: continuamos a ser o continente das diversidades, mas podemos viver juntos se tivermos um horizonte de valores comuns”. Hoje a Europa tem uma nova missão: “a Alemanha foi o país eleito para o diálogo inter-religioso”. A paz, concluiu, “é um estaleiro aberto a todos, não só aos estrategistas e especialistas: todos juntos temos uma responsabilidade comum pela paz no mundo”.<sup>108</sup>

Participou do encontro Wagner Angelika, pastora da Igreja Evangélico-Luterana da Baviera, teóloga, membro da Comunidade de Sant’Egídio desde 1987, responsável pelas relações ecumênicas da Comunidade na Alemanha, pelo serviço

---

<sup>105</sup> *Road map* é uma espécie de mapa, uma poderosa ferramenta visual e descritiva que apontará como será o desenvolvimento do projeto a cada período de sua evolução.

<sup>106</sup> MERKEL em #stradedipace: parar os traficantes de morte, abrir os canais legais. Obrigado a Sant’Egídio pelos #corridoiumanitari.

<sup>107</sup> MERKEL em #stradedipace: parar os traficantes de morte, abrir os canais legais. Obrigado a Sant’Egídio pelos #corridoiumanitari.

<sup>108</sup> MERKEL em #stradedipace: parar os traficantes de morte, abrir os canais legais. Obrigado a Sant’Egídio pelos #corridoiumanitari.

aos jovens e às pessoas com deficiência mental (Escola de Artes e Acompanhamento Pastoral) e membro da Associação de Igrejas Cristãs (Arbeitsgemeinschaft Christlicher Kirchen – ACK) da Baviera. Em seu discurso, ela reitera:

A peregrinação que começou em Assis, em 1986, com o histórico Encontro de Oração pela Paz, chegou esse ano em Münster e Osnabrück. Após 30 anos de caminhada juntos, o diálogo entre nós progrediu muito. Mas nosso mundo ainda sofre muito com guerras, violência, terrorismo, ameaças atômicas. Os homens são necessários para assumir a responsabilidade pela paz.

Outro Encontro Internacional de Oração pela Paz organizado pela comunidade de Sant'Egídio ocorreu em 20 de outubro de 2020, em meio à pandemia. Dessa vez, o encontro foi realizado em Assis/Itália, e o Papa Francisco se uniu a mais de 500 líderes religiosos de todo o mundo para realizar a oração ecumênica pela paz.

Há 30 anos, quando pela primeira vez houve o Encontro Internacional pela Paz, foi João Paulo II que reuniu os líderes religiosos do mundo para promover a paz por intermédio do diálogo. Na época eram pouco mais de 100 líderes religiosos participando. Atualmente, a lista contém mais de 500 expoentes de fé de todo o mundo, que se encontram com Francisco no padrão profético traçado pelo papa polonês.

Figura 44 – Encontro do Papa Francisco e outros líderes religiosos para rezar pela paz<sup>109</sup>



O Papa Francisco foi acolhido pelo bispo da cidade, Dom Domenico Sorrentino, junto com autoridades institucionais, como a prefeita de Assis, Stefania Proietti. Na chegada ao Sacro Convento, o Papa logo se dirigiu ao Patriarca Ecumênico de Constantinopla, Bartolomeu I, e também abraçou o Patriarca Siro Ortodoxo de Antioquia, Sua Santidade Ignatius Aphrem II, o primaz da Igreja na Inglaterra, Justin Welby, e também o fundador da Comunidade de Sant'Egídio, Andrea Riccardi. Em seguida, o Papa saudou pessoalmente cada um dos representantes das igrejas e das religiões mundiais, representantes institucionais, do mundo da cultura e um grupo de refugiados que estava participando do encontro pela paz.

Na Basílica de São Francisco ocorreu a oração ecumênica, seguida da cerimônia conclusiva com todos os líderes das religiões do mundo. Para esse momento, houve o discurso do Papa e a leitura do *Apelo de paz*, que foi entregue para crianças, representando várias nações e suas religiões.

---

<sup>109</sup> COLAGRANDE, Fabio. *De Roma, a Oração pela Paz: o mundo precisa de palavras de esperança.*

Na terra de São Francisco, ressoam as palavras do Sucessor de Pedro pronunciadas na missa e que orientam, uma vez mais, os corações de todos à oração, à penitência, ao "choro pela paz", para ouvir o grito do pobre. Esse encontro ocorreu durante a pandemia, num clima de diálogo e fraternidade.

Após a oração ecumênica e a leitura do *Apelo de paz*, Papa Francisco e representantes das igrejas cristãs e outras religiões mundiais ali representadas assinaram o acordo de paz de Roma/2020 e acenderam o candelabro da paz, representando o "Appelo de paz de Roma". O Papa acendeu a primeira vela do candelabro da paz, e um representante de cada religião presente acendeu uma vela do candelabro.

O presidente da Itália, juntamente com o presidente da Comunidade de Sant'Egídio foram os últimos a acenderem o candelabro, para iluminar as luzes da paz de Assis para o mundo.

Figura 45 – Cerimônia para acender o candelabro<sup>110</sup>



<sup>110</sup> POVOS e religiões unidos pela paz: Papa Francisco, Mattarella e líderes religiosos juntos no Capitólio – apelo aos responsáveis dos Estados.



Finalizamos nossa apreciação à Comunidade de Sant'Egídio com o encontro que ocorreu dia 19 de abril de 2021, com o Papa Francisco em audiência com Marco Impagliazzo, presidente da Comunidade de Sant'Egídio, que teve como tema principal o diálogo inter-religioso, sendo incluídas pautas como a luta contra a pandemia e os corredores humanitários.

Figura 46 – Papa Francisco em audiência com Marco Impagliazzo<sup>111</sup>



O tema do diálogo com outras religiões permaneceu em primeiro plano e deve ser reforçado, considerando que pode ser uma alavanca para a paz nesses territórios atormentados pelo conflito. Em particular, o Papa expressou preocupação com o que está acontecendo no norte de Moçambique, um país no qual a Comunidade de Sant'Egídio tem estado envolvida e presente há anos. Discutiram também sobre a experiência dos corredores humanitários que trouxeram milhares de migrantes para Itália de forma legal e segura, muitos dos quais já estão integrados.

Por fim, o Papa e o presidente de Sant'Egídio falaram da pandemia, que conduziu a um crescimento da pobreza, mas, ao mesmo tempo, da solidariedade. Deixaram preparado assim o próximo Encontro Internacional de Oração pela Paz.

---

<sup>111</sup> "NÃO SE SALVAR Sozinhos abre o caminho para visões partilhadas e um sonho sobre a humanidade". Andrea Riccardi no Encontro Internacional "Ninguém se salva sozinho".



## 2.6 BREVE CONCLUSÃO

Ao término desta seção, após uma viagem para a Alemanha, seguindo pisadas de grandes teólogos como Lutero e Calvino, revisitando a história, adentrando pelos caminhos percorridos por eles nas cidades alemãs de Osnabrück e Münster, concluímos que o legado desses grandes homens permanece atual e vivo ainda hoje. Eles foram incansáveis na busca por seus ideais. Lutero enfrentou todo o clero na validação de seu protesto, conseguindo uma divisão oficial entre luteranos e católicos, e Calvino não se contentou que houvesse liberdade religiosa somente para os luteranos e católicos, pois já haviam sido organizadas e fortalecidas outras religiões, inclusive a dele, que discordou de alguns pontos de Lutero. Assim seguiram em guerra até conseguirem assinar o Tratado de Paz de Westfália, em 1648.

Esse percurso foi muito emocionante para mim<sup>112</sup>, que 504 anos após a Reforma tive a oportunidade de seguir os passos de Lutero, numa busca de pistas que me levassem à compreensão da paz justa e humanitária entre as religiões. Foi impressionante não somente saber, mas ver as réplicas das gaiolas onde foram colocados os mártires do ecumenismo<sup>113</sup>, que não voltaram atrás em suas convicções de lutarem pelo diálogo inter-religioso na busca da paz. As gaiolas foram usadas para expor os cadáveres de Jan van Leiden, Bernhard Krechting e Bernhard Knipperdolling depois que eles foram publicamente torturados e mortos no Prinzipalmarkt por liderar o Rebelião de Münster.<sup>114</sup> Essas réplicas permanecem expostas na torre da Catedral de Münster como testemunhas<sup>115</sup> de que é possível haver diálogo entre as religiões. Esse fato data de 1536<sup>116</sup> e ainda hoje existe esse impasse entre as religiões, quando não deveria mais termos dúvidas sobre a importância e necessidade de diálogo e paz entre as religiões.

---

<sup>112</sup> Escolhi neste trecho usar a primeira pessoa para poder expressar melhor os tantos sentimentos que me acometeram nesse período inesquecível de minha pesquisa.

<sup>113</sup> KERSSENBROCH, H. *Narrative of the Anabaptist Madness: The Overthrow of Münster, the Famous Metropolis of Westphalia*.

<sup>114</sup> KLÖTZER, R. *The Melchiorites and Münster*, p. 222; MARSHALL, Peter. *Reforma protestante: uma breve introdução*, 2017, p. 123

<sup>115</sup> WILLIAMS, G. H. *The Radical Reformation*, 1992.

<sup>116</sup> ARTHUR, A. *The Tailor King: The Rise and Fall of the Anabaptist Kingdom of Munster*, 1999.

Com essa apreciação *in loco*, percebi o potencial transformativo dos Tratados de Westfália, uma vez que a sua dimensão internacional permitiu que houvesse a posterior transferência das cláusulas de tolerância religiosa e dos arranjos institucionais de controle e contenção internas (entre o imperador e os príncipes) para o cenário europeu, ultrapassando as fronteiras internacionais. Ficou clara a contribuição dos Acordos de Paz de 1648 à construção do modelo westfaliano de Estados e a sua importância na história, sobretudo para o desenvolvimento do Direito Internacional, pois impuseram o respeito à liberdade religiosa e declararam o direito de fazer acordos para manter a paz e respeitar os direitos humanos.

Muito do que vi e ouvi ficará eternizado em minha memória, pois o aprendizado foi além do adquirido na literatura, além do escrito em livros importantes. A inserção e o convívio com outras culturas e outras religiões servirão como experiência memorável.

Tudo sobre piedade, moralidade, ciência e artes escreveram, independentemente de serem cristãos ou muçulmanos, judeus ou pagãos ou qualquer seita a que eles pertenciam, pitagóricos, Acadêmicos, Peripatéticos, Estoicos, Essênios, Gregos, Romanos, idosos ou Novo, médico ou rabino, qualquer igreja, sínodo, assembleia de igreja: tudo, eu digo, deve ser permitido e ouvido.<sup>117</sup>

Concluo esta segunda seção com uma impressionante obra do artista Kobra, que traduz o que assimilei nessa experiência de busca pela paz entre as religiões, neste tempo de pandemia, que assolou e devastou nações de todas as religiões e etnias.

---

<sup>117</sup> JESSEN, H. *Der Dreißigjährige Krieg i Augenzeugenberichten*, p. 123.

Figura 47 – Obra do artista Kobra, *As religiões e a pandemia*<sup>118</sup>



---

<sup>118</sup> EL OBISPO de Jaén invita, con una pastoral, a celebrar el Día Internacional de la Fraternidad Humana.



### 3. PARADIGMAS DA TEOLOGIA DAS RELIGIÕES, POSTURAS SOBRE O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Ao iniciar esta seção, que abordará posições fundamentais da teologia, tais como exclusivismo, inclusivismo e pluralismo sobre o diálogo inter-religioso, na busca pela paz entre as religiões, é importante lembrar que, inicialmente nesta tese, foi feita uma abordagem cronológica de tratados de paz desde a antiguidade até a atualidade e realizou-se uma pesquisa *in loco* na cidade de Osnabrück/Alemanha. A partir de agora, traremos conceitos de posturas sobre o diálogo inter-religioso, juntamente com a evolução desses conceitos pela ótica de teólogos católicos e protestantes que trabalharam essa temática de modo determinado e com vastidão de horizontes.

Teremos como base as teorias de teólogos e pensadores que consideram o diálogo<sup>1</sup> indispensável para a comunicação e o aprendizado.<sup>2</sup> No primeiro momento, traremos o conceito de cada paradigma (exclusivismo, inclusivismo e pluralismo), logo após mostraremos a evolução desse paradigma num crescente para formulação da compreensão do conceito, com vistas à proposição para a prática do exercício de um efetivo diálogo inter-religioso.

#### 3.1 PARADIGMA EXCLUSIVISTA

O paradigma exclusivista é o mais tradicional dos três paradigmas, tanto no meio católico quanto no meio protestante, tendo como pedra fundamental o tradicional axioma: "*extra ecclesiam nulla salus*"<sup>3</sup> (fora da Igreja não há salvação), sustentando que as condições necessárias para a salvação se relacionam com um conhecimento explícito de Jesus Cristo e a pertença à Igreja. Refere-se à negação da salvação extensiva para membros de outras religiões. No pensamento exclusivista, as outras tradições são vistas como religiosidade inadequada, é um pensamento típico do cristão fundamentalista que pensa que somente a sua própria fé chegou à

---

<sup>1</sup> TEIXEIRA, F. *Teologia e pluralismo religioso*, p. 15.

<sup>2</sup> TEIXEIRA, F. *Teologia das religiões: uma visão panorâmica*. p. 42.

<sup>3</sup> TEIXEIRA, F. *Teologia e pluralismo religioso*, p. 24.

compreensão total e acabada em matéria de salvação, que a sua religião possui a verdade íntegra e única.

O exclusivismo se isola de outras formas de relacionamento com o Transcendente. O pensamento exclusivista é egocêntrico, e a experiência religiosa é baseada apenas na experiência pessoal como critério de verdade, não existindo o “tu” ou “você”. Somente a visão do “eu” teológico e filosófico que é válida, não existindo outras convicções que possam dar conta das verdades e do sentido que a religião pode proporcionar, não respeita a alteridade: “a minha religião é a única verdadeira”. O cristianismo apresenta sua religião como paradigma exclusivista e quer converter todos a uma única verdade: só “Jesus Cristo Salva e dentro da Igreja”.<sup>4</sup> Esse axioma foi defendido pela Igreja Católica e teve origem no século III com Orígenes<sup>5</sup> e Cipriano, anteriores a Agostinho. Sobre outras crenças, Orígenes afirmou que:

Se alguém quer se salvar, venha para esta casa, que pertence àquela que era prostituta. Se alguém que pertence ao antigo povo [o povo judeu] também quer se salvar, venha para esta casa, na qual há o sangue de Cristo, em sinal de redenção [...]. Ninguém se iluda, ninguém se engane: fora desta casa, ou seja, fora da Igreja, ninguém se salva (*extra hanc domum, id est extra ecclesiam, nemo salvatur*). Se alguém sair dela vai se tornar réu da própria morte. [...] Obterão a salvação, por meio deste sinal [do sangue de Cristo], todos aqueles que se encontrarem na casa da ex-prostituta, purificados na água e no Espírito Santo e no sangue do Senhor e nosso Salvador Jesus Cristo.<sup>6</sup>

Cipriano, contemporâneo de Orígenes, é muito mais direto em suas afirmações, tanto que lhe é atribuída a criação formal do axioma “fora da Igreja não há salvação”. Em seus textos, ele é bem claro ao afirmar que:

Se o próprio batismo da confissão pública e do sangue derramado não pode aproveitar ao herético em vista de sua salvação, já que não há salvação fora da

<sup>4</sup> GEISLER, N. L. *Enciclopédia de apologética*, p. 332.

<sup>5</sup> SCOGNAMIGLIO, R.; DANIELI, M. I. (Org.). *Omelie su Giosuè*, p. 75.

<sup>6</sup> SCOGNAMIGLIO, R.; DANIELI, M. I. (Org.). *Omelie su Giosuè*, p. 80-81.

Igreja, *quia salus extra Ecclesiam non est*, com quanto muito mais razão não lhe servirá de nada ter sido lavado com uma água corrompida nas trevas de uma caverna de ladrões.<sup>7</sup>

A respeito da salvação fora da igreja, Cipriano completa:

Não pode ter Deus como Pai, aquele que não tem a Igreja como mãe. Se alguém pudesse ter-se salvado estando fora da arca de Noé, então quem estiver fora da Igreja, poderia também salvar-se [...]. Quem não guarda a unidade da Igreja não guarda nem a lei de Deus, nem a fé do Pai e do Filho, nem a vida nem a salvação, *hac unitatem qui non tenet [...], vitam non tenet et salutem*.<sup>8</sup>

Sobre a salvação, Agostinho concordou com Cipriano e Orígenes<sup>9</sup> quando disse que “todos aqueles que se encontravam afastados da igreja, mesmo que batizados e praticantes dos sacramentos não teriam salvação”:

Fora da Igreja pode ter tudo exceto a salvação. Pode haver honra, pode haver os sacramentos, pode-se entoar o Aleluia e cantar Amém, pode haver o Evangelho, pode-se possuir e pregar a fé em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo: mas em nenhum outro lugar pode-se encontrar a salvação, a não ser na Igreja Católica.<sup>10</sup>

Com Fulgêncio de Ruspe<sup>11</sup> (468 e 533), a tese desse axioma é validada pelo Concílio de Florença<sup>12</sup> (1442). O pensamento exclusivista, que até então mantinha uma certa característica dialética, torna-se rígida. A expressão exclusivista “*extra ecclesiam nulla salus*” vigora então oficialmente na Igreja Católica e praticamente em sua reflexão teológica até o Concílio Vaticano II, vindo desde a Contrarreforma. Sobre o exclusivismo, Ruspe nos elucidada:

---

<sup>7</sup> Fragmento da Epístola LXXIII *apud* TOSO, G. (Org.). *Cipriano: opere*, p. 439-440.

<sup>8</sup> Fragmento de “Unitate Ecclesiae” *apud* TOSO, G. (Org.). *Cipriano: opere*, p. 183.

<sup>9</sup> LIBÂNIO, J. B. *Extra Ecclesiam Nulla Salus*, p. 26.

<sup>10</sup> Extraídas de seu *sermo ad Caesarensis plebem* (CSEL, 2011).

<sup>11</sup> RUSPE, F. *Le condizioni della penitenza la fede*.

<sup>12</sup> FULGENTIUS. *De fide ad Petrum* 37, p. 170.

Creia com toda a fé e não duvide de modo algum: um batizado fora da Igreja Católica não pode participar da vida eterna se, antes do fim desta vida, não se voltar para a Igreja Católica e não se incorporar nesta. Porque, diz o Apóstolo, "se tenho a fé e conheço todos os mistérios, mas não tenho a caridade, não sou nada" (1 Cor 13, 2). De fato, também nos dias do dilúvio, lemos que ninguém pode se salvar fora da arca. Creia com toda fé e não duvide de nenhum modo que, não apenas todos os pagãos, mas também todos os judeus e todos os hereges e cismáticos, que terminam a vida presente fora da Igreja Católica, irão para o fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos (Mt 25, 41).<sup>13</sup>

No ano de 1442, com o Concílio Geral de Florença, também chamado de "concílio de união", foi resgatada, de forma extremamente rígida, a doutrina tradicional da necessidade da Igreja para a salvação:

Temos boas razões para interpretar o decreto à luz daquela que era, então, a crença comum: que todos – pagãos, judeus, hereges e cismáticos – eram culpados do pecado de infidelidade, porque tinham se recusado, propositalmente, a aceitar a verdadeira fé, ou a permanecer nela [...]. O seu [dos bispos de Florença] decreto só pode ser interpretado à luz do seu juízo sobre a culpabilidade de todos aqueles que, eles declaravam, seriam condenados ao inferno. [...] Os bispos do Concílio de Florença acreditavam, certamente, que Deus é bom, que, sendo bom, é justo, e que um Deus justo não condena pessoas inocentes ao fogo do inferno. É inevitável concluir que eles devem ter considerado culpados, e merecedores da punição eterna, todos os pagãos, os hereges e os cismáticos. O que se tentará, a seguir, é justamente ampliar essa observação da compreensão.<sup>14</sup>

O Concílio de Florença não somente apoia e valida o exclusivismo como também firma sua profissão de fé proclamando que fora da Igreja Católica não haveria salvação. Eis a profissão de fé do Concílio de Florença:

---

<sup>13</sup> FULGENTIUS. *De fide ad Petrum* 38, p. 170-171.

<sup>14</sup> LIBÂNIO, J. B. *Extra Ecclesiam Nulla Salus*, p. 27.



A Igreja crê firmemente, professa e proclama que nenhum dos que existem fora da Igreja Católica, não só pagãos, mas também judeus ou hereges e cismáticos, pode alcançar a vida eterna, mas vai para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos (Mateus 25:41). A menos que antes do fim da vida o mesmo tenha sido adicionado ao rebanho; E que a unidade do corpo eclesiástico é tão forte que apenas para os que estão nele estão os sacramentos da Igreja de benefício para a salvação, e fazer jejuns, esmolas e outras funções de piedade e exercícios de serviço cristão produzem uma recompensa eterna e que ninguém, qualquer esmola que tenha praticado, mesmo que tenha derramado sangue pelo nome de Cristo, pode ser salvo, a menos que tenha permanecido no seio e na unidade da Igreja Católica (CD, 1442).<sup>15</sup>

Nesse momento ainda era forte o posicionamento católico sobre o exclusivismo, sendo totalmente apoiado pelo Concílio de Florença. Do mesmo modo ocorre com a parte protestante, com o teólogo Karl Barth<sup>16</sup> (1886-1968), que é um dos teólogos que melhor elaborou a base exclusivista da posição evangélica protestante. Barth foi um teólogo cristão-protestante, pastor da Igreja Reformada e um dos líderes da teologia dialética e da neo-ortodoxia protestante. Talvez o teólogo mais influente de língua alemã. Para Barth há uma única revelação: aquela realizada em Jesus Cristo. A compreensão de seu argumento está no fato de que é impossível haver qualquer forma de salvação para os que buscam, na religião, uma forma de salvação pessoal.

A salvação, no ponto de vista de Barth, está estritamente reduzida ao aspecto revelador do cristianismo na perspectiva cristocentrista, que dificulta a valorização de outros modos de crer e perceber o sentido da transcendência nas outras tradições espirituais. Segundo Faustino Teixeira, Barth afirma um pensamento exclusivista:

---

<sup>15</sup> Sacrosanta Romana Ecclesia: "firmiter credit, profitetur et praedicat, nullos intra Catholicam Ecclesiam non existentes, non solum paganos, sed nec Judaeos, aut haereticos, atque schismaticos aeternae vitae fieri posse participes, sed in ignem aeternum ituros, qui paratus est diabolo, et Angelis eius (Denzinger 1351)" *apud* VIGIL, J. M. *Teologia do pluralismo religioso para uma releitura do cristianismo*.

<sup>16</sup> BARTH, K. *Dogmatica ecclesiale*.

Para Barth, a religião é incredulidade, a religião é por excelência o fato do homem sem Deus. Na linha de sua argumentação, há uma oposição entre revelação e religião. Na primeira, é Deus que fala ao ser humano, convocando-o à escuta da fé; na segunda, é o ser humano que fala e por si mesmo envereda no caminho da verdade da existência. Neste sentido, a religião conduz à autojustificação e autossantificação do homem usurpando o chamado gratuito revelador e salvífico de Deus.<sup>17</sup>

A complexidade do exclusivismo está no fato de não haver compatibilidade dialogal da soterologia cristológica com as outras religiões. A percepção do exclusivismo, na perspectiva cristocentrista, dificulta a valorização de outros modos de crer e perceber o sentido da transcendência nas outras tradições espirituais. Esse paradigma gera contendas e separação, não se constitui como fator de agregação, mas de segregação.

O pensamento do paradigma do exclusivismo religioso tem como característica evidenciar que a perspectiva de verdade de matéria de fé vem da legitimação pessoal ou institucional, a qual não reconhece a viabilidade de afirmação de outra convicção de fé, ou seja, o exclusivista constitui, na própria identidade, a negação total e exclusiva de outras tradições como forma de acesso à salvação e a Deus.

O exclusivismo tem por natureza o caráter de ser absoluto nos seus pressupostos de verdade de fé, crenças e dogmas, enquanto avalia que as outras tradições espirituais e religiosas estão sob o poder do mal, vinculadas ao erro, como explica Küng:

[...] na sua formulação negativa e exclusiva, o [axioma] foi, desde o início, bastante problemático e, por isso, provocou erros de diversos graus; [...] além disso [ele] se revelou fonte de mal-entendidos na sua aplicação aos não cristãos, e absolutamente incompreensível na sua aplicação aos não católicos. [...] com referência aos outros [os que não são cristãos católicos] é melhor formulá-lo positivamente: "dentro da Igreja há salvação!" É necessário, portanto, preservar

---

<sup>17</sup> TEIXEIRA, F. *Teologia e pluralismo religioso*, p. 26.

o núcleo positivo desse axioma, cuja formulação negativa é fonte de mal-entendido.<sup>18</sup>

Em nome de Deus, para manter uma Igreja excludente, única, santa e pura, guerras foram travadas e muitos inocentes mortos. Segundo Gottfried Brakemeier: "Essa convicção separou não somente cristãos e não cristãos. Dificultou também o ecumenismo das Igrejas cristãs até meados do século XX".<sup>19</sup>

O Concílio de Florença (1442) acolhera esta formulação [fora da Igreja não há salvação] e a reenfatizou; isto sucedeu pouco antes de começar a colonização de povos não cristãos no Novo Mundo pela Espanha e por Portugal. Ao longo da conquista extremamente cruel e movida pela febre de ouro, a Igreja efetuou conversões forçadas por ordem da coroa e com anuência do papa. Fora da Igreja não há salvação: esta sentença na época se dirigiu principalmente contra as religiões de povos estrangeiros; congruentemente índios e escravos africanos em massa foram obrigados ao batismo e a aceitar o cristianismo. Esse tipo de missão foi justificado com a preocupação com a salvação eterna do indivíduo.<sup>20</sup>

Esse entendimento começou a mudar a partir do Concílio Vaticano II, que foi um evento conciliar necessário e de tamanha importância, pois abriu uma nova vertente, com avanços, nessa jornada de reflexão teológica católico-cristã. O Concílio Vaticano II, em primeiro lugar, deixou de identificar a Igreja Católica como a única corporificação da Igreja de Cristo. Até o Concílio, dizia-se sempre que a Igreja de Cristo era a Igreja Católica, conforme o texto-base proposto aos padres conciliares. Estes, porém, mudaram expressamente o verbo e escreveram que "a Igreja de Cristo subsiste na Igreja Católica".<sup>21</sup>

Percebe-se que essa visão evoluiu ao longo do tempo, partindo de uma postura mais severa e beligerante, depois de mais de um século de guerras religiosas. Assim, no final do século XVII, uma atitude de tolerância política começou

---

<sup>18</sup> KÜNG, H. *Catholicism: The Freedom of Religions*, p. 365.

<sup>19</sup> BRAKEMEIER, G. *Fé cristã e pluralidade religiosa – onde está a verdade?* P. 24.

<sup>20</sup> LIENEMANN-PERRIN, C. *Missão e diálogo inter-religioso*, p. 53.

<sup>21</sup> CONCÍLIO VATICANO II. *Ad Gentes*.

a surgir, nomeadamente com a experiência da Guerra dos Trinta Anos e, na Inglaterra, com os escritos de John Locke, que ensinou que as autoridades civis não deveriam interferir em questões de consciência religiosa.

O fato de o Concílio de Florença afirmar que não havia salvação fora da igreja levou à dizimação de milhares de membros de outras religiões. Após tanto sofrimento, o Concílio Vaticano II defendeu a bandeira que a salvação vem pela fé. Se houve guerra pelo fato de outras religiões quererem acesso à salvação, conforme vimos anteriormente, houve também o viés evolutivo. No campo protestante, o exclusivismo adquiriu uma forma não eclesiocêntrica, mas centrada no tríplice princípio "*sola fide*", "*sola gratia*" e "*sola scriptura*" (só a fé, só a graça, só a Escritura).<sup>22</sup> Fora disso também não havia salvação, mas a salvação agora não era somente para a Igreja Católica.

A posição de Karl Barth se fez notável por seu radicalismo teológico, apesar de não se identificar como do setor fundamentalista protestante. Para os protestantes, a salvação vem pela entrega do ser humano, mediante a fé e a graça que o próprio Deus lhe oferece em Jesus Cristo. Só a aceitação da graça de Deus vinda por Jesus Cristo pode salvar o ser humano. Não há outro meio de salvação, a não ser pela aceitação, mediante a fé, no Filho de Deus, Jesus Cristo, único e verdadeiro salvador da humanidade. Assim, fora do cristianismo, a religião perfeita e a única verdadeira, tudo é treva e alienação.

Já Karl Rahner<sup>23</sup> (1904-1984) trouxe outra teoria, e essa significou um grande salto adiante, que é o pensamento que mais influenciou o Concílio Vaticano II. Esse salto, por ser um passo dado pelo Concílio Vaticano II com plena consciência, é irreversível. Para Rahner<sup>24</sup>, "as religiões não podem ser consideradas simplesmente como naturais", pois têm valores salvíficos positivos, já que por elas a graça de Cristo efetivamente alcança seus membros. Por isso, devem ser consideradas também como sobrenaturais. Ele acrescenta: "traços da Igreja de Cristo também podem ser identificados em outros lugares".<sup>25</sup>

---

<sup>22</sup> MARTINA, G. *História da igreja: de Lutero aos nossos dias*, p. 42.

<sup>23</sup> RAHNER, K. *O homem e a graça*, p. 39.

<sup>24</sup> RAHNER, K. *O homem e a graça*, p. 39.

<sup>25</sup> RAHNER, K. *O homem e a graça*, p. 39.

O Concílio Vaticano II<sup>26</sup> afirmou respeitar e valorizar tudo de bom e santo que é suscitado pelo Espírito em outras religiões. Reconheceu que a salvação dos seres humanos vai muito mais além dos limites da Igreja; são muitos, inclusive, os que se salvam fora dela, não, porém, sem uma vinculação com Cristo. O Concílio Vaticano II falou sobre as religiões não cristãs de um modo mais positivo, diferentemente de qualquer outro documento oficial da Igreja Católica até então.<sup>27</sup> Admitiu a presença da salvação mais além da Igreja, proclamou que Deus salva a humanidade “por caminhos só por ele conhecidos”<sup>28</sup> e reconheceu os elementos positivos de vida e santidade presentes nas religiões não cristãs.

Com o Concílio Vaticano II, ocorreu uma grande abertura na validação de outras religiões além das cristãs, uma vez que afirmou que existe salvação em outros caminhos; caminhos estes conhecidos somente por Deus... É reconhecido o otimismo antropológico e o desejo de aproximação dialogal do mundo moderno por parte do Vaticano II. Nesse espírito: “o Concílio inaugura uma nova sensibilidade nos campos ecumênico e do diálogo inter-religioso, assumindo de maneira admirável o otimismo salvífico, ao reconhecer tudo o que há de verdade e graça na singularidade dos fiéis de outras religiões, bem como em suas tradições religiosas”.<sup>29</sup> Como pontua Teixeira, “foi de fato o primeiro Concílio Ecumênico a tratar o tema das religiões de modo positivo e aberto”.<sup>30</sup>

Para resumir essa evolução que ocorreu no exclusivismo, o Quadro 3, a seguir, apresenta os autores estudados e a evolução do conceito de exclusivismo.

---

<sup>26</sup> CONCÍLIO VATICANO II. *Ad Gentes*.

<sup>27</sup> SULLIVAN, F. A. *¿Hay salvación fuera de la Iglesia?* P. 195.

<sup>28</sup> CONCÍLIO VATICANO II. *Ad Gentes*.

<sup>29</sup> TEIXEIRA, F. A. *Igreja e o desafio do diálogo e anúncio: reflexões sobre dois documentos recentes do Magistério Eclesial*, p. 293.

<sup>30</sup> TEIXEIRA, F. A. *Igreja e o desafio do diálogo e anúncio: reflexões sobre dois documentos recentes do Magistério Eclesial*, p. 294.

Quadro 3 – Teólogos exclusivistas e seus conceitos

Teólogo	Definição	Data	Palavras-chave	Bibliografia
Orígenes	Ninguém se iluda, ninguém se engane: fora desta casa, ou seja, fora da Igreja, ninguém se salva.	Século III	<i>Extra hanc domum, id est extraecclesiam, nemo salvatur</i> (Se alguém sair dela, vai se tornar réu da própria morte).	Scognamiglio; Danieli, 1993.
Cipriano	<i>Extra ecclesiam nulla salus</i> (Fora da Igreja não há salvação).	Século III	Não pode ter Deus como Pai aquele que não tem a Igreja como mãe.	Toso, 1980.
Agostinho	Fora da Igreja pode ter tudo, exceto a salvação.	Século IV	Fora da igreja não há salvação.	CSEL, 53, 2011.
Fulgêncio de Ruspe	Creia com toda a fé e não duvide de modo algum: um batizado fora da Igreja Católica não pode participar da vida eterna se, antes do fim desta vida, não se voltar para a Igreja Católica e não se incorporar nesta.	468-533	Fora da Igreja Católica não pode participar da vida eterna.	Ruspe, 1986.
Concílio de Florença	A Igreja crê firmemente, professa e proclama que nenhum dos que existem fora da Igreja Católica, não só pagãos, mas também judeus ou hereges e cismáticos, pode alcançar a vida eterna, mas vai para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos (Mt 25:41).	1442	Profissão de fé.	Libânio, 1973.

Teólogo	Definição	Data	Palavras-chave	Bibliografia
Karl Barth	<i>Sola Fide, Sola Gratia, Sola Scriptura</i> (Só a fé, só a graça, só a Escritura).	1886 1968	Fora do cristianismo, a religião perfeita e a única verdadeira, tudo é treva e alienação.	Barth, 1980.
Karl Rahner	As religiões possuem valores salvíficos positivos, visto que por elas a graça de Cristo efetivamente alcança seus membros.	1904 1984	Traços da Igreja de Cristo também podem ser identificados em outros lugares.	Rahner, 1970.
Concílio Vaticano II	Afirmou respeitar e valorizar tudo de bom e santo que é suscitado pelo Espírito em outras religiões. Reconheceu que a salvação dos seres humanos vai muito além dos limites da Igreja.	1962 1965	Deus salva a humanidade "por caminhos só por ele conhecidos" e reconheceu os elementos positivos de vida e santidade presentes nas religiões não cristãs.	Concílio Vaticano II, 1968.

Fonte: A autora (2022).

Pode-se perceber no Quadro 3 que os teólogos exclusivistas comungam do mesmo pensamento e que houve uma evolução, mas ainda continuaram muito conservadores. Na atualidade, o exclusivismo continua forte em algumas denominações religiosas, destacando-se na vertente de católicos mais conservadores e de fundamentalistas protestantes. Apoiando-se no radicalismo do Concílio de Florença em sua profissão de fé, continuam a pregar que "A Igreja crê firmemente, professa e proclama que nenhum dos que existem fora da Igreja Cristã, não só pagãos, mas também judeus ou hereges e cismáticos, pode alcançar a vida eterna, mas vai para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos".<sup>31</sup>

<sup>31</sup> LIENEMANN-PERRIN, C. *Missão e diálogo inter-religioso*, p. 53.

Mesmo após o Concílio Vaticano II, ainda custa a algumas denominações "respeitar e valorizar tudo de bom e santo que é suscitado pelo Espírito em outras religiões", mesmo teólogos tendo defendido teses contrárias ao exclusivismo, como Karl Rahner<sup>32</sup>, quando diz que "As religiões possuem valores salvíficos positivos, já que por elas a graça de Cristo efetivamente alcança seus membros". Vigil<sup>33</sup> mais recentemente disse que "elementos de graça e de santidade também são encontrados em outras comunidades cristãs". Para Eliade<sup>34</sup>, o exclusivismo não tem mais espaço, pois "já estamos nos aproximando de uma cultura planetária e, em breve, os historiadores, filósofos e teólogos mais exclusivistas se verão obrigados a analisar seus problemas e basear suas convicções em um diálogo com colegas de outros continentes e crentes de outras religiões".

Após trazer a evolução no pensar e agir teológico, de acordo com os autores acima citados e tendo como base o Concílio Vaticano II, chegou-se à convergência de que o exclusivismo compreende um ego-egoísmo religioso, pois somente uma religião é a certa e alcançará a salvação, em detrimento às demais existentes. Diante desse ponto de vista, Brakemeier se manifesta dizendo que na visão desses exclusivistas a salvação se torna um monopólio do cristão e levanta a seguinte interrogação: a salvação seria um "privilégio exclusivo dos cristãos e ela se prende à esfera da Igreja e seus fiéis?"<sup>35</sup>

Ao final desta apreciação sobre o paradigma exclusivista, concorda-se com Queiruga quanto ao exclusivismo:

Em sua forma rígida, hoje é sustentada por quase ninguém; na prática, acaba se tornando "contrafigura" para fixar as demais posturas. Pode, de qualquer modo, apresentar-se em formas mais abertas que não excluem todo diálogo e tendem à segunda postura.<sup>36</sup>

---

<sup>32</sup> RAHNER, K. *O homem e a graça*, p. 47.

<sup>33</sup> VIGIL, J. M. *Teologia do pluralismo religioso para uma releitura do cristianismo*, p. 58.

<sup>34</sup> ELIADE, M. *Paul Tillich e a história das religiões*, p. 7.

<sup>35</sup> BRAKEMEIER, G. *Fé cristã e pluralidade religiosa – onde está a verdade?* P. 117.

<sup>36</sup> QUEIRUGA, A. T. *O diálogo das religiões*, p. 18.



Após a apresentação de diversos conceitos de exclusivismo, optou-se por apoiar-se na conceituação de Queiruga e Dupuis, definindo exclusivismo como excludente e individualista. Para fins de conceitos do exclusivismo, optou-se pelos conceitos de Dupuis, que conclui que ser exclusivista é ser egocêntrico. Não concordando com a postura teológica desse paradigma, passamos à segunda postura, que é o paradigma inclusivista.

### 3.2 PARADIGMA INCLUSIVISTA

O inclusivismo surgiu com as inquietações e a preocupação com as pessoas que nunca ouviram o Evangelho e/ou não tiveram acesso a ele: "como crerão se nunca ouviram falar?" (Rm 10,14). O inclusivismo é o posicionamento ou o paradigma que não tem espaço para pensar que somente nas Igrejas cristãs há salvação e que as demais religiões estão vazias da presença salvífica de Deus. O que caracteriza o paradigma inclusivista, segundo Teixeira<sup>37</sup>, "é a centralidade e a construtividade de Jesus".

Acredita-se que fora do cristianismo, nas outras religiões, há a presença da verdade de Deus e de sua salvação. Os dois princípios mais importantes do inclusivismo são: a vontade universal que Deus tem é que todos se salvem, e a salvação só acontece por intermédio do ministério da Graça de Jesus Cristo.

Embora Jesus seja o único salvador do mundo, a pessoa não precisa crer no Evangelho para ser salva. O inclusivismo concorda com o exclusivismo quanto a Jesus ser o único salvador da humanidade: nenhum ser humano será jamais salvo do pecado e do inferno por nenhum outro a não ser por Jesus. Mas exclusivismo e inclusivismo dissentem quanto à necessidade de pessoas não salvas precisarem confiar em Jesus para a salvação.<sup>38</sup>

O inclusivismo concorda com o exclusivismo no campo ontológico: só há salvação em Jesus Cristo; mas não concorda no campo epistemológico: não é

---

<sup>37</sup> TEIXEIRA, F. *Teologia e pluralismo religioso*, p. 64.

<sup>38</sup> PEARSON, R. A. *Pearson's introduction*, p. 12.

necessário que a pessoa para ser salva creia nele, ou sequer tenha ouvido seu nome alguma vez na vida. Tem como base a teologia de Hans Urs von Balthazar<sup>39</sup>, em que a salvação é para quase todos. Esse teólogo utiliza-se de argumentos bíblicos que enfatizam a vontade salvífica universal de Deus: "A vontade de Deus é que ninguém se perca".<sup>40</sup> Ao contrário, para o exclusivismo, somente a religião cristã tem a verdade e a salvação, mesmo que em outras religiões também haja elementos de verdade.

Karl Rahner, teólogo apoiador dessa posição, em sua teologia das religiões, a resume em duas teorias: *crístãos anônimos*, ou seja, os não cristãos são salvos pela graça e presença de Cristo, que age anonimamente entre suas religiões; e *inclusivista/cristocêntrica*, em que as diversas religiões não somente apresentam elementos de uma crença natural em Deus, mas trazem consigo traços substanciais da graça doada por Deus ao homem em Jesus Cristo, portanto os cristãos não apenas podem, mas devem, considerar outras religiões como legítimas e como caminhos de salvação.<sup>41</sup>

Segundo Karl Rahner, Jesus Cristo conquistou a salvação para a humanidade e a confiou à sua igreja, mas pela graça estendeu a salvação para os não cristãos, porém não por mérito dessas religiões, e sim pelo poder de Cristo, que alcança a salvação para eles "de uma maneira somente de Deus conhecida". Na realidade, os não cristãos não se salvam por participar de sua própria religião, mas, sim, pela graça, por meio da mediação de Cristo, ainda que esteja em outra religião e não o conheça. Por essa razão, fala-se de cristocentrismo, e lema dessa posição poderia ser: "Só Cristo salva".<sup>42</sup>

A partir do Vaticano II, num concílio convocado por João XXIII e realizado nos anos de 1962 a 1965, o inclusivismo católico começou a ser teologicamente elaborado, saindo da chamada "era dos Pios". Com o inclusivismo, há uma tentativa de se manter tanto a importância salvífica do cristianismo como o amor de Deus pelo gênero humano, ou seja, a vontade salvífica universal de Deus também se manifesta

---

<sup>39</sup> BALTHASAR, H. U. *Incontrare Cristo*, p. 72.

<sup>40</sup> RAHNER, K. *O homem e a graça*, p. 93.

<sup>41</sup> RAHNER, K. *O homem e a graça*, p. 94.

<sup>42</sup> RAHNER, K. *O homem e a graça*, p. 95.

nas religiões, ainda que de maneira secundária. O inclusivismo afirma que ainda que a salvação se encontre presente de maneira particular no cristianismo, também pode ser encontrada de maneira deficiente e imperfeita nas outras religiões.

Robert A. Pearson sintetiza muito bem o inclusivismo:

1. A revelação de Deus sobre si mesmo na criação e na consciência não apenas condena, mas também salva. De acordo com isso, pessoas podem ser salvas sem nunca terem ouvido de Jesus, ao responder positivamente à revelação geral.
2. Muitos inclusivistas levantam a questão da justiça de Deus: seria injusto se Deus condenasse pessoas meramente porque nunca ouviram o Evangelho de Cristo. Para que Deus seja justo e misericordioso deve haver outros meios de vir a Ele.
3. Muitos inclusivistas têm argumentado que os adeptos das religiões não cristãs mundiais podem ser salvos sem crer no Evangelho. Não que essas religiões por si mesmas ensinem o caminho da salvação, mas porque Deus em sua graça aceita aqueles que sinceramente se arrependem e seguem-no nos limites de sua religião.
4. É comum aos inclusivistas retratarem os crentes do A.T como exemplo de pessoas salvas sem a mensagem de Jesus. Inclusivistas também lhes atribui a categoria de "santos pagãos" figuras bíblicas tais como Melquisedeque e Cornélio, aos quais é declarado que teriam sido salvos sem a revelação especial. Aqueles que nos dias atuais nunca ouviram falar de Jesus e são informacionalmente a.C. Deus os aceita, se eles como os santos pagãos voltarem-se para Ele.
5. Todos os inclusivista alegam que nas Escrituras algumas pessoas são salvas não especificamente pela fé em Jesus, mas com base em um princípio de fé mais genérico. As pessoas não alcançadas de hoje, de maneira semelhante, podem ser salvas sem o Evangelho com base no mesmo princípio.<sup>43</sup>

O teólogo Clark Pinnock, batista, canadense, professor emérito de Teologia no McMaster Divinity College, se posiciona como tendo posturas exclusivista, inclusivista e pluralista:

---

<sup>43</sup> PEARSON, R. A. *Pearson's introduction*, p. 15.

Minha proposta é exclusivista em afirmar decisivamente a redenção em Jesus Cristo, embora isso não negue a possibilidade de salvação dos povos não cristãos. Semelhantemente, ela pode ser chamada inclusivista por recusar limitar a graça de Deus aos limites da Igreja, apesar de não chegar a afirmar que as outras religiões sejam veículo de salvação por elas próprias. E pode ser chamada pluralista à medida que reconhece o trabalho gracioso de Deus nas vidas humanas em todos os lugares. [...] Não pode, porém, ser chamada de pluralista no sentido de eliminar a normatividade de Cristo ou cair no relativismo.<sup>44</sup>

Esse teólogo é o promotor de "uma forma moderada de inclusivismo totalmente ancorada num cristianismo ortodoxo"<sup>45</sup>, identificando em sua obra uma base trinitária, pela qual sintetiza suas ideias. A teologia das religiões de Pinnock é baseada em legítimos fundamentos trinitarianos:

(1) um teísmo aberto, que desafiou a tradicional visão de Deus como imutável e não inclinado a se envolver com os acontecimentos do mundo; (2) uma cristologia que reputa Cristo como norma, mas não como excludente de outros meios de conexão com Deus; e (3) uma pneumatologia como infusão aberta, que retrata a obra do Espírito em termos cósmicos.<sup>46</sup>

Nesse sentido, para o teólogo Jürgen Moltmann, a Igreja não atua sem o Espírito, mas o Espírito pode atuar sem a Igreja. Segundo esse estudioso, a obra da Igreja pertence à história da salvação, já a obra do Espírito pertence à eternidade divina.

Se a igreja (com todas as suas tarefas e faculdades) se entende a si mesma no Espírito e a partir de sua história, também entenderá sua particularidade como momento da atividade do Espírito e não necessitará afirmar sua forma concreta e sua missão especial com exigências de um destrutivo absoluto, tampouco olhará com desconfiança ou com inveja para a atividade salvífica do Espírito, que

---

<sup>44</sup> PINNOCK, C. *A wideness in God's mercy: the finality of Jesus Christ in a world of religions*, p. 15.

<sup>45</sup> KÄRKKLÄINEN, V.-M. *Trinity and religious pluralism*, p. 103.

<sup>46</sup> PINNOCK, C. *A wideness in God's mercy: the finality of Jesus Christ in a world of religions*, p. 21.

tem lugar no exterior dela mesma; antes as aceita agradecida como um sinal de que o campo de ação do Espírito é mais amplo do que a Igreja e que a vontade salvífica de Deus ultrapassa seus limites.<sup>47</sup>

De acordo com Ilaria Morali<sup>48</sup>, foi Henri de Lubac que contribuiu para “a fixação dos motivos teológicos” que estão na base da discussão conciliar sobre a questão salvífica das religiões não cristãs. Foi árduo o seu trabalho contra as pressões em favor da declaração do valor salvífico das religiões não cristãs entre aqueles “de boa vontade” na *Lumen Gentium* 16, onde diz que:

Não nega a divina Providência os auxílios necessários à salvação aos que, sem culpa, não chegaram ainda ao conhecimento explícito de Deus e se esforçam, não sem o auxílio da graça, por levar uma vida reta. Tudo quanto de bom e verdadeiro neles há, é considerado pela Igreja como preparação para o Evangelho e dado por aquele que ilumina todos os homens, para que possuam finalmente a vida.<sup>49</sup>

Deus mesmo pode levar ao encontro do Mistério “todos os homens de boa vontade, em cujos corações atua, de maneira invisível, a graça”.<sup>50</sup> Mantém viva a ideia de um acabamento ou aperfeiçoamento cristão da busca humana, realizada fora ou no interior das religiões: “Deus pode por caminhos d’Ele conhecidos levar à fé os homens que sem culpa própria ignoram o Evangelho”.<sup>51</sup> Entende-se assim um ponto de equilíbrio<sup>52</sup>, que Pinnock explica:

Um ponto fundamental nesta teologia das religiões é a convicção de que a obra redentora de Deus em Jesus Cristo tem como intenção o benefício de todo o

---

<sup>47</sup> MOLTMANN, J. *La iglesia fuerza del Espíritu. Hacia una ecclesiología mesiánica*, p. 88.

<sup>48</sup> MORALI, I. *La salvezza dei non cristiani. L’influsso di Henri de Lubac sulla dottrina del Vaticano II*, p. 99; 257-258.

<sup>49</sup> CONCÍLIO VATICANO II. *Ad Gentes*.

<sup>50</sup> CONCÍLIO VATICANO II. *Ad Gentes*.

<sup>51</sup> ALMEIDA, A. J. *Lumen Gentium: a transição necessária*, p. 243.

<sup>52</sup> PINNOCK, C. *A wideness in God’s mercy: the finality of Jesus Christ in a world of religions*, p. 12.

mundo. [...] A graça de Deus não é mesquinha ou parcial. [...] Segundo o Evangelho de Cristo, os resultados da salvação serão grandes e generosos.<sup>53</sup>

A expressão mais convincente de inclusivismo é a apresentada na tese dos "cristãos anônimos", do teólogo Karl Rahner, que parte de uma teologia da graça, em que não cristãos são salvos pela graça e presença de Cristo, que age anonimamente entre suas religiões. Desse modo, com uma visão inclusivista/cristocêntrica, postulou que as diversas religiões não somente apresentam elementos de uma crença natural em Deus, mas trazem consigo traços substanciais da graça doada a Deus ao homem em Jesus Cristo, portanto, os cristãos não apenas podem, mas devem considerar outras religiões como legítimas e como caminhos de salvação: "toda salvação é dom gratuito, escandaloso e misterioso da graça de Deus. A graça antecede a experiência da salvação. Mais que isso, a graça antecede a própria busca pela salvação. [...] A graça não cai sobre ninguém, a graça já está ali".<sup>54</sup> O ser humano busca o que Rahner chama de "existencial sobrenatural", e a busca em si já é iniciativa da graça divina na atuação no coração humano.

Tanto para os exclusivistas quanto para os pluralistas, a posição inclusivista de Rahner não agradou muito, pois para os exclusivistas ela é muito aberta, e para os pluralistas não é tão aberta quanto poderia ser. Outro ponto apresentado contra a tese rahneriana é a inversão do argumento: se há "cristãos anônimos", pode haver também "muçulmanos anônimos" ou "budistas anônimos", ou seja, pode haver salvos em qualquer religião. No entanto, o que não deixa dúvida é que houve no ponto de vista inclusivista um avanço em seu posicionamento em comparação ao exclusivismo.

O inclusivismo é um pouco mais aberto e uma opção mais recente. O inclusivismo admite a possibilidade que, pelos muitos e misteriosos caminhos de Deus, a salvação aconteça fora e além dos limites do cristianismo. O resumo da posição inclusivista é: "as outras religiões são boas, mas a minha é a melhor". É não honrar a dignidade da diferença.

---

<sup>53</sup> PINNOCK, C. *A wideness in God's mercy: the finality of Jesus Christ in a world of religions*, p. 17.

<sup>54</sup> RAHNER, K. *O homem e a graça*, p. 104.

#### Quadro 4 – Teólogos inclusivistas e seus conceitos

Teólogo	Definição	Palavras-chave	Bibliografia
Hans Urs von Balthazar	A vontade de Deus é que ninguém se perca.	Vontade salvífica de Deus.	Balthasar, 1992.
Karl Rahner	Salvação é dom gratuito de Deus. Todas as religiões têm elementos sobrenaturais.	Cristãos anônimos; existencial; sobrenatural.	Rahner, 1970.
Robert A. Pearson	A revelação de Deus é tanto para a salvação quanto para a condenação.	Deus pode salvar e condenar.	Pearson, 2008.
Clark Pinnock	Forma moderada de inclusivismo totalmente ancorada num cristianismo ortodoxo.	Cristianismo ortodoxo.	Pinnock, 1992.
Jürgen Moltmann	A Igreja não atua sem o Espírito, mas o Espírito pode atuar sem a Igreja.	O Espírito Santo não precisa de templo físico para agir.	Moltmann, 1978.
Henri de Lubac	Todos os homens de boa vontade, em cujos corações atua, de maneira invisível, a graça.	Boa vontade.	Morali, 1999.

Fonte: A autora (2022).

No Quadro 4, podemos notar que, na atualidade, o inclusivismo continua forte. Concordamos com Teixeira, quando diz que o inclusivismo é a centralidade e a construtividade de Jesus<sup>55</sup>, com Balthazar, quando fala que a salvação é para quase todos e que a vontade de Deus é que ninguém se perca<sup>56</sup>, e com Rahner, em sua teologia das religiões sobre cristãos anônimos, quando diz que os não cristãos são salvos pela graça e presença de Cristo, que age anonimamente entre suas religiões<sup>57</sup>,

<sup>55</sup> TEIXEIRA, F. *Teologia e pluralismo religioso*, p. 72.

<sup>56</sup> BALTHASAR, H. U. *Incontrare Cristo*, p. 97.

<sup>57</sup> RAHNER, K. *O homem e a graça*, p. 115.

corroborando as palavras do apóstolo Paulo: "Porque pela graça sois salvos por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus" (Ef 2,8).

Deus faz um chamado para pessoas de todas as religiões, e muitas pessoas de religiões diversas respondem e atendem a esse chamado de Deus. Então, não são as religiões que salvam, mas, sim, a respostas que as pessoas dão ao chamado de Deus a elas, não importando o nome que sua religião possui na placa do templo nem o número do CNPJ que a igreja tem em seu registro. Segundo Teixeira: "Se a pessoa está inserida numa realidade objetiva, essa realidade objetiva também pode ser salvífica".<sup>58</sup>

### 3.3 PLURALISMO RELIGIOSO

Pluralismo religioso é a posição teológica que acredita que todas as religiões têm o mesmo acesso à salvação dada por Deus. Cada uma, por meio de seus ritos, dogmas e crenças, busca chegar-se ao Transcendente por meio da salvação a seu próprio modo de crer e agir. Ou seja, não há somente uma religião que esteja no centro do universo religioso. No centro está somente Deus. As religiões giram em torno do todo-poderoso trino e único Deus, criador e mantenedor absoluto do Universo.

Seguindo o teólogo Susin, uma tarefa que compete à teologia é a abordagem crítica do uno, do todo, do Universo, do absoluto. Destruir a noção do uno, da totalidade sob o aspecto religioso tem um impacto direto para um novo olhar, uma nova consideração sobre o diverso. Susin afirma que:

A primeira experiência do povo Hebreu com o Deus único é esta: seu poder se expressa na libertação. Esta identidade se conecta com toda a criação. E, posteriormente, esta será a expressão de fé do povo: Deus é o único criador e Senhor do Universo e de todos os povos. Esta concepção pode, entretanto, "involuir ou escorregar na ambiguidade levando Israel e depois o cristianismo

---

<sup>58</sup> TEIXEIRA, F. *Teologia e pluralismo religioso*, p. 79.



para um monoteísmo de poder com todos os vícios de hierarquização sob o uno, por mais metafísico e Transcendente que o uno seja concebido e respeitado".<sup>59</sup>

Nesse sentido de respeito ao Transcendente que é uno, o pluralismo religioso refere-se a uma forma específica de conceber as relações entre as religiões, em contraponto ao exclusivismo e ao inclusivismo. Pluralismo religioso significa o contemplar da pluralidade de religiões; significa que essa teologia não foi elaborada conforme os modelos exclusivista ou inclusivista, mas, sim, que foi elaborada com base na pluralidade das religiões. Valoriza cada religião dentro da sua singularidade, respeitando suas particularidades sem comparar uma com a outra, mas somente respeitando e aceitando a outra religião como sendo a verdade que o outro crê e que pode levá-lo a ter acesso ao Transcendente o qual, pela graça Divina, alcançará a salvação.

A ideia pluralista que refuta o pensamento do exclusivismo religioso pensa na ideia de Deus como uma presença que permeia o mistério maior. Todas as religiões são doadoras de sentido de viver e são, de alguma forma, doadoras de salvação. Sobre esse axioma, Teixeira nos explica:

Ele permanecerá por muito tempo um ponto de referência e objeto de discussão, não apenas pelo interesse do argumento, mas igualmente pelas soluções propostas a um dos problemas mais espinhosos da teologia atual. Apresenta-se como uma reflexão que ultrapassa a perspectiva cristocêntrica inclusivista e, ao mesmo tempo, manifesta-se crítica nos confrontos da perspectiva teocêntrica pluralista.<sup>60</sup>

O pluralismo religioso é um valor, "é uma riqueza que nos escapa, não podemos controlar a riqueza da pluralidade".<sup>61</sup> O seu valor é imensurável. "O Deus uno e trino, que é mistério de amor, não se encerra na solidão da incomunicabilidade, mas comunica o seu mistério plural ao gênero humano na história. Trata-se de uma

---

<sup>59</sup> SUSIN, L. C. *A boa notícia aos pobres: um critério de identidade cristã*, p. 172.

<sup>60</sup> CANOBBIO, G. *Note a margine dell'opera di J. Dupuis*.

<sup>61</sup> TEIXEIRA, F. *Teologia das religiões: uma visão panorâmica*.

comunicação transbordante e diversificada".<sup>62</sup> Pluralismo religioso é a posição que sustenta que quem está no centro das religiões é Deus e somente Deus. Em seu redor estão todas as religiões, que se relacionam com Deus diretamente sem que haja apenas uma única religião verdadeira, nem sequer uma religião privilegiada em detrimento às demais.

Vale destacar os teólogos defensores desse paradigma, tais como: R. Haight, John Hick, Paul Knitter, Panikkar, Geffré, José María Vigil, Dupuis e Faustino Teixeira. Os dois teólogos que, inicialmente, abordaram o tema do pluralismo teológico, rompendo a ideia de constitutividade crística, são: John Hick e Paul Knitter.

Por um lado, Hick postula a validade de todas as religiões mundiais como contextos autênticos de salvação/libertação, os quais não são secretamente dependentes da cruz de Cristo, e valoriza a centralidade do real no pluralismo religioso. E o que seria essa centralidade do real para Hick? Seria você se descentrar de si e recentrar-se numa dinâmica do real, no mistério do real.<sup>63</sup>

Paul Knitter – adotando um pluralismo soteriocêntrico, que atualmente está baseado no conceito de reino de Deus, que, por mesclar princípios da teologia da libertação e da ecoteologia, acabou sendo denominado "ecoteólogo pluralista da libertação"<sup>64</sup> –, "nenhuma religião ou revelação pode ser somente a palavra de Deus final ou exclusiva ou inclusiva. *A realidade é plural, desde átomos até religiões*, e Deus precisa de multiplicidade para ser Deus, e o ser humano precisa de diálogo para compartilhar Deus".<sup>65</sup>

Um diálogo "correlacional" das religiões afirma a pluralidade de religiões, não porque a pluralidade é boa em si mesma, mas porque é uma realidade de vida e a matéria do relacionamento. O modelo correlacional busca promover relações de diálogo autênticas e verdadeiramente mútuas entre as comunidades religiosas do mundo, análogas ao tipo de relações que buscamos alimentar entre os nossos amigos e colegas.<sup>66</sup>

---

<sup>62</sup> TEIXEIRA, F. *A teologia do pluralismo religioso em questão*, p. 610.

<sup>63</sup> HICK, J. *A metáfora de Deus encarnado*, p. 121.

<sup>64</sup> D'COSTA, G. *The meeting of religions and the Trinity*, p. 26.

<sup>65</sup> KNITTER, P. F. *Jesus e os outros nomes: missão cristã e responsabilidade global*.

<sup>66</sup> KNITTER, P. F. *Jesus e os outros nomes: missão cristã e responsabilidade global*, p. 37.

Por outro lado, o teólogo indiano Panikkar defende que a realidade é pluralista, o mistério da Trindade é o fundamento último para o pluralismo. Panikkar desenvolveu uma teologia aberta, interdisciplinar, intercultural e inter-religiosa, e o pluralismo, por sua vez, parte do pressuposto de que “todas as religiões são igualmente boas e de igual importância”. Essa compreensão tem sido desenvolvida por vários teólogos contemporâneos, em que se destaca Panikkar com sua tese de doutorado sobre o “Cristo desconhecido do hinduísmo” (1981). Ele tem proposto que o “Cristo é o mediador entre Deus e o mundo, e que este Cristo é conhecido, por muitos e diferentes nomes, por fiéis de todas as religiões”.<sup>67</sup>

Para ele, a salvação do ser humano por Cristo pode ser mediada por qualquer religião, não possuindo o cristianismo mais nenhum privilégio sacramental. Assim, Panikkar fecha seu círculo, convidando o cristianismo e as demais religiões ao diálogo. Segundo ele, somente desse modo será possível a plena realização da evolução e do desenvolvimento humano: “Todos estamos chamados a compartilhar a natureza divina”.<sup>68</sup>

O teólogo Claude Geffré<sup>69</sup> defende uma “mudança de paradigma teológico”, tendo como pano de fundo a Declaração Conciliar *Nostra Aetate* – a declaração das relações da Igreja com as religiões não cristãs –, de 1965, que afirma que a Igreja Católica deve aceitar o que há de “bom e santo” nas outras religiões. Ele procura desenvolver um projeto de teologia das religiões tríplice em seus objetivos: 1) compreender o sentido da evolução da teologia das religiões nos últimos quarenta anos; 2) explicar teologicamente a razão do pluralismo religioso e assim fornecer um fundamento teológico para o diálogo inter-religioso encorajado pela Igreja depois do Vaticano II e; 3) manifestar a oportunidade do diálogo inter-religioso para uma melhor inteligência da singularidade do cristianismo como religião do Evangelho.

Para Geffré, por intermédio das práticas religiosas das outras religiões, Deus também manifesta seu amor e sua vontade salvífica.<sup>70</sup> A revelação de Deus em Jesus é completa e definitiva, mas sua compreensão plena nos remete ao ministério do

<sup>67</sup> PANIKKAR, R. *Ícones do mistério: a experiência de Deus*, p. 53.

<sup>68</sup> PANIKKAR, R. *Ícones do mistério: a experiência de Deus*, p. 53.

<sup>69</sup> GEFFRÉ, C. *A crise da identidade cristã na era do pluralismo religioso*, p. 6-7.

<sup>70</sup> GEFFRÉ, C. *La place des religions dans le plan du salut*, p. 88.

Espírito, que para Geffré é uma promessa para toda a humanidade e não só para a Igreja.<sup>71</sup> Segundo a hermenêutica de Geffré e de seu novo conceito de verdade relacional, o papel dos cristãos é compartilhar uma verdade que transborda, que se articula à das outras religiões, e que, enfim, aprende mais sobre si mesma à medida que se acerca daqueles que proclamam e vivem de uma forma diferente a salvação divina.<sup>72</sup>

O caráter universal da Igreja não depende mais do caráter absoluto do cristianismo, e sim do mistério divino, pelo ministério do Espírito, que faz com que o reino de Deus se amplie no mundo. O conceito fundamental a serviço dessa nova hermenêutica, para Geffré, é o reino de Deus. Esse teólogo é inclusivista por acreditar que todas as religiões salvam pela mediação misteriosa de Cristo, mas é também pluralista, pois defende que os elementos intrínsecos das próprias religiões favorecem a salvação de seus membros. Para ele e para outros pluralistas, "A Igreja, como realidade histórica, não tem o monopólio dos signos do reino; Deus é maior que os signos históricos pelos quais Ele manifesta sua presença".<sup>73</sup>

Geffré é pluralista, e é seu relativismo que faz com que a Igreja cristã encontre as demais religiões num espírito de compartilhamento de verdades, cujo efeito não é as religiões conhecerem o Deus pregado pelos cristãos, e sim os cristãos conhecerem melhor a si mesmos e a salvação divina também presente e agindo de forma diferente nas outras religiões. Geffré está consciente da importância do Jesus histórico para a teologia cristã: "Só podemos conhecer o Deus de Jesus a partir da particularidade da história de Jesus".<sup>74</sup> O Jesus histórico não esgota como "absoluto concreto" toda a riqueza da manifestação divina:

A manifestação do absoluto de Deus na particularidade histórica de Jesus de Nazaré nos ajuda a compreender que a unicidade de Cristo não é exclusiva em relação a outras manifestações de Deus na história. Há uma identificação de Deus com Jesus, segundo a forte expressão da epístola aos Colossenses (2:6):

<sup>71</sup> GEFFRÉ, C. *La verdad del Cristianismo en la era del pluralismo religioso*, p. 138.

<sup>72</sup> GEFFRÉ, C. *Le pluralisme religieux et l'indifférentisme, ou le vrai défi de la théologie chrétienne*, p. 32.

<sup>73</sup> Claude Geffré *apud* LANGEVIN, G.; PIRRO, R. *Le Christ et les cultures. Dans le monde et l'histoire*, p. 23.

<sup>74</sup> GEFFRÉ, C. *La théologie des religions ou le salut d'une humanité plurielle*, p. 108.

“a plenitude da divindade habita nele corporalmente”. Porém, esta identificação nos reenvia ela mesma ao mistério inacessível de Deus que escapa a toda identificação. O cristianismo não exclui, portanto, as outras tradições religiosas que de outra forma identificam a realidade última do Universo.<sup>75</sup>

O pluralismo religioso é uma abertura favorável às outras religiões, é o respeito à alteridade, é o compreender-se mutuamente; não é o concordar com os dogmas, os ritos e as doutrinas, e sim o respeitar o outro na sua individualidade e o ser respeitado também, o que favorece uma prática que tem sido o eixo hermenêutico da teologia latino-americana reconhecida em sua expressão libertadora.<sup>76</sup> É justamente libertar o indivíduo para poder fazer sua escolha de pertença religiosa, não sendo este obrigado a professar a fé em uma igreja cristã e ocultamente acreditar em outra religião e praticar seu culto no oculto, como acontece na realidade atual.

Vigil apoia essa abertura em seu livro *Teologia do pluralismo religioso para uma releitura do cristianismo* quando diz que: “A teologia do pluralismo religioso tem, então, o encanto da novidade, da abertura a horizontes desconhecidos, provocando assim proposições que às vezes comovem nossas convicções mais profundas, tidas pacificamente desde sempre”.<sup>77</sup> Esse teólogo coloca em conexão dois dados teológicos para fundamentar o pluralismo de princípio: “vontade salvífica universal de Deus para com todos os seres humanos e todos os povos” e a “superabundante riqueza e variedade de automanifestações de Deus à humanidade” (citando Dupuis).<sup>78</sup>

O pilar fundante da teologia do pluralismo religioso está alicerçado sobre a imensidão de um Deus que é Amor<sup>79</sup>, diante da importância do amor de Deus, que, por um desígnio universal de salvação, está destinado a todos e manifesta-se em todas as religiões. Paulo, na Carta aos Gálatas (3,28), traz uma visão universalista, inclusiva e plural do Evangelho quando diz: “não existe diferença entre judeus e não

<sup>75</sup> GEFFRÉ, C. *La théologie des religions ou le salut d'une humanité plurielle*, p. 117.

<sup>76</sup> DUPUIS, J. *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*, p. 26.

<sup>77</sup> VIGIL, J. M. *Teologia do pluralismo religioso para uma releitura do cristianismo*, p. 14.

<sup>78</sup> VIGIL, J. M. *Teologia do pluralismo religioso para uma releitura do cristianismo*, p. 115.

<sup>79</sup> DUPUIS, J. *Verso una teologia cristiana del pluralismo religioso*, p. 520.

judeus, entre escravos e livres, entre homens e mulheres, todos vocês são um só por estarem unidos com Cristo Jesus no amor de Deus".

Um dos maiores especialistas no campo da reflexão católica sobre a teologia das religiões e do diálogo inter-religioso é Dupuis.<sup>80</sup> Para ele, a expressão "pluralismo religioso", fenômeno característico do mundo atual, quando associada à teologia não sinaliza somente a questão sobre a "salvação dos membros das outras tradições religiosas, e a importância que estas tradições têm na salvação dos seus seguidores. Ela busca com mais profundidade, à luz da fé cristã, o significado, no projeto de Deus para a humanidade, da pluralidade das fés vivas e das tradições religiosas que nos cercam".<sup>81</sup> Dupuis encontrou o embasamento para o reconhecimento do significado salvífico das outras tradições religiosas para os seus membros dentro do único desígnio de salvação de Deus para a humanidade.

Dupuis<sup>82</sup> foi o teólogo que sugeriu a possibilidade que a salvação de Deus aconteça também fora dos limites do cristianismo. Para Dupuis, o que importa não é o papel das tradições religiosas: "A raiz do próprio pluralismo, o seu significado no projeto de Deus para a humanidade, a possibilidade de uma convergência das várias tradições, com pleno respeito pelas suas diferenças, o seu mútuo enriquecimento e sua recíproca fecundidade".<sup>83</sup> Ele acrescenta: "A história da salvação é a própria história humana e do mundo, vista com os olhos da fé como um 'diálogo de salvação' que Deus estabeleceu livremente com a humanidade desde a criação e que continua pelos séculos até a consumação do seu Reino no escathon".<sup>84</sup>

Dupuis foi o mentor intelectual de Teixeira, que é o principal teórico da teologia do pluralismo religioso no Brasil, o qual pontua que "O Vaticano II foi de fato o primeiro Concílio Ecumênico a tratar o tema das religiões de modo positivo e aberto"<sup>85</sup>, pois traz consigo o desejo de aproximação dialogal do mundo moderno por parte do Vaticano II. Nesse espírito,

<sup>80</sup> DUPUIS, J. *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*, p. 25.

<sup>81</sup> DUPUIS, J. *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*, p. 25.

<sup>82</sup> Dupuis recebeu uma notificação da Congregação para a Doutrina da Fé do Vaticano por conta das afirmações de seu livro *Congregação para a doutrina da fé*.

<sup>83</sup> PANIKKAR, R. *Sobre el diálogo intercultural*, p. 96.

<sup>84</sup> DUPUIS, J. *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*, p. 303.

<sup>85</sup> TEIXEIRA, F. *A Igreja e o desafio do diálogo e anúncio: reflexões sobre dois documentos recentes do Magistério Eclesial*.

o Concílio inaugura uma nova sensibilidade nos campos ecumênico e do diálogo inter-religioso, assumindo de maneira admirável o otimismo salvífico, ao reconhecer tudo o que há de verdade e graça na singularidade dos fiéis de outras religiões, bem como em suas tradições religiosas.<sup>86</sup>

Podemos tomar como ponte o diálogo inter-religioso para ser a zona proximal<sup>87</sup> entre as religiões. A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), segundo Vygotsky:

a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação ou em colaboração de companheiros mais capazes.<sup>88</sup>

O diálogo inter-religioso pode servir de ZDP ao mostrar o ponto de convergência entre as religiões, levando-as a comungarem. Parafraseando Vygotsky, poderíamos dizer que o diálogo inter-religioso seria a "Zona de Diálogo Inter-Religioso Proximal (ZDIRP)"<sup>89</sup> para a convivência e o respeito mútuo entre as pessoas de diferentes religiões, desenvolvendo assim o pluralismo religioso. Vygotsky explica que a ZDP "define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas estão em processo de maturação, funções que amadurecerão mais cedo ou mais tarde, mas que atualmente estão em estado embrionário". Quando acontecer a maturação se dará o diálogo inter-religioso.

A convivência e o respeito mútuo poderão ser materializados na comunhão por intermédio da zona de convergência em temas como: liberdade religiosa com direito de crença individual; ensino religioso nas escolas; ecoteologia; Direitos

---

<sup>86</sup> TEIXEIRA, F. *A Igreja e o desafio do diálogo e anúncio: reflexões sobre dois documentos recentes do Magistério Eclesial*.

<sup>87</sup> A Zona de Desenvolvimento Proximal é uma teoria de processo de ensino-aprendizagem criada por Lev Semionovitch Vygotsky, que foi um psicólogo, proponente da psicologia cultural-histórica. Pensador importante em sua área e época, foi pioneiro no conceito de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida. Desenvolveu a teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal, que é a "lacuna" entre aquilo que o indivíduo pode realizar sozinho e aquilo em que ele vai precisar da ajuda de alguém.

<sup>88</sup> VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*, p. 58.

<sup>89</sup> Expressão criada pela autora.

Humanos e promoção da justiça social com enfoque no problema da violência e da criminalidade na busca da paz. E respeitando a zona de divergência em temas intocáveis, tais como: templos religiosos sagrados, liturgias, livro sagrado (religião literária-escrita, e não literária-oral), sacramentos, rituais, dogmas e teologias.

**Quadro 5 – Teólogos pluralistas e seus conceitos**

Quadro de definições			
Teólogo	Definição	Palavras-chave	Bibliografia
Susin	Uma tarefa que compete à teologia é a abordagem crítica do uno, do todo, do Universo, do absoluto.	Abordagem crítica do uno.	Susin, 2009.
John Hick	Postula a validade de todas as religiões mundiais como contextos autênticos de salvação.	Mistério do real.	Hick, 2000.
Paul Knitter	Nenhuma religião ou revelação pode ser somente a palavra de Deus final ou exclusiva ou inclusiva.	A realidade é plural, desde átomos até religiões.	A realidade é plural, desde átomos até religiões.
Panikkar	Desenvolveu uma teologia aberta interdisciplinar, intercultural e inter-religiosa.	Todas as religiões são igualmente boas e de igual importância.	Panikkar, 2007.
Claude Geffré	Por meio das práticas religiosas das outras religiões, Deus também manifesta seu amor e sua vontade salvífica.	As religiões nos desígnios salvíficos de Deus.	Geffré, 2000.
José María Vigil	"A vontade salvífica universal de Deus para com todos os seres humanos e todos os povos."	Vontade salvífica de Deus para com a humanidade.	Vigil, 2006.
Jaques Dupuis	Encontrou o embasamento para o reconhecimento do significado salvífico das outras tradições religiosas para os seus membros dentro do único desígnio de	Os caminhos diversificados da graça divina.	Dupuis, 1999.



<b>Quadro de definições</b>			
<b>Teólogo</b>	<b>Definição</b>	<b>Palavras-chave</b>	<b>Bibliografia</b>
	salvação de Deus para a humanidade.		
Faustino Teixeira	"É uma riqueza que nos escapa, não podemos controlar a riqueza da pluralidade."	Mistério que nos escapa.	Teixeira, 1999.
Vygotsky	Zona de Desenvolvimento Proximal.	Zona Proximal	Vygotsky, 2001.
Rubem Alves	O sagrado e a verdade não habitam as instituições, mas invadem nosso mundo através da consciência.	Segundo o Evangelho de Cristo, os resultados da salvação serão grandes e generosos.	Alves, 2004; 1979.
Andrés Torres Queiruga	Uma teologia aberta da revelação.	Revelação.	Queiruga, 2010.
Pedro Casaldáliga	A verdade é caminhante como as pessoas, como a história, como o Deus vivo que nos acompanha. Não é minha nem tua, é nossa, ou somos dela.	A verdade é caminhante.	Casaldáliga, 1993.
Milton Schwantes	"A Bíblia não é de ninguém. A Bíblia é de todos."	A salvação não é de ninguém, é de todos.	Schwantes, 2009.
Paul Tillich	O instrumento que a Igreja deve utilizar no seu encontro com as culturas e as religiões é o diálogo, para que possa perceber, no imaginário religioso das pessoas, traços que podem remetê-las ao Transcendente.	O encontro com as culturas e as religiões é o diálogo.	Eliade, 1976.

Fonte: A autora (2022).

No Quadro 5, podemos ver as definições de teólogos pluralistas demonstrando suas convicções bem embasadas referentes à postura teológica do pluralismo religioso. Este refere-se a uma forma específica de conceber as relações

entre as religiões, em contraponto ao exclusivismo e ao inclusivismo. Valoriza cada religião dentro da sua singularidade, respeitando suas particularidades sem comparar uma com a outra, somente respeitando e aceitando a outra religião como sendo a verdade que o outro crê e que pode levá-lo a ter acesso ao Transcendente, o qual pela graça Divina alcançará a salvação. O pluralismo religioso é uma abertura favorável às outras religiões, é o respeito à alteridade, é o compreender-se mutuamente. Não significa concordar com os dogmas, os ritos e as doutrinas do outro, mas, sim, respeitar o outro na sua individualidade e ser respeitado também. Isso favorece uma prática que tem sido o eixo hermenêutico da teologia latino-americana reconhecida em sua expressão libertadora.

Concordamos com Dupuis quando afirma que o pilar fundante da teologia do pluralismo religioso está alicerçado sobre a imensidão de um Deus que é amor.<sup>90</sup> Segundo os teólogos pluralistas, diante da importância do amor de Deus, que, por um desígnio universal de salvação, está destinado a todos e manifesta-se em todas as religiões, a salvação é extensiva a todo ser humano por meio da fé, pela graça de Deus que alcançará o ser humano.

### 3.4 BREVE CONCLUSÃO

Conclui-se ao final desta seção que os três paradigmas estudados possuem pontos de divergência, assim como alguns pontos de convergência, inclusive alguns teólogos apoiam mais de um paradigma em suas convicções, que são bem defendidas e explicadas à luz de suas próprias verdades.

No exclusivismo, para ser salvo, é preciso ser cristão. A perspectiva é eclesiocêntrica. É a posição do conforto. O inclusivismo sustenta que Jesus Cristo atua também fora da Igreja, ainda que de maneira oculta e anônima. É a posição da harmonia. O pluralismo acredita que também outras religiões conduzem a Deus. A perspectiva é teocêntrica. É posição da parceria.<sup>91</sup>

---

<sup>90</sup> VIGIL, J. M. *Teologia do pluralismo religioso para uma releitura do cristianismo*, p. 520.

<sup>91</sup> BRAKEMEIER, G. *Fé cristã e pluralidade religiosa – onde está a verdade?* P. 116.

O pluralismo religioso é a compreensão de que Deus é amor, e a salvação é universal. "Amados, amemo-nos uns aos outros; porque o amor é de Deus; e qualquer que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus; porque Deus é amor" (I Jo 4,7-8). E se o amor de Deus é ilimitado, nosso amor para com o próximo deve ser ilimitado também, por isso o Evangelho nos chama a amar a nosso próximo como a nós mesmos (Lc 10, 27). Amar ao próximo significa respeitá-lo, escutá-lo, tratá-lo como gostaríamos que ele nos tratasse. Significa confrontá-lo quando penso que está errado, mas também estar preparado para ser também confrontado por ele. Enfim, amar ao próximo significa ser capaz de dialogar e comungar com o outro. O pluralismo deita suas raízes na profundidade de um Deus que é amor, capaz de se dar e acompanhar os seres humanos na diversidade de seus caminhos.<sup>92</sup>

Para Knitter <sup>93</sup>, a teologia do pluralismo religioso propõe que "para compreender o grande mandamento, os modelos tradicionais, tanto exclusivos como inclusivos, devem ser revistos e revisados. Porque o amor sem limites de Deus não está restrito somente a uma religião ou caminho espiritual".

Para Rubem Alves, "O sagrado e a verdade não habitam as instituições, mas invadem nosso mundo através da consciência".<sup>94</sup> Dom Pedro Casaldáliga afirma que "A verdade é caminhante, como as pessoas, como a História, como o Deus vivo que nos acompanha. Não é minha nem tua, é nossa, ou somos dela, melhor".<sup>95</sup> Parafraçando Milton Schwantes quando diz que "A Bíblia não é de ninguém. A Bíblia é de todos"<sup>96</sup> arrisco-me a dizer que a salvação não é de ninguém, é para todos, como bem afirmam Faustino Teixeira<sup>97</sup> e José María Vigil.<sup>98</sup> Essa é a afirmação de um conhecimento mútuo e de um enriquecimento recíproco, no compromisso com a construção de um Reinado de Deus que seja vida, justiça, paz, graça e amor para

<sup>92</sup> TEIXEIRA, F. *Dominus Iesus em ação – a notificação sobre o livro de Jacques Dupuis*, p. 429.

<sup>93</sup> KNITTER, Paul F. *Para uma teologia da libertação das religiões*.

<sup>94</sup> ALVES, R. *Dogmatismo e tolerância*, p. 24.

<sup>95</sup> CASALDÁLIGA, P. *Prólogo*, p. 8.

<sup>96</sup> SCHWANTES, M. *Deus vê, Deus ouve!* P. 47.

<sup>97</sup> TEIXEIRA, F. *Introdução*; VIGIL, J. M. *Espiritualidad del pluralismo religioso: una experiencia espiritual emergente*, p. 65.

<sup>98</sup> TEIXEIRA, F. *Introdução*; VIGIL, J. M. *Espiritualidad del pluralismo religioso: una experiencia espiritual emergente*, p. 132.

todos, em primeiro lugar para os menos favorecidos e empobrecidos, que são injustiçados e privados de seus direitos.

Foi nas práxis do seguimento de Jesus Cristo da paz que os primeiros cristãos o conheceram e começaram a segui-lo, deslumbrando a salvação para todos, porque Jesus não pregava uma igreja, e sim, somente, o amor e uma nova forma de vida, viver para e em paz. Vê-se aqui a ruptura do paradigma da verdade: o que é a verdade? Quem é detentor (a) da verdade em detrimento da teologia do pluralismo religioso e do diálogo inter-religioso entre todos e para todos os povos? Salientamos que "sem paz entre as religiões, não haverá paz entre os povos".<sup>99</sup>

O pluralismo religioso é a aceitação da verdade do outro, o respeito à alteridade. É assim chamado porque reconhece muitas religiões como verdadeiras, vindo a salvar o ser humano de diferentes formas: "Esse modelo não deseja nem espera a superação das diferenças religiosas; elas não são um estorvo ao diálogo, mas sua causa, ou seja, o que provoca a necessidade do diálogo".<sup>100</sup>

O ser humano tem uma necessidade essencial, vindo a ser o ponto de partida para a importância do diálogo entre as religiões, e essa necessidade é comum em todas as culturas e religiões: o Transcendente/Deus como fundamento do ser humano. Segundo Tillich:

O instrumento que a Igreja deve utilizar no seu encontro com as culturas e as religiões é o diálogo, para que possa perceber, no imaginário religioso das pessoas, traços que podem remetê-las ao Transcendente/Deus como resposta e sentido para suas questões existenciais, encontrados em ritos e mitos bem diferentes presentes em cada religião.<sup>101</sup>

Neste momento da tese, faz-se necessário escolher qual dos paradigmas ou axiomas será apoiado para sua evolução. De todos os conceitos estudados, buscamos aquele com maior coerência, levando em consideração a alteridade com vistas ao seguimento de Jesus Cristo da paz, o qual pregou a regra de ouro quando

---

<sup>99</sup> BRAKEMEIER, G. *Fé cristã e pluralidade religiosa – onde está a verdade?* P. 115.

<sup>100</sup> KNITTER, P. F. *Introdução às teologias das religiões*, p. 92.

<sup>101</sup> *Apud* ELIADE, M. *Paul Tillich e a história das religiões*, p. 179.

disse “amarás ao teu próximo como a ti mesmo e não farás ao outro aquilo que não gostaria que fizesse a você” (Mt 22, 37-40). Assim, optamos pela escolha dos conceitos apresentados pelos autores do pluralismo religioso na busca pela paz entre as religiões, com vistas à alteridade.

O que se destaca na visão coerente desses teólogos pluralistas é que a salvação é pela fé e independe de uma religião específica. “Salvação” entende-se como a manifestação de fé, sendo, portanto, pessoal, pois é obra da graça de Deus dispensada sobre os seres humanos, de diferentes culturas, povos e nações. Segundo Paul Tillich, O diálogo inter-religioso só será possível e fará sentido se as religiões o estabelecerem em torno de questões universais, como, por exemplo, a finalidade da existência humana, não se prendendo a divergências de conceitos em torno de Deus ou da salvação”.<sup>102</sup>

É necessário um olhar reflexivo remetendo a uma busca ao nosso redor, com maior compreensão da sociedade e do vazio existencial que a humanidade se encontra. Nesse sentido, compreende-se que o diálogo inter-religioso é a ponte para firmar a paz entre as religiões.

Na próxima seção, será apresentada a pesquisa de campo realizada para esta tese, com vistas a entender o que alguns líderes religiosos de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, pensam e quais suas ações na promoção da paz, por meio da promoção do diálogo inter-religioso com apoio da teologia do pluralismo religioso.

---

<sup>102</sup> ELIADE, M. *Paul Tillich e a história das religiões*, p. 7.



## **4. CRITÉRIOS PARA A ZONA DE DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO PROXIMAL: IDENTIFICANDO OS PONTOS DE CONVERGÊNCIA E DIVERGÊNCIA NA PROMOÇÃO DA PAZ**

Nesta seção, apresentaremos os resultados da investigação realizada com líderes religiosos de diferentes tradições religiosas de Porto Alegre, com a finalidade de identificar a aderência e o comprometimento desses representantes religiosos com iniciativas de ações voltadas à promoção da paz justa e sustentável e que promovam a justiça social por meio do diálogo inter-religioso. Com base nas ações realizadas por personagens destacados ao longo desta tese, buscaremos compreender se os líderes religiosos entrevistados estão desenvolvendo ações e reflexões voltadas à cultura da paz e não violência, respeitando os direitos humanos, a alteridade, num diálogo inter-religioso em um Estado laico.

Considerando a teoria da "Zona de Desenvolvimento Proximal" (ZDP) de Vygotsky, destacada na seção anterior, realizamos entrevistas com líderes religiosos pertencentes ao grupo Diálogo Inter-Religioso de Porto Alegre (DIRPOA), para diagnosticar se é possível o diálogo inter-religioso servir de ZDP, mostrando assim os pontos de convergência e divergência entre as religiões, levando-as a comungar em busca da paz. O diálogo inter-religioso será a fonte de proximidade da "Zona de Diálogo Inter-Religioso Proximal (ZDIRP)" para a convivência e o respeito mútuo entre as pessoas de diferentes religiões, desenvolvendo assim o pluralismo religioso.

### **4.1 CRITÉRIOS PARA ENCONTRAR OS PONTOS DE CONVERGÊNCIA DENTRO DA ZONA DE DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO PROXIMAL**

A convivência e o respeito mútuo podem ser materializados por meio de pontos de convergência, ou seja, pela ZDIRP. Para os objetivos deste trabalho, optou-se por estabelecer cinco pontos de convergência presentes na ZDIRP, os quais são o foco das entrevistas:

- liberdade religiosa com direito de crença individual;
- ensino religioso nas escolas;

- ecoteologia;
- Direitos Humanos;
- promoção da justiça social com enfoque no problema da violência e da criminalidade na busca da paz.

Existindo esses pontos de convergência entre as religiões, é possível uma cultura de paz entre elas.

Quanto aos pontos de divergências (aquilo que é intocável), se destacam: templos religiosos sagrados, liturgias, livro sagrado (religião literária – escrito – e não literária – oral), sacramentos, rituais, dogmas e teologias.

Para deixar explícito, explicaremos, cada um dos conceitos dos cinco pontos de convergência propostos na busca do desenvolvimento da cultura de paz entre as religiões e entre as nações à luz da legislação e dos Direitos Humanos.

#### **4.1.1 Liberdade religiosa com direito de crença individual**

A liberdade religiosa promove a estabilidade numa sociedade pluralista, mas quando é limitada, conduz ao aumento da violência e dos conflitos. A liberdade religiosa está diretamente correlacionada com a proteção de outros direitos civis e humanos. A viabilidade de uma sociedade onde diversas fés e crenças podem coexistir está enraizada nos altos princípios de liberdade de consciência e de leis de proteção da religião estabelecidos na Constituição Brasileira, que traz em seu artigo 5º:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: [...]

Inciso VI – é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*.



Seguindo a legislação brasileira, essas ações contribuem para uma sociedade justa e livre, onde as tensões são negociadas e as pessoas vivem em paz com as suas mais profundas diferenças. Essa é a essência da democracia. A liberdade religiosa é, na verdade, muito mais ampla e profunda do que um simples direito. Na sua essência, a liberdade religiosa é semelhante à “liberdade de consciência”, ou seja, é o direito do homem pensar e acreditar, assim como de se expressar e agir de acordo com o que acredita profundamente e de acordo com a sua consciência moral.

Conforme o Centro de Referência em Direitos Humanos do Distrito Federal:

A liberdade religiosa não dá direito de ninguém se sobrepor sobre as demais religiões, como se a própria escolha individual fosse a única religião como verdade religiosa possível e que a escolha das demais pessoas fosse menos importante ou não passível de ser respeitada. O desrespeito tem gerado situações de intolerância e violência religiosa.<sup>2</sup>

Essa liberdade aplica-se tanto aos que se filiam a denominações religiosas como aos que optam por não se filiar a nenhuma. O direito de liberdade religiosa compreende as liberdades de consciência, pensamento, discurso, culto, pregação e organização religiosa, tanto na esfera pública quanto na esfera privada, constituindo-se como direito fundamental a uma identidade religiosa e pessoal de todos os cidadãos, conforme estabelecido na Constituição Federal, na Declaração Universal dos Direitos Humanos e no Direito Internacional.

#### **4.1.1.1 Conceitos pertinentes à liberdade religiosa**

A compreensão de alguns conceitos é essencial para que possamos debater o tema *liberdade religiosa*, tais como: tolerância, intolerância religiosa, discriminação religiosa e desigualdade religiosa.

Em 1981, foi proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas a *Declaração sobre a eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação*

---

<sup>2</sup> CENTRO DE REFERÊNCIA EM DIREITOS HUMANOS DO DISTRITO FEDERAL; CASA DOS DIREITOS UNIÃO PLANETÁRIA. *Diversidade religiosa e Direitos Humanos*, p. 4.

*fundadas na religião ou nas convicções.*<sup>3</sup> Em 1992, foi estabelecida, também pela ONU, a *Declaração sobre os direitos das pessoas pertencentes a minorias nacionais ou étnicas, religiosas e linguísticas.*<sup>4</sup> Já em 1995, surgiu a *Declaração de princípios sobre a tolerância*<sup>5</sup>, estabelecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). No preâmbulo da Declaração dos princípios sobre a tolerância, explicam-se as razões de ter sido escrito esse documento, em que destacamos:

[...] Alarmados pela intensificação atual da intolerância, da violência, do terrorismo, da xenofobia, do nacionalismo agressivo, do racismo, do antissemitismo, da exclusão, da marginalização e da discriminação contra minorias nacionais, étnicas, religiosas e linguísticas, dos refugiados, dos trabalhadores migrantes, dos imigrantes e dos grupos vulneráveis da sociedade e também pelo aumento dos atos de violência e de intimidação cometidos contra pessoas que exercem sua liberdade de opinião e de expressão, todos comportamentos que ameaçam a consolidação da paz e da democracia no plano nacional e internacional e constituem obstáculos para o desenvolvimento. [...]

Decididos a tomar todas as medidas positivas necessárias para promover a tolerância nas nossas sociedades, pois a tolerância é não somente um princípio relevante, mas igualmente uma condição necessária para a paz e para o progresso econômico e social de todos os povos. Declaramos [...].<sup>6</sup>

O que é tolerância então?

Art. 1º [...] 1.1. A tolerância é o respeito, a aceitação e o apreço da riqueza e da diversidade das culturas de nosso mundo, de nossos modos de expressão e de nossas maneiras de exprimir nossa qualidade de seres humanos. É fomentada

---

<sup>3</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Declaração sobre a eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação fundadas na religião ou nas convicções.*

<sup>4</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Declaração sobre os direitos das pessoas pertencentes a minorias nacionais ou étnicas, religiosas e linguísticas.*

<sup>5</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). *Declaração de princípios sobre a tolerância.*

<sup>6</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). *Declaração de princípios sobre a tolerância.*

pelo conhecimento, a abertura de espírito, a comunicação e a liberdade de pensamento, de consciência e de crença. A tolerância é a harmonia na diferença. Não só é um dever de ordem ética; é igualmente uma necessidade política e jurídica. A tolerância é uma virtude que torna a paz possível e contribui para substituir uma cultura de guerra por uma cultura de paz.<sup>7</sup>

A tolerância é, antes de tudo, uma atitude ativa fundada no reconhecimento dos direitos universais da pessoa humana e das liberdades fundamentais do outro. A tolerância deve ser praticada pelas pessoas, pelos grupos e pelo Estado. A tolerância é o sustentáculo dos direitos humanos, do pluralismo (inclusive o pluralismo cultural), da democracia e do Estado de Direito. A prática da tolerância significa que toda pessoa tem a livre escolha de suas convicções e aceita que o outro desfrute da mesma liberdade. Significa aceitar o fato de que os seres humanos, que se caracterizam naturalmente pela diversidade de seu aspecto físico, de sua situação, de seu modo de expressar-se, de seus comportamentos e de seus valores, têm o direito de viver em paz e de ser tais como são. Significa também que ninguém deve impor suas opiniões a outrem.<sup>8</sup>

Cortella defende que "A tolerância é uma maneira de oferecer uma permissão para a presença, a existência e a convicção diversa da minha, quase que beirando a noção de 'autorização subjetiva' para partilhar vida com aquele ou aquela que não é como eu".<sup>9</sup> A tolerância expressa o sentimento e a prática da vida coletiva em uma perspectiva de acolhimento. Acredita-se na possibilidade de uma convivência humana em que se preserve a individualidade, a liberdade e as dignidades recíprocas.

Ao contrário, a intolerância e o preconceito enunciam a incapacidade de assimilar a pluralidade, isto é, a percepção de que a vida é plural, que há diferentes modos humanos de existir. A intolerância religiosa, portanto, é o cerceamento à livre manifestação religiosa<sup>10</sup>, bem como o assédio e os atos de violência em ambiente de trabalho, instituições educacionais, estabelecimentos de saúde ou quaisquer outros

---

<sup>7</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). *Declaração de princípios sobre a tolerância*.

<sup>8</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*.

<sup>9</sup> CORTELLA, M. S. *Recusar a destruição da convivência digna! (Valores inadiáveis)*.

<sup>10</sup> NOGUEIRA, S. *Intolerância religiosa*, p. 49.

ambientes públicos ou privados, infringindo assim o artigo 5º da Constituição Federal de 1988.<sup>11</sup> A Lei n. 11.635, de 27 de dezembro de 2007, institui o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, a ser comemorado no dia 21 de janeiro.<sup>12</sup>

A discriminação religiosa refere-se à distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada na confissão religiosa que tenha por objetivo anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada. Já a desigualdade religiosa diz respeito às situações de diferenciação de acesso e gozo de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, motivadas pela confissão religiosa.

Para se falar em liberdade religiosa, é importante analisar o próprio conceito de religião, pois, conforme ressalta Konvitz, "o que para um homem é religião, pode ser considerado por outro como uma superstição primitiva, imoralidade, ou até mesmo crime, não havendo possibilidade de uma definição judicial (ou legal) do que venha a ser uma religião".<sup>13</sup> O artigo 18º da Declaração Universal dos Direitos Humanos elucidada:

Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.<sup>14</sup>

A liberdade religiosa é direito fundamental da pessoa humana, consagrado nas constituições dos diversos estados democráticos e nos principais tratados internacionais de Direitos Humanos. Assim, não se trata apenas de direito natural, sem força jurídica vinculante. É conquista sem a qual não pode haver paz social e a convivência harmoniosa entre as diversas concepções religiosas existentes na sociedade.

---

<sup>11</sup> BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*.

<sup>12</sup> BRASIL. *Lei n. 11.635, de 27 de dezembro de 2007*.

<sup>13</sup> KONVITZ, M. R. *Fundamental liberties of a free people: religion, speech, press, assembly*, p. 49.

<sup>14</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*.

Em 1988, em comemoração ao aniversário de 200 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, foi assinada *A Carta de Williamsburg* por 100 figuras proeminentes, em que foram celebradas e reafirmadas as cláusulas de liberdade religiosa: "As cláusulas de liberdade religiosa são tanto uma proteção da liberdade individual como uma disposição para organizar a relação entre a religião e a vida pública. Elas permitem-nos viver com as nossas mais profundas diferenças".<sup>15</sup>

James Madison expressou em seu Memorial and Remonstrance que: "A religião de cada homem deve ser deixada à convicção e consciência de cada homem; sua natureza é um direito inalienável".<sup>16</sup>

A liberdade religiosa, finalmente, não depende nem dos favores do Estado e de seus funcionários, nem dos caprichos dos tiranos ou das maiorias. A liberdade religiosa em uma democracia é um direito que não pode ser submetido ao voto e depende do resultado de nenhuma eleição. Uma sociedade é tão justa e livre quanto respeita esse direito, especialmente em relação às crenças de suas menores minorias e comunidades menos populares.<sup>17</sup>

Na sua plenitude, a liberdade religiosa revela uma liberdade profunda que vai muito além do direito de acreditar naquilo que se quer e vai muito além do direito de devoção privada no seu lugar de culto ou em casa. Na realidade, a liberdade religiosa não é meramente interior e privada, para ser apreciada internamente na nossa mente e na privacidade da nossa vida pessoal. Ela também incorpora o direito de agir de acordo com as próprias crenças e convicções morais. E mais do que a liberdade de adorar em privado é o direito de viver a própria fé livremente e em público. O discurso religioso e moral também é protegido ao ar livre e em espaços de domínio público. A liberdade religiosa e a liberdade de consciência são vitais, pois ajudam a sustentar esse sistema de convivência pacífica.

---

<sup>15</sup> THE WILLIAMSBURG Charter (1988).

<sup>16</sup> THE WILLIAMSBURG Charter (1988).

<sup>17</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*.

O direito à liberdade de consciência não se baseia na ciência, nem na utilidade social, nem no orgulho da espécie. Pelo contrário, tem como premissa a dignidade inviolável da pessoa humana. É o fundamento e está integralmente relacionado com todos os outros direitos e liberdades garantidos pela Constituição.<sup>18</sup>

A liberdade religiosa é um direito constitucional, público e subjetivo por se tratar de uma questão de foro íntimo, podendo ser exercida de forma individual ou coletiva, quando houver comunhão de pensamentos e compatibilidades doutrinárias que permitam a associação voluntária, independentemente de a coletividade se revestir de personalidade jurídica.

O conceito de liberdade religiosa também está na *Dignitatis Humanae* do Concílio Vaticano II, na "Doutrina geral acerca da liberdade religiosa".

2. Este Concílio Vaticano declara que a pessoa humana tem direito à liberdade religiosa. Esta liberdade consiste no seguinte: todos os homens devem estar livres de coação, quer por parte dos indivíduos, quer dos grupos sociais ou qualquer autoridade humana; e de tal modo que, em matéria religiosa, ninguém seja forçado a agir contra a própria consciência, nem impedido de proceder segundo a mesma, em privado e em público, só ou associado com outros, dentro dos devidos limites. Declara, além disso, que o direito à liberdade religiosa se funda realmente na própria dignidade da pessoa humana, como a palavra revelada de Deus e a própria razão a dão a conhecer (2). Este direito da pessoa humana à liberdade religiosa na ordem jurídica da sociedade deve ser de tal modo reconhecido que se torne um direito civil (DH).

A *Dignitatis Humanae* entende a pessoa humana como portadora de uma dignidade que traz, de maneira intrínseca, o direito à liberdade religiosa e sua sociabilidade. Proclamou ainda a isenção de qualquer tipo de coação em matéria religiosa. A Declaração não utilizou o conceito de tolerância, mas, sim, de liberdade.

---

<sup>18</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*.

#### 4.1.2 Ensino religioso nas escolas

O ensino religioso de matrícula facultativa, dentro da sala de aula, está garantido pela Constituição de 1988<sup>19</sup>, pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB)<sup>20</sup> e pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).<sup>21</sup> O ensino religioso aparece na BNCC como um currículo de base científica e de parte constitutiva das ciências humanas, ou seja, um currículo fundado no paradigma das ciências da religião, em que o fenômeno religioso é seu objeto de análise. Desse modo, assegura-se o estudo de todas as religiões oficiais do Brasil, assim como sua livre identificação por parte de seus fiéis, que ora se fazem alunos, sem discriminação e preconceitos, tanto da parte de colegas como da parte de professores e equipes diretivas e pedagógicas.

Artigo 9 § 4º – A criança e o adolescente estarão protegidas de qualquer forma de discriminação, violação à sua integridade física, moral e emocional por motivos de religião ou crenças, devendo ser educados em um espírito de compreensão, tolerância e respeito à sua liberdade religiosa, sendo que os pais têm o direito de educar os filhos segundo as suas próprias crenças.

Artigo 10 – São livres a expressão e a manifestação da religiosidade, individual ou coletivamente, por todos os meios constitucionais e legais permitidos, inclusive por qualquer tipo de mídia, sendo garantida, na forma da lei, a proteção a qualquer espécie de obra para difusão de suas ideias e pensamentos.<sup>22</sup>

A Resolução n. 2/1998 incluiu o ensino religioso como uma das áreas de conhecimento. Essa determinação foi ratificada pelas Resoluções n. 4/2010 e n. 7/2010, que mantiveram o ensino religioso como uma das cinco áreas de conhecimento do Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, tem como base promover o diálogo inter-religioso em uma perspectiva educativa reflexiva e laica, como bem traz no documento do MEC da BNCC.<sup>23</sup>

---

<sup>19</sup> BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*.

<sup>20</sup> BRASIL. *Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*.

<sup>21</sup> BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*.

<sup>22</sup> SÃO PAULO. *Lei n. 17.346, de 12 de março de 2021*.

<sup>23</sup> BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*.

O Ensino Religioso como disciplina em âmbito escolar conquista um espaço de diálogo sobre as religiões, crenças modo de conduta, sistemas ideológicos, descreve esta pluralidade comparando o que tem de similar entre as religiões para que por meio deste debate gere reconhecimento das alteridades de modalidades de crenças sejam monoteístas ou politeístas que são sistemas autênticos que resultam formas de ser, estar e interpretar o mundo. O Ensino Religioso toma para si esta tarefa de promover o reconhecimento da alteridade que é olhar nos olhos do outro e enxergar nele a mesma dignidade e direitos que você atribui a si mesmo.

O ser humano se constrói a partir de um conjunto de relações tecidas em determinado contexto histórico-social, em um movimento ininterrupto de apropriação e produção cultural. Nesse processo, o sujeito se constitui enquanto ser de imanência (dimensão concreta, biológica) e de transcendência (dimensão subjetiva, simbólica). Ambas as dimensões possibilitam que os humanos se relacionem entre si, com a natureza e com a(s) divindade(s), percebendo-se como iguais e diferentes. A percepção das diferenças (alteridades) possibilita a distinção entre o "eu" e o "outro", "nós" e "eles", cujas relações dialógicas são mediadas por referenciais simbólicos (representações, saberes, crenças, convicções, valores) necessários à construção das identidades. Tais elementos embasam a unidade temática Identidades e Alteridades, a ser abordada ao longo de todo o Ensino Fundamental, especialmente nos anos iniciais. Nessa unidade pretende-se que os estudantes reconheçam, valorizem e acolham o caráter singular e diverso do ser humano, por meio da identificação e do respeito às semelhanças e diferenças entre o eu (subjetividade) e os outros (alteridades), da compreensão dos símbolos e significados e da relação entre imanência e transcendência.<sup>24</sup>

Quanto à importância do componente ensino religioso no âmbito escolar, Remí Klein assim se posiciona:

---

<sup>24</sup> BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*.



Quando falamos em tolerância religiosa, fazemo-lo dentro do espírito da interpretação atual da legislação do ensino religioso e da compreensão pedagógica. De modo prático, aprende-se a tolerância no exercício da resolução de conflitos em situações de convívio diário de sala de aula. A tolerância religiosa exercita-se no conhecimento e no "reconhecimento" da diversidade de característica de expressões religiosas de um determinado grupo.<sup>25</sup>

Conforme O FONAPER, o diálogo inter-religioso deve estar presente dentro da sala de aula, por intermédio da disciplina de ensino religioso.

Garantir que todos os educandos tenham a possibilidade de estabelecer diálogo. E, como nenhuma teoria sozinha explica completamente o processo humano, é o diálogo entre elas que possibilita construir explicações e referenciais, que escapam do uso ideológico doutrinal e catequético.<sup>26</sup>

Nesse contexto, a escola apresenta-se como um dos espaços onde, a partir de exercícios em e com alteridade, podem ser construídas e desenvolvidas práticas pedagógicas que objetivem:

- a) compreender os diferentes grupos e tradições religiosas como fenômenos presentes em diversas culturas, ao longo da História da Humanidade, pois cada uma é portadora de significados e sentidos, que, por sua vez, estão vinculadas às identidades pessoais e sociais;
- b) Conhecer as religiões, as diversas expressões de religiosidade sociais e/ou de caráter eclesial de forma crítica, criativa e contextualizada, cotejando informação e realidade, de modo a que o educando e o educador (re)conheça(m) as próprias crenças e as situem em relação a outras, com base no princípio do valor histórico-cultural de cada uma, promovendo o sentido da tolerância, da acolhida, da reverência e do convívio respeitoso com o diferente nas diferenças.<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> KLEIN, R.; BRANDENBURG, L. E.; WACHS, M. C. (Org.). *Ensino religioso: diversidade e identidade*, p. 73.

<sup>26</sup> FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO (FONAPER), p. 29.

<sup>27</sup> FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO (FONAPER). *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso*, p. 29.

A diversidade religiosa manifesta-se no contexto escolar na multiplicidade de comportamentos, atitudes, valores, símbolos, significados, linguagens, roupas e sinais sagrados, bem como nos referenciais éticos e morais utilizados pelos sujeitos para realizarem suas escolhas em relação ao outro, ao mundo e à vida. Interagir com a diversidade de conhecimentos presentes no cotidiano escolar é altamente desafiador. Uma educação comprometida com a diversidade de seus sujeitos e situações requer de toda a sociedade seu apoio e envolvimento.

O Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (FONAPER) defende que é obrigação do sistema de ensino compreender o ensino religioso como uma área de conhecimento, que objetiva proporcionar o conhecimento dos elementos básicos que compõem o fenômeno religioso, a fim de possibilitar esclarecimentos sobre “o direito à diferença, valorizando o pluralismo e a diversidade cultural presentes na sociedade, para que as culturas sejam conhecidas em idêntico grau e valor, com reverência e respeito às alteridades”.<sup>28</sup>

Complementarmente, a lei assegura o conhecimento e o respeito à diversidade cultural religiosa do país, sendo vedadas, nas escolas, quaisquer espécies de proselitismo e, de forma consequente, de discriminação. A questão religiosa é uma das mais delicadas no que se refere às diversidades. Para a construção de outros mundos, melhores e possíveis, é mister a construção de mundos que sejam portadores de diálogos em reverência.

#### 4.1.3 Ecoteologia

A respeito do cuidado com a mãe terra, o Papa Francisco redigiu integralmente a *Carta Encíclica Laudato Si'*, em que aborda o cuidado da “casa comum”, que denominou Mãe ou Irmã Terra, a qual acolhe a todos em seus braços, mas que é maltratada pelo uso irresponsável de seus bens pelo ser humano. Na *Carta Encíclica Laudato Si'*, o papa critica o consumismo e o desenvolvimento irresponsável e faz

---

<sup>28</sup> FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO (FONAPER). *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso*, p. 29.

um apelo à mudança e à unificação global das ações para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas.

Para o Santo Padre, tudo está conectado, e o ser humano não está dissociado da Terra ou da natureza, sendo partes de um mesmo todo. O Papa Francisco demonstra que a pobreza e degradação ambiental têm uma mesma raiz, não havendo crises separadas, uma ambiental e outra social, mas, sim, uma única e complexa crise socioambiental. Nos primeiros parágrafos da *Laudato Si'*, ele diz:

Lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos a construir o futuro do planeta. Precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental, que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós (LS, 14).

O Papa Francisco propôs uma nova ideia que está no conceito de ecologia integral, a qual apresenta múltiplos aspectos, todos intimamente relacionados, que vai além da ecologia ambiental, cobrindo também todos os campos econômico, social, cultural, espiritual e a vida cotidiana. Propõe que essa ecologia integral se coloque decididamente a serviço da vida, especialmente da vida humana.

A ecologia integral é inseparável da noção de bem comum. Partindo desse pressuposto, o Papa Francisco estabelece o princípio do bem comum que desempenha um papel central e unificador na ética social. Nesse sentido, a *Laudato Si'* demonstra que o bem comum pressupõe o respeito pela pessoa humana, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para o seu desenvolvimento integral, destacando-se de forma especial a família enquanto célula basilar da sociedade. O bem comum requer a paz social, isto é, a estabilidade e a segurança de uma certa ordem, que não se realiza sem uma atenção particular à justiça distributiva, cuja violação gera sempre violência. Segundo o Papa Francisco:

A maior parte dos habitantes do planeta declara-se crente, e isto deveria levar as religiões a estabelecerem diálogo entre si, visando ao cuidado da natureza, à defesa dos pobres, à construção duma trama de respeito e de *fraternidade*. De igual modo é indispensável um diálogo entre as próprias ciências, porque cada

uma costuma fechar-se nos limites da sua própria linguagem, e a especialização tende a converter-se em isolamento e absolutização do próprio saber (LS 201).

O Papa faz um grande questionamento: "Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão a crescer?" Esse questionamento foi feito de maneira inversa por Cortella<sup>29</sup>: "O mundo que vamos deixar para nossos filhos depende dos filhos que vamos deixar para este mundo". Ou seja, que filhos estamos deixando para este mundo? Estamos ensinando sobre o cuidado da casa comum, do cuidado com a Mãe Terra para eles?

Na Encíclica, o Papa nos lembra que o "nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar e a sua água vivifica-nos e restaura-nos" (LS 2). A situação atual é grave, mas o texto do Papa Francisco sempre encontra razões para a esperança e para a confiança de que o ser humano pode encontrar soluções viáveis. Toda a Encíclica está permeada por um olhar de esperança que envia uma mensagem clara:

A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum, o ser humano ainda é capaz de intervir de forma positiva, nem tudo está perdido, porque os seres humanos, capazes de tocar o fundo da degradação, podem também superar-se, voltar a escolher o bem e regenerar-se (LS 13).

Os temas da casa comum, da Mãe Terra, do grito da Terra e do grito dos pobres, do cuidado, da interdependência entre todos os seres, do valor intrínseco de cada ser, dos pobres e vulneráveis, da mudança de paradigma, do ser humano como Terra que sente, pensa, ama e venera, da ecologia integral, entre outros, são recorrentes entre nós. O Papa traz uma frase que nos remete à reflexão feita na América Latina:

[...] hoje, não podemos deixar de reconhecer que *uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social*, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir *tanto o clamor da terra como o clamor*

---

<sup>29</sup> CORTELLA, M. S. *Recusar a destruição da convivência digna! (Valores inadiáveis)*, p. 49.

*dos pobres*. [...] Estas situações provocam os gemidos da irmã terra, que se unem aos gemidos dos abandonados do mundo, com um lamento que reclama de nós outro rumo (LS 50; 53).

Nesse sentido de cuidado com a natureza e com a Mãe Terra, Capra também viu o mundo com suas conexões na natureza, não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos interconectados e interdependentes. Em seu livro *A teia da vida*, ele indica a originalidade da ecologia profunda. Reconhecendo o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebendo os seres humanos como um fio particular na teia da vida, Capra ainda mostra as ligações de *deep ecology*<sup>30</sup> com a sabedoria das grandes tradições religiosas:

Em última análise, a percepção da ecologia profunda é percepção espiritual ou religiosa. Quando a concepção de espírito humano é entendida como o modo de consciência na qual o indivíduo tem uma sensação de pertinência, de conexão com o cosmos como um todo, torna-se claro que a percepção ecológica é espiritual na sua essência mais profunda.<sup>31</sup>

Deve-se somar forças para ser gerada uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para atingir esse propósito, é imperativo que os povos da Terra declarem responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, a Mãe Terra e as futuras gerações.

Segundo Ivone Gebara: "Os seres humanos não somente necessitam hoje serem salvos dos pecados que cometemos uns contra os outros. Necessitamos também salvar a natureza dos pecados que cometemos contra ela"

---

<sup>30</sup> A ecologia profunda (*deep ecology*) é um conceito filosófico que considera que todos os elementos vivos da natureza devem ser respeitados, assim como deve ser garantido o equilíbrio da biosfera. O termo foi cunhado em 1866 pelo biólogo alemão Ernst Haeckel como um estudo sistemático da inter-relação dos seres vivos na terra.

<sup>31</sup> CAPRA, F. *A teia da vida*, p. 26.

Muitas pessoas identificam “ecologia” com “preservação da natureza” ou “zelar pelo verde”. Tal compreensão tem duas limitações. O empenho ecológico não se limita a manter intacta as florestas, os manguezais e outras áreas de conservação. E sim, trata de estabelecer processos sustentáveis, que respeitem os ciclos de matéria e energia no planeta. Além disso, a ecologia não diz respeito somente à natureza, compreendida numa visão idealizada e fora de nós. A grande novidade da ecologia contemporânea é a interdependência. Nós, humanos, estamos em constante relação, entre nós mesmos e com os ecossistemas, comunidades de vida do planeta. Fazemos parte da Terra, mas ao mesmo tempo somos diferentes dos outros seres.<sup>32</sup>

A *Carta da Terra* apresenta todos os objetivos da ecoteologia que devemos observar e seguir:

A humanidade é parte de um vasto universo em evolução. A Terra, nosso lar, está viva com uma comunidade de vida única. As forças da natureza fazem da existência uma aventura exigente e incerta, mas a Terra providenciou as condições essenciais para a evolução da vida. A capacidade de recuperação da comunidade da vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável com todos seus sistemas ecológicos, uma rica variedade de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo. O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação comum de todas as pessoas. A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado. [...] Nossos desafios ambientais, econômicos, políticos, sociais e espirituais estão interligados e juntos podemos forjar soluções includentes. [...] Cada um compartilha da responsabilidade pelo presente e pelo futuro, pelo bem-estar da família humana e do grande mundo dos seres vivos.<sup>33</sup>

Leonardo Boff, em seu livro *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*, explica que o ser humano, nesse processo, pode ajudar ou atrapalhar, na medida em que se religa com a natureza, com tudo e todos ou se centra em si mesmo. “O universo

---

<sup>32</sup> Palestras proferidas no encontro sobre Ecoteologia realizado em Brasília (DF) nos dias 16 e 17 de setembro de 2017. Organização Moema Miranda Edição/diagramação: Osnilda Lima, p.6.

<sup>33</sup> BRASIL. *Carta da Terra*.

culmina em cada um na forma de alternativo, baseado na ética da compaixão e da corresponsabilidade universal, numa democracia ecológico-social-planetária".<sup>34</sup>

Boff compôs, em 1987, a Comissão Mundial das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, quando a ONU solicitou a criação de uma carta contendo os princípios fundamentais para o desenvolvimento sustentável. Foi elaborada então *A Carta da Terra*, que é uma declaração de princípios éticos para a construção de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica; foi uma iniciativa da ONU ratificada em 2000, com vistas a buscar um novo começo.

A interdependência de todos com todos nos leva a pensar num só mundo com um projeto comum. Tal renovação é a promessa dos princípios da *Carta da Terra*. Para cumprir essa promessa, temos que nos comprometer a adotar e promover os princípios e objetivos da Carta. Em 1997, a Comissão que Leonardo Boff fazia parte começou a supervisionar o desenvolvimento do texto, analisar os resultados de um processo de consulta mundial para chegar a um acordo sobre um documento de consenso global.

Depois de inúmeros rascunhos e após considerar a contribuição de pessoas de todas as regiões do mundo, a Comissão da *Carta da Terra* chegou a um consenso sobre o texto oficial em março de 2000, em uma reunião realizada na sede da UNESCO, em Paris. A *Carta da Terra* foi lançada formalmente em uma cerimônia no Palácio da Paz em La Haya, no dia 29 de junho de 2000. A *Carta da Terra* é um documento com 4 tópicos subdivididos contendo dezesseis princípios que desencadeiam um movimento global, a saber:

1. Respeitar e cuidar da comunidade de vida;
2. Integridade ecológica;
3. Justiça social e econômica;
4. Democracia, não violência e paz.

Destacamos alguns tópicos e seus princípios:

#### I. Respeitar e Cuidar da Comunidade de Vida

---

<sup>34</sup> BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*, p. 267.

1. Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade.

a. Reconhecer que todos os seres são interligados e cada forma de vida tem valor, independentemente do uso humano.

b. Afirmar a fé na dignidade inerente de todos os seres humanos e no potencial intelectual, artístico, ético e espiritual da humanidade. [...]

II. Integridade Ecológica

5. Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida.

a. Adotar planos e regulações de desenvolvimento sustentável em todos os níveis que façam com que a conservação ambiental e a reabilitação sejam parte integral de todas as iniciativas de desenvolvimento.

b. Estabelecer e proteger as reservas com uma natureza viável e da biosfera, incluindo terras selvagens e áreas marinhas, para proteger os sistemas de sustento à vida da Terra, manter a biodiversidade e preservar nossa herança natural. [...]

III. Justiça Social e Econômica;

9. Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social e ambiental.

a. Garantir o direito à água potável, ao ar puro, à segurança alimentar, aos solos não contaminados, ao abrigo e saneamento seguro, distribuindo os recursos nacionais e internacionais requeridos.

b. Prover cada ser humano de educação e recursos para assegurar uma subsistência sustentável, e dar seguro médico e segurança coletiva a todos aqueles que não são capazes de manter-se a si mesmos.

c. Reconhecer o não instruído, proteger o vulnerável, servir àqueles que sofrem, e permitir-lhes desenvolver suas capacidades e alcançar suas aspirações. [...]

IV. Democracia, Não Violência e Paz;

16. Promover uma cultura de tolerância, não violência e paz.

a. Estimular e apoiar os entendimentos mútuos, a solidariedade e a cooperação entre todas as pessoas, dentro das nações e entre os povos.

b. Implementar estratégias combinadas para prevenir conflitos violentos e usar a colaboração de todos para manejar e resolver conflitos ambientais e outras disputas.



- c. Desmilitarizar os sistemas de segurança nacional até chegar ao nível de uma postura não provocativa da defesa e converter os recursos militares em propósitos pacíficos, incluindo restauração ecológica.
- d. Eliminar armas nucleares, biológicas e tóxicas e outras armas de destruição de massa.
- e. Afirmar que o uso de espaços orbitais e exteriores apoiem a proteção ambiental e a paz.
- f. Reconhecer que a paz é a integridade criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras vidas, com a Terra e com o grande Todo do qual somos parte.<sup>35</sup>

#### 4.1.4 Direitos Humanos

Os Direitos Humanos estão garantidos na Constituição Brasileira, portanto, colocam o Brasil como um dos países com o mais completo ordenamento jurídico em relação a esses direitos fundamentais.<sup>36</sup> Tanto a Constituição Brasileira quanto os Direitos Humanos possuem a mesma essência e finalidade, que é compor um conjunto de leis respaldando a dignidade da pessoa humana.

Os Direitos Humanos são considerados universais, sendo um conjunto de garantias e valores universais válidos para todos os povos. São resultados de reivindicações geradas por situações de injustiça ou de agressão que limitaram, de alguma forma, os direitos básicos ao ser humano. Desse modo, precisaram ser garantidos por meio de tratados internacionais antes mesmo da Constituição de 1988.<sup>37</sup>

Esses direitos fundamentais não se limitam às reivindicações de direitos de subsistência ao ciclo do processo vital, uma vez que se refere a todo um cuidado com o ser humano. Na *Fratelli Tutti* sobre Direitos Humanos fundamentais, o Papa Francisco fala da dignidade, inalienável, intransferível e inviolável do ser humano e da "urgência de se encontrar uma solução para tudo o que atenta contra os direitos humanos fundamentais".

---

<sup>35</sup> BRASIL. *Carta da Terra*.

<sup>36</sup> BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*.

<sup>37</sup> BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*.

Isto demonstra a urgência de se encontrar uma solução para tudo o que atenta contra os direitos humanos fundamentais. Os políticos são chamados a “cuidar da fragilidade, da fragilidade dos povos e das pessoas. Cuidar da fragilidade quer dizer força e ternura, luta e fecundidade, no meio dum modelo funcionalista e individualista que conduz inexoravelmente à “cultura do descarte” (...); significa assumir o presente na sua situação mais marginal e angustiante e ser capaz de ungi-lo de dignidade”. Embora acarrete certamente imenso trabalho, “que tudo se faça para tutelar a condição e a dignidade da pessoa humana” (FT 188).

A Carta das Nações Unidas e a Declaração Universal dos Direitos Humanos foram adotadas pela Assembleia Geral em 1945 e em 1948, respectivamente. Desde então, as Nações Unidas expandiram gradualmente a Lei de Direitos Humanos para abranger padrões específicos para mulheres, crianças, pessoas com deficiência, minorias e outros grupos vulneráveis, que agora possuem direitos que os protegem da discriminação. Segundo a UNICEF, todo ser humano tem seus direitos assegurados na forma da lei, direitos estes que não podem ser exercidos contrariamente aos objetivos das Nações Unidas.

Artigo 18. Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; esse direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença pelo ensino, pela prática, pelo culto em público ou em particular.

Artigo 19. Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; esse direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras. [...]

Artigo 26. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do ser humano e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz. [...]

Artigo 29. No exercício de seus direitos e liberdades, todo ser humano estará sujeito apenas às limitações determinadas pela lei, exclusivamente com o fim de assegurar o devido reconhecimento e respeito dos direitos e liberdades de outrem e de satisfazer as justas exigências da moral, da ordem pública e do bem-estar de uma sociedade democrática. Esses direitos e liberdades não podem, em hipótese alguma, ser exercidos contrariamente aos objetivos e princípios das Nações Unidas.<sup>38</sup>

Uma série de tratados internacionais de Direitos Humanos e outros instrumentos adotados desde 1945 expandiram o corpo do Direito Internacional dos Direitos Humanos, sendo estes temas transversais em todas as políticas e programas da ONU<sup>39</sup> nas principais áreas de paz e segurança, desenvolvimento e assistência humanitária.

#### **4.1.5 Promoção da justiça social com enfoque no problema da violência e da criminalidade na promoção da paz**

A violência e seus efeitos perpassam a violação dos Direitos Humanos e sociais, o que significa agravo e ameaça à vida, às condições de trabalho, às relações interpessoais e à qualidade de vida. Isso implica pensar a violência não como um objeto próprio ao campo da saúde, mas considerando-a a complexidade de ser um fenômeno social e político.<sup>40</sup>

A criminalidade violenta tem sido um grande problema social no Brasil, havendo necessidades urgente de políticas públicas que contemplem essa questão social. É necessário encontrar soluções para resolver o problema da segurança pública. Esse é um problema que diz respeito a toda população, independentemente de classe, raça, credo religioso, sexo ou estado civil. Com temor de sofrer violência, as pessoas estão se trancando dentro de suas casas, as quais têm se tornado verdadeiras prisões. A sociedade brasileira tem desenvolvido pânico, pois

---

<sup>38</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*.

<sup>39</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Objetivo 16: Paz, Justiça e Instituições Eficazes*.

<sup>40</sup> MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. *É possível prevenir a violência?*

praticamente todas as famílias têm uma história de um membro ter sido vítima de roubo ou de ser vítima de assaltos com violência.

Crimes como acidentes de trânsito ou delinquência de menores têm aumentado apavorantemente nos últimos anos. Esses problemas sociais exigem uma atuação mais moralmente empreendedora por parte do Estado, com ações em busca de sua resolução. Diante desse quadro, nos perguntamos: a quem compete resolver esses problemas? Quem exerce autoridade no encaminhamento de soluções? Governantes, legisladores, policiais, sociólogos, o Judiciário? Tudo é culpa do governo ou a sociedade civil também tem sua parcela de responsabilidade na elaboração de medidas preventivas que podem colaborar na resolução desses problemas?

O Papa Paulo VI, na *Encíclica Populorum Progressio*, aborda a questão sobre a justiça social e paz, dizendo ser direito do ser humano:

Ser libertos da miséria, encontrar com mais segurança a subsistência, a saúde, um emprego estável; ter maior participação nas responsabilidades, excluindo qualquer opressão e situação que ofendam a sua dignidade de homens; ter maior instrução; numa palavra, realizar, conhecer e possuir mais, para ser mais: tal é a aspiração dos homens de hoje, quando um grande número dentre eles está condenado a viver em condições que tornam ilusório este legítimo desejo. Por outro lado, os povos que ainda há pouco tempo conseguiram a independência nacional, sentem a necessidade de acrescentar a esta liberdade política um crescimento autônomo e digno, tanto social como econômico, a fim de garantirem aos cidadãos o seu pleno desenvolvimento humano e de ocuparem o lugar que lhes pertence no concerto das nações (PP 6).

Uma maneira interessante de contribuir com a sociedade é formar parcerias entre organizações não governamentais, empresas, movimentos sociais e governos.<sup>41</sup> Lefort explica que:

---

<sup>41</sup> PIO, J. G.; BRITO, A. C. S.; GOMES, A. L. *Criminalidade na cidade do Rio de Janeiro (RJ)*, p. 39.

Os direitos humanos e civis deixariam, neste caso, de ser concebidos como mera superestrutura do individualismo burguês e passariam a ser fundamento das relações sociais e instituições numa sociedade democrática. Na nova cultura política que se forma, “a defesa das liberdades individuais e civis desemboca na concepção de uma sociedade plural, atravessada por múltiplas linhas de clivagem entre dominantes e dominados, de forma que a luta contra as desigualdades não se resume mais a uma luta pela transformação das relações de propriedade”. Os múltiplos conflitos envolvendo relações de gênero, geração, estilos e etos, inclusive no interior da mesma classe social, tornaram os modelos de sociedade mais complexos.<sup>42</sup>

A construção da cultura de paz se demonstrou presente em alguns discursos que orientam a formulação dos programas, avançando para um sentido positivo. Ela não pode ser definida pela simples ausência ou prevenção da violência, “mas consolidada na ideia de que as interações humanas podem ser geradoras da paz e desenvolvidas a partir de práticas proativas que dependem dos sujeitos envolvidos no processo”.<sup>43</sup> Segundo a UNESCO:

O movimento mundial pela cultura de paz deve então ser “uma grande aliança de movimentos existentes”, um processo que unifique todos aqueles que já trabalharam e que estão trabalhando a favor desta transformação fundamental de nossas sociedades. O objetivo é permitir que toda pessoa ou organização contribua para esse processo de transformação de uma cultura de violência para uma cultura de paz, em termos de valores, atitudes e comportamento individual, bem como em termos de estruturas e funcionamentos institucionais.<sup>44</sup>

Após essa breve ponderação sobre as cinco áreas de convergências que facilitam o diálogo inter-religioso, compreendemos que somente por meio do

---

<sup>42</sup> Apud OLIVEIRA, L. *Imagens da democracia: os direitos humanos e o pensamento político de esquerda no Brasil*, p. 46.

<sup>43</sup> MOREIRA, L. S.; BRANCO, A. U. B. *Cultura de paz, moralidade e virtudes cívicas: contribuições da psicologia cultural*.

<sup>44</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). *Cultura de paz: da reflexão à ação; balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo*, p. 16.

respeito o diálogo acontecerá. Uma das importantes contribuições dadas por Paul Tillich em favor da reciprocidade entre as religiões situa-se no âmbito da dimensão mística. Trata-se da pista da profundidade que habita cada tradição religiosa. Para Faustino Teixeira, "O diálogo inter-religioso acontece não a nível de superfície, onde as distâncias são muito mais acentuadas, mas a nível de profundidade".<sup>45</sup>

Foi com base em Tillich que Paul Ricoeur utilizou a imagem da esfera para exemplificar este dado: "na superfície, as distâncias são imensas, mas na medida em que há um direcionamento, vai para o centro, em profundidade, e verifica-se uma inusitada aproximação".<sup>46</sup>

É sempre do seio de um compromisso determinado que se pode reconhecer, lateralmente de algum modo – quer dizer, sem sobrevoos nem visões de profundidade –, os valores das outras religiões, se bem que é aprofundando meu compromisso que posso encontrar aquele que, partindo de outro ponto perspectivo, realiza um movimento análogo.<sup>47</sup>

De acordo com Teixeira<sup>48</sup>, essa aproximação, ou ZDIRP, desvenda a importância da perspectiva mística para se poder acessar o mistério que subjaz na pluralidade religiosa. Para Teilhard de Chardin, a tendência comum é resistir a esse "recanto mais secreto de nós mesmos" e se manter estável à superfície, no "ambiente das coisas familiares", evitando o confronto com o "desconhecido" e o desafio de "medir a profundidade do mundo abaixo de nós".<sup>49</sup>

Teilhard de Chardin<sup>50</sup> conclui que aquele que tem a "coragem e ousadia" de fazer tal experiência depara-se com a surpresa de um encontro com o mistério, que é "eterno descobrimento" e "eterno crescimento", que é envolvente e que banha cada rincão das culturas e tradições religiosas. E para poder captar o seu enigma, é necessário "educar a visão".

---

<sup>45</sup> TEIXEIRA, F. *Teologia e diálogo inter-religioso*.

<sup>46</sup> RICOEUR, P. *Em torno ao político*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 188-189.

<sup>47</sup> RICOEUR, P. *Em torno ao político*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 188-189.

<sup>48</sup> TEIXEIRA, F. *A substância católica e as religiões*.

<sup>49</sup> CHARDIN, P. T. *O meio divino*.

<sup>50</sup> CHARDIN, P. T. *O meio divino*.

Como testemunho dessa realidade, na próxima subseção traremos o que se percebeu no grupo DIRPOA.

## 4.2 GRUPO DIRPOA E SEUS REPRESENTANTES

DIRPOA é um grupo porto-alegrense que foi reconhecido pela Lei Municipal n. 10.372, de 25 de janeiro de 2008. Anteriormente ao reconhecimento pela Lei Municipal, esteve atuante em março de 2002, na elaboração de um “Espaço Inter-Religioso” no Aeroporto Internacional Salgado Filho (SBPA). Como resultado da iniciativa e parceria com a INFRAERO, já citado na dissertação de mestrado de Henrique Luiz Arnold, com o título: “Espaços para a paz: Análise do espaço Inter-Religioso do Aeroporto Internacional Salgado Filho em Porto Alegre.”<sup>51</sup>

A Lei Municipal n. 10.372 diz que:

Reconhece o grupo de diálogo inter-religioso de Porto Alegre – DIRPOA – como entidade cuja finalidade é prestar assistência espiritual e litúrgica celebrativa em eventos oficiais e não oficiais, no município de Porto Alegre, e dá outras providências.

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º – Fica reconhecido o Grupo de Diálogo Inter-religioso de Porto Alegre – DIRPOA –, constituído de diferentes religiões, como entidade cuja finalidade é prestar assistência espiritual e litúrgica celebrativa, em eventos oficiais e não oficiais, no Município de Porto Alegre.

Art. 2º O DIRPOA não terá qualquer vinculação jurídica, religiosa ou de qualquer espécie com entidades públicas ou privadas.

Art. 3º O DIRPOA poderá ser convidado por órgãos públicos ou privados para o cumprimento de suas finalidades, sem qualquer remuneração ou compensação, a qualquer título.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.<sup>52</sup>

---

<sup>51</sup> Arnold, Henrique Luiz. ADAM, J. C.; SINER, Rudolf von; SUSIN, L. C.. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdades EST. Espaços para a paz: análise no espaço interreligioso do aeroporto internacional Salgado Filho em Porto Alegre. 2018.

<sup>52</sup> PORTO ALEGRE. *Lei Municipal n. 10.372, de 25 de janeiro de 2008.*

O DIRPOA é formado por representantes das Igreja Católica, Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros, Zen Budismo, Fé-Bahá'i, Judaísmo- Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência de Porto Alegre (SIBRA), Islamismo (Comunidade Islâmica da Grande Porto Alegre), Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS) e Igreja Católica –Movimento dos Focolares.

Na sequência, faremos uma breve apresentação dos líderes que foram entrevistados e de suas respectivas religiões.

#### **4.2.1 Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência de Porto Alegre**

O rabino Guershon Kwasniewski dirige a Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência de Porto Alegre (SIBRA) desde 1996. Também faz parte do grupo de diálogo inter-religioso de Porto Alegre, no qual atua como coordenador desde 2014. Estudou no Seminário Rabínico Latino-Americano Marshall T. Meyer na Argentina e no Seminário Rabínico Schechter em Israel. É membro fundador da World Union for Progressive Judaism Latin America e membro da Conferência Central de Rabinos Americanos.

Para o rabino, a tolerância não é suficiente, é preciso respeito entre as religiões. Por seu trabalho inter-religioso, ele foi selecionado para participar do Programa de Liderança de Visitantes Internacionais, organizado pelo Bureau de Assuntos Educacionais e Culturais do Departamento de Estado dos Estados Unidos. Ele fez o curso sobre como usar o diálogo inter-religioso para fortalecer a paz, a reconciliação e a coesão social, desenvolvido pelo The International Dialogue Centre (KAICIID).

#### **4.2.2 Igreja Episcopal Anglicana do Brasil**

A Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) é aqui representada pelo bispo diocesano da Diocese Meridional em Porto Alegre, Humberto Maiztegui Gonçalves. Doutor em Teologia pelas Faculdades EST na área de Bíblia, ele diz que "*Minha*



*religião é o Cristianismo, sou pessoa Cristã dentro do Anglicanismo, com uma vertente progressista".* O bispo é membro do Fórum Inter-Religioso e Ecumênico do Rio Grande do Sul (FIRE), da ONG Coletivo Bem viver e do Conselho Estadual do Ensino Religioso do Estado do Rio Grande do Sul (CONER/RS). É bispo protetor da terceira onda e Franciscano; professor da Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF); presidente do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC) da regional RS; e organizador da Marcha pela Vida e Liberdade Religiosa do RS.

O anglicanismo, um dos ramos do cristianismo, tem sua história iniciada na Inglaterra, no século XVI, quando o Rei Henrique VIII buscou a anulação de seu casamento e teve como resposta a recusa do papa. Desde então, foi se espalhando pelo mundo, tendo, atualmente, cerca de 90 milhões de membros. É a terceira maior denominação cristã do mundo, depois da Igreja Católica Romana e das Igrejas Ortodoxas. No Brasil, está presente em 150 diferentes localidades do país, boa parte localizada no Sul do Brasil. Possui mais de mais de 100 mil membros batizados e 45 mil confirmados.

Os anglicanos chegaram em terras brasileiras em 1810, com várias capelanias espalhadas pelo país e subordinadas à Igreja da Inglaterra. Essas foram as primeiras igrejas não romanas estabelecidas nestas terras.

#### **4.2.3 Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**

Carlos Frederico R. Dreher é pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e representante da IECLB no grupo DIRPOA.

#### **4.2.4 Federação Espírita do Rio Grande do Sul**

A vice-presidente de Relações Institucionais da Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS), Berenice Santos, é a representante dessa instituição nesta pesquisa. Ela salienta que o convite de Kardec ao estudo, em sua obra magistral, é um chamado ao despertar dos verdadeiros valores que cada ser humano, filho de Deus, carrega dentro de si mesmo. Para essa empreitada, que não se esgota em uma

única existência, o estudo sério do Espiritismo é o caminho seguro para guiar o homem na sua transformação moral, porque passa a entender de onde vem, para onde vai e por que está aqui na Terra.

A verdadeira Doutrina Espírita está no ensino que os Espíritos deram, e os conhecimentos que esse ensino comporta são por demais profundos e extensos para serem adquiridos de qualquer modo. O estudo do Espiritismo é imenso e se interessa por todas as questões da metafísica e da ordem social. É um mundo que se abre diante de nós.

#### 4.2.5 Comunidade Bahá'í

A representante da Comunidade Bahá'í de Porto Alegre nesta entrevista é a psicóloga Christiane de Macedo Bittencourt. A Fé Bahá'í não possui hierarquia definida e é uma religião monoteísta fundada por Bahá'u'lláh, na antiga Pérsia, durante o século XIX, que enfatiza a unidade espiritual da humanidade. Não possui dogmas, clero nem sacerdócio. Estima-se que existam cinco a seis milhões de bahá'ís espalhados por mais de 200 países. Os bahá'ís acreditam que o ser humano possui uma "alma racional" que provê à espécie uma capacidade única de reconhecer a Deus e a relação da humanidade com seu Criador. Todo ser humano é considerado possuidor do dever de reconhecer a Deus por intermédio de seus mensageiros e dos ensinamentos deles.

O conceito de Deus, na Fé Bahá'í, é essencialmente monoteísta. Deus é o ser imperecível, jamais inventado, que é a fonte de toda a existência. Ele é descrito como "um deus pessoal, ininteligível, inacessível, a fonte de toda a revelação, eterno, onisciente, onipresente e onipotente". No decorrer da história, Deus enviou à humanidade uma série de educadores divinos – conhecidos como manifestantes de Deus – cujos ensinamentos estabeleceram as bases para o avanço da civilização. Esses manifestantes incluem Abraão, Krishna, Zoroastro, Moisés, Buda, Jesus e Muhammad. Bahá'u'lláh, o mais recente desses mensageiros.

Christiane explicou que as religiões do mundo provêm da mesma fonte e, em essência, são sucessivos capítulos de uma única religião proveniente de Deus. Os

bahá'ís acreditam que a necessidade atual e urgente da humanidade é encontrar uma visão unificadora do futuro da sociedade, da natureza e do propósito da vida. Tal visão é descrita nos escritos de Bahá'u'lláh.

#### **4.2.6 Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros**

O babalorixá Pai Tito de Xangô representa nesta pesquisa a Umbanda e os Cultos Afro-Brasileiros, sendo ele o dirigente do Centro Africano Xangô Agodô Tonhó da Nação Oyó com Jeje. Sua terreira foi fundada em 2009 e está localizada no bairro Aberta dos Morros, em Porto Alegre. Segundo ele, *"Em nosso centro trabalhamos espiritualmente com a Nação, Umbanda, Quimbanda e os ciganos. Nosso objetivo é proporcionar aos médiuns e aos filhos de santo uma evolução espiritual por meio da reforma íntima"*.

#### **4.2.7 Igreja Católica – Movimento dos Focolares**

Álvaro Pires, representante do Movimento dos Focolares, nos explicou que esse movimento tem a fisionomia de uma grande e variada família, de um *"povo novo nascido do Evangelho"*. Chiara Lubich o fundou em 1943, em Trento (Itália), durante a Segunda Guerra Mundial, como uma corrente de renovação espiritual e social. Foi aprovado em 1962 com o nome oficial de "Obra de Maria" e difundido em mais de 180 países com mais de dois milhões de participantes. É um grupo cristão, um movimento dentro da Religião Católica, que acredita que Deus é o criador e nós, os seus filhos, fizemos parte de uma grande família que deve estar unida com o mesmo propósito e mesmo fim.

O Movimento dos Focolares quer levar ao mundo a mensagem da unidade. O seu objetivo, portanto, é cooperar na construção de um mundo mais unido, estimulado e impelido pela oração de Jesus ao Pai "para que todos sejam uma coisa só" (Jo 17, 21), no respeito e na valorização das diferenças. Para alcançar essa meta, se favorece do diálogo, no empenho constante de construir pontes e relacionamentos de fraternidade entre os indivíduos e entre os povos; é conhecido

pela sua incansável ação em favor da comunhão, da fraternidade e da paz entre pessoas de igrejas diferentes e fiéis de muitas religiões.

#### 4.2.8 Comunidade Islâmica da Grande Porto Alegre

O líder islâmico Mahmoud Ibrahim é o responsável religioso da Mesquita de Porto Alegre e Canoas e presidente da Comunidade Islâmica da Grande Porto Alegre, representando essa instituição nesta pesquisa. Ele é o imã (autoridade religiosa do islamismo) Guilherme Ibrahim (Mahmoud Ibrahim), descendente de sírios.

Atualmente, é professor titular cooperado no Colégio Mesquita, onde ministra aulas de Geografia e Política. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geopolítica, atuando principalmente nos seguintes temas: política, islamismo, meio ambiente, mapeamento, conflitos, Oriente Médio, sensoriamento remoto e educação. É supervisor islâmico para as exportações Halal para o Oriente Médio. Segundo ele, de cada sete pessoas no mundo, uma é muçulmana.

#### 4.3 EXPERIÊNCIAS Com O GRUPO DIRPOA

Com coragem e ousadia em busca do eterno crescimento, com vistas a uma educação voltada para a promoção da paz, a partir de agora serão apresentadas as entrevistas que realizamos com alguns membros do grupo DIRPOA, formado por líderes religiosos de Porto Alegre pertencentes ao grupo DIRPOA. Antes disso, é relevante ressaltar que o diálogo inter-religioso é uma busca profunda e sagrada:

O diálogo religioso requer uma atitude de busca profunda, uma convicção de que estamos caminhando em solo sagrado, de que arriscamos nossas vidas. Não se trata de uma curiosidade intelectual nem de uma bagatela, mas de uma aventura arriscada e exigente. Faz parte daquela peregrinação pessoal para a plenitude de nós mesmos, que se obtém ultrapassando as fronteiras de nossa tradição, escalando e penetrando nos muros daquela cidade onde não há templo, porque a iluminação é uma realidade.<sup>53</sup>

---

<sup>53</sup> TEIXEIRA, F. *Diálogo inter-religioso e educação para a alteridade*, p. 4.

Em um encontro com um grupo de diferentes crenças, todas as diferenças se vão; nesse comungar em busca de um diálogo inter-religioso, ninguém se sente concorrente, pois somos todos irmãos; e os medos se vão, não existem mais temores, não importam seus dogmas, suas doutrinas e suas teologias. Talvez o aspecto mais importante no diálogo inter-religioso seja a relação básica entre os seres humanos, ou seja, a convivência pacífica com seu semelhante, o compartilhar de seu tempo, do seu espaço e do seu pão com o companheiro da outra religião. Quem é esse companheiro? É aquele com quem se compartilha e se divide o pão na busca da promoção da paz.

Refletindo sobre o pluralismo religioso e a teologia do pluralismo religioso, o diálogo se mostra um instrumento essencial e, ao mesmo tempo, um grande desafio, tanto para a realidade brasileira quanto global.

A pesquisa realizada com o grupo DIRPOA se iniciou com a marcação de um encontro com os representantes do grupo reunidos. Nesse encontro, após a apresentação da proposta da pesquisa ao grande grupo, este foi muito receptivo, e cada membro se colocou à disposição para ajudar em tudo que fosse necessário para o bom andamento da pesquisa. Foram passados os contatos particulares para agendamento das entrevistas individuais. Informaram-nos sobre um culto inter-religioso que aconteceria no dia 31 de março de 2022 em comemoração aos 250 anos de aniversário da cidade de Porto Alegre e sugeriram que as entrevistas começassem após esse dia, pois todos estavam envolvidos nesse evento.

A Prefeitura Municipal de Porto Alegre convidou o grupo DIRPOA para as comemorações dos 250 Anos de Porto Alegre. No encontro, foi discutida a ideia de unir as diferentes religiões para abençoar a cidade no seu aniversário. Segundo o rabino Guershon Kwasniewski, o secretário da prefeitura ressaltou que reunir as diferentes religiões mostra a diversidade construída nessa história: *"Queremos fazer mais de um evento durante o ano com o Grupo Inter-religioso. A prefeitura será parceira e vai fornecer todas as condições para que essa cultura religiosa faça parte das comemorações. Mostra a união e o respeito entre os diferentes povos da capital"*. Para o rabino, o grupo é o patrimônio espiritual de Porto Alegre: *"Precisamos abençoar a cidade com todas as suas religiões e mostrar que somos unidos e*

*trabalhamos pelo bem da cidade juntos. Vamos organizar eventos nossos, mas também estamos dispostos a estar presentes em outros".*

Assim, no dia 31 de março de 2022, em comemoração aos 250 anos de Porto Alegre, no Largo Glênio Peres, na frente do Mercado Público, reuniram-se representantes de entidades religiosas do grupo DIRPOA para a realização de um culto para abençoar a cidade de Porto Alegre. Durante a abertura da bênção, o prefeito Sebastião Melo ressaltou que o respeito às diferenças e os valores humanos estão acima de tudo, independentemente de raça ou religião: *"Nossa capital é rica em diversidade de religiões, crenças e etnias, por isso, seu aniversário é o grande momento de fraternidade, de união e de elevarmos a alma dos cidadãos, especialmente ajudando as pessoas que mais precisam"*. Também estiveram presentes o ex-prefeito José Fortunati, o atual prefeito da cidade de Guaíba, Sr. Marcelo Maranata, e os secretários municipais Rogério Beidacki e Cássio Trogildo.

Nesse culto inter-religioso, percebeu-se bem que não é uma ação ecumênica, pelo contrário, foi inter-religioso. O rabino, que estava na direção, ia chamando e apresentando um a um, os quais chegavam até o microfone e apresentavam sua manifestação de fé, abençoando a cidade Porto Alegre, sem interferir na manifestação de fé da outra religião. Cada um se manifestava à sua maneira, uns cantavam, outros rezavam ou oravam e outros traziam uma mensagem de paz e esperança. Não compartilhavam a mesma fé, mas havia respeito pela fé do outro e o direito de se manifestar, expressando-se na sua crença por meio de seu ritual de fé.

Apesar de ocuparem o mesmo espaço no palco, preservavam suas diferenças, alinhando-se ao pensamento proposto pela ZDIRP, que diz que as religiões se aproximam o suficiente para dialogar, mas cada uma respeita as crenças da outra, comungando na busca de garantir seu espaço individual. O palco pode ser visto como sendo a ZDIRP, onde todos puderam manifestar sua fé e serem respeitados, mesmo com dogmas diferentes e discordando de pontos teológicos, com seus ritos e dogmas próprios e bem distintos uns dos outros.

Notou-se no culto inter-religioso que as religiões participantes do grupo DIRPOA estão unidas na promoção da paz, promovendo vários encontros pela paz, na garantia de seus direitos de culto em seus espaços sagrados e em espaços

públicos numa permanente busca pela validação da liberdade religiosa. Mesmo divergentes em vários aspectos teológicos, a convergência os une na busca pelos Direitos Humanos, pela justiça social e pela busca da paz entre as religiões e a tolerância, vencendo a intolerância dentro e fora das religiões e em todos os espaços da sociedade. Mesmo discordando na fé, estão unidos na busca pela paz regional, nacional e universal.

Não é simplesmente promover o amor e dizer que é tudo igual, porque não são todas iguais, pelo contrário, são todas diferentes, cada uma com sua individualidade, preservando suas crenças, seus ritos e dogmas. Cada uma deve preservar sua identidade, sua particularidade. Tendo como base a ZDIRP, será desenvolvido o nível avançado de relações humanas no amadurecimento embrionário, na busca do respeito à liberdade de direitos religiosos em todos os espaços do cotidiano, como escola e trabalho. Não é uma união para afirmar que são todas iguais, mas, sim, uma união pelo direito à diferença, respeitando o outro na sua diferença em todos os aspectos envolvidos no interior de cada religião, respeitando o direito de ser diferente na sua religião e se sentir acolhido.

Após o término do culto, começaram as entrevistas, que será a culminância desta tese, com análises comparativas.

Fotos do culto Inter-religioso.









#### 4.4 VISÕES INDIVIDUAIS DOS MEMBROS DO DIRPOA

Nesta subseção, serão apresentadas as visões de cada representante religioso entrevistado.

#### 4.4.1 Posicionamento dos líderes religiosos em relação aos paradigmas da teologia das religiões

Os entrevistados foram questionados com perguntas relacionadas aos três paradigmas abordados, a saber: exclusivismo, inclusivismo e pluralismo religioso.

##### 4.4.1.1 Há salvação fora da sua religião ou somente dentro da sua religião?

O bispo Humberto Maiztegui Gonçalves respondeu:

*“Minha religião é cristã, minha denominação cristã religiosa é anglicana, tem Jesus Cristo como o caminho e a vida, agora e sempre. Jesus é uma revelação que acolhe e dá uma interpretação universal. Ele veio para todos e todas até os confins da terra. Deu para o judaísmo o universalismo. Deu uma nova visão de interpretação da lei. A Igreja Anglicana tem três pilares e tem em comum com a religião protestante a Bíblia, com a religião católica, a tradição, e com o mundo, a razão humana. Na minha interpretação como doutor em Teologia, eu digo que salvação é vida. Jesus é uma revelação que acolhe a revelação do judaísmo, não traz salvação para um povo, mas para toda a humanidade. O apóstolo Paulo abre mais a salvação, ele diz que a salvação é para ‘todos e todas’. Então, sim, há salvação para além da minha religião”.<sup>54</sup>*

O pastor Carlos Frederico R. Dreher respondeu de forma semelhante:

*“A salvação ocorre pela ação do Deus criador, que entra na nossa história e nos salva, é um presente de Deus, nada fazemos para merecê-la. A salvação é o convívio do ser humano, a vivência fraterna, marcada por justiça e amor mútuo da comunidade humana, para toda a humanidade, e não para a minha religião”.*

---

<sup>54</sup> Todos os relatos foram transcritos literalmente, respeitando sua forma coloquial.

Segundo o babalorixá Tito de Xangô:

*“A salvação se dá através da caridade e de fazer o bem a si e ao próximo, independente de religião. Nossa salvação se dá através daquilo que trabalhamos em nossos centros com nossas entidades, que são espíritos, e nos batuques, cultuando nossos orixás. Durante esses eventos, buscamos a evolução espiritual e o encontro com os orixás, onde temos o objetivo de nos conectarmos com o sagrado, para assim sermos pessoas melhores. A salvação pode ocorrer em qualquer local ou em qualquer religião onde o propósito é o de fazer o bem e a si mesmo, sempre em ações de caridade e de evolução espiritual. Onde se prega o amor e o respeito, a salvação sempre poderá ser alcançada”.*

O rabino Guershon Kwasniewski afirma que:

*“A salvação para o judaísmo não é proletária com salvação, mas nos tornarmos bons no dia a dia, e para isso temos obrigações hoje e aqui com Deus e nossos próximos. Em levítico fala: ‘amarás a teu próximo como o a ti mesmo’. Não existe este conceito de salvação que trabalho aqui para viver em outro mundo. É o respeito diário a Deus, cumprindo os preceitos e mandamentos e respeito ao próximo. Como falei, não tem conceito de salvação, cada fé interpreta o seu conceito e acha o seu caminho para a salvação. O judaísmo me dá todas as respostas que preciso para os meus questionamentos, então busco na minha religião as respostas. Eu, como judeu, tenho as ferramentas para achar as repostas e não preciso ir buscar salvação em outras religiões, aprimorando meus estudos encontrarei respostas”.*

Álvaro Pires nos disse que:

*“Para a Igreja Católica, da qual o Movimento dos Focolares é uma expressão como associação, a salvação acontece através de Jesus Cristo, que redime (liberta, reconcilia) o homem da escravidão do pecado. Isto quer dizer em prática que não existem impedimentos definitivos para que o homem se realize plenamente. Jesus liberou o homem e a mulher da condição de pecado, então estes têm as condições de viver e organizar-se em sociedade exprimindo*

*individualmente e coletivamente esta redenção. Todos podem ser salvos, tanto homens como mulheres".*

Berenice Santos explica que:

*"Para a Doutrina Espírita não existe 'salvação', e sim progresso constante e evolução espiritual, através do reconhecimento de nossos equívocos e a retomada, a partir daí, de reajustes, recomeços, diante da lei de Deus, em virtude de termos alterado o transcurso normal dessa lei. Erramos quando adulteramos a lei divina. Reconhecemos esses equívocos, deslizes e adulterações quando identificamos nossos vícios e imperfeições, através do trabalho de autoconhecimento, proporcionado pela viagem interior que cada um deve fazer, trabalhando em nós a modificação necessária para sermos um ser humano melhor, a cada dia vivido e experienciado por essa Terra de Deus. A transformação moral de cada um vai depender muito da vontade e do esforço pessoal. Identificando aquilo que precisamos mudar, deveremos investir em novas posturas, novos conceitos, novos hábitos e nova forma de viver, aplicando-nos mais e melhor para bem viver e conviver com o outro, com o nosso próximo mais próximo e com o nosso próximo de mais longe. Deveremos fazer ao outro tudo o que gostaríamos que a nós fosse feito, vivendo a regra áurea por excelência, ensinada e vivenciada por Jesus, há dois mil anos".*

Christiane Bittencourt refere que:

*"Esse conceito de salvação não tem relevância na Fé Bahá'í. Eis o desafio de cada mulher hoje: somente se ela ensinar a seus filhos e filhas qualidades espirituais, se neles incutir o amor a Deus, poderá ela prepará-los para estabelecer a civilização espiritual, a civilização Divina, a qual haverá de superar a material, a qual trará luz à lâmpada da civilização material, uma lâmpada tão bela, mas que agora está vazia, em escuridão total. Somente deste modo poderá a mulher se tornar verdadeiramente luz da geração futura".*

O líder islâmico Mahmoud Ibrahim explica que:

*“A salvação é somente para as religiões monoteístas e ocorrerá através do dia do Juízo Final, onde toda humanidade será posta perante de Deus e serão postos os livros nas mãos, na mão direita que é o livro das boas ações e na mão esquerda que é o livro das más ações e, a partir daí, será pesada na balança se as suas boas ações são mais pesadas que as más ações, aí terão a decisão final”.*

É importante observar, após essa explanação, que, com exceção do islamismo, que é “pluralista monoteísta”, na medida em que inclui todas as religiões monoteístas e exclui em princípio as religiões politeístas, é difícil definir quais sejam as religiões politeístas que participam do grupo DIRPOA. No caso das religiões afro-brasileiras, mais especificamente o Candomblé, existem controvérsias se é politeísta ou monoteísta.

Segundo Antônio Pierucci, o candomblé é politeísta.<sup>55</sup> Em *O livro das religiões*, de Jostein Gaarder, Pierucci, no apêndice, dá seu ponto de vista sobre as religiões no Brasil:

O candomblé, portanto, como todas as outras religiões afro-brasileiras, acredita na existência de uma pluralidade de deuses, com diferentes poderes e diferentes funções na vida humana, além de diferentes exigências a seus adeptos. Juntamente com a umbanda, o batuque, o xangô e o tambor de mina, o candomblé representa o melhor exemplo de politeísmo explícito que temos no Brasil.<sup>56</sup>

No entanto, Volney Berkenbrok<sup>57</sup>, em seu livro *Candomblé: formação e compreensão religiosa de uma tradição afro-brasileira*, diz que o candomblé é monoteísta:

---

<sup>55</sup> Antônio Flávio Pierucci foi um sociólogo brasileiro, tendo atuado no campo da sociologia da religião com base no referencial weberiano. Em 1964, graduou-se em Filosofia no Seminário Central da Arquidiocese de São Paulo e, quatro anos depois, em Teologia na PUC-SP.

<sup>56</sup> GAARDER, J. *O livro das religiões*, p. 37.

<sup>57</sup> Volney J. Berkenbrock é frei franciscano e doutor em Teologia pela Faculdade de Teologia Católica da Universidade Federal de Bonn, Alemanha, título que obteve com a tese *A experiência dos Orixás*. Atualmente, é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião na Universidade

A figura de Olorum é única e não existe nenhuma outra que pudesse se colocar no mesmo nível ou que pudesse ocupar a mesma função. Neste sentido, Olorum pode ser comparado com o conceito monoteísta de Deus judaico-cristão-muçulmano e a igualação entre Olorum e Deus no sentido cristão é conhecida também pelos adeptos do Candomblé. Como religião que reconhece uma divindade suprema única e origem de todas as coisas, o Candomblé pode ser considerado uma religião monoteísta.<sup>58</sup>

Pôde-se perceber dos demais pesquisados uma aderência ao pluralismo religioso, pois não houve respostas de possível identificação com o exclusivismo e o inclusivismo. Essa visão foi percebida nas falas sobre a salvação, que indicaram de modo unânime que poderá haver salvação fora da sua religião.

Não foi observada visão discordante. Todos concordam que nenhuma religião ou revelação salva por si só, mas todas têm o acesso à salvação na sua maneira de crer. A realidade é plural, desde "átomos até religiões", e Deus precisa de multiplicidade para ser Deus, e o ser humano precisa de diálogo para compartilhar Deus. A diferença religiosa foi assimilada, mas não pode ser pretexto para a violência, pois o objetivo do DIRPOA é um caminhar pacífico com religiões diversas, com distintas práticas de vivência pacífica na promoção da convivência com a paz. O pensamento expresso pelos entrevistados identifica-se claramente com o de Paul Knitter:

Um diálogo "correlacional" das religiões afirma a pluralidade de religiões, não porque a pluralidade é boa em si mesma, mas porque é uma realidade de vida e a matéria do relacionamento. O modelo correlacional busca promover relações de diálogo autênticas e verdadeiramente mútuas entre as comunidades religiosas do mundo, análogas ao tipo de relações que buscamos alimentar entre os nossos amigos e colegas.<sup>59</sup>

---

Federal de Juiz de Fora (UFJF). Autor do livro: *Candomblé: formação e compreensão religiosa de uma tradição afro-brasileira*.

<sup>58</sup> BERKENBROCK, V. J. *Candomblé: formação e compreensão religiosa de uma tradição afro-brasileira*, p. 104.

<sup>59</sup> KNITTER, P. F. *Jesus e os outros nomes: missão cristã e responsabilidade global*, p. 37.

A teologia pluralista reconhece a possibilidade de salvação nas outras religiões, independentemente da verdade cristã. Segundo John Hick, "há uma pluralidade de revelações divinas, o que torna possível uma pluralidade de respostas humanas salvíficas".<sup>60</sup>

Para Paul Tillich, salvação é "vida com sentido", vida sem ambiguidades, realizada na pessoa e na sociedade. É o que ele chama, na Teologia Sistemática, de "unidade transcendente da fé do amor".<sup>61</sup> O teólogo brasileiro Cláudio Ribeiro afirma que:

A perspectiva pluralista possui como característica básica a noção de que cada religião tem a sua proposta salvífica e, também, de fé, que deve ser aceita, respeitada e aprimorada a partir de um diálogo e aproximação mútua. Assim, a fé cristã, por exemplo, necessita ser reinterpretada a partir do confronto dialógico e criativo com as demais fés. O mesmo deve se dar com toda e qualquer tradição religiosa.<sup>62</sup>

O documento *Diálogo e anúncio*, publicado em conjunto pela Congregação para a Evangelização e pelo Pontifício Conselho para Diálogo Inter-Religioso, ecoa essa perspectiva:

29. [...] E através da prática daquilo que é bom nas suas próprias tradições religiosas, e seguindo os ditames da sua consciência, que os membros das outras religiões respondem afirmativamente ao convite de Deus e recebem a salvação em Jesus Cristo, mesmo se não o reconhecem como o seu Salvador (cf. AG 3, 9, 11).<sup>63</sup>

---

<sup>60</sup> HICK, J. *Uma interpretação da religião: respostas humanas ao Transcendente*, p. 34.

<sup>61</sup> TILLICH, P. *Teologia sistemática*, p. 583-592.

<sup>62</sup> RIBEIRO, C. O. *Religiões e salvação: indicações para o diálogo inter-religioso na teologia de Paul Tillich*, p. 41.

<sup>63</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO; CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. *Diálogo e anúncio*.

#### 4.4.1.2 Pode haver salvação de forma anônima, ou seja, sem pertencer a uma religião determinada, ou precisa ser membro fiel de uma determinada religião?

O bispo Humberto Maiztegui Gonçalves acredita que sim:

"A salvação é para todas as pessoas. A fé que a pessoa possui só é conhecida por Deus, por isso é anônima, só Deus conhece o coração das pessoas. Tem fé, é reconhecido por Deus. Todas as pessoas de boa vontade. Pessoas de qualquer religião poderão ser salvas, inclusive existem pessoas salvas que não pertencem a nenhuma religião, pois 'com fé teológica ou fé antropológica pode ser encontrado o caminho da vida'. Será que existe alguém sem religião? Talvez até ateu se salvará".

O pastor Frederico R. Dreher diz que *"Sim, obviamente pode haver salvação anônima, a salvação é convívio do ser humano. Diversos líderes religiosos ou não foram salvos no anonimato e deixaram heranças éticas valiosas"*.

O babalorixá Pai Tito de Xangô também compartilha dessa visão:

*"Sem dúvida, acredito que sim. Existem várias religiões, e em todas existe algo que nos aproxima ao sagrado. Todas têm suas maneiras de manifestar a fé e cabe a cada um se encontrar em uma delas e praticar a caridade, o bem e sempre buscando serem pessoas melhores, pois o que determina a salvação, na minha visão, não é estar em uma religião, mas, sim, as atitudes e ações em relação a si e ao próximo. Atos que promovam o bem-estar do próximo, muitas vezes, é mais percebido por pessoas que não frequentam nenhuma religião. Isso é questão de atitude e de postura. Muitas pessoas costumam associar a religião com atos de bondade de seus praticantes. No entanto, essa relação não tem se confirmado ao longo da história. Religiões ocidentais ou do Oriente Médio promoveram e continuam promovendo guerras santas e perseguições em nome de Deus. Isso é algo que devemos estar sempre atentos para que a nossa missão seja realizada. Acredito que uma pessoa em qualquer religião pode ser salva. Isso não é o mais importante. Cada um pode se encontrar em uma religião, mas o que vai definir sua salvação são suas atitudes em relação ao próximo e a si mesmo. A*



*salvação se dá pela sua obra e por suas atitudes em fazer o bem. Não precisa nem ter religião, pois não é uma placa que salva. É nisso que acredito".*

O rabino Guershon Kwasniewski sobre a salvação anônima afirma que:

*"Eu, como judeu, tenho as ferramentas para achar as respostas, não preciso ir buscar salvação em outras religiões, aprimorando meus estudos encontrarei respostas. Enquadramos as respostas dentro do que conhecemos e precisamos sair da caixa. Muitas vezes, tenho que procurar as raízes e achar as respostas no fundo dos preceitos. Sim, o judaísmo acredita no final dos dias que serão tempo de paz e harmonia, e as nações terão paz e harmonia, e muitos povos, nações terão a salvação, até os sem religião".*

Para Álvaro Pires:

*"Jesus não redimiu os católicos, os cristãos, mas o homem e a mulher. Ele liberou-nos todos da escravidão e age misteriosamente em cada um de nós, independentemente se somos membros de uma religião específica ou não. Absolutamente, sim. A salvação acontece se o homem/mulher que vive retamente e pratica o bem. Enquanto as várias religiões indicam esse caminho, elas ajudam o homem/mulher a viver na condição de redimido. Jesus no Evangelho menciona que o foco é a atenção ao irmão/irmã quando considera feito a si mesmo cada uma das nossas ações feitas a alguém. E nisto absolutamente todos os homens e cada um estão envolvidos. Jesus disse: 'eu tive fome e me deste de comer, eu tive sede e me deste de beber...' Ele menciona isso referindo-se aos homens/mulheres. Quantas pessoas, sem um específico referimento religioso, vivem com grande atenção pelos irmãos/irmãs. São inúmeras pessoas que fazem o bem e serão salvas".*

De acordo com Berenice Santos:

*"Vimos a 'salvação' como resultado de uma vontade firme e de um esforço pessoal em conquistas de aquisições como suporte moral para a vivência*

*evangélica do homem, rumo à observância da Lei de Justiça, Amor e Caridade, que levará o homem ao caminho do aprimoramento moral, em todos os sentidos.*

*Os deveres dos seres humanos são:*

- *faça o bem, mas não guarde a pretensão de solucionar os problemas de todos os que o buscam;*
- *realize o que lhe seja possível sem, contudo, exigir que os outros o imitem;*
- *execute, agora, o trabalho que o bem lhe apresenta, enquanto a oportunidade é propícia. Amanhã é uma realidade que talvez não sorria para você;*
- *ajude sempre, através do pão ou do leite, do agasalho ou do medicamento, do domicílio ou da consolação. Não pare, porém, para averiguar os resultados do teu auxílio;*
- *aplique o passe curador ou ofereça a água fluidificada aos enfermos do caminho. Não se desdenhe, todavia, esperando o êxito do serviço;*
- *pratique a caridade no seu mais alto grau, esclarecendo o aflito e concitando-o à renovação e à coragem. Não espere, porém, que a luz realize o seu abençoado mister;*
- *ajude a escola e o hospital, a creche e o lar, o asilo e o manicômio. Não olvide, entretanto, a sementeira do Evangelho, oferecendo o pão que mata a fome do Espírito para sempre;*
- *não se desequilibre quando lhe faltarem os recursos materiais para o auxílio. A prece em favor de alguém é um patrimônio de luz ao alcance de todos;*
- *evite a irritação nos serviços da assistência aos menos favorecidos. Quem ajuda com alegria faz sempre melhor;*
- *sempre que possível, acenda a luz da esperança nos corações que o buscam. O pão hoje doado amanhã se acaba. No entanto, a palavra do Senhor que se distende é sementeira de vida eterna".*

Christiane Bittencourt explica que:

*"Acreditamos que Deus é um só, não importa onde brilha. O conceito de Deus, na Fé Bahá'í, é essencialmente monoteísta. Deus é o ser imperecível, jamais inventado, que é a fonte de toda a existência. Ele é descrito como 'um Deus pessoal, ininteligível, inacessível, a fonte de toda a revelação, eterno, onisciente, onipresente e onipotente'".*

O sheikh Mahmoud Ibrahim afirma que:

*“Não há notícias que a pessoa será salva sem seguir as leis de Deus. Poderá ser salva se não conseguiu conhecer a lei divina nos devidos períodos, mas perto do Juízo Final virá uma mensagem para a pessoa acreditar na unicidade de um Deus único, então, sim, aqueles que estão nos desígnios divinos serão salvos”.*

Todos os entrevistados concordaram que existem salvos anônimos, que a salvação é extensiva também para quem não possui uma identificação religiosa. Eles entendem que poderá haver salvação em qualquer religião e inclusive de forma autônoma ou anônima.

Nesse sentido de salvação, o Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso, no seu documento *Diálogo e Anúncio*, postula que:

É por meio da prática daquilo que é bom nas suas próprias tradições religiosas, e seguindo os ditames da sua consciência, que os membros das outras religiões respondem afirmativamente ao convite de Deus e recebem a salvação em Jesus Cristo, mesmo se não o reconhecem como o seu Salvador (AG 3, 9, 11).

Karl Rahner<sup>64</sup>, em sua teologia das religiões, diz que há salvos anônimos, ou seja, os não cristãos são salvos pela graça e presença de Cristo, que age anonimamente entre suas religiões. Segundo Rahner, Jesus Cristo conquistou a salvação para a humanidade e a confiou à sua igreja, mas pela graça estendeu a salvação para os não cristãos, porém não por mérito dessas religiões, e sim pelo poder de Cristo, que alcança a salvação para eles “de uma maneira somente de Deus conhecida”.

Na realidade, os não cristãos não se salvam por participarem de sua própria religião, mas, sim, pela graça, pela mediação de Cristo, ainda que esteja em outra religião e não conheça a Jesus Cristo. Deus mesmo pode levar ao encontro do Mistério “todos os homens de boa vontade, em cujos corações atua, de maneira invisível, a graça” (AG).

---

<sup>64</sup> RAHNER, K. *O homem e a graça*, p. 94.

#### 4.4.1.3 A salvação universal de Deus é para todos os seres humanos, independentemente de sua religião?

O rabino Guershon Kwasniewski responde que *"sim, todos poderão ser salvos, cada um seguindo seus preceitos. Já falei que a salvação é um conceito do Antigo Testamento. É universal, 'amarás o teu próximo como a ti mesmo' é abrangente a toda humanidade"*.

O pastor Frederico R. Dreher concorda com o rabino e diz que *"A salvação é o convívio do ser humano, é uma vivência fraterna marcada por justiça e amor mútuo da comunidade humana. A comunidade humana se expande nesta vivência, por isto desde cedo cultivo relações com outras religiões"*.

O babalorixá Pai Tito de Xangô concorda:

*"Sim, acredito nisso. A salvação se dá pelas atitudes em prol do próximo. Como praticante da matriz afro e umbandista, acredito no amor, na caridade e na humildade. Independente da religião que pratica, se realizar estas ações, certamente estará no caminho da salvação. A 'salvação' esperada não necessariamente é o perdão dos pecados e o céu dos justos. Buscamos a paz. A paz que não está em nenhum valor material, em nenhuma manifestação sentimental. A paz é construída dia a dia, nos pequenos gestos, na alegria de despertar, no agradecimento de adormecer em mais um dia de vitória, impostas pela luta cotidiana. Buscamos o amor ao próximo e a reforma íntima. Buscamos as respostas. Quem somos e por que estamos aqui? Por isso só a fé é a saída. Fé em Deus, Jeová, Olorum, Buda, Alá. O nome e a religião não são as coisas mais importantes. A religião deveria nos dar suporte para conseguirmos exercer nosso amor ao próximo da melhor maneira possível. Não importa no que você acredita. Importante acreditar que você é uma experiência divina e veio a este plano para dar certo. Por isso é importante que tenhamos a fé em nós mesmos. Essa é uma das formas de buscarmos de fato essa salvação. O reconhecimento da nossa importância e do nosso sucesso para a espiritualidade"*.

O bispo Humberto Maiztegui Gonçalves também acredita que *"Sim, independe de qualquer coisa, de religião, de opção de gênero, de orientação, de condições sociais. Deficientes inclusive poderão ser salvos"*.

Álvaro Pires concorda: *"Sim, a salvação é para todos e todas, até para quem não é praticante de religião alguma também"*.

Para Berenice Santos:

*"Deus é 'Ser Superior' em tudo o que realiza, em sua bondade, onipotência, justiça e amor. Não privilegia a nenhum de seus filhos, os ama e os oportuniza de maneira igual. Até porque nos conhece a cada um, sabe das nossas imperfeições, das nossas virtudes e de nossos esforços. Nos conhece por inteiro e de forma integral. Sabe exatamente como somos e quais são os nossos maiores desafios diante de nós mesmos. Mesmo assim, Deus investe seu amor, compreensão, tolerância e indulgência para cada um de nós"*.

Segundo Christiane Bittencourt: *"Certamente, todo contato é entre cada um e Deus. A unidade de Deus. Deus é um só para toda a humanidade, porém aparece com nomes diferentes em diversas culturas do mundo"*.

De acordo com o sheikh Mahmoud Ibrahim, *"Deus só criou as religiões monoteístas, ele criou o Islã, e Islã significa submissão total e voluntária à vontade de Deus. Todos que seguirem os profetas nas suas épocas, estes são os que terão os caminhos da senda reta e receberão a salvação após o Juízo Final"*.

Concordam os entrevistados que não há exclusividade de salvação em nenhuma religião, embora o líder islâmico afirme só haver salvação nas religiões monoteístas. Mesmo assim, concorda que todos serão julgados pelas atitudes e poderão ser salvos, mediante o Juízo Final. Paul Tillich valida a concordância dos entrevistados quando afirma que *"a potencialidade universal de outras religiões é porque o que é universal não é a religião cristã, mas o próprio evento crístico, que não é propriedade de nenhuma religião"*.<sup>65</sup>

---

<sup>65</sup> TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*, p. 98-103.

O fato de a salvação ser extensiva é confirmado em várias cenas bíblicas, como, por exemplo, na cena do Juízo Final em Mateus 25: "onde são chamados os homens de todas as nações que agiram conforme a justiça e o amor-ágape". Igualmente, na parábola do Bom Samaritano, este que representa um indigno e rejeitado pelos judeus, coloca o amor fraternal em prática; sem medir esforços, pelo diálogo com a samaritana, Jesus afirma que nenhum lugar específico é necessário para adorar a Deus, mas que se deve adorar "em espírito e verdade".

Segundo o apóstolo Paulo, os judeus e pagãos estão igualmente na escravidão do pecado e necessitam de modo igual de redenção salvadora. Essa redenção não será alcançada graças a uma nova religião, e sim a partir de um evento histórico que julga todos os seres humanos.

Para Jörg Eickhoff, aceitar o fato de a salvação ser extensiva para toda a humanidade só ocorrerá com diálogo.<sup>66</sup> Assim, o cristianismo, graças ao critério do Novo Ser em Jesus como Cristo, poderá aceitar a verdade dos outros, bem como criticá-los, mas sabendo receber a crítica dos outros. Todos os participantes do diálogo poderão aceitar o outro e abrir-se à realidade universal de Deus.

#### **4.4.1.4 O transbordamento do amor de Deus e de sua graça é suficiente para alcançar pessoas de toda e qualquer religião, por intermédio da sua fé, sem necessidade de "mudar de religião"?**

O rabino Guershon Kwasniewski respondeu que *"Sim, o transbordar do amor de Deus é para todos e todas e inclusive de uns para com os outros, 'amarás ao teu próximo como a ti mesmo'. O amor é para todos, é amplo e abrangente"*.

O pastor Frederico R. Dreher concorda com esse posicionamento: *"Sim, através do amor de Deus que transborda constantemente. O amor de Deus não está preso, cativo, ele precisa transbordar, no movimento do diálogo inter-religioso podemos ver este transbordar do amor. Com perdão mútuo em qualquer e todas as religiões"*.

---

<sup>66</sup> EICKHOFF, J. *Religions multiples pour mondes multiples? Paul Tillich et Paul Knitter dans le discours pluriel de la théologie des religions*; AVELINE, J-M. *Théologie et sciences religieuses sur le pluralisme religieux*.

O bispo Humberto Maiztegui Gonçalves responde no mesmo sentido:

*"Deus... Quem é Deus? Meu conceito é que 'Deus são caminhos, não são definições. Deus é pai, é mãe'. A maternidade de Deus dentro da paternidade de Deus e vice-versa. Isto dá um direcionamento e orienta, não precisa mudar de religião e inclusive podemos ter mais de uma religião, chamamos de sincretismo religioso ou síntese religiosa, conforme Leonardo Boff".*

O babalorixá Pai Tito de Xangô compartilha do mesmo entendimento:

*"Sim, é nisso que acreditamos. Tudo é muito semelhante, mas com algumas diferenças, como, por exemplo, na umbanda, onde consideramos que o Universo é habitado por guias espirituais e entramos em contato com a energia superior por intermédio dos chamados 'médiuns', que incorporam os guias espirituais. Muitos mudam de religião e deixam de ser médiuns, mas, mesmo assim, permanecem na obra do sagrado. Isso independe de religião. É uma questão de amor e fé".*

Para Álvaro Pires:

*"O amor de Deus e sua graça agem por si mesmo, são um dom gratuito ofertado a cada homem. Aderir a uma religião ou mesmo mudar de religião é uma questão de consciência. Eu, como cristão, na medida que amadureço na minha fé, posso colaborar para que o amor de Deus e sua graça se manifestem aos outros também através de minha vida, isto que é transbordar do amor de Deus".*

O Espiritismo, conforme explica Berenice Santos, compartilha desse entendimento:

*"Com certeza. Como nada é por acaso, estamos no lugar certo e com as pessoas certas. Assim é com relação as nossas escolhas religiosas nesta existência. Como somos reencarnacionistas, acreditamos que nesta atual existência estamos inseridos em determinada religião por ser o melhor para nós, é*

*exatamente aquela religião que precisamos. Estamos na religião que nos favorece o crescimento pessoal, moral e espiritual e tem os elementos necessários quanto aos esclarecimentos, conforto e orientação, para que possamos crescer, espiritual e moralmente, evoluindo sempre, tal é a lei".*

De acordo com Christiane Bittencourt: *"Sim, Para um bahá'í é importante cultivar o amor para com todos e reconhecer que Bahá'u'lláh foi o portador da mensagem de Deus para a nova era, também é necessário praticar a devoção, a generosidade e reconhecer no amor a tudo e todos a expressão de amor a Deus, origem de tudo e de todos".*

O líder islâmico Mahmoud Ibrahim acredita que *"O transbordar do amor de Deus depende da submissão total e voluntária da pessoa à vontade de Deus".*

Todos os entrevistados concordaram que o transbordamento do amor de Deus e de sua graça é suficiente para a salvação, independentemente de religião, bem como que não precisa mudar de religião para alcançar essa graça. O líder islâmico disse que depende da submissão total e voluntária da pessoa à vontade de Deus. No entanto, segundo Kunrath,

A graça não é aquilo que o homem faz, mas é a possibilidade gratuita fundada sobre um gesto livre e imprevisível de Deus, oferecido ao homem, de transcender-se, de ultrapassar-se e de entrar em comunhão viva com o Deus Trino. Para alcançar o nível da perfeição humana e da comunhão com Deus, dois são os elementos indispensáveis: a graça e a colaboração humana.<sup>67</sup>

Em seu livro *O mistério da graça divina e a colaboração humana no processo da justificação*, Kunrath afirma:

A graça não diminui a natureza, mas leva-a ao cumprimento. É necessário ter presente que o homem histórico é ordenado à comunhão com Deus. Esta vocação produz no homem um efeito que o determina do mais profundo de seu

---

<sup>67</sup> KUNRATH, P. A. *O mistério da graça divina e a colaboração humana no processo da justificação*; KUNRATH, P. A. *A graça segundo o espírito da primeira Carta de São João*.



ser, através de um existencial sobrenatural, que é a presença do mistério redentor de Cristo no homem, pelo qual todos os homens são chamados à salvação e são objeto da benevolência divina, que oferece a todos os meios necessários, antes de qualquer ato pessoal.<sup>68</sup>

A *Gaudium et Spes* também fala sobre a graça de Deus: "A liberdade do homem, que foi ferida pelo pecado, pode tornar plenamente eficaz esta ordenação em direção a Deus com a ajuda da graça divina" (GS 17). Kunrath nos explica que "O homem, não é que não faça nada aceitando aquela inspiração, porque também a pode rejeitar; todavia, sem a graça de Deus, não pode mover-se livremente de própria vontade em direção da justiça".<sup>69</sup> O homem com suas próprias forças é absolutamente incapaz de dispor-se positivamente à graça.

Segundo Boff:

Para se doar em graça. Deus cria gratuitamente um ser pessoal (sujeito). Esse mínimo é que possibilita a união de Deus com o homem e do homem com Deus, na Terra e também na eternidade, de tal forma que jamais a união significa fusão, absorção ou emanção de Deus. Portanto a criaturidade do homem como tal, isto é, do homem como "sujeito pessoal", conseqüentemente como "unidade originária", como "mistério", como "verdade", "amor", como conhecendo e amando os outros e a Deus.<sup>70</sup>

#### 4.4.1.5 Todas as religiões têm acesso ao Ser Superior, Transcendente?

Para o rabino Guershon Kwasniewski:

*"Sim, todas as religiões têm acesso ao Ser Superior, mas nem todas as pessoas o procuram, vejo que um dos males do século XXI é só procurar a Deus quando precisam, quando acontece uma tragédia, mas não no dia a dia. É na simplicidade*

---

<sup>68</sup> KUNRATH, P. A. *O mistério da graça divina e a colaboração humana no processo da justificação*; KUNRATH, P. A. *A graça segundo o espírito da primeira Carta de São João*.

<sup>69</sup> KUNRATH, P. A. *O mistério da graça divina e a colaboração humana no processo da justificação*.

<sup>70</sup> BOFF, L. *A graça libertadora no mundo*, p. 188.

*que encontramos a Deus, no Sol do dia lindo. E também os líderes religiosos só são procurados quando necessário".*

De acordo com o pastor Frederico R. Dreher:

*"Tem gente que acha supérfluo ter acesso e comunhão com o Ser Superior. Albert Einstein disse: 'nos acostumamos com o relativo'. Só que hoje tudo é relativo e supérfluo. Hoje damos esmolas com o supérfluo, não com o que nos importa, então não estamos buscando o Ser Superior, estamos só nos desfazendo do que está nos sobrando. O caminhante da Galileia para quem tudo era de uso comum sobrepujou o essencial que era comida e ensinou o uso comum".*

O bispo Humberto Maiztegui Gonçalves acredita que:

*"Sim, mas as palavras 'Ser Superior' ou 'Transcendente' são só definições, existem religiões que não são teístas e as pessoas são salvas. A única forma de religião não é teísta, existe religiões não teístas. E o Ser Superior está em comunhão com todos os seres humanos interligados com Ele".*

O babalorixá Pai Tito de Xangô responde convicto: *"Sem dúvida! Todas podem ter esta ligação com o sagrado e com um Ser Superior, com Deus, Olorum. Tudo irá depender das atitudes e das ações em relação ao próximo e a si mesmo".*

Álvaro Pires concorda com o Pai Tito:

*"Não conheço todas as religiões, mas, em geral, elas ressaltam o fato de o homem poder ligar-se a um Ser Transcendente através de ritos e práticas religiosas para que ele possa viver bem em sociedade e sentir-se bem consigo mesmo. Algumas religiões orientais focam mais em uma disciplina interior onde o homem se desapega de si mesmo e das coisas para obter serenidade e equilíbrio. Na minha opinião, estimulam uma prática saudável que possibilita ao Ser Transcendente se manifestar ou exprimir seu amor gratuito a essa pessoa virtuosa que está dando as condições para que Ele se manifeste".*

Berenice Santos segue essa linha de pensamento:

*"Com certeza. Se tivermos acesso e vivermos de uma forma digna a religiosidade, não precisaríamos nem estarmos inseridos em uma congregação religiosa para estarmos em contato com o Ser Superior, Transcendente, que é Deus. Viver a caridade e o amor genuíno sem interesses, doando-se, amando pelo simples fato de amar, aí já estaríamos em contato permanente com o Ser Superior que nos criou e nos ama de maneira incondicional e permanente".*

Compartilha dessa mesma visão Christiane Bittencourt:

*"Qualquer um que possua um coração puro, bondoso e radiante encontra o amor de Deus. Explica-se que Deus se revela de modo progressivo, que surge em diferentes contextos geográficos e históricos a fim de ensinar os seres humanos, e estes ensinamentos são revelados de acordo com o que as pessoas podem compreender, naquele momento histórico e espaço geográfico específico".*

Para o líder islâmico Mahmoud Ibrahim, *"Nas religiões monoteístas sim, nas outras não sei, porque as pessoas não buscam seu superego, seu ego, seu alto ego".*

Embora o líder islâmico acredite que isso ocorra somente nas religiões monoteístas, os demais entrevistados concordam que todas as religiões têm acesso ao Ser Superior, Transcendente, pois cada um o busca de sua maneira, de acordo com sua fé. Esse ser poderá ter um nome diferente conforme a religião, como, por exemplo, Deus, Jeová, Olorum, Buda ou Alá, mas responderá a todos igualmente.

É possível e desejável ir além da tolerância e do diálogo entre as diversas fés, para compreender o sentido último de uma experiência espiritual comum, que supere milênios de dogmas. Do mesmo modo em que a universalidade dos Direitos Humanos deveria conciliar culturas e sistemas diferentes, a teologia universal de Hick não pretende anular as diversidades, mas tirar do meio do caminho as pretensas superioridades de uma religião sobre a outra.<sup>71</sup>

---

<sup>71</sup> HICK, J. *God has many names*, p. 23.

John Hick já havia falado exatamente o que disseram nossos entrevistados. O nome de Deus é traduzido para cada tradição religiosa de um jeito diferente, da maneira com que cada um o identifica.<sup>72</sup>

#### **4.4.2 Tolerância e respeito à alteridade nas práticas religiosas com vistas à promoção da cultura de paz e ao cuidado da natureza nas religiões pesquisadas**

Esta subseção apresenta a opinião dos entrevistados quanto aos temas relacionados à tolerância e respeito à alteridade nas práticas religiosas.

##### **4.4.2.1 Vocês concordam com o fato de a legislação brasileira garantir a liberdade de culto para todas as religiões?**

O bispo Humberto Maiztegui Gonçalves afirma que *"sim, totalmente. Concordo e sei que está bem assegurada, mas na prática não está sendo cumprida. Se a lei não manda, quem manda?"*

Seguindo esse pensamento, o pastor Frederico R. Dreher responde que *"Sim, devemos respeitar e exigir que todas as religiões tenham seu direito a culto respeitado; por isto temos que estar unidos para garantir os direitos de todas as religiões do Brasil"*.

Compartilha desse pensamento Álvaro Pires: *"Concordo, pois, na liberdade de culto a pessoa pode exprimir, com um ato concreto que geralmente é realizado em grupo, a própria convicção religiosa que aderiu livremente seguindo sua própria consciência (ou que recebeu do contexto de herança familiar)"*.

De acordo com o rabino Guershon Kwasniewski:

*"No último encontro de liberdade religiosa, estávamos debatendo sobre isso, em 1º de março/2022 no Primeiro Simpósio Brasileiro de Liberdade Religiosa, no Rio de Janeiro, que reuniu representantes de várias religiões e de grupos de Direitos Humanos. Participaram do encontro, entre outros: Paulo Maltz, advogado, ex-presidente da Federação Israelita do Rio de Janeiro (FIERJ) e membro dos*

---

<sup>72</sup> HICK, J. *God has many names*, p. 7.

*Conselhos de Direitos Humanos e Promoção da Liberdade Religiosa do Rio de Janeiro; Mohammed Al Bukai, sheikh, imã e diretor de Assuntos Religiosos da União Nacional de Entidades Islâmicas (Mesquita Brasil); Gary B. Doxey, diretor associado do Centro Internacional de Estudos de Direito e Religião; J. Reuben Clark Law School, Brigham Young University, dos Estados Unidos; Stanley Arco, presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia para a América do Sul; Diácono Nelson Águia, secretário da Comissão da Arquidiocese do Rio de Janeiro para o Diálogo Inter Religioso; Weingartner Neto, desembargador do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul e professor da Universidade LaSalle (Brasil); Michael Wiener, representante de Direitos Humanos do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos. O evento foi organizado pelo Centro Brasileiro de Estudos em Direito e Religião, Brasil, e pelo Centro Internacional de Estudos de Direito e Religião J. Reuben Clark Law School, Brigham Young University (EUA). Participei como palestrante do painel 'Comunidades Religiosas, paz e reconciliação'. O encontro promoveu a aproximação de todos os setores, dando uma real dimensão de como o diálogo inter-religioso é importante para a consolidação da paz e do respeito em todas as sociedades. O direito à liberdade religiosa do indivíduo ou de grupos é um direito humano. Foram desenvolvidas algumas ideias que irão se transformar em projetos e parcerias futuras. No Brasil tem muitos advogados, deputados e outros políticos que querem fazer leis federais, estaduais e municipais. Neste congresso vimos que existem leis, mas individuais. Um exemplo são os feriados religiosos, toda vez que entra um novo governo é preciso exigir esses direitos adquiridos; porque não tem leis orgânicas. Se um judeu quer se ausentar do trabalho no dia do perdão ou ano-novo judaico, precisa entrar com pedido e esperar sair no Diário Oficial. Nós temos a confederação Israelita que está trabalhando neste sentido de exigir os direitos políticos religiosos".*

Nesse sentido, o babalorixá Pai Tito de Xangô ressalta:

*"A preservação da liberdade religiosa é um ponto fundamental e de suma importância não somente para a garantia de um direito humano básico, em todas as comunidades e culturas, povos e estados, como também por constituir elemento agregador da sociedade. Assim como a liberdade religiosa agrega, a*

*intolerância religiosa é extremamente desagregadora e pode, por si só ou conjugada a outros fatores nocivos, gerar danos imensuráveis e irreversíveis, além de promover o caos, promover divergências, estimular desprezo e violência, como já nos ensinaram vários períodos degradantes da história. Portanto, sou totalmente a favor de toda lei que garanta a valorização da liberdade religiosa (e, evidentemente, da tolerância religiosa), em que é consagrada de modo pleno. Lê-se no artigo 18 da Declaração Universal de Direitos Humanos: 'Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião: este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos'.*

O pensamento de Berenice Santos vai ao encontro dessas opiniões: *"Sim. Todas as religiões devem ser respeitadas e garantidas por direito. O respeito e a tolerância são regras essenciais para o bom desempenho da vivência evangélica e da religiosidade, devendo o homem ter suas escolhas e opções religiosas garantidas e seguras".*

Na mesma linha de entendimento, Christiane Bittencourt afirma: *"Sim, a Legislação através da Constituição Brasileira é bem clara, e todas as religiões têm direito de fazer suas celebrações sem interferência de outrem. É uma pena que as pessoas não aceitam umas às outras nas suas diferenças".*

O líder islâmico Sheikh Mahmoud Ibrahim enfatiza que *"O Brasil não é laico, é católico e está se tornando evangélico. Não garante esta liberdade de expressão religiosa como se diz, senão não deveria ter crucifixo nas repartições públicas ou deveria ter símbolos de todas as religiões, e existe muito ódio contra várias religiões do Brasil".*

Com certeza, os direitos já estão garantidos na Constituição Brasileira, que dá garantia de liberdade de culto para todas as religiões, mas há recorrência de casos de agressões a terreiros e a seus seguidores, por exemplo, e de degradação da parte material dos templos. Além disso, pouco se fala sobre a questão psíquica, o abalo emocional que gera na pessoa agredida. A legislação existe, mas é preciso mais conscientização para colocá-la em prática verdadeiramente:

Art. 5. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...].

VI: é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.<sup>73</sup>

O rabino comentou que há muitos advogados, deputados e outros políticos que querem fazer leis federais, estaduais e municipais, mas na hora de pôr em prática é difícil exigir os direitos já assegurados na lei. A indagação do bispo serve para reflexão: *"Se a lei não manda, quem manda?"* Os direitos já estão garantidos na Constituição Brasileira.

Sob um outro viés, o líder islâmico afirma que o Brasil não é laico, pois há uma preferência nas leis pela tradição católica que está se caminhando para a evangélica. Não sente a garantia da liberdade de expressão religiosa quando vê crucifixos nas repartições públicas. Seria laico realmente se tivesse símbolos de todas as religiões e se não existisse ódio contra várias religiões do Brasil.

**4.4.2.2 Vocês toleram as práticas de fé que as religiões regulamentadas possuem e as respeitam, em todos os espaços da sociedade, sem discriminação, tais como: espaço escolar, espaço de trabalho, espaço público e social, ainda que discordem dos seus dogmas e ritos?**

O bispo Humberto Maiztegui Gonçalves diz que:

*"'Tolerar' não é a expressão correta para mim, eu não tolero nada, eu respeito tudo e todos. Paulo Freire fez o livro sobre a pedagogia da tolerância. Religiões regulamentadas ou não regulamentadas, e se ainda não estou respeitando estou aprendendo a melhorar e respeitar, só não respeito aqueles que são intolerantes e não respeitam as religiões além das suas, estes eu não tolero mesmo. As*

---

<sup>73</sup> BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*.

*religiões que não são tolerantes eu não respeito. Se não sabem respeitar, não merecem ser respeitadas. Não tolero, mas, sim, defendo o direito de todo o ser humano à vida e à prática da fé em todos os espaços. Não posso discordar, mas respeitar, sim. Somente da minha religião a que pertenço posso indagar e discordar, apoio tudo que é a favor da vida. A minha abordagem das religiões não é dogmática, é a favor da vida, se respeita a vida, eu respeito".*

O pastor Frederico R. Dreher afirma que:

*"Sim, tolero. Os colonos alemães chegaram, construíram escolas e passaram a ter a escola dominical nas escolas, ou seja, culto nas escolas; igualmente, os católicos jesuítas chegaram e foram fazendo escolas, ensinando e pregando, mas aos índios não foi dado este direito, os outros sempre tentando catequisar e converter os índios e, mais tarde, os negros, sem necessidade nenhuma. São Direitos Humanos inerentes a todos os seres humanos e devem ser respeitados e defendidos pelos semelhantes".*

O babalorixá Pai Tito de Xangô ressalta:

*"Não acho correto o uso da palavra 'tolerar'! A palavra 'tolerar' pode dar ideia de 'suportar'! Na verdade, o que devemos ter é respeito às demais manifestações de fé que outras pessoas ou religiões possuem. Sempre cuidando para que estas manifestações não falem o respeito com aquilo que os outros acreditam. Devemos entender o outro para podermos respeitar os diferentes. Por isso a importância do diálogo inter-religioso, pois devemos sempre enfatizar aquilo que nos agrega e não dar ênfase naquilo que nos afasta. Sempre promovendo a paz e o respeito entre as religiões. Devemos conhecer as várias etnias e culturas, valorizá-las e respeitá-las. Repudiar a discriminação baseada em diferenças de raça, religião, classe social, nacionalidade e sexo. Reconhecer as qualidades da própria cultura, exigir respeito para si e para os outros".*



O rabino Guershon Kwasniewski segue esse pensamento:

*“Não gosto da palavra ‘tolerar’, parece que é algo que não gosto, mas estou aceitando. Substituímos esta palavra por ‘respeitar’. Levei esta palavra até Washington em congresso e expliquei que, para respeitar, preciso conhecer, para conhecer, preciso conviver, e para conviver, preciso respeitar, assim como quero ser respeitado. O diálogo entre as diversas correntes religiosas vem sendo discutido por teólogos e especialistas no comportamento humano por considerarem o tema fundamental para a paz e o futuro da humanidade, uma vez que o passado já demonstrou que muitas divergências em nome das religiões levaram a guerras, conflitos e preconceitos, que ainda perduram até hoje no mundo. Respeito e não tem escolha, deve ser assim, tem coisas que não escolhemos, deve ser assim. Inclusive outro órgão que faço parte, a CONIB, considera o diálogo inter-religioso tema da maior importância e avalia que a paz entre as nações passa pelo respeito às diversas culturas e religiões existentes no mundo”.*

Álvaro Pires diz que:

*“Tolero e respeito, sim, as várias práticas religiosas mesmo que possam divergir de dogmas e ritos de minha própria convicção religiosa. Pessoalmente, não tolero quem pratica o mal, mas isso não está vinculado ao fato de ser desta ou daquela religião (ou não seguir uma), mas a prática do bem em relação aos outros. Se alguma religião não está colaborando para isso então está falhando na sua própria missão de elevar o homem em todos os sentidos, pois cada um merece respeito pela própria convicção. A expressão pública dessa convicção, nos vários espaços citados, é uma expressão concreta e explícita de reconhecimento”.*

Berenice Santos afirma que:

*“Sim. Respeitamos cada segmento religioso com suas opções, dogmas e ritos. Todos estão a caminho, no mesmo caminho. Todos tentando entregar o seu*

*melhor. Todos esforçando-se ao máximo em suas escolhas, convicções e fé. Todos entregando seus talentos na construção do homem de bem e de uma sociedade melhor".*

Compartilha desse pensamento Christiane Bittencourt: *"Sim. Em todos os espaços a pessoa tem direito de assumir sua fé, os Bahá'ís respeitam todos os seres vivos em todos os ambientes que se fizerem presentes, e assim deveria ser para todos, somos seres criados pelo mesmo superior".*

O líder islâmico sheikh Mahmoud Ibrahim afirma: *"Sim, respeitamos todas as religiões e todas as pessoas que praticam estas religiões no Brasil".*

Tivemos convergência nas respostas. Os entrevistados concordam que devem tolerar e respeitar os fiéis de outras religiões e que todas as religiões devem ser respeitadas em todos os espaços da sociedade. Muitos disseram que não usam mais a palavra "tolerar", a substituindo pela palavra "respeitar", fortalecendo um dos nossos pontos de convergência que é tolerância e respeito à liberdade de escolha religiosa, abominando qualquer forma de intolerância. Sendo lembrado pelo rabino que o *"diálogo entre as diversas correntes religiosas vem sendo discutido por teólogos e especialistas no comportamento humano por considerarem o tema fundamental para a paz e o futuro da humanidade"*. Nesse questionamento se confirma a ideia que apresentamos de "Zona de Diálogo Inter-Religioso Proximal".

O teólogo Hans Kung indaga a necessidade de contribuição para uma ética mundial e de entendimento dos pontos divergentes e comuns, para alcançar um empenho pela paz mundial:

*Não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre as religiões. Não haverá diálogo entre as religiões, se não existirem padrões éticos globais. Nosso planeta não irá sobreviver se não houver um ethos global, uma ética para o mundo inteiro.<sup>74</sup>*

Von Sinner fala sobre a necessidade do diálogo inter-religioso e a importância da abertura ao aprendizado.

---

<sup>74</sup> KÜNG, H. *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*, p. 366.

O diálogo implica uma posição própria e uma postura de abertura frente ao outro. Somos de religiões diferentes, de certo modo incomensuráveis. Mas a partir da confiança em Deus, que quer salvar a todas e todos, tenho uma base comum – embora bastante vaga – que é a condição da possibilidade da aprendizagem. Eu pressuponho, portanto, que posso aprender algo do outro e da outra. Aqui começa o diálogo, com base na confiança em Deus. Leio minha própria fé e a fé do outro e da outra por essa confiança e penso que nós nos ajudamos mutuamente na aprendizagem sobre Deus e nosso lugar e atuação no mundo, portanto é uma hermenêutica da confiança.<sup>75</sup>

Segundo Junqueira, o pluralismo não é um problema, é um contínuo aprender a viver. Portanto o cidadão tem o direito de exercer com liberdade a sua religião.<sup>76</sup>

#### **4.4.2.3 Vocês consideram aceitável que, de acordo com a legislação brasileira, a escola pública ensine sobre todas as religiões regulamentadas?**

O bispo Humberto Maiztegui Gonçalves responde que:

*“Sim, concordo e devemos respeitar e exigir que a legislação seja cumprida. É política de Estado, que não está sendo levado a sério, tem órgãos para fiscalizar, como o CONER, pois é errado deixar igrejas ter esta tarefa dentro da escola e praticar proselitismo. A lei tem um viés e deve ser seguida, precisa ter curso com 400 horas, teologia reconhecido pelo MEC. Era determinado às religiões dominantes esta tarefa antes da nova Constituição Brasileira, mas negligenciaram. O ensino é política de governo ou política de Estado? É de Estado, então é a legislação brasileira que deve regulamentar. Dentro da lei, sim, respeitando a legislação brasileira, que proíbe as denominações estarem inserida dentro das escolas ensinando suas doutrinas. Sou a favor que regulamente as não regulamentadas. Não é Deus acima de tudo. É legislação acima de tudo. Não somos teocracia, e sim democracia”.*

---

<sup>75</sup> SINNER, R. *Confiança e convivência: reflexões éticas e ecumênicas*, p. 130.

<sup>76</sup> JUNQUEIRA, S.; WAGNER, R. *O ensino religioso no Brasil*, p. 19.

O pastor Frederico R. Dreher concorda e explica:

*“Sim, mas já vi cada absurdo nas escolas por aí, de gente sem preparo nenhum dando esta aula. É um perigo! Às vezes, é melhor não ter se for para ter bobagem. A lei é clara, e a pessoa precisa ter uma fé e bem embasada, não é qualquer pessoa [que pode] sair dando aula de ensino religioso”.*

O babalorixá Pai Tito de Xangô ressalta:

*“Acho essencial que a escola pública realize reflexões sobre os fundamentos, costumes e valores das diferentes religiões presentes na sociedade brasileira. Nesse sentido, a aula de religião deve sempre promover a compreensão das diferentes religiões, abordando temas de modo interdisciplinar por meio de atividades que promovem o diálogo entre as diversas religiões. Isso promove a paz e o respeito entre os diferentes. É importante que todas as religiões sejam estudadas na escola pública. O ensino religioso é uma das melhores formas de desenvolver e consolidar o caráter dos jovens e, conseqüentemente, torná-los adultos mais fortes, carregados de valores para a nossa sociedade. Independentemente da sua religião, o ensino religioso tem o poder de ensinar valores culturais para os alunos”.*

O rabino Guershon Kwasniewski compartilha desse entendimento:

*“Sim, e já acontece. O ensino religioso é de matrícula facultativa, desde que a pessoa seja suficientemente capacitada. Já fui em escolas em que os professores não sabiam nada sobre o judaísmo, pois está abrindo para os alunos um caminho desconhecido, a pessoa apenas sabe a teoria, e a teoria é falha. Precisamos professores capacitados, de acordo com a legislação”.*

Álvaro Pires também concorda:

*“Sim. Certamente pode ser uma ocasião e um espaço privilegiado para que os alunos conheçam mais as diferentes religiões e, desse modo, não sejam presas*

*da ignorância que, infelizmente, vive de estereótipos por não conhecer bem os outros. O CONER, outro grupo que participo, regula e controla que as escolas do Rio Grande do Sul tenham ensino religioso, embora alguns municípios e o próprio estado não estejam cumprindo a lei<sup>77</sup>, e professores que não estão preparados estão dando esta disciplina, só para completarem a carga horária".*

Berenice Santos destaca:

*"Sim. Vejo como tarefa primordial e principal da escola, juntamente com a família, no auxílio a essa célula basilar da sociedade, oportunizar o conhecimento de forma integral. E proporcionar o conhecimento das diferentes religiões em sua totalidade ensinará uma ampla visão e um vasto aprendizado para crianças e jovens, já os encaminhando para adquirirem novos conceitos de respeito, reconhecimento e valorização ao outro em suas escolhas e vivências de religiosidade, fazendo-os pensar no outro e suas opções de vida, religião etc."*

Christiane Bittencourt opina: *"O Estado brasileiro é laico, os brasileiros não. É preciso respeitar o credo de cada um. Fica difícil, pois não são todos que estão regulamentados"*.

O líder islâmico sheikh Mahmoud Ibrahim acredita que *"sim, devem ser explicadas e abordadas no ensino todas as religiões regulamentadas no Brasil"*.

É unânime a concordância dos entrevistados sobre a importância da disciplina de ensino religioso e o fato de seu valor estar assegurado em lei. O ensino religioso como parte integrante da formação básica está assegura na legislação. Em julho de 1997, passou a vigorar Lei n. 9.475, que deu nova redação ao artigo 33 da Lei n. 9.394, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional:

O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de Ensino Fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

---

<sup>77</sup> BRASIL. Resolução n. 7, de 14 de dezembro de 2010.

§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso.<sup>78</sup>

A resposta do pastor Frederico R. Dreher está apoiada na Constituição Brasileira. A legislação que dá suporte a esse componente curricular é o artigo 33 da LDB. Segundo a lei, o ensino religioso deve abranger em sua matriz curricular a pluralidade religiosa existente no Brasil. A Lei n. 9.475/1997 afirma que o professor desse componente curricular deve demonstrar capacidade de atender a essa pluralidade cultural e religiosa, sem proselitismo. Para Silva:

A partir disso deve-se levar em consideração nos processos de construção de identidades individuais e coletivas dos professores de ensino religioso "as suas histórias de vida, suas experiências de fé, vivenciadas no cotidiano, e a busca de transcendência, de percepções e sentidos" Sem esquecer que este processo só acontece através de relações socioculturais.<sup>79</sup>

O rabino fala com muita propriedade ao dizer que a matrícula, segundo a legislação, é facultativa. Nesse sentido, Carlos Cury explica como se dará a forma facultativa:

Ora, para que o caráter facultativo seja efetivo e a possibilidade de escolha se exerça como tal, é necessário que, dentro de um espaço regado como o é o das instituições escolares, haja a oportunidade de opção entre o ensino religioso e outra atividade pedagógica igualmente significativa para tantos quantos que não fizerem a escolha pelo primeiro. Não se configura como opção a inatividade, a dispensa ou as situações de apartamento em locais que gerem constrangimento. Ora, essa(s) atividade(s) pedagógica(s) alternativa(s), constante(s) do projeto

---

<sup>78</sup> BRASIL. *Lei n. 9.475, de 22 de julho de 1997.*

<sup>79</sup> SILVA, V. (Org.). *Ensino religioso – educação centrada na vida: subsídio para formação de professores*, p. 63.

pedagógico do estabelecimento escolar, igualmente ao ensino religioso, deverão merecer, da parte da escola para os pais ou alunos, a devida comunicação, a fim de que estes possam manifestar sua vontade perante uma das alternativas. Este exercício de escolha, então, será um momento importante para a família e os alunos exercerem conscientemente a dimensão da liberdade como elemento constituinte da cidadania.<sup>80</sup>

O babalorixá Pai Tito explica a importância da valorização e o conhecimento da diversidade cultural e religiosa dentro da escola em concordância com os PCNS, que diz o seguinte:

O ensino religioso, valorizando o pluralismo e a diversidade cultural presente na sociedade brasileira, facilita a compreensão das formas que exprimem o Transcendente na superação da finitude humana e que determinam, subjacentemente, o processo histórico da humanidade.<sup>81</sup>

É necessário que o professor “tenha plena consciência de sua individualização, é um encontrar-se consigo mesmo na direção da alteridade”.<sup>82</sup> Com efeito, é uma forma de dar um novo significado a sua própria práxis em relação ao ensino religioso.

É relevante destacar aqui o Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (FONAPER), que é o maior fórum permanente do ensino religioso no Brasil, estando presente nas lutas e conquistas do setor nos últimos 25 anos. Dentre os seus principais objetivos estão: garantir a presença do ensino religioso na LDB, de 1996; produzir e publicar um Parâmetro Curricular Nacional para o ensino religioso; e, por último, formular uma proposta para a formação de um profissional em ensino religioso e de uma graduação nessa disciplina.<sup>83</sup>

---

<sup>80</sup> CURY, C. R. J. *Ensino religioso e escola pública: o curso histórico de uma polêmica entre a Igreja e o Estado no Brasil*.

<sup>81</sup> BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino religioso*, p. 11.

<sup>82</sup> SILVA, V. (Org.). *Ensino religioso – educação centrada na vida: subsídio para formação de professores*, p. 65.

<sup>83</sup> JUNQUEIRA, S.; WAGNER, R. *O ensino religioso no Brasil*, p. 49.

Conforme salientou Álvaro Pires, o ensino religioso ministrado nas escolas públicas não deve se deter na formação religiosa específica para uma ou outra religião. As aulas de ensino religioso não podem ser aulas de catequese ou de classe de catecúmenos. As práticas de cada religião devem ser apresentadas e descritas de forma objetiva e com igual destaque por professores realmente habilitados nessa área do conhecimento.

A BNCC validou a obrigatoriedade da disciplina de ensino religioso, e os objetivos da obrigatoriedade do ensino religioso nas entidades educacionais pública são muitos. Dentre eles, destaca-se a busca por uma convivência plena com a diversidade de crenças, pensamentos, convicções, modos de ser e viver. Além disso, objetiva fazer com que os alunos consigam analisar as tradições religiosas e relacioná-las com a cultura, política, ciência, tecnologia e o meio ambiente.

Em 2017, o ensino religioso teve a inclusão na BNCC por meio da Lei n. 13.415, que alterou as Leis n. 9.394/1996 e 11.494/2007.<sup>84</sup> Em 2018, a Resolução n. 5 instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de licenciatura em Ciências da Religião.<sup>85</sup> Com essa atitude, a formação se tornou mais inclusiva e cidadã. A importância do ensino religioso na escola é destacada por Junqueira:

O pluralismo religioso é uma realidade cada vez mais percebida como um fenômeno que ocorre em diversos países e culturas, devido à globalização mundial e também às necessidades de transcendência do homem atual, que procura, no Transcendente, aquilo que a sociedade, fundada num modelo de econocracia, não consegue lhe proporcionar. Pluralismo que nem sempre funciona como elo de integração de pessoas e povos, mas que, ao contrário, contribui para reforçar separações, incentivar discriminações e propagar ideias fundamentalistas que são incapazes de alteridade.<sup>86</sup>

Segundo Oliveira, é importante o ensino religioso na escola porque "A religião toca todas as dimensões do ser humano e a experiência religiosa exerce um forte

---

<sup>84</sup> BRASIL. *Lei n. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.*

<sup>85</sup> BRASIL. *Resolução n. 5, de 28 de dezembro de 2018.*

<sup>86</sup> JUNQUEIRA, S.; WAGNER, R. *O ensino religioso no Brasil*, p. 9.



impacto sobre o indivíduo. Ela provoca em seu comportamento uma mudança radical de direcionamento prático e de valores".<sup>87</sup>

O estudo da religião se torna uma via indispensável na tarefa urgente de educar para a convivência universal, e mais, para a sobrevivência humana e ecológica em tempo de crise planetária. O conhecimento das alteridades religiosas é um objetivo educacional sem o qual não se podem conhecer verdadeiramente as particularidades e a totalidade que compõem nossa vida sempre mais globalizada e, com maior razão, a lógica religiosa inerente a muitos conflitos mundiais em franco curso ou, cinicamente, anunciados por certos blocos de poder.<sup>88</sup>

A autora da presente tese é professora de ensino religioso e vê um grande desafio em ministrar essa disciplina, mesmo se sentindo habilitada e competente. Acredita que, além de dominar o conteúdo, o professor de ensino religioso precisa ter um olhar além das lentes comuns, sendo necessário estar preparado acadêmico, espiritual e psicologicamente, porque as questões que surgem em sala de aula são existenciais na particularidade de cada ser encontrado ali, ultrapassando conhecimentos acadêmicos, que só poderão ser compreendidos utilizando lentes de amor, compaixão e abnegação. O professor precisa fazer com que esse componente curricular seja significativo para os alunos, e para isso é preciso "sensibilizar os educandos para a vivência de valores como justiça, confiança, solidariedade, respeito, dignidade, construindo sentidos para a vida".<sup>89</sup>

Ser professor de ensino religioso, portanto, é ser "um mediador da própria questão religiosa, da espiritualidade, sendo assim um promotor do diálogo inter-religioso e da busca pela ética e pela paz".<sup>90</sup>

---

<sup>87</sup> OLIVEIRA, L. et al. *Ensino religioso: no Ensino Fundamental*, p. 26.

<sup>88</sup> PASSOS, J. D. *Ensino religioso: construção de uma proposta*, p. 125.

<sup>89</sup> BOEING, A. *Ensino religioso: razões de ser na atualidade*.

<sup>90</sup> SILVA, V. (Org.). *Ensino religioso – educação centrada na vida: subsídio para formação de professores*, p. 11.

**4.4.2.4 Vocês concordam que a natureza e todos os espaços, tais como terra, água e o ar, foram dados pelo Ser Superior, o Transcendente, e devem ser preservados pelo ser humano? Que o direito à vida foi dado pelo Ser Superior, Transcendente, a todos os seres humanos e estes devem ser protegidos, cuidados e respeitados?**

O bispo Humberto Maiztegui Gonçalves opina:

*"Foi dado? Não... Nós somos a própria natureza, não foi dado, a natureza faz parte de nós e nos foi revelada pelo Ser Superior. Nas religiões nos relacionamos com a natureza e devemos preservar como preservamos a nós mesmos. Somos parte, e nas religiões nos relacionamos diretamente e precisamos preservar o nosso próprio ser. O Ser Superior é fonte de vida, é alma/vida imagem e semelhança de Deus no poder de criar e destruir, somos o próprio Ser Superior. A vida é o caminho para o Ser Superior".*

O pastor Frederico R. Dreher responde que *"sim, absolutamente. Deus criou o ser humano para usufruir de toda dádiva criada por ele, mas o humano deve cuidar, preservar e multiplicar a natureza, e tudo o que envolve é vida, então é dom de Deus, porque a vida é um dom de Deus para o planeta".*

O babalorixá Pai Tito de Xangô concorda e acrescenta:

*"Respeitar, cuidar, preservar e defender o meio ambiente é, acima de tudo, um ato de amor. Tudo é equilíbrio na Criação Divina, e não podemos dispor a nosso bel-prazer daquilo que foi criado de modo a garantir o equilíbrio e a vida abundante. Explicando que a Umbanda, como religião cristã, natural e ecológica, tem em seus seguidores os defensores da natureza; entendemos que os sagrados orixás se manifestam magneticamente com mais intensidade nos sítios vibratórios da natureza, onde os religiosos de Umbanda vão constantemente, promovendo concentrações para refazimento energético, harmonizações e captação de energias sublimes, reequilibrando-os com as forças da Mãe Natureza. A religião de Umbanda defende a natureza, preza por matas, mares, rios, cachoeiras e nascentes. Preza também pela fauna e flora, contribuindo, assim, com os tratados internacionais de preservação da natureza, indicando a necessidade de*

*meios de desenvolvimento que não a agridam. O direito à vida é o principal direito garantido a todas as pessoas, sem nenhuma distinção, não interessando cor, crença ou religião, sendo este o mais importante, já que sem ele os demais ficariam sem fundamento. Na conceituação de Moraes, 'o direito à vida é o mais fundamental de todos os direitos, já que se constitui em pré-requisito à existência e exercício de todos os demais'.<sup>91</sup> O termo 'vida' possui inúmeros significados, podendo dizer também que é tudo aquilo que ocorre entre a concepção e a morte, sendo muitos os direitos que por ela nos garantem, estando expresso nas leis, em princípios e doutrinas".*

O rabino Guershon Kwasniewski explica que:

*"Sim, temos no judaísmo uma ciência que estuda o valor das letras, chama Gematria, é o método hermenêutico de análise das palavras bíblicas somente em hebraico, atribuindo um valor numérico definido a cada letra. E a palavra Deus e natureza tem o mesmo valor. Palavras de iguais valores numéricos são consideradas como explicativas umas das outras, então a natureza faz parte do divino, e o divino faz parte do planeta. Nós estamos aqui com a missão de terminar e aperfeiçoar a obra da natureza. Absolutamente, sim, a vida é o valor supremo para o judaísmo, por isso devemos preservar a vida, o que significa respeitar o próximo e o meio ambiente".*

Álvaro Pires compartilha das opiniões anteriores:

*"Recebemos gratuitamente de Deus a natureza com suas várias expressões, e é nosso dever preservá-la como verdadeiros guardiões. Deus nos criou para sermos guardiões do planeta. A vida é um dom gratuito de Deus Criador, e cada ser humano deve ser respeitado no seu direito à vida, que inclui direitos sociais, justiça social, direito à saúde, habitação, alimentação, educação, emprego e dignidade".*

---

<sup>91</sup> MORAES, A. *Direito constitucional*, p. 30.

Berenice Santos segue a mesma linha:

*"Sim. 'Pela obra se reconhece o autor!' A natureza é pintura de Deus, sua criação é presente para os homens no Planeta Terra. Todos os reinos da natureza, desde os minerais, vegetais e animais, deverão ser reconhecidos, respeitados e preservados pelo ser chamado homem... Há uma distância enorme, gigantesca mesmo, entre a criação de Deus e as coisas criadas pelo homem. É necessário ter olhos para ver, ouvidos para ouvir e cérebro para pensarmos, para identificarmos a obra desse Ser Superior e tudo o que temos ideia e conhecimento. Nossos sentidos e nossa razão não nos permitem ainda ter a compreensão de Deus. Ele, com sua misericórdia e amor profundo, criou e cria incessantemente e em todos os momentos e dias. O homem, pela sua imprevidência, descuido e, muitas vezes, ignorância e/ou ganância, destrói a natureza, de maneira impiedosa. Haverá dia, por certo, em que o homem acordará para essa situação, triste realidade, e deverá colaborar com a obra de Deus, sendo coautor responsável, com visões e valores diferenciados, na construção do porvir".*

Christiane Bittencourt responde que *"Sim. Além da preocupação com os seres humanos, também defendemos as relações de respeito aos animais. Todas as formas de vida são vistas como expressão da natureza divina, são sagradas".*

O líder islâmico sheikh Mahmoud Ibrahim também disse que *"Sim. Deus criou tudo, o céu a terra, o ar, a água, o fogo, que devem ser respeitados, como diz o sagrado Alcorão, por toda a humanidade".*

Os entrevistados de todas as religiões concordam que a humanidade deveria ser a responsável por cuidar da Terra e de todas as outras criaturas vivas. Para o Criador, somos os guardiões do planeta. O Transcendente colocou o ser humano no mundo para usufruir de tudo de bom que ele criou e para ser o guardião do planeta, o cuidando com todo amor e carinho. O cristianismo mostra o homem como a imagem e semelhança de Deus, que lhe confiou domínio exclusivo sobre todas as outras criaturas. Não somos donos do planeta, mas fazemos parte dele. Não apenas habitamos a Terra, mas somos feitos dos mesmos elementos que ela.

Leonardo Boff destaca: “O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação comum de todas as pessoas. A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado. Os objetivos ambientais, econômicos, políticos, sociais e espirituais estão interligados”.<sup>92</sup>

A humanidade deveria mostrar responsabilidade por lugares e espécies, lutar pela continuidade da vida, cuidar da Terra como criação de Deus, ser responsável pelo bem comum e para as gerações futuras, promovendo uma visão de consumo de recursos menos predatória.

A criação é também uma manifestação do amor providente de Deus; foi-nos entregue para que cuidemos dela e a transformemos numa fonte digna de vida para todos. Ainda que hoje se tenha generalizado maior valorização da natureza, percebemos claramente de quantas maneiras o homem ainda ameaça e destrói o seu 'hábitat'. 'Nossa irmã a mãe terra' é a nossa casa comum e o lugar da aliança de Deus com os seres humanos e com toda a criação.<sup>93</sup>

É unânime e convergente que a natureza é presente divino e a obrigação do ser humano é apenas cuidar, preservar, proteger e manter o planeta, que geme em dores por cuidados e proteção. Quando todos estiverem conscientes de suas obrigações em relação ao cuidado da Terra, ela responderá e retribuirá os cuidados recebidos.

#### **4.4.2.5 Enquanto praticantes de uma religião, vocês têm se engajado em ações na promoção do cuidado com a natureza? Se sim, quais?**

O bispo Humberto Maiztegui Gonçalves afirma que:

*“Sim, porque nós somos a própria natureza e é nosso dever cuidá-la e protegê-la. É também papel de todo ser humano o cuidado com a natureza, Mãe Terra, porque o ser humano é natureza, e é papel da religião ensinar isto aos seus*

---

<sup>92</sup> BRASIL. *Carta da Terra*.

<sup>93</sup> DOCUMENTO final da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, p. 68.

*participantes. Religião que ensine valores, não o ópio do povo. Que valores as religiões estão ensinando? Precisa ser valores humanos. Participo de todas as ações e projetos que ocorrem em Porto Alegre e pelo mundo".*

O pastor Frederico R. Dreher relata: *"Acredito que a palavra de Deus nos ensina que a criação de Deus nos foi dada como bênção, e na medida que as pessoas entendem isso, cada um irá cuidar da natureza".*

O babalorixá Pai Tito de Xangô disse que:

*"Sim. Neste dever geral, as religiões têm um papel de grande importância, visto que podem induzir seus fiéis a adotar práticas sadias de respeito aos recursos naturais e culturais. Temos muito cuidado com a natureza e a defendemos com todas as forças porque precisamos das forças da natureza. Mãe Terra, ar, mata, água e fogo. Temos uma grande preocupação com a questão da poluição e do cuidado com o meio ambiente. Várias ações já foram propostas, como, por exemplo, a separação do lixo dentro de nosso centro e adoção de uma rótula, onde colocamos uma imagem de Xangô. Nesse local, que antes era jogado lixo, atualmente é cuidado e sempre limpo, se tornando um ponto de oração e turístico para nossa cidade".*

O rabino Guershon Kwasniewski segue a mesma linha dos entrevistados anteriores:

*"Sim, através da União Mundial do Judaísmo Progressista, ajudamos no problema da barragem de Brumadinho. Um grupo de jovens ficou dois anos ajudando. Temos grupos que limpam as praças públicas, tem o conselho de rabinos que tem uma ação conjunta pela Amazônia e conscientizamos as pessoas para também fazerem. Faz parte das obrigações dos princípios das religiões, cada um tem seu caminho, mas a finalidade é a mesma".*

Álvaro Pires também considera um tema importante dentro do contexto religioso:

*"Sim. Ultimamente venho aprofundando a questão da ecologia integral em grupos de estudo e também tentando fazer mudanças concretas nas práticas cotidianas, separando melhor resíduos orgânicos de outros materiais. Como sou agrônomo, minha prática profissional favorece a utilização sempre maior do controle biológico, sua pesquisa e difusão como manejo fitossanitário das lavouras".*

Berenice Santos afirma que:

*"Sim. Preservando a natureza da destruição insana, provocada por homens sem cuidados, que destroem, sem os cuidados básicos pela preservação; separação do lixo orgânico e reciclável, no lar e no ambiente de trabalho; promoção de oficinas de sensibilização para os trabalhadores espíritas, orientando para a necessidade de desenvolver ações para cuidar do planeta Terra, casa mãe que nos acolhe em nossa trajetória de experiências rumo ao progresso espiritual, pela vida; troca de luminárias mais eficientes; orientação para descarte adequado dos resíduos; palestras sobre o meio ambiente".*

Christiane Bittencourt contribui: *"Sim, principalmente no cuidado com o meio ambiente, descarte correto de lixo, cuidado com o uso adequado da água, e trabalhamos em campanhas, como, por exemplo, do agasalho e contra a fome, dia a dia".*

O líder islâmico sheikh Mahmoud Ibrahim explica: *"Temos diversas atividades, fizemos hortas, brincamos com animais, trabalhamos na conscientização desde cedo e ensinamos a separar lixo. Trabalhamos com as crianças desde cedo a importância da questão do bem-estar da natureza para nosso bem-estar".*

Todos os entrevistados afirmam que estão engajados em projetos em defesa da Mãe Terra e cuidados com o planeta, realizando várias ações na educação para a cultura da proteção e de cuidado com o planeta. Nesse sentido de cultura ecológica, o Papa Francisco orienta:

A cultura ecológica não se pode reduzir a uma série de respostas urgentes e parciais para os problemas que vão surgindo à volta da degradação ambiental,

do esgotamento das reservas naturais e da poluição. Deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático. Caso contrário, até as melhores iniciativas ecologistas podem acabar bloqueadas na mesma lógica globalizada. Buscar apenas um remédio técnico para cada problema ambiental que aparece é isolar coisas que, na realidade, estão interligadas e esconder os problemas verdadeiros e mais profundos do sistema mundial (LS 111).

Quando falamos de "meio ambiente", fazemos referência também a uma particular relação: a relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Isto impede-nos de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos. As razões, pelas quais um lugar se contamina, exigem uma análise do funcionamento da sociedade, da sua economia, do seu comportamento, das suas maneiras de entender a realidade. Dada a amplitude das mudanças, já não é possível encontrar uma resposta específica e independente para cada parte do problema. É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza (LS 139).

Nesse sentido, vimos a situação específica das religiões entrevistadas, como elas têm se colocado diante da questão ambiental, da defesa da vida e dos direitos humanos. Todas em uma convergência estão praticando ações diversas para que, por meio do cuidado com a Mãe Terra, possam passar ensinamentos saudáveis e estruturados para seus fiéis terem o mesmo respeito e cuidado com o planeta. Com esses cuidados, vai emergindo uma educação para a paz.



#### **4.4.3 Disposição dos líderes religiosos em relação à prática (participação) do diálogo inter-religioso na promoção da cultura da paz**

##### **4.4.3.1 Vocês, enquanto praticantes de uma religião, têm se engajado em ações na promoção da paz entre as religiões? Cite quais?**

O bispo Humberto Maiztegui Gonçalves diz que:

*"Sim, fui batizado no cristianismo metodista, depois me tornei anglicano (mas sempre cristão) e fui batizado novamente na anglicana, estudei na protestante luterana, fiz mestrado e doutorado na Faculdades EST. Já participei até da religião que no Uruguai se chama macumba (afro-uruguaia), que veio com os escravos, e na adolescência aprendi até a tocar tambores. Faço diálogo inter-religioso desde sempre. Candomblé, sei tocar e cantar candomblé. Participei, mas gostaria de ter me integrado mais, mas por racismo não pratiquei mais. Sou candomblé amador. Meu pai foi agnóstico, e minha mãe gostava de todos. Participo de tudo que é possível, porque penso que o Brasil é o segundo país mais religioso, e a Índia é o primeiro. Trabalhei com povo indígena no Mato Grosso do Sul. Fui capacitado e trabalhei com povo indígena. O povo nos tolerava para levar coisas para eles, mas não podíamos evangelizar. Nem fazer rituais. Em 1996 estava em Viamão e conseguimos uma área indígena, e no Cantagalo e Itapuã também. Já fui no budismo, respeito tudo".*

O pastor Frederico R. Dreher afirma que:

*"Tenho procurado aprender os ensinamentos bíblicos e me esforço por aplicá-los a minha vivência, o que não quer dizer que seja bem-sucedido sempre. Acredito que o melhor 'engajamento' é o respeito com aqueles que seguem uma religião, mesmo que não acredite que devemos seguir uma religião".*

O babalorixá Pai Tito de Xangô explica que:

*“Faço parte do DIRPOA – grupo de diálogo inter-religioso de Porto Alegre. Isso já por três anos, e em todos os nossos eventos o foco e o objetivo são promover a paz e o respeito entre as diferentes religiões. O importante não é discutir aquilo que nos separa, mas, sim, focar naquilo que nos une e agrega. Também realizamos ações solidárias em vilas de Porto Alegre, distribuindo alimentos, agasalhos, sucos, doces etc. São momentos de doação sem ver a quem”.*

Do mesmo modo, o rabino Guershon Kwasniewski dá seu depoimento: *“Completamente, de fato é algo que a gente faz no dia a dia, além de trabalhar pelo nosso espaço por direitos.*

Álvaro Pires nos conta que:

*“Sim. Desde os 13 anos estou envolvido através do Movimento Focolares no diálogo inter-religioso. A minha atuação mais recente no RS é a de promover entre os cristãos um olhar positivo, sem preconceitos, sobre quem professa uma religião diferente. Comecei uma colaboração com o CONER de Pelotas, cidade de meus pais, tendo participado de alguns encontros com membros de diferentes religiões. Pessoalmente carrego comigo uma rica experiência de diálogo com muçulmanos da Jordânia, país onde morei por 13 anos, além do diálogo com hebreus na Terra Santa, onde estive por 4 anos. Estamos engajados na promoção da paz e não violência em prol do diálogo inter-religioso, contra todos os tipos de guerra”.*

Berenice Santos responde que:

*“Participamos do Grupo do Diálogo Inter-religioso (DIRPOA), onde diversos segmentos religiosos participam e interagem, em conjunto, em eventos com jovens, crianças e adultos, programados previamente, do qual somos convidados a falar sobre a paz. Participamos também do Grupo Movimento pela Paz Sepé Tiarajú, grupo promovido pelo Ministério Público do RS, em que interagimos em*

*eventos a convite de diversas cidades, onde interagimos com escolas, crianças, jovens e adultos, através de oficinas, falando e vivenciando a paz".*

Christiane Bittencourt explica que: *"Sim, fazemos isto no grupo DIRPOA. Sempre enviamos um representante nos eventos que ocorrem em prol da paz, da sustentabilidade e do respeito aos Direitos Humanos".*

O líder islâmico sheikh Mahmoud Ibrahim diz que: *"Sim, nós recebemos todas as pessoas de qualquer religião, religião afro, católico, protestante, ateus, pois respeitamos e recebemos todos".*

Todos os entrevistados responderam que sim, de forma convergente estão engajados na promoção da cultura da paz, uma vez que o principal objetivo da DIRPOA é o diálogo inter-religioso para a promoção da paz e dos Direitos Humanos, principalmente ao direito de livre culto das religiões. Além de fazer parte do DIRPOA, estão engajados em vários outros projetos que realizam grandes ações, regionais, nacionais e internacionais, contra a guerra, violência, o preconceito e os Direitos Humanos no cuidado do planeta.

Para Amaladoss "somente as religiões nos oferecem ferramentas para promover justiça e paz".<sup>94</sup> Paulo Botas afirma que "Só o diálogo verdadeiro poderá criar *vínculos de amor* nas nossas *plurais diversidades*. E devemos fazer, entre nós e com os outros *diferentes* de nós, o esforço para que tenhamos, definitivamente, a *paz*".<sup>95</sup>

Nesse diálogo verdadeiro com ações dedicadas a vários segmentos, uns dedicam-se a crianças, outros a jovens e outros a adultos, alguns no cuidado específico com mulheres em situação de risco. Nessas variedades de ações e engajamentos, o amor de Deus e a Deus revelando-se por meio do auxílio ao próximo e à natureza foi desvelado e visibilizado na busca pela paz no seguimento de Jesus Cristo.

---

<sup>94</sup> AMALADOSS, M. *Religiões para a paz ou para a guerra? Um retrato do nosso tempo*.

<sup>95</sup> BOTAS, P. *A maldição de Malaquias: eclesiologia negra e pluralismo religioso*, p. 222.

**4.4.3.2 Vocês se engajariam em ações em defesa do direito à liberdade de atuação das religiões e em ações de defesa do direito as suas práticas de fé, respeitando-as, ainda que discorde dos seus ritos e dogmas? Participariam de celebrações onde estivessem presente todas as religiões regulamentadas no Brasil?**

O bispo Humberto Maiztegui Gonçalves responde que:

*"Sim, estou sempre engajado em ações na promoção da justiça social e dos Direitos Humanos. No dia 21 de janeiro se comemora o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa. A data foi instituída pela Lei n. 11.635, de 27 de dezembro de 2007, em homenagem à morte da Mãe Gilda, do terreiro Ilê Abassá de Ogum, em Salvador. Como em janeiro ainda estávamos em pandemia, dia 21 de março de 2022 realizamos uma marcha pelo direito das religiões e contra a intolerância religiosa, a 14ª marcha pela intolerância. É isso que faço. No dia 27 de abril é dia dos Direitos Humanos e vamos nos movimentar, como já falei, não preciso concordar nem discordar das outras religiões, só preciso respeitar. Já estou engajado em várias frentes em prol dos Direitos Humanos, já estive inclusive na frente do Legislativo reivindicando justiça social e direitos humanos, direito de sacrifício de animais na época".*

O pastor Frederico R. Dreher disse ser *"favorável a toda forma de respeito entre as pessoas, que todos devem ter seus direitos respeitados e garantidos. Não adianta só ter a lei, ela precisa ser cumprida"*.

O babalorixá Pai Tito de Xangô salienta:

*"É importante que todas as religiões tenham liberdade de culto e rito. Este direito é constitucional e tem meu apoio, independente de religião. A liberdade de manifestar a própria religião e as próprias crenças está sujeita unicamente às limitações prescritas pela lei e que sejam necessárias para proteger a segurança, a ordem, a saúde ou a moral pública ou os direitos ou liberdades das demais pessoas. Isso deve sempre ser preservado, e todas as religiões e crenças merecem respeito e proteção"*.

O rabino Guershon Kwasniewski relata:

*“É o que a gente faz na prática, quando tem algum atentado, ou problema de discriminação de religiões de matriz africana, temos nos manifestado e denunciado, isto é função das religiões, tem gente que não sabe que existe estes canais de denúncia. Às vezes são discriminados porque são mal interpretados, e tem pessoas de todas as religiões que utilizam a religião para manipulações políticas, temos que combater os extremismos religiosos que não fazem bem. O fato de participar a nível local, nacional e internacional, dizemos que somos agentes promotores da paz, não precisa ser grandes ações. Estivemos nos 250 anos de Porto Alegre e no final do Gauchão, vamos estar no Dia das Mães na Catedral”.*

Álvaro Pires nos conta que:

*“No nosso país temos inúmeras expressões religiosas que podem estar em uma situação incômoda por não conseguir a liberdade necessária para a própria atuação. É necessário que sejam sustentadas com ações concretas que defendam o seu direito de liberdade de atuação. Em outras palavras, se não me encontro nesta situação não posso acomodar-me, mas solidarizar-me concretamente com outras realidades religiosas. Cada religião deve ter garantido o direito de expressar as próprias práticas de fé. No DIRPOA estamos assegurando estes direitos através da lei que foi aprovada pela prefeitura de Porto Alegre e com ações na prática, e sempre que possível estamos presentes nos eventos”.*

Segundo Berenice Santos:

*“O respeito e a tolerância devem ser exercidos com relação a tudo em nossa vida. Inclusive o respeito, a compreensão e tolerância a todo o fiel de todas as religiões deve ter em todos os espaços da sociedade: no espaço escolar, de trabalho ou social, sem discriminação. Devemos vivenciar a solidariedade integral”.*

Christiane Bittencourt diz que: "*Fazemos isso no DIRPOA, estamos presentes em todas as ações do DIRPOA, e entre as muitas coisas que fazemos, lutar pelos Direitos Humanos é uma delas e inclui aqui todos os direitos, religiosos também*".

Para o líder islâmico sheikh Mahmoud Ibrahim, "*todos devem ter seu direito de ter sua religião*".

Os entrevistados concordam que é possível o respeito ao próximo na sua diferença e se faz urgente para a paz no mundo, independentemente de religião. Eles foram convergentes ao concluírem que é nosso dever como seres humanos tolerar e respeitar o próximo na sua diferença, porque se eu respeitar, também vou ser respeitado, se eu me engajar em ações de direitos exigindo que a legislação seja cumprida, vou ter meus direitos assegurados, agora quem não está engajado e não participa, não poderá exigir que seus direitos estejam assegurados. Conforme o teólogo Cláudio de Oliveira:

Com a sensibilidade espiritual com a defesa da vida, dos direitos humanos e da terra, especialmente os dos empobrecidos – com uma visão ecumênica, dialógica e de busca de uma fundamentação teológica do pluralismo religioso. Um longo e árduo caminho está ainda por ser trilhado.<sup>96</sup>

O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, fala sobre o diálogo inter-religioso e sua importância:

Este diálogo inter-religioso é uma condição necessária para a paz no mundo e, por conseguinte, é um dever para os cristãos e também para outras comunidades religiosas. Este diálogo é, em primeiro lugar, uma conversa sobre a vida humana ou simplesmente [...] "estar aberto a eles, compartilhando as suas alegrias e penas". Assim aprendemos a aceitar os outros, na sua maneira diferente de ser, de pensar e de exprimir [...]. Portanto, estes esforços também podem ter o significado de amor à verdade (EG).

---

<sup>96</sup> RIBEIRO, C. O. *Religiões e salvação: indicações para o diálogo inter-religioso na teologia de Paul Tillich*, p. 149.

É este estar aberto à visão do outro que o Papa se refere, pois, conhecendo melhor, convivendo, vendo nossas diferenças e compreendendo que não precisamos ser iguais para dialogar, estaremos desenhando caminhos que promoverão a paz entre os povos.

#### **4.4.3.3 Vocês se engajariam em ações em defesa do direito de respeito que todo fiel de todas as religiões deva ter em todos os espaços da sociedade: no espaço escolar, de trabalho ou social, sem discriminação?**

Para o bispo Humberto Maiztegui Gonçalves *"não importa se é fiel de alguma religião ou não, estou engajado, porque todo ser humano deve ser respeitado em seus espaços, principalmente no seu lugar de fala, e ter seus direitos humanos assegurados com justiça social"*.

O pastor Frederico R. Dreher afirma ser *"contra qualquer tipo de discriminação, acho que temos que respeitar todos e todas na sua individualidade e particularidade, seja ela qual for"*.

O babalorixá Pai Tito de Xangô diz que:

*"Sem dúvida, sempre estarei engajado na defesa da liberdade religiosa. Religião é um assunto pessoal, entre a sua consciência, entre o seu espírito e o Criador. O que cabe aos outros seres humanos, aos seus irmãos e irmãs, é respeitar a sua escolha. O que cabe aos governos é garantir a sua liberdade de escolha"*.

Para o rabino Guershon Kwasniewski:

*"Sim tem a ver com nosso trabalho do DIRPOA no dia a dia. A bênção do aniversário de Porto Alegre é um reconhecimento da importância das religiões, assim como a Lei n. 10.372, de 25 de janeiro de 2008, pelo prefeito José Fogaça. Existem leis, mas muitas não são conhecidas e respeitadas. Todos os prefeitos após Fogaça estão respeitando esta lei"*.

Álvaro Pires nos conta que está sempre *"engajado em ações de direitos humanos e justiça social. O direito a culto já está assegurado na Constituição Brasileira"*.

Berenice Santos ressalta:

*"O respeito e a tolerância são bases de qualquer construção. Devemos nos desfazer de antigos conceitos castradores e inibidores e abolir todo e qualquer preconceito em relação ao outro e suas opções de vida, de religiosidade e construções coletivas. Nosso esforço e atenção devem ser constantes nessa direção, nesse sentido. Todos os espaços de convivência social devem ser garantidos e respeitados na integralidade, para o ser, de forma geral. Somente uma sociedade justa, fraterna e tolerante é que poderá acrescentar à personalidade e caráter de um homem os elementos que o fortalecerão, garantindo-lhe a plena vivência, convivência e acolhimento às suas opções de escolhas, inclusive a religiosa"*.

Christiane Bittencourt faz uma ressalva:

*"Sim, desde que não haja discriminação, os bahá'ís anseiam pela união de todas as religiões e pelo reconhecimento de que há uma mesma fonte alimentando a cada uma delas. Possuem uma proposta de paz e de fraterna convivência entre os diferentes. Para Hatcher e Martin, 'a unidade humana implica necessariamente na unidade entre as religiões'"*.

O líder islâmico sheikh Mahmoud Ibrahim diz que: *"Acredito e defendo que as pessoas precisam ser respeitadas em todos os espaços, eu, por exemplo, se precisar fazer minhas orações, vou fazer em qualquer lugar"*.

Foram unânimes as respostas dos entrevistados ao dizerem que estão engajados no combate à defesa dos Direitos Humanos e contra a intolerância, que é notável em nosso país. Bem lembrado pelo Bispo Gonçalves, que disse que todos têm o direito de ser respeitados, principalmente no seu local de fala. Para Tillich, *"uma teologia cristã que não é capaz de dialogar criativamente com o pensamento*



teológico de outras religiões perde uma oportunidade histórica e permanece provinciana".<sup>97, 98</sup>

Berenice pondera que não podemos ficar presos a conceitos que nos inibem e aprisionam, devemos nos desfazer de preconceito em relação ao outro e suas opções de vida, de religiosidade e construções coletivas. Por meio do diálogo inter-religioso romperemos essas cadeias que nos aprisionam e nos fazem intolerantes e preconceituosos. Bittencourt nos traz a colaboração que uma das filosofias da Fé Bahá'í é que "a unidade humana implica necessariamente na unidade entre as religiões".

Muitas vezes, as cadeias que nos aprisionam são o preconceito e a intolerância: "As pessoas só ficam realmente interessantes quando começam a sacudir as grades de suas gaiolas".<sup>99</sup> A ideia de cadeia ou gaiola se refere ao que há de belo no ser humano, não em sua superficialidade, mas no interior do ser, nas suas entranhas. Devemos sacudir as grades que enredomam as religiões e penetrarmos no mais profundo das outras religiões para compreendermos sua verdadeira essência e não nos conformarmos com o superficial de cada religião. Como salientou o rabino: "*Para respeitar precisa conhecer, para conhecer precisa conviver*".

---

<sup>97</sup> TILLICH, P. *Teologia sistemática*, p. 472.

<sup>98</sup> Tillich passou boa parte da vida elaborando sua teologia sistemática. O primeiro volume foi publicado em 1951, o segundo em 1957, e o terceiro em 1963. Nesse terceiro volume, publicado depois de sua viagem ao Japão, ele não consegue, em geral, romper com a perspectiva teológica vigente nos outros volumes, embora posições mais inovadoras pudessem aparecer em diversas conferências realizadas entre os anos de 1961-1965. Isso leva determinados intérpretes a falar em certo "contraste" na visão de Tillich. Como indica John Dourley, "na mesma época em que essas novas posições começavam a ser moldadas e em visível tensão com elas, Tillich se apegava às antigas perspectivas conservadoras ao escrever o volume final de sua teologia sistemática" (DOURLEY, J. *Substância Católica e Princípio Protestante: Tillich e o diálogo inter-religioso*).

<sup>99</sup> BOTTON, A. *Religião para ateus*, p. 47.

**4.4.3.4 Vocês participariam de eventos onde estivessem presentes todas as religiões regulamentadas no Brasil, no qual fossem tratados aspectos convergentes, tais como liberdade religiosa, respeito individual do fiel na sociedade e seus espaços, ensino das religiões nas escolas, Direitos Humanos, defesa da natureza, sem, no entanto, tratar das questões relativas aos dogmas e às práticas das religiões envolvidas?**

O bispo Humberto Maiztegui Gonçalves diz que:

*"Sim, participo de todas as ações e eventos que acontecem em Porto Alegre, e não só na capital, mas pelo interior também, 'pois o indivíduo é como o átomo, não existe sozinho', precisa ter cuidado com indivíduo, precisa ser respeitado, se engajar com outros pares. Mas não tem problema tratar de dogmas, não tem assunto que não possa ser conversado, é bom saber os dogmas, para conhecer, porque são só pensamentos humanos. Participo sempre que possível, quando tem estou lá. Queria que estivessem mais religiões participando".*

O pastor Frederico R. Dreher concorda: *"Claro que sim, o importante é o respeito de um para com o outro, é só me convidar que vou, faço questão".*

O babalorixá Pai Tito de Xangô também participaria: *"Sim. Isso já faço como um dos integrantes do DIRPOA. Este tem sido nosso objetivo, os Direitos Humanos e religiosos. Fizemos isto sempre. O grupo DIRPOA tem esta função de estar presente e promover o diálogo".*

O rabino Guershon Kwasniewski segue essa linha:

*"Sim, é o que pratico, o que faço há muitos anos, procurar o respeito e o engajamento. Participo e promovo, e vou te dizer, nem todas as religiões têm uma caminhada que temos, temos que dar graças a Deus pela liberdade que temos, somos abençoados, aqui não participa quem não quer, em outros lugares não sentam para conversar porque são proibidos, aqui não participa quem não quer. Temos toda a liberdade".*

Do mesmo modo, Álvaro Pires confirma seu comprometimento:

*“Sim, participamos sempre que temos oportunidades, enquanto Movimento Focolares e individualmente também. Somos um grupo que representa o diálogo inter-religioso e acolhemos todos e todas, independente de religião, sexo e raça. Não sei se o termo ‘celebração’ exprime esta união de membros de várias religiões. Mas, para além do nome, acho importante que as religiões deem sinais visíveis de que colaboram em prol do bem de cada homem”.*

Berenice Santos relata:

*“Participaria, sim, e com muito prazer, pois temos a prática com a Vice-Presidência que exercemos na FERGS, participando de eventos na sociedade civil, de forma geral. Atuamos com treinamentos de contação de histórias para professores de escolas municipais, estaduais e particulares. Oficinas trabalhando a educação dos sentimentos com crianças, jovens e professores, através da contação de histórias e após, trabalhar a missão, visão e valores da federativa estadual, sem falarmos em nenhum momento sobre os princípios da doutrina espírita, usando sempre uma linguagem de cunho universal e despretensiosa. Atuamos também nos Conselhos de Direitos Estaduais e Municipais, com representantes da FERGS, usando valores e linguagem universais, sem falarmos em nenhum momento, em qualquer religião. Nesse quesito, o respeito às religiões, ritos e dogmas é primordial e efetivo, para que impere entre os pares a confiança, a credibilidade e a verdade de cada um, em seus quesitos e escolhas optativas. Fazemos também visitações em lares com crianças e jovens e, muitas vezes, adultos, com deficiência mental ou física, levando a linguagem universal como forma de acolhimento, inserção, inclusão e acessibilidades. Também trabalhamos nas visitações de asilos, com a linguagem ecumênica e universal para os idosos. Levamos a evangelização aos presídios e Fundações de Assistência Socioeducativas (RS: FASE), através de diálogos ecumênicos, no caso dos presídios e na FASE, evangelização espírita, a pedido das unidades”.*

Christiane Bittencourt explica:

*“A Fé Bahá’í afirma que há dois convênios, como a aliança feita entre Deus e a humanidade, e distingue dois tipos de convênio, chamados de o Convênio Maior e o Convênio Menor. O Grande Convênio significa a promessa feita por Deus: de que enviaria manifestantes para guiarem e instruírem os seres humanos. O Convênio Menor significa a promessa de fidelidade entre os manifestantes de Deus e seus seguidores. Não aceitar qualquer um dos convênios significa tornar-se um rompedor do Convênio. No decorrer da história, Deus enviou à humanidade uma série de educadores divinos, conhecidos como manifestantes de Deus – cujos ensinamentos estabeleceram as bases para o avanço da civilização. Esses manifestantes incluem Abraão, Krishna, Zoroastro, Moisés, Buda, Jesus e Muhammad. Bahá’u’lláh, o mais recente desses mensageiros, explicou que as religiões do mundo provêm da mesma fonte e em essência são sucessivos capítulos de uma única religião proveniente de Deus. Os bahá’ís acreditam que a necessidade atual e urgente da humanidade é encontrar uma visão unificadora do futuro da sociedade, da natureza e do propósito da vida. Tal visão é descrita nos escritos de Bahá’u’lláh, por este motivo precisamos de diálogo”.*

O líder islâmico sheikh Mahmoud Ibrahim diz que: *“Sim, já participei, participo e participarei. Participamos pelo grupo DIRPOA e outras celebrações”.*

Todos os entrevistados disseram que estão engajados no projeto de diálogo inter-religioso sem discriminação de qualquer religião, na busca da cultura de paz. Nesse sentido, Faustino Teixeira afirma que *“a teologia das religiões oferece recursos para uma correta avaliação teológica das diversas tradições religiosas, criando as condições para o exercício de um efetivo diálogo inter-religioso”.* E complementa:

[...] a teologia das religiões ou do pluralismo religioso implica numa teologia do diálogo inter-religioso, sem se identificar com ela. A teologia do pluralismo religioso tende a superar a questão tradicional da possibilidade de salvação dos “não cristãos” e se preocupa em primeiro lugar com o sentido do pluralismo religioso no projeto divino de salvação da humanidade.<sup>100</sup>

---

<sup>100</sup> TEIXEIRA, F. *Para uma teologia cristã do pluralismo religioso: a propósito de um livro (II)*; TEIXEIRA, F. *Teologia e pluralismo religioso*, p. 19-20.

Para o teólogo Rudolf von Sinner, o diálogo é importante porque:

[...] implica uma posição própria e uma postura de abertura frente ao outro. Somos de religiões diferentes, de certo modo incomensuráveis. Mas a partir da confiança em Deus que quer salvar a todas e todos, tenho uma base comum – embora bastante vaga – que é a condição da possibilidade da aprendizagem. Eu pressuponho, portanto, que posso aprender algo do outro e da outra. Aqui começa o diálogo, com base na confiança em Deus. Leio minha própria fé e a fé do outro e da outra por essa confiança e penso que nós nos ajudamos mutuamente na aprendizagem sobre Deus e nosso lugar e atuação no mundo, portanto é uma hermenêutica da confiança.<sup>101</sup>

Paul Knitter, sobre a globalização e o dialogar das tradições religiosas, afirma que:

[...] da urgência de um diálogo inter-religioso, da urgência [...] de respeitar os fiéis de outras religiões, de aprender com eles e de cooperar com eles, nascem três exigências ou imperativos éticos que o mundo contemporâneo apresenta aos cristãos e aos fiéis de outras religiões [...]. Então, sugiro que se considere que este mundo globalizado, mas ameaçado, está convidando as pessoas religiosas a serem: 1) mútuos vizinhos inter-religiosos; 2) mútuos pacificadores religiosos; 3) peregrinos inter-religiosos juntos a cada de nós.<sup>102</sup>

Para Smith, no seu livro *O sentido e o fim da religião*, que é uma obra pluralista e traz a questão do diálogo inter-religioso<sup>103</sup>, o cristianismo é uma religião entre várias e deve haver uma convivência fraterna e pacífica entre adeptos de diferentes tradições religiosas:

Se uma pessoa cristã não conseguir ser, inteligente e espiritualmente, cristã não só em uma sociedade cristã ou em uma sociedade secular, mas também no mundo; se um muçulmano não puder ser um muçulmano no mundo; se um

---

<sup>101</sup> SINNER, R. *Confiança e convivência: reflexões éticas e ecumênicas*, p. 130.

<sup>102</sup> KNITTER, P. F. *O mistério último é sempre maior*.

<sup>103</sup> SMITH, W. C. *O sentido e o fim da religião*, p. 22.

budista não lograr obter um lugar em um mundo em que outras pessoas inteligentes, sensíveis e educadas são cristãs e muçulmanas – se não conseguirmos resolver juntos as questões intelectuais e espirituais colocadas pela religião comparativa, então não vejo como uma pessoa possa ser, de alguma forma, cristã ou muçulmana ou budista.<sup>104</sup>

A *Declaração Nostra Aetate* reconhece que, nas diferentes religiões, existem “verdade” e “santidade”. Esse reconhecimento só possível com um olhar teológico sobre as religiões:

[...] Há nelas algo de profundo, perene, verdadeiro e santo; c) Por fatores sociológicos: as religiões são um fato concreto. Estão aí, presentes no cotidiano da vida social, e influenciam nesse contexto, podendo ser força de integração ou de fragmentação do complexo social e da relação entre as pessoas. [...] capaz de fomentar a unidade e a caridade entre os homens e até entre os povos. [...] entende que as religiões, com seus bens espirituais e morais e seus valores socioculturais muito contribuem para a realização da paz, do amor e da justiça na vida das pessoas e da humanidade. Por isso, exorta os seus fiéis à colaboração com os membros das outras religiões, para que reconheçam, conservem e promovam os bens espirituais, morais e os valores socioculturais que entre eles se encontram.<sup>105</sup>

O diálogo inter-religioso defendido e praticado pelas religiões que compõem o grupo DIRPOA é a prova que é possível haver uma convivência pacífica em um mundo conturbado, em guerra, onde os Direitos Humanos estão assegurados na legislação, mas nem sempre de fato em muitos casos. É possível um mundo mais humano, onde as pessoas se respeitem dentro de sua individualidade, não pensando uns serem superiores a outros. Está se abrindo um longo e árduo caminho que vale a pena trilhar na busca da cultura da paz.

---

<sup>104</sup> SMITH, W. C. *O sentido e o fim da religião*, p. 23.

<sup>105</sup> WOLFF, E. *Unitatis Redintegratio, Dignitatis Humane, Nostra Aetate*: textos e comentários, p. 145.

#### **4.4.4 Posicionamentos dos entrevistados sobre a atual situação da pobreza, da justiça social, da violência, da criminalidade e da guerra pós-pandemia**

A pandemia de Covid-19 trouxe momentos bem difíceis a todo o planeta, gerando empobrecimento, violência e criminalidade, além dos milhares de mortes. Para tornar a situação mais assustadora, no momento de escrita desta tese, uma guerra entre Rússia e Ucrânia está ocorrendo, resultando em mais mortes, violência e empobrecimento. Esta, se não for contida logo, poderá ir além-fronteiras e causar problemas difíceis de serem resolvidos, lembrando que a pandemia ainda está em curso, apenas amenizada graças à ciência.

Diante desse contexto, buscamos compreender qual o posicionamento de cada entrevistado em relação a essa realidade tão dura.

##### **4.4.4.1 Como a sua religião vê a situação de pobreza?**

Para bispo Humberto Maiztegui Gonçalves da IEAB:

*"Jesus veio ao mundo para missão junto aos pobres, aqueles que têm fome, os sem-teto. Se você não ajudar aos necessitados não terá salvação, a salvação não é individual (Mt 5.1). 'Tudo que fizeres pelos pequeninhos a mim farás'. Se não fizer não tem salvação. Salvação envolve solidariedade e partilha (Lc 6.2). Bem-aventurado os pobres, não é possível ser cristão e não ser solidário, independentemente de sua classe social. 'Vende tudo e dá aos pobres, não para mim'. Foi nesse sentido que Jesus falou ao moço rico. Devemos fazer sempre mais e melhor".*

O pastor Frederico R. Dreher complementa:

*"Nas bem-aventuranças, Jesus fala dos pobres. Ele esteve com os pobres e disse que era mais fácil um pobre se salvar que um rico. Em Mateus 19:24, Jesus disse aos seus discípulos: 'Com toda a certeza vos afirmo que, dificilmente, um rico entrará no reino dos céus. E lhes digo mais: é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus'".*

O babalorixá Pai Tito de Xangô esclarece:

*“A pobreza é definida como a falta de acesso a serviços essenciais (saneamento básico, saúde, educação, energia elétrica, entre outros), bens de consumo, sobretudo alimentos, e bens materiais necessários para a manutenção da vida em condições básicas. Entre as formas de combater desigualdades sociais estão: geração de empregos, investimento em serviços públicos, promoção de programas sociais e tributação progressiva de renda. No Brasil, programas de repasse direto de renda comprovam que a medida é capaz de diminuir o abismo entre ricos e pobres”.*

Segundo o rabino Guershon Kwasniewski:

*“Está escrito na Bíblia que sempre haverá pobre na terra, e chama a todas as religiões a corrigir o que está errado no mundo, entre as coisas erradas é a pobreza, e tentar erradicar a pobreza é justiça social, é ter acesso à dignidade humana. O movimento progressista está angariando fundos para ajudar refugiados na Alemanha e Polônia, para receber os refugiados e suprir as necessidades, porque o problema é grave e é responsabilidade de todos, não posso me abster porque moro em Porto Alegre. Temos que ajudar os necessitados de todas as partes do mundo”.*

Álvaro Pires explica:

*“A pobreza, como condição em que estão infelizmente muitos brasileiros, exprime o pecado social. A sociedade, assim como está organizada (capitalismo), que não carece de recursos ou bens, cria uma sempre maior disparidade social com pessoas que enriquecem muito e uma grande parte da população que empobrece. Temos que ajudar os empobrecidos a ter vida digna”.*



De acordo com Berenice Santos:

*"São Irmãos que precisam de ajuda. De doação, tempo e acompanhamento. Vivemos a verdadeira caridade. É uma experiência que estão passando, no atual momento, mas que por isso não precisam ser abandonados à própria sorte. Bem pelo contrário, deverão ter o apoio para fortalecerem-se diante das vicissitudes da vida. Deveríamos já estarmos vivenciando a verdadeira fraternidade, em todos os sentidos. O que sobra de nossa mesa é essencial para a mesa do outro. O supérfluo meu será a extrema carência do outro. Acúmulo, apego, supérfluo e avareza serão advogados nossos, de acusação, num futuro não muito distante. Situação de pobreza é uma prova muito difícil. Mas muito mais difícil ainda é a provação daquele que poderia fazer algo e se exime, escondendo-se em suas situações confortáveis, materialmente falando".*

Christiane Bittencourt vê *"como algo que precisa de atenção e cuidado da parte de todos nós; a falta de paz vem da desigualdade, que gera pobreza"*.

Para o líder islâmico sheikh Mahmoud Ibrahim: *"existe a pobreza que é monetária, além de ser uma questão social, é uma questão que é imposta principalmente pelas grandes organizações, grandes nações que manipulam o sistema comercial e econômico do mundo, e tem a pobreza espiritual"*.

Os entrevistados foram unânimes ao dizerem que é nossa responsabilidade ajudar os necessitados, porque salvação também envolve solidariedade em um caminhar para a justiça social. A pobreza é definida por falta do que é necessário para a manutenção da vida em condições básicas. Essas necessidades poderão ser sanadas por intermédio de geração de emprego, políticas públicas, programas e projetos públicos e ONGs. Berenice nos lembra que devemos ser caridosos e não nos apegarmos aos bens materiais, pois ao nosso redor há muitas pessoas passando por momentos difíceis. Novamente vemos aqui a questão de doar o que nos é supérfluo, o que é fácil. O que realmente devemos fazer é dividir o pão que está servido em nossa mesa.

É responsabilidade de todos nós, seres humanos, essa ação caridosa de dividir o que nos é útil, e não somente o que sobrou e de qualquer maneira irá fora. Faz-se

necessário e urgente um encontro de paz entre as religiões para realizarem ações em prol de benefícios ao mundo pelo mundo. Acerca desse tema, Küng faz um questionamento pertinente:

Que consequências poderiam ter se todos os representantes das grandes religiões parassem de guerrear e começassem a promover reconciliação e paz entre os povos? O que significaria se a exigência da justiça social e preservação do meio ambiente não fosse mais relegada a segundo plano, mas fosse apoiada com toda a força moral?<sup>106</sup>

Encontramo-nos em um momento muito difícil da história. Muitas pessoas perderam seus empregos durante a pandemia e ainda não conseguiram novos empregos; sabe-se de famílias que dependiam de aluguel, mas ao perderem seus empregos tiveram que entregar suas casas alugadas e ir morar com parentes e depender deles. Cabe a cada cidadão brasileiro a partilha do pão, se não olharmos ao nosso redor agora, nestes dias difíceis, e estendermos a mão a uma pessoa necessitada, quando que ajudaremos alguém? Não podemos ser egoístas diante do atual quadro de empobrecimento brasileiro, precisamos ter políticas públicas para erradicar a pobreza. É questão de justiça social, é dar acesso à dignidade humana.

Faustino Teixeira afirma que por intermédio do diálogo inter-religioso as religiões podem contribuir e devem contribuir para amenizar a dor e o sofrimento do ser humano: "a dor do mundo e o sofrimento dos pobres e excluídos traduzem um novo desafio para as religiões e apontam para um novo Kairós hermenêutico para o encontro das religiões: dialogar para não deixar morrer".<sup>107</sup>

O rabino nos conta que o movimento progressista está angariando fundos para ajudar a Alemanha e Polônia para receberem os refugiados da guerra e suprir suas necessidades: "*Não é porque estamos longe da guerra que não temos responsabilidades com quem está inocentemente sofrendo seus prejuízos*". Em defesa da vida, dos direitos humanos e da Terra, devemos ser caridosos com as

---

<sup>106</sup> KÜNG, H. *Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*, p. 107.

<sup>107</sup> TEIXEIRA, F. *Religiões & espiritualidades*, p. 101.

pessoas que são prejudicadas pelas guerras, e aqui inclui-se todos os tipos de guerras.

#### **4.4.4.2 Vocês têm realizado ações na promoção da justiça social?**

O bispo Humberto Maiztegui Gonçalves responde afirmativamente: *"Sim, sou engajado e defensor dos direitos sociais, justiça social. O problema é que o sistema é injusto. Se o sistema tivesse justiça social com direitos sociais resolveria a questão da criminalidade"*.

Do mesmo modo responde o pastor Frederico R. Dreher: *"Sim. Justiça social é o que falta no Brasil, se tivéssemos políticas públicas que contemplassem a justiça social, não teríamos criminosos"*.

O babalorixá Pai Tito de Xangô exemplifica:

*"Nosso centro vem nestes anos realizando ações sociais, distribuindo alimentos e principalmente ajudando pessoas a se colocarem no mercado de trabalho, organizando as famílias carentes e participando de recolocação de indivíduos no mercado de trabalho, dando a estes uma melhor autoestima e diminuindo assim a desigualdade social. Acreditamos que a educação e o ensino de qualidade são maneiras eficazes para diminuir a pobreza"*.

O rabino Guershon Kwasniewski vai na mesma direção:

*"Sim, permanentemente. Não comemoramos Natal, mas fazemos campanha e ajudamos irmãos afro para eles terem Natal, também material escolar, roupa material não perecível. Temos reunião com a primeira-dama para ver o que podemos fazer nesse sentido social para ajudar a comunidade necessitada. Estamos no projeto de juntar tampinhas de garrafas para ajudar entidades sem fins lucrativos"*.

Álvaro Pires dá seu exemplo:

*“Pessoalmente e comunitariamente, estamos engajados em várias iniciativas. Estas estão ligadas à atenção pelos que mais sofrem pela exclusão social vigente. Um exemplo é a fundação e realização de projetos para famílias no bairro Bom Jesus (apoio educativo pós-escola, cursos profissionalizantes, distribuição de cestas básicas etc.) através da Associação de Famílias pela Solidariedade (AFASO). Mas também na atenção para que as políticas públicas favoreçam efetivamente uma maior inclusão social”.*

Segundo Berenice Santos:

*“Sim. Através do voluntariado onde exerço minha condição de mínimo, mas ainda amor, de forma incipiente. A missão da Federação Espírita do Rio Grande do Sul é: 1) pregar e servir; 2) ensinar e atender; 3) doutrinar e ajudar. Todas as tarefas que objetivam distender o Reino de Deus entre os homens são valiosas e expressivas normativas de trabalho para o espírito. Todavia, não deixe de trabalhar você mesmo, lutando a cada instante pela transformação íntima de seu Espírito, sem o que pouco adiantará o esforço de corrigir os outros, ajudar os outros e ensinar os outros. Ensinou Jesus que: ‘Brilhe vossa luz’ entre as trevas do mundo”.*

Christiane Bittencourt também fala sobre as ações que participa:

*“Sim, dia 10 de maio de 2022, foi lançado através de ações do gabinete da primeira-dama de Porto Alegre a Campanha do Agasalho e Alimento 2022, e o grupo DIRPOA estava presente e está engajado de forma intensa nesta campanha. O programa chama: ‘Poa que cuida’. O ‘Poa que cuida’ é um movimento idealizado e executado pelo gabinete da primeira-dama de Porto Alegre. Este é um novo modelo para as ações assistenciais na cidade. O trabalho será realizado de forma permanente, de acordo com as necessidades das pessoas a serem atendidas. O movimento possui quatro programas já instituídos: ‘Poa que doa’, ‘Poa que alimenta’, ‘Poa que acolhe’ e ‘Poa que previne’. O objetivo do movimento e dos programas:*

- *Poa que doa: é o programa que irá reunir as campanhas do agasalho e do alimento, organizando as atividades de arrecadação no município. Não se limita aos meses de inverno. Otimiza as ações e obtém mais resultados.*
- *Poa que alimenta: realiza a entrega dos donativos às pessoas que necessitam, através das instituições conveniadas com a prefeitura municipal, seguindo os critérios técnicos que definem vulnerabilidade social, e nós do DIRPOA estamos engajados neste programa".*

O líder islâmico sheikh Mahmoud Ibrahim afirma que: "*Sim, nós muçulmanos, o nosso dia a dia é trabalhar na questão de melhorar e acabar a disparidade social do mundo, é uma obrigação de todo muçulmano*".

Os entrevistados são unânimes ao afirmarem que estão trabalhando para a justiça social na promoção da paz entre as religiões em uma cultura de dignidade social e bem-estar para todos os cidadãos. Todos estão engajados na justiça social, em projetos de sustentabilidade e recolocação das pessoas ao mercado de trabalho para que todos tenham dignidade humana. Estão envolvidos nos programas municipais e possuem seus projetos particulares dentro de suas religiões.

Sobre justiça, Jürgen Moltmann faz menção a um critério para as religiões, pois entende que "a paz consiste politicamente na presença da justiça, não apenas na ausência de violência".<sup>108</sup> Michael Amaladoss acredita que:

É somente a religião que pode ser altruísta e motivar as pessoas a serem justas em termos de justiça distributiva no contexto econômico. É somente a religião que pode capacitar as pessoas a olhar os outros não como objetos a serem manipulados na busca pelo poder, mas como pessoas que se deve amar e respeitar. Novamente, é só a religião que pode quebrar a concha de nosso individualismo e ajudar-nos a nos abrir para a natureza, os outros e Deus no processo de construir a comunidade.<sup>109</sup>

---

<sup>108</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 195.

<sup>109</sup> AMALADOSS, M. *Religiões para a paz ou para a guerra? Um retrato do nosso tempo*.

Vimos que todos os entrevistados estão muito preocupados na dignidade humana, muito mais que em suas diferenças de ritos e dogmas. Essa atenção e dedicação os aproxima de maneira que suas diferenças passam quase que impercebíveis, destacando-se seus pontos de convergências, que os leva nesse diálogo inter-religioso para o caminho da paz entre as religiões, na busca dos Direitos Humanos e da validação da legislação. Sobre isso, Alexandre de Moraes elucida:

A dignidade é um valor espiritual e moral inerente à pessoa, que se manifesta singularmente na autodeterminação consciente e responsável da própria vida e que traz consigo a pretensão ao respeito por parte das demais pessoas, constituindo-se em um mínimo invulnerável que todo estatuto jurídico deve assegurar, de modo que, somente excepcionalmente, possam ser feitas limitações ao exercício dos direitos fundamentais, mas sempre sem menosprezar a necessária estima que merecem todas as pessoas enquanto seres humanos.<sup>110</sup>

Todas as religiões devem se engajar em prol da justiça social, com convergência de valores como a compaixão, a doação de si mesmo e de seus bens. A justiça social deve caminhar em primeiro plano, sendo um de seus maiores objetivos na busca de igualdade e equidade para todo cidadão. Claude. Geffré afirma que a sociedade ainda deve dar lugar “aos valores pregados pelas religiões, como a compaixão, o perdão e a atenção prioritária aos mais necessitados”.<sup>111</sup> Faustino Teixeira complementa dizendo que a justiça social envolve “um diálogo de obras, envolvendo ações e colaboração comum em favor de um mundo mais humano e justo”.<sup>112</sup>

---

<sup>110</sup> MORAES, A. *Constituição do Brasil interpretada e legislação constitucional*, p. 128.

<sup>111</sup> GEFFRÉ, C. *De Babel a Pentecostes: ensaios de teologia inter-religiosa*, p. 15.

<sup>112</sup> TEIXEIRA, F. *O diálogo inter-religioso: gênese e significado*, p. 151.

#### 4.4.4.3 Como vocês encaram o problema da violência e da criminalidade?

Segundo o bispo Humberto Maiztegui Gonçalves:

*“Se fosse respeitado os direitos sociais, não haveria violência e criminalidade. Tem provas estatísticas sobre esta questão. ‘Eu não sei se o rio é violento ou as margens que o contém’. A frase correta do pensador Bertolt Brecht é assim: ‘Do rio que tudo arrasta, se diz violento, mas não se dizem violentas as margens que o oprimem’. Violência gera violência, a lei é contra a vida, a pessoa se torna criminosa para defender a vida. A sociedade dominante que manda. Temos aqui um problema de ideologia. O que é violência e o que é criminoso. Jesus defendia a vida e foi condenado como criminoso com dois criminosos”.*

Para o pastor Frederico R. Dreher, *“O mundo está cada vez mais violento, e os jovens que vivem à margem da sociedade, abandonados, precisam se defender na vida e usam de violência para sobreviver, nem é viver, é só sobreviver”.*

Acredita o babalorixá Pai Tito de Xangô que:

*“A violência pode ser definida a partir de quem sofre:*

- Interpessoal: quando uma pessoa agride outra, pode ser um membro da comunidade, um familiar ou parceiro.*
- Coletiva: quando é causada a um grupo social, podendo ser política, econômica ou social.*
- Autodirigida: quando o ato é causado contra si próprio, a partir do autoabuso ou comportamentos suicidas.*

*Também pode ser classificada a partir do tipo de violência: violência física, violência sexual, violência psicológica, violência por privação ou abandono.*

*A desestruturação familiar; falta de incentivo ao lazer, cultura e educação; carência de políticas públicas e recursos para prevenção e combate à violência. Acredito que a criação de projetos e reflexões sobre família e sempre chamando a atenção dos membros de famílias onde existe o problema da violência e criminalidade, tendo instrução e participando de atividades de lazer, cultura, esporte e educação e ‘segurança já’ para ofertar mais segurança e tranquilidade*

*à população, resultando em uma melhor qualidade de vida e mais locais públicos para a prática de atividades físicas e esportivas. Espera-se com esse plano de intervenção prevenir a entrada de jovens na criminalidade, reduzindo a violência, aumentando a segurança da população, proporcionando ações de esporte, cultura, lazer e educação a todos, promovendo uma melhor qualidade de vida. Nosso papel como religioso é o de cobrar para que isso seja oportunizado a todos".*

O rabino Guershon Kwasniewski explica:

*"Como uma falta de oportunidade para a sociedade e falta de educação. Temos um grande índice de natalidade, mas não planejada e desejada, e acaba se trazendo filhos ao mundo sem responsabilidade; há falta de moradia, políticas não inclusivas, que não dão oportunidades a todos, problema que se acentuou na América Latina e no Brasil. Tenho vergonha quando um político apresenta a Favela da Rocinha e diz que tem mais de cem anos, em todo este tempo os políticos não resolveram este problema de moradia. O problema é a corrupção. A religião deve denunciar o crime e não ser sócia. As religiões estão apoiando o poder e estão fazendo parte do poder e achando tudo lindo. Já passamos do quinto ministro da Educação e da Saúde, alguma coisa está errada. Não sei quantos ministros da Saúde já mudaram, isto em plena pandemia, isto é muito sério, é grave".*

Para Álvaro Pires:

*"São muitas vezes um reflexo das disparidades sociais que deixam os jovens vulneráveis a uma vida na criminalidade para poderem viver e sobreviver. E se o Estado não a tutela promovendo políticas públicas adequadas de inclusão, só piora a situação, liberando a posse e o porte de armas (e sua maior circulação)".*



Berenice Santos pensa que:

*"Violência e criminalidade estão associadas à falta de oportunidades na educação do homem integral. O homem, a sociedade e os órgãos públicos distribuem muito mal as rendas que deveriam ser investidas, integralmente, na educação de forma geral, em todas as etapas da vida de um ser, mas, principalmente, na infância e na juventude, onde o caráter está em formação. Temos também as famílias desestruturadas que não assumem seus deveres, diante da proposta divina, de encaminhamento para o bem de seres que nos chegam como filhos, alunos, vizinhos, amigos, irmãos, netos..."*

Christiane Bittencourt explica que: *"Através da casa universal de justiça, atuamos de forma a promover a paz e os cuidados a toda humanidade com ações contra a violência e a criminalidade"*.

O líder islâmico sheikh Mahmoud Ibrahim nos diz:

*"O problema da criminalidade e violência é muito complicado. Combatemos da forma que é possível, ensinamos as pessoas, ensinamos nossos filhos. Nos países muçulmanos, questões relacionadas com as drogas, prostituição e bebidas são proibidas, isto diminui muito a criminalidade. A religião deve ser a manifestação de defesa da vida. A manifestação do que está escrito no livro sagrado Alcorão: justiça, solidariedade, respeito. De construção da vida com paz que somente é possível quando há justiça. Nossas comunidades têm a responsabilidade de fomentar uma conduta inspirada na sabedoria, a compaixão, a partilha, a caridade, a solidariedade e o amor, que guie a todos pelos caminhos da liberdade e a responsabilidade. As religiões devem ser uma fonte de energia liberadora"*.

Os entrevistados foram unânimes em dizer que se fossem respeitados os direitos sociais não haveria violência e criminalidade. O bispo citou que *"Violência gera violência, a lei é contra a vida, a pessoa se torna criminosa para defender a vida"*. É a lei da sobrevivência. Pai Tito exemplificou vários tipos de violência: *"Violência física, violência sexual, violência psicológica, violência por privação ou abandono"*.

Para ele, políticas públicas com mais incentivos ao lazer, à cultura e educação amenizariam as questões de violência. Berenice acredita que a violência e criminalidade estão associadas à falta de oportunidades na educação do ser humano.

Muitas vezes, culpa-se o agente do crime e da violência, mas pouco se procura a causa de tais ações, porque é mais fácil achar o culpado delinquente. Ações voltadas ao benefício de pessoas que vivem situação de risco e abandono social podem contribuir para caminhos de paz e justiça. Segundo Moltmann, o diálogo inter-religioso é o caminho para vincular esses temas entre as religiões. Faz-se urgente e necessário esse diálogo inter-religioso em prol da justiça social, no combate da violência e da criminalidade, "quando surge um conflito que ameaça a vida, e cuja solução pacífica deve ser buscada conjuntamente mediante o diálogo".<sup>113</sup>

#### **4.4.4.4 Como sua religião avalia a questão da pandemia e da guerra pós-pandemia na atualidade?**

O bispo Humberto Maiztegui Gonçalves responde:

*"O que é guerra? São todas as guerras, o mundo está em guerra, não é uma guerra, são muitas guerras. A IEAB, apesar de muita cautela, manifestou-se contrária às ações do atual presidente da República, declarando-o genocida, e pedimos impeachment, condenamos a distribuição desigual de vacinas pelo mundo, bloqueando medicamentos do povo, isto é crime, mas não foi contra a lei. Toda guerra é injustificável, é desnecessária. Esta guerra que está acontecendo agora entre Rússia e Ucrânia é uma guerra dentro de muitas guerras. Não é uma guerra isolada. Nossa denominação se solidariza com o povo ucraniano, que é vítima duas vezes: da Rússia e de seu presidente, que colocou armas em suas mãos para se defenderem. Putin está completamente errado, mas sabemos que cada arma tem um preço e alguém está recebendo por esta venda e ninguém contesta, isso é a raiz da guerra. A humanidade em risco sempre é a vítima. É mais uma guerra como tantas que os impérios impõem*

---

<sup>113</sup> MOLTSMANN, J. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*, p. 29.

*sobre a humanidade, com muitos mortos. Na guerra estão questões como política, donos do petróleo. Tem armamento nuclear. Neste sentido, o cristianismo, catolicismo, fez muita guerra, porque nos Estados Unidos não tem religião afro, porque foi proibido, isso é guerra, foram africanos para lá, mas seus cultos aos seus deuses foram proibidos. Israel está em guerra, matança de criancinhas todos dias".*

O pastor Frederico R. Dreher pontua: *"Para mim, a guerra é um problema mundial, mas as nações não se manifestam porque têm medo e dizem: 'Não é problema meu'. Assim como muitos inocentes já foram mortos em nome de Deus. Temo por uma guerra mundial".*

O babalorixá Pai Tito de Xangô elucida:

*"O desafio da pandemia é uma chance de ascensão espiritual. Não importa a crença, em comum há a certeza de que a ameaça da COVID-19 é a chance de cada um olhar para si e para o coletivo. Em momentos difíceis, de dor, sofrimento, perda, muitas vezes, se recorre à religião para buscar o entendimento das situações. Na fé, as pessoas encontram amparo, explicações e até mesmo soluções. Este momento está mostrando que o poder está na fé, na consciência de cada irmão, de cada pessoa. Isso vai passar, mas acreditamos que passará somente quando nós realmente tivermos consciência dessa grande missão espiritual que está sobre o nosso planeta. Deus nos deu essa natureza, mas veja só: os animais, ela em si não está sendo afetada, a não ser o homem com as suas pretensões, com sua vaidade, egoísmo, e hoje Ele está mostrando, seja qualquer a religião, a classe econômica, qualquer raça, todos estamos sujeitos a essa situação. Mas com humildade, fé e consciência nós conseguiremos vencer".*

Para o rabino Guershon Kwasniewski:

*"A pandemia, muitas pessoas acham que as pessoas ficaram mais sensíveis e tocadas, mas não é assim, tem alguns picos de sensibilidade, até a questão de roubo e assassinatos, voltou tudo ao normal, ou seja, nada mudou, acho que temos que refletir se ajudamos as famílias que perderam seus entes queridos. A*

*pergunta é o que estamos fazendo pelos que não superaram, pois para muitos já viraram a página, só que outros continuam sofrendo. Sobre a guerra, estamos hoje no dia 56 de guerra, estamos assistindo de camarote o massacre e a matança. Onde está a ONU? Para que serve, para nada? Foi criada para resolver a Segunda Guerra Mundial e não estão se manifestando. É preocupante esta indiferença das nações, dizem que não podem entrar porque vai dar a terceira guerra, mas se não entrarem vai haver a terceira guerra, pois vão invadir outras fronteiras, eles não têm limites. Estamos em uma instabilidade mundial, o mundo está sensível e nós também estamos sensíveis no meio da guerra, porque o petróleo nos coloca dentro da guerra, estamos em um mundo globalizado, o que acontece num lugar repercute em outro, e estão fechando tudo na China, que está vindo outra onda, e isto nos afeta, fizemos parte da Terra global e tudo afeta a todos”.*

Álvaro Pires acredita que:

*“A pandemia pôde nos sinalizar que temos que ter uma maior atenção à natureza, à criação e, por consequência, a nos perguntarmos se estamos realmente colaborando com o Criador na tutela da natureza e repensando o nosso estilo de vida, que inclui o nosso modo de lidar com os outros, com o meio ambiente e com nós mesmos. Com relação à guerra pós-pandemia, isto está a indicar também que um maior esforço deve ser feito para uma verdadeira cultura da paz, pois, de um período para outro, prevalecem os egoísmos de nacionalismos e imperialismos. Este fato chama a um maior esforço das religiões a demonstrarem uma colaboração efetiva entre seus membros no cotidiano e também em ações concretas e visíveis em defesa da vida, da paz e da justiça social”.*

Berenice Santos reflete:

*“A pandemia nos veio ensinar que não detemos o poder em nossas mãos, quanto ao futuro, que é incerto. Veio para nos mostrar que todos somos iguais e muito amados por Deus, na sua infinita misericórdia. Também nos sinalizou que não adianta termos haveres, dinheiro, mansões, bons empregos, e sim sermos*

*melhores e irmãos uns dos outros. Sermos mais fraternos, caridosos, tolerantes, amorosos e fazer ao outro o que quereríamos que a nós fosse feito. A guerra veio para demonstrar que pouco avançamos, moral e espiritualmente, quanto ao combate do orgulho e do egoísmo, em nós mesmos. Pós-pandemia: solidariedade, fraternidade, ajuda a todo aquele que precisa, independentemente de credo religioso. Momentos de profundas reflexões e aproveitamento, com gratidão, de tudo o que nos é ofertado. Mais valorização à vida, aos relacionamentos, às pessoas que fazem parte de nossas vidas. Oportunidade, aprendizado, reconstrução e recomeço".*

Christiane Bittencourt pontua que:

*"os preconceitos estão na base das desavenças e guerras, consoante Bahá'í, e é por isso acreditamos que se deve buscar o aprimoramento pessoal, pois entendemos que os preconceitos de gênero, religião, classe social e raça são impeditivos da instauração de uma sociedade pacífica e justa, por isto o ódio e as guerra".*

Para o líder islâmico sheikh Mahmoud Ibrahim:

*"A pandemia é uma questão complicada, muitas pessoas perderam suas vidas, infelizmente alguns governos, como o brasileiro, se absteve do combate à pandemia. Cada vez mais nós devemos fazer campanhas para que todos participem do processo de vacinação. Para Ahmad Ali, a pandemia escancarou a apartheid em que vivemos. A própria distribuição das vacinas demonstrou claramente isto. Especificamente no Brasil, colhemos o resultado da necropolítica, da política de descaso com a vida. Das informações contraditórias, da irresponsabilidade do Estado. Rompemos com os valores das religiões. Isso é inaceitável, as mortes poderiam ter sido evitadas, caso a política atual no nosso país fosse de defesa da vida. A pandemia expôs no nosso país a desigualdade, o desinvestimento nas políticas públicas. Retrato da brutalidade do atual cenário no Brasil. Precisamos rever os conceitos de humanidade e construir possibilidades de humanos mais humanos. Todas as religiões possuem os seus valores, alguns são compartilhados: o amor, a solidariedade, o respeito. A religião*

*deve ser a manifestação de defesa da vida. A construção da vida com paz que somente é possível quando há justiça”.*

Todos os entrevistados concordam que a pandemia veio com um propósito de modificar algumas ações dos seres humanos, assim como que há mais guerras que possamos imaginar e que há muitos países interessados em guerras. Nesse sentido, o Papa Francisco fala de um mundo onde lutamos uma terceira guerra mundial embora de forma fragmentária.

O planeta foi surpreendido por uma pandemia que visibilizou a fragilidade da humanidade e abalou os alicerces de um sistema que achava que já dominava o Universo e era intocável. Ela aflorou contradições profundas que despertaram tanto atitudes nobres quanto as piores atitudes, caindo literalmente máscaras de cidadãos que não foram capazes de ajudar o próximo em desespero e governantes irresponsáveis, deixando milhares de seres irem a óbito.

O Universo clama por mudanças, no modo de compreender nossa existência no planeta e na forma de nos relacionarmos com ele. Talvez a pandemia seja o resultado da ação humana no planeta. Mesmo que reconheçamos o descuido que temos com a natureza e toda a forma de vida no Universo, as consequências da ação humana são inegáveis e irreparáveis, se considerarmos o modo que alguns países e cada ser humano em particular têm atuado no combate a essa pandemia e no pós-pandemia. Sobre isso, o Papa Francisco elucida:

O que está a acontecer põe-nos perante a urgência de avançar numa corajosa revolução cultural. A ciência e a tecnologia não são neutrais, mas podem, desde o início até ao fim de um processo, envolver diferentes intenções e possibilidades que se podem configurar de várias maneiras. Ninguém quer o regresso à Idade da Pedra, mas é indispensável abrandar a marcha para olhar a realidade doutra forma, recolher os avanços positivos e sustentáveis e ao mesmo tempo recuperar os valores e os grandes objetivos arrasados por um desenfreamento megalómano (LS 114).

Se o ser humano não se conscientizar que é preciso uma mudança em relação ao cuidado com a Mãe Terra e tudo que ela nos oferece, infelizmente não teremos um final agradável e desejável. Sobre a guerra, vejamos as palavras do teólogo Michael Amaladoss<sup>114</sup>:

Na realidade, mais pessoas perdem a sua vida nas guerras atuais do que nas passadas guerras mundiais. Uma novidade hoje é que as religiões são vistas como atores dessas guerras. As raízes do conflito no mundo são o desejo, atualmente manifestado como consumismo, egoísmo, individualismo e a busca por poder e dominação. Estes são camuflados como os direitos humanos, a justiça e a paz. As religiões são usadas para justificar tais ações. Se as religiões desejam promover a paz, dada a presente situação de violência, suas primeiras tarefas devem ser a resolução de conflitos e a construção da paz. Qualquer colaboração entre religiões não é apenas uma questão religiosa, mas também uma questão política e social. Não há paz mundial sem paz entre as religiões; não há paz entre as religiões sem diálogo entre as religiões.<sup>115</sup>

É relevante destacar a *Declaração da ética global*, que tem quatro afirmações básicas:

1. compromisso com uma cultura de não violência e respeito pela vida;
2. compromisso com uma cultura de solidariedade e uma ordem econômica justa;
3. compromisso com uma cultura de tolerância e uma vida de veracidade;
4. compromisso com uma cultura de igualdade de direitos e parceria entre homens e mulheres. [...]

As diferentes religiões já não se encontram longe, elas já se tocam de tão perto que estão umas das outras. Diferentes religiões são obrigadas a viver em sociedade, a conviver, a comparar-se, a confrontar-se e a desafiar-se mutuamente. Deste modo, os membros das diferentes religiões vão se dando conta que sua religião não é a única que existe. E aí começam a conhecer e

---

<sup>114</sup> Teólogo, professor na Universidade de Chennai, Madras, Índia.

<sup>115</sup> AMALADOSS, M. *Religiões para a paz ou para a guerra? Um retrato do nosso tempo*.

conviver com pessoas de outras religiões. E começam a se perguntarem se sua religião realmente é a “única e verdadeira”. Por isso, a mundialização desafia as religiões, talvez colocando em perigo sua identidade distintiva, mas por sua vez, oferecendo novas possibilidades de fecundação e revitalização. Fala-se que a inter-espiritualidade é a religião do terceiro milênio.<sup>116</sup>

Vimos que as religiões pesquisadas estão realizando muitas ações para a promoção da paz, acolhendo povos com origem de países em guerra e lhes propocionam uma abertura dialogal na Zona de Diálogo Inter-Religioso Proximal. Há vários pontos de convergência para o diálogo inter-religioso, na busca da tolerância e do respeito, gerando paz e dando um basta na intolerância para evitar a guerra, todo tipo de guerra, na busca dos Direitos Humanos.

### 4.5 BREVE CONCLUSÃO

Mesmo considerando as dificuldades em nomear os pontos de convergência e divergência entre as religiões e o cuidado e a preservação do outro nas diferentes religiões, a proposta foi buscar no diálogo inter-religioso pontos comuns para a convivência pacífica no seguimento de Jesus Cristo. O diálogo inter-religiosos é um ponto norteador, porque as religiões possuem na sua essência e no seu discurso elementos que promovem a igualdade, a generosidade e o senso do certo e do errado. Esses elementos presentes nas religiões devem ser canalizados para a busca da justiça social, como elemento de diálogo entre as religiões com fins comuns, que são justamente os pontos de convergências para a resolução das guerras e os demais problemas que estão devastando o planeta. Uma vez as religiões podendo articular ações concretas em torno da paz, a busca pela justiça será uma contribuição salutar para o mundo.

Precisamos de movimentos democráticos no sentido de fraterno, e não competitivo. Temos espaços para todas as religiões. Construir empatia com aqueles que têm medo de assumir a religião que gostariam de ter é uma cultura de paz, e

---

<sup>116</sup> PARLAMENTO DAS RELIGIÕES DO MUNDO (CPWR). *Declaração do Parlamento das Religiões do Mundo, solenemente proclamada em 4 de set de 1993*, p. 154.



quando surgir conflitos, devemos enfrentá-los com respeito mútuo. Não podemos mais aprofundar as diferenças, e sim fazer com que as diferenças nos aproximem.

Não podemos mais banalizar a dor do outro, ser insensíveis à dor alheia, fazer de conta que ela não existe porque não é nossa. Precisamos de liberdade, mas com respeito. Precisamos desbanalizar a dor e respeitá-la. Temos que lutar por um mundo de cooperação, e não competição. Precisamos de uma sociedade que todos caibam, que tenha espaço para todas as religiões.

A presente pesquisa foi relevante porque concluímos que os pontos de convergência se sobressaem em relação aos pontos de divergência das religiões. Além disso, os pontos divergentes não são suficientemente fortes teologicamente para impedir essa aproximação, lembrando inclusive que uma das funções da religião é trazer a paz ao ser humano e respostas aos anseios existenciais. Esta tese teve como proposta, a partir do diálogo inter-religioso, articular ações promotoras de paz.

Ao término da pesquisa, concluímos que ela possibilitou a oportunidade de desenvolver reflexões muito pertinentes em torno do diálogo inter-religioso, mas a liberdade religiosa e de consciência requer mais do que apenas viver e conviver com as nossas diferenças. Essa liberdade com direitos que queremos gera também obrigações e responsabilidades. Todos os entrevistados anseiam pela liberdade religiosa, porém, é importante ressaltar, que todos os grupos e indivíduos para viver de acordo com os seus direitos devem, por sua vez, proteger essa mesma liberdade para todos os envolvidos, principalmente para os mais vulneráveis, sejam eles religiosos ou não. Essa é a obrigação de todo ser humano.

Tivemos como apoio os teólogos Claude Geffré, Hans Küng, Jürgen Moltmann e Faustino Teixeira, os quais têm em comum a busca de pontos convergentes para o encontro das religiões, viabilizando o diálogo em que as prioridades são a dignidade humana e a preservação da vida. Tendo como base a dimensão ética, presente nas religiões, esses autores têm como objetivo promover o diálogo a partir da perspectiva ecológica, na perspectiva dos direitos humanos. Geffré sintetiza que "se em uma

religião há uma parte desumana, ela é convidada a se reformar, para não correr o risco de desaparecer".<sup>117</sup>

O teólogo Claude Geffré coloca o tema do diálogo inter-religioso dentro de um contexto em que as preocupações humanas sejam valorizadas:

A busca pela justiça como elemento de diálogo entre as religiões e a Conferência Mundial das Religiões para a Paz procuram ser um lugar de confronto e de diálogo das principais religiões do mundo a serviço da paz, da promoção dos direitos humanos e da preservação da natureza.<sup>118</sup>

No diálogo inter-religioso é indispensável a dimensão ética. Geffré afirma que: "todas as religiões devem ter em conta a ética dos Direitos Humanos".<sup>119</sup> É nesse sentido que o diálogo inter-religioso vem a contribuir. É um encontro na busca de resoluções de preocupações convergentes do ser humano, trazendo contribuições e resoluções e respeitando as divergências existentes.

Concluindo esta seção, após pesquisas com diferentes líderes religiosos por meio de entrevistas individuais, ficou bem claro que, para um convívio pacífico, podem e devem existir pontos de divergências e pontos de convergência como elementos norteadores, que encontrarão a ZDIRP, que serve como ponte para o diálogo inter-religioso entre a zona de convergência e a zona de divergência.

Essa ZDIRP não irá ocorrer na zona de divergência, essa é intocável, como podemos ver na mandala das religiões no mapa dialogal proximal a seguir, em que as religiões estão separadas, cada uma com sua realidade, e uma não pode interferir na outra, por mais diferentes que sejam entre si. Essa zona de divergência refere-se a espaços intocáveis, pois são expressões de fé, tais como: templos religiosos sagrados, liturgias, livro sagrado (religião literária – escrita – e não literária – oral), sacramentos, rituais, dogmas e teologias, portanto, são sagrados e devemos respeitá-los. Não poderão ser ultrapassadas as barreiras de cada uma delas, somente devemos respeitar suas fronteiras.

---

<sup>117</sup> GEFFRÉ, C. *De Babel a Pentecostes*: ensaios de teologia inter-religiosa, p. 15.

<sup>118</sup> GEFFRÉ, C. *De Babel a Pentecostes*: ensaios de teologia inter-religiosa, p. 14.

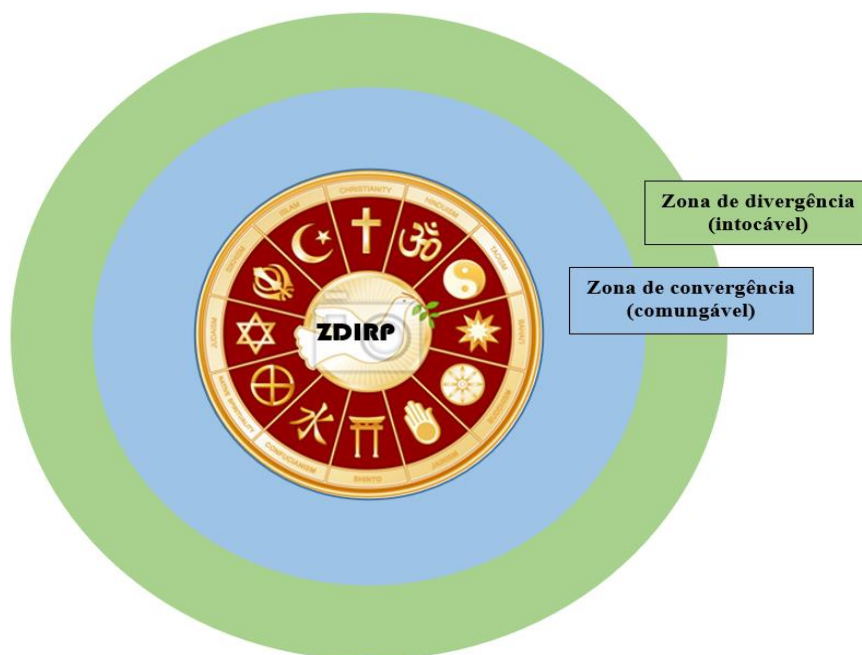
<sup>119</sup> GEFFRÉ, C. *De Babel a Pentecostes*: ensaios de teologia inter-religiosa, p. 15.

No entanto, existe uma zona de convergência, que está representada por espaços de aproximação entre todas as religiões pesquisadas. A zona de convergência refere-se às expressões necessárias dentro de um espaço democrático de direito que dialogam com os objetivos das religiões, tais como: liberdade religiosa com direito de crença individual; ensino religioso nas escolas; ecoteologia; Direitos Humanos e a promoção da justiça social com enfoque em soluções de problemas de violência e criminalidade. A zona de convergência é o que possibilita a zona de diálogo inter-religioso.

Para finalizar, é importante destacar que todos os entrevistados do grupo DIRPOA estão comungando na zona de convergência na promoção de uma justiça voltada para a paz entre as religiões, e querem ser respeitados na zona de divergência.

Para melhor compreensão veremos a seguir o mapa dialogal proximal.

Figura 48 – Mapa dialogal proximal<sup>120</sup>



Legenda: ZDIRP – Zona de Diálogo Inter-Religioso Proximal

*Zona de divergência:*

- Templos religiosos sagrados
- Liturgia
- Livro sagrado
- Sacramentos
- Rituais
- Dogmas
- Teologias

*Zona de convergência:*

- Liberdade religiosa com direito de crença individual
- Ensino religioso nas escolas
- Ecoteologia
- Direitos Humanos
- Justiça social em combate à violência e criminalidade

<sup>120</sup> A autora (2022).

## CONCLUSÃO

Chegamos ao final desse doutorado com muitas aprendizagens. Os ecumênicos e inter-religiosos geraram instabilidades e surpresas na zona proximal de diálogo inter-religioso da doutoranda. Ao longo dessa conclusão serão apontadas algumas dessas aprendizagens.

Na primeira seção, apresentamos uma pesquisa bibliográfica, em que foi feita uma apreciação de conceitos sobre paz, em que revisitamos a história em busca de visões e percepções sobre a paz ao longo do tempo. Destacamos alguns tratados de paz, desde o Tratado de Kadesh, no Egito, em 1259 a.C., até o Tratado de Westfália, ou Tratados de Münster e Osnabrück, na Alemanha, em 1648 d.C., que foi o grande acordo que selou a paz da conhecida Guerra dos Trinta Anos. Outros tratados de paz foram mostrados e que nos deram grandes exemplos de que a paz é necessária e possível. Também observamos agentes de paz em seus espaços de paz, que com suas ações em busca da paz nos presentearam com preciosos legados que servem de grandes exemplos para a humanidade.

A segunda seção se debruçou sobre o Tratado de Paz de Westfália. A pesquisa foi realizada na cidade de Osnabrück, Alemanha, entre janeiro e fevereiro de 2021, na Universidade de Osnabrück. Essa cidade foi escolhida por ser a "Cidade da Paz", que recebeu a marca do Patrimônio Europeu como "Sítios da Paz de Westefália". A pesquisa foi realizada sob orientação da Professora Doutora Margit Eckholt. Fizemos uma peregrinação de paz, visitando a cidade que antes de ganhar o título de cidade da paz foi palco de conflitos e guerras religiosas, mas que conseguiu solucionar a conhecida "Guerra dos Trinta Anos", dentro da "Guerra dos Oitenta Anos". Visitamos lugares e pessoas, dialogamos com povos de diferentes nações e distintas religiões, trazendo muito aprendizado.

De volta para a realidade brasileira, no contexto de trabalho, ministrando aulas de ensino religioso no Ensino Fundamental de escola pública da periferia de um município da grande Porto Alegre, inserida em contextos de criminalidade e violência, foi possível falar que a paz é possível por termos vivenciado uma experiência ímpar. Mesmo sabendo que o contexto desses adolescentes e suas famílias possui um alto grau de vulnerabilidade e exclusão social, tem sido um desafio ensinar que a paz é

possível, e que reverter a situação atual de suas vidas necessita de garra e determinação. Ao estudar sobre tratados de paz realizados nesses outros contextos onde ocorreram guerras, mas também ocorreram acordos de paz que foram assinados e que subsistem até nossos dias. A cidade visitada está repleta de exemplos e ações em prol da paz, provando que a busca pela paz é possível e se faz urgente.

Com os objetivos revigorados de que a paz é possível por intermédio do diálogo, a terceira seção dessa tese, foi organizada com os construtos que deram as diretrizes para a realização da pesquisa referente aos novos paradigmas, partindo da teologia que traz três abordagens em distintos olhares na ótica cristã de matizes tripartidas sobre o diálogo inter-religioso: o exclusivismo, o inclusivismo e o pluralismo religioso. Fizemos uma análise das teorias das religiões numa pesquisa comparativa para verificar qual dos paradigmas da teologia tripartida apoia o diálogo inter-religioso. Nesse caminhar, relacionamos Vygotsky e sua Teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal, a qual deu luz para a relação com o que chamamos de Zona de Diálogo Inter-Religioso Proximal (ZDIRP), trazendo cinco pontos de convergências entre as religiões que poderão levá-las ao diálogo inter-religioso na promoção da paz entre povos de diferentes nações e religiões. Desse modo, vemos a possibilidade do diálogo para a paz e não violência. Esses pontos de convergência foram sugeridos com base em teólogos apoiadores do pluralismo religioso, teologia esta que está afinada com o diálogo entre as religiões e as encíclicas papais pesquisadas, tais como: *Ad Gentes* (AG), *Dignitatis Humanae* (DH), *Evangelii Gaudium* (EG), *Fratelli Tutti* (FT), *Gaudium et Spes* (GS), *Lumen Gentium* (LG), *Laudato Si'* (LS), *Nostra Aetate* (NA), *Populorum Progressio* (PP).

Na sequência, partimos para a última seção de entrevistas com líderes religiosos, de diferentes nações e religiões (DIRPOA) para buscar relacionar suas práticas dialogais com a Zona de Diálogo Inter-Religioso Proximal (ZDIRP), ou seja, a promoção da paz e não da violência, embasada na teologia do pluralismo religioso. Essas entrevistas foram realizadas com líderes religiosos de diferentes tradições religiosas da capital da grande Porto Alegre. Os subsídios encontrados tanto no questionário respondido pelos membros do DIRPOA, quanto nas entrevistas

possibilitaram identificar a aderência e o comprometimento de iniciativas de ações voltadas à promoção da paz e não violência. Bem como respeito à alteridade, paz justa e sustentável; com a justiça social, no cuidado com os mais necessitados na busca de soluções para resolução de problemas sociais e o cuidado com a mãe natureza, na atual situação pós-pandêmica por meio do diálogo inter-religioso, obtendo resultados qualitativos da pesquisa.

Identificamos nessa pesquisa que existem três zonas de diálogo inter-religioso, a saber: 1) Zona de Diálogo Inter-Religioso Proximal (ZDIRP), que serve como ponte de diálogo inter-religioso ou mesa de diálogo inter-religioso; 2) Zona de convergência (dialogal): liberdade religiosa com direito de crença individual; ensino religioso nas escolas; ecoteologia; Direitos Humanos e promoção da justiça social com enfoque em soluções de problemas de violência e da criminalidade; 3) Zona de divergência (intocável): templos religiosos sagrados, liturgias, livro sagrado (religião literária – escrito – e não literária – oral), sacramentos, rituais, dogmas e teologias.

A ZDIRP é o espaço para dialogar sobre os temas de convergência e, dessa forma, garantir o direito ao exercício dos aspectos relativos ao respeito da zona de divergência. A ZDIRP é a mesa na qual líderes religiosos podem discordar seriamente em relação à expressão de fé do outro, mas usam esse espaço para justamente garantir a liberdade, os direitos, a promoção da justiça e a não violência entre as religiões. No caso desta pesquisa, o grupo DIRPOA representa a ZDIRP, porém esse espaço poderá ser ocupado por uma outra mesa, ou melhor, tem espaço para se abrirem muitas mesas em muitos lugares, nos quais se assentem homens e mulheres de diferentes tradições religiosas na busca do diálogo inter-religioso na promoção da paz.

Tomamos como exemplo uma das entidades promotoras da paz de Osnabrück, chamada "A mesa redonda das religiões", que tem como objetivo fundante o respeito e a tolerância na fé. A coexistência de diferentes religiões tem uma influência duradoura na coexistência pacífica e serve ao propósito de encontrar, construir confiança e compreensão entre e dentro das comunidades religiosas. Exemplo este que nos mostra que é possível abrirem-se muitas mesas em todos os países na busca e promoção da paz.

Tendo como base a teologia do pluralismo religioso e como apoio seus teólogos, ao final desta tese concluímos que a paz entre as religiões é imperativo, e o diálogo entre as religiões é o grande protagonista para a promoção da paz entre as religiões e paz entre as nações. Hans Küng disse que "não haverá paz no mundo sem paz entre as religiões. E sem paz entre as religiões não haverá diálogo entre as religiões".<sup>1</sup> Por intermédio do diálogo inter-religioso será aberto o caminho para a paz entre as religiões e a paz mundial, rompendo assim com a violência, as guerras e todas as formas de intolerância.

---

<sup>1</sup> KÜNG, H. *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*, p. 7.



## Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- AGOSTINHO, Santo. *O livre-arbítrio*. Trad. de E. L. Souza Campos. Niterói, RJ: Teodoro Editor, 2018.
- \_\_\_\_\_. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 2004 (Col. Os Pensadores).
- \_\_\_\_\_. *A cidade de Deus*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A cidade de Deus: contra os pagãos*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O livre-arbítrio*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1995 (Col. Patrística).
- \_\_\_\_\_. *A Trindade*. Trad. de Agostinho Belmonte. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1994 (Col. Patrística).
- ALCORÃO. Português. Trad. codificada por cores com texto árabe do Alcorão. Istambul: ASIR Media, 2010.
- ALMEIDA, Antônio José de. *Lumen Gentium: a transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005.
- ALMEIDA, Cleide Rita S. *O humano, lugar do sagrado*. São Paulo: Olho D'Água, 1995.
- ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Loyola, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O que é religião*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1979.
- ALVES, Waldon Volpiceli. *Católicos e evangélicos: a Guerra dos Trinta Anos*. Rio de Janeiro: Synergia, 2011.
- AMALADOSS, Michael. Religiões para a paz ou para a guerra? Um retrato do nosso tempo. In: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PUC Minas). *Religiões para a paz ou para a guerra?* Belo Horizonte: FAJE/PUC Minas, 2015. p. 29-39. Disponível em: [http://portaleventosacademicos.pucminas.br/public/conferences/8/schedConfs/12/program-pt\\_BR.pdf](http://portaleventosacademicos.pucminas.br/public/conferences/8/schedConfs/12/program-pt_BR.pdf). Acesso em: 20 jun. 2022.
- AMATO, Angelo. Introdução à edição original. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Documenta: Congregação para a Doutrina da Fé*. Documentos publicados desde o Concílio Vaticano II até nossos dias (1965-2010). Brasília, DF: CNBB, 2011.

ANDERSEN, Svend. *Poder por amor: sobre a reconstrução de uma ética política luterana*. Berlim: Gruyter, 2010.

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. *História da filosofia: Antiguidade e Idade Média*. São Paulo: Paulinas, 1990. v. 1. (Col. Filosofia).

AQUINO, Tomás de. *Suma teológica*. São Paulo: Loyola, 2005. v. V.

\_\_\_\_\_. *Suma teológica*. São Paulo: Loyola, 2005. v. IV.

\_\_\_\_\_. *Suma teológica*. São Paulo: Loyola, 2003. v. III.

\_\_\_\_\_. *Suma teológica*. São Paulo: Loyola, 2002. v. II.

ARAÚJO, André de Melo; ASSIS, Arthur Alfaix; MATA, Sérgio da. *Entre filosofia, história e relações internacionais. Escritos em homenagem a Estevão de Rezende Martins*. São Paulo: LiberArs; SBTHH, 2017.

ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ARON, Raymond. *Paz e guerra entre as nações*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

ARTHUR, Anthony. *The Tabor King: The Rise and Fall of the Anabaptist Kingdom of Munster*. New York: St. Martin's Press, 1999.

ASALDÁLIGA, Pedro. Prólogo. In: DAMEN, Franz et al. *Pelos muitos caminhos de Deus*. Goiás: Rede, 2003. p. 5-8.

AUBENQUE, Pierre. *A prudência em Aristóteles*. São Paulo: Paulus, 2008.

AVELINE, Jean-Marc. Théologie et sciences religieuses sur le pluralisme religieux. In: BOSS, Marc; LAX, Doris; RICHARD, Jean (Ed.). *Mutations religieuses de la modernité tardive: Actes du XIVE Colloque International Paul Tillich, Marseille, 2001*. Berlin: Lit Verlag, 2002. p. 251-271.

AXELROD, Alan. *Gandhi Ceo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

AZCUY, Virginia Raquel; MAZZINI, Marcela; ECKHOLT, Margarita. *Espacios de paz: lectura intelectual de um signo de estos tempos*. Buenos Aires: Agape Libros, 2018.

BALTHASAR, Hans Urs von. *Incontrare Cristo*. Casale Monferrato: Piemme, 1992.

\_\_\_\_\_. *Lasciare che Dio sia Dio*. In: CANTONE, Carlo (Org.). *La rivolta planetaria di Dio*. Roma: Borla, 1992. p. 87-112.

\_\_\_\_\_. *Cordula ovverosia il caso serio*. Brescia: Queriniana, 1969.

BARDIN, Laude. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Ed. 70, 1997.

BARNES, Tymotheny D. *Cosntantini and Eusebius*. London: Harvard University Press, 1981.

BARROS, Marcelo. *Para onde vai Nuestra América?* Espiritualidade socialista para o século XXI. São Bernardo do Campo, SP: Nhanduti, 2011.

\_\_\_\_\_. Cristologia afro-latíndia: discussão com Deus. In: TOMITA, Luiza E.; BARROS, Marcelo; VIGIL, José María (Org.). *Pluralismo e liberdade: por uma teologia latino-americana pluralista a partir da fé cristã*. São Paulo: ASETT; Loyola, 2005. p. 171-184.

\_\_\_\_\_. *O sonho da paz – a unidade nas diferenças: ecumenismo religioso e o diálogo entre os povos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

BARTH, Karl. *Revelação de Deus como sublimação da religião*. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

\_\_\_\_\_. *L'Epistola ai romani*. Milão: Feltrinelli, 1993.

\_\_\_\_\_. *Dogmatica ecclesiale*. Bolonha: Dehoniane, 1980.

BAYER, Oswald. *A teologia de Martin Luther: Eine Vergegenwärtigung*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2003.

\_\_\_\_\_. Luther as an interpreter of Holy Scripture. In: MCKIM, Donald K. (Org.). *The Cambridge companion to Martin Luther*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

BEAULAC, Stéphane. The Westphalian model in defining international law: challenging the myth. *Australian Journal of Legal History*, v. 8, n. 2, p. 181-213, 2004.

BECK, Júlia. Assinatura do Documento sobre a fraternidade humana completa um ano. *Canção Nova*, 3 fev. 2020. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/assinatura-documento-sobre-fraternidade-humana-completa-um-ano/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

BEDIN, Gilmar Antônio. *A sociedade internacional e o século XXI. Em busca de uma construção de uma ordem justa e solidária*. Ijuí, RS: Unijuí, 2001.

BEOZZO, José Oscar. Apresentação. In: CAMARA, Helder. *Vaticano II: correspondência conciliar. Circulares à família do São Joaquim, 1962-1964*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2004. v. I: 1962-1964.

BEOZZO, José Oscar; FRANCO, Cecília Bernardete (Org.). *Educação para a paz em tempos de injustiças e violência*. São Paulo: Paulus, 2016.

BERKENBROCK, Volney J. *Candomblé: formação e compreensão religiosa de uma tradição afro-brasileira*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2018.

BETHLEHEM, Daniel. The end of geography: the changing nature of the international system and the challenge to international law. *The European Journal of International Law*, Oxford, v. 25, n. 1, 2014.

BÍBLIA SAGRADA. Português. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BIGNOTTO, Newton. O conceito das liberdades: Santo Agostinho. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 19, n. 58, 1992.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (Org.). *Violência e religião – cristianismo, islamismo, judaísmo: três religiões em confronto e diálogo*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001.

BOEING, Antonio. Ensino religioso: razões de ser na atualidade. *Revista Uniclár*, n. 5, p. 67-87, 2003.

BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. Diálogo inter-religioso na nova fase da humanidade. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 183, 2010.

\_\_\_\_\_. *A Oração de São Francisco: uma mensagem de paz para o mundo atual*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. *A vida segundo o espírito*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. *A graça libertadora no mundo*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994.

BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002.

BOTAS, Paulo. A maldição de Malaquias: eclesiologia negra e pluralismo religioso. In: TOMITA, Luiza E.; BARROS, Marcelo; VIGIL, José María (Org.). *Pluralismo e libertação: por uma teologia latino-americana pluralista a partir da fé cristã*. São Paulo: ASETT; Loyola, 2005. p. 215-224.

BOTTON, Alain de. *Religião para ateus*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

BOYER, C. *San Agustin: Sus Normas de Moral*. Buenos Aires: Excelsa, 1945.

BRADBURY, Scout. Constantine and the problem of anti-pagan legislation in the fourth century. *Classical Philology*, Chicago, v. 89, p. 120-139, 1994.

BRAKEMEIER, Gottfried. Fé cristã e pluralidade religiosa – onde está a verdade? *Estudos Teológicos*, ano 42, n. 2, 2002.

BRANDÃO, Antônio Jackson de Souza. Guerra dos Trinta Anos: imagens de um período de transição. *Revista Acadêmica*, São Sebastião, ano 4, n. 6-8, 2012.

BRANDENBURG, Laude Erandi; FUCHS, Henri Luiz; KLEIN, Remí; WACHS Manfredo Carlos (Org.). *Ensino religioso na escola: bases, experiências e desafios*. São Leopoldo, RS: Oikos, 2005.

\_\_\_\_\_. *Resolução n. 5, de 28 de dezembro de 2018*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/janeiro-2019-pdf/105531-rcp005-18/file>. Acesso em: 20 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. 2017. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 20 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Lei n. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm). Acesso em: 19 maio 2022.

\_\_\_\_\_. *Resolução n. 7, de 14 de dezembro de 2010*. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007\\_10.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf). Acesso em: 20 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Lei n. 11.635, de 27 de dezembro de 2007*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/lei/l11635.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/l11635.htm). Acesso em: 19 maio 2022.

\_\_\_\_\_. *Resolução n. 2, de 7 de abril de 1998*. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=16261&Itemid=](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=16261&Itemid=). Acesso em: 20 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Parecer n. 4, de 29 de janeiro de 1998*. Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ccs/pebII/06\\_parecer\\_cne-ceb\\_04-98.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ccs/pebII/06_parecer_cne-ceb_04-98.pdf). Acesso em: 20 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Lei n. 9.475, de 22 de julho de 1997*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9475.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9475.htm). Acesso em: 20 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino religioso*. São Paulo: AM Edições, 1997.

\_\_\_\_\_. *Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 20 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 19 maio 2022.

BREASTED, James Henry. *A ascensão do cristianismo no Ocidente*. Lisboa: Presenta, 1999.

\_\_\_\_\_. *A History of Egypt from the Earliest Times to the Persian Conquest*. New York: Charles Scribner's Sons, 1905.

BRUCCULERI, Angelo. *Il Pensiero Sociale di S. Agostino*. Roma: La Civiltà Cattolica, 1945.

BRUN, Jean. *O estoicismo*. Lisboa: Setenta, 1986.

BRUNERT, Maria-Elisabeth. Vom Rapular zum Dictatum. Entstehungsstufen der reichsständischen Protokolle. In: GERSTENBERG, Annette (Hg). *Verständigung und Diplomatie auf dem Westfälischen Friedenskongress. Historische und sprachwissenschaftliche Zugänge*. Böhlau Verlag Köln Weimar Wirm, 2014. p. 201-223.

BURCKHARDT, Jacob. *The age of Constantnei the great*. New York: Doubleday Anchor Books, 1956.

BUßMANN, Klaus; SCHILLING, Heinz (Ed.). *1648. Krieg und Frieden in Europa*. Münster/Osnabrück: Ausstellungskatalog, 1998.

CAMPOS, Luiz. *Métodos e técnicas de pesquisa*. 2. ed. Campinas, SP: Alínea, 2001.

CANER, Ergun Mehmet; CANER, Emir Fethi. *O islã sem véu: um olhar sobre a vida e a fé muçulmana*. São Paulo: Editora Vida, 2004.

CANOBBIO, Giacomo. Note a margine dell'opera di J. Dupuis. *Rassegna di Teologia*, v. 38, n. 6, p. 834-838, 1997.

CANTONE, Carlo (Org.). *A reviravolta planetária de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1995.

CAPELLO, Irene Martins. O desafio do diálogo inter-religioso no pensamento de Jacques Dupuis. *Cadernos de Divulgação Cultural*, Bauru, SP, n. 84, 2005.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 1996.

CAREGNATO, Célia Elizabete; BOMBASSARO, Luis Carlos (Org.). *Diversidade cultural: viver diferenças e enfrentar desigualdades na educação*. Porto Alegre: Ideal, 2014.

CARNEIRO, Henrique. Guerra dos Trinta Anos. In: MAGNOLI, Demétrio (Org.). *História das guerras*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 163-187.

CARTA da Terra. *Home*. 2020. Disponível em: <http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/text.html>. Acesso em: 14 maio 2022.

CASALDÁLIGA, Pedro. O macroecumenismo e a proclamação do Deus da vida. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *O diálogo inter-religioso como afirmação da vida*. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 31-38.

CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José María. *Espiritualidade da libertação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

CENTRO DE REFERÊNCIA EM DIREITOS HUMANOS DO DISTRITO FEDERAL; CASA DOS DIREITOS UNIÃO PLANETÁRIA. *Diversidade religiosa e Direitos Humanos*. Brasília, DF: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013.

CERAM, C. Walter. *O segredo dos hititas: a descoberta de um antigo Império*. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1958.

CESARÉIA, Eusébio de. *Vida de Constantino*. Itabaiana, SE: Clube dos Autores, 2019.

\_\_\_\_\_. *História eclesiástica*. Trad. de Luís Aron de Macedo. 13. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2015. v. 1.

CHARDIN, Pierre Teilhard. *O meio divino*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CITY of Osnabrück. [2022?]. Disponível em: <https://www.osnabrueck.de/english/city-of-osnabrueck/osnabrueck-city-of-peace>. Acesso em: 18 jun. 2022.

CIXOUS, Hélène; KAMUF, Peggy; HOFFMAN, Eva. *Osnabrück Station to Jerusalem*. New York: Ed. Fordham University Press, 2020.

CLAYBORNE, Carson (Org.). *A autobiografia de Martin Luther King*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

CLAYBORNE, Carson; SHEPARD, Kris (Org.). *Um apelo à consciência. Os melhores discursos de Martin Luther King*. Trad. de Sérgio Lopes. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

COLAGRANDE, Fabio. *De Roma, a Oração pela Paz: o mundo precisa de palavras de esperança*. 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-10/encontro-oracao-pela-paz-papa-francisco-entrevista-santo-egidio.html>. Acesso em: 20 jun. 2022.

COMISSÃO para o diálogo e o ecumenismo da Conferência dos Bispos Católicos da Índia. Guidelines for an Inter-religious Dialogue (1989). In: COMISSÃO PONTIFÍCIA PARA AS RELAÇÕES RELIGIOSAS COM O JUDAÍSMO. *Nós recordamos: uma reflexão sobre o Shoah*. São Paulo: Loyola, 1998.

COMISSÃO Teológica Internacional. *O cristianismo e as religiões*. São Paulo: Loyola, 1997.

COMUNITÀ DI SANT'EGIDIO. *Come rimanere a casa da anziani*. Genova: I libri di Sant'Egidio, 2012.

CONCÍLIO VATICANO II. Ad Gentes. In: VIER, Frei Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1968.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2016. (Coleção Azul).

\_\_\_\_\_. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*. São Paulo: Paulinas, 2014 (Coleção Azul). Disponível em: <https://diocesepetropolis.com.br/wp-content/uploads/2015/06/COMUNIDADE-DE-COMUNIDADES-UMA-NOVA-PARoQUIA.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da igreja no Brasil 1999-2002*. Documentos da CNBB. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1999.

\_\_\_\_\_. *Código de Direito Canônico*. Traduzido pela CNBB. São Paulo: Loyola, 1983.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Declaração Dominus Iesus*. Sobre a unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2000.

CONSELHO NACIONAL DAS IGREJAS CRISTÃS NO BRASIL (CONIC). *Solidariedade e paz: texto-base CF-2005 Ecumênica*. São Paulo: Salesiana, 2005.



CONSTITUIÇÃO dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja. In: VIER, Frei Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CORREIA JUNIOR, João Luiz. *O poder de Deus em Jesus: um estudo de duas narrativas de milagres em Mc 5,21-43*. São Paulo: Paulinas, 2000.

CORTELLA, Mário Sérgio. *Não nascemos prontos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *Sobre a esperança diálogo*. Campinas, SP: Papirus 7 Mares, 2007.

\_\_\_\_\_. *Nos labirintos da moral*. Campinas, SP: Papirus, 2005.

\_\_\_\_\_. Recusar a destruição da convivência digna! (Valores inadiáveis). In: PASSET, Edson; OLIVEIRA, Salete (Org.). *A tolerância e o intempestivo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005. p. 169-179.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. Consequências da problemática relação entre o livre-arbítrio humano e a Providência Divina na solução Agostiniana do Mal. *Studium*, Recife, v. 6, n. 12, p. 43-54, 2003.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Ensino religioso e escola pública: o curso histórico de uma polêmica entre a Igreja e o Estado no Brasil. *Educação em Revista*, n. 17, p. 20-37, 1993.

D'COSTA, Galvin. *The meeting of religions and the Trinity*. Maryknoll, NY: Orbis Books, 2000.

DALAI LAMA. *O mundo do budismo tibetano*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

\_\_\_\_\_. *Uma ética para o novo milênio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

\_\_\_\_\_. *Bondade, amor e compaixão*. São Paulo: Pensamento, 1989.

DALLARI, Dalmo de Abreu. *Elementos de teoria geral do Estado*. 30. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

\_\_\_\_\_. *A constituição na vida dos povos: da Idade Média ao século XXI*. São Paulo: Saraiva, 2010.

DAOU, Fadi; TABBARA, Nayla. *Divine Hospitality*. A Christian – Muslim Conversation. World Council of churches. Trad. de Alan J. Amos. Geneva: Publications Oikoumene, 2017.

DAS OSNABRÜCKER Rathaus des Westfälischen Friedens. 2022. Disponível em: <https://aboutcities.de/lustmacher/lieblingsorte/das-osnabruecker-rathaus-des-westfaelischen-friedens>. Acesso em: 18 jun. 2022.

DECLARAÇÃO universal da laicidade no século XXI (2005). In: LOREA, R. A. (org.). *Em defesa das liberdades laicas*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2008.

DENZIN, Norma K.; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DINGEL, Irene; ROHRSCHEIDER, Michael; SCHMIDT-VOGES, Inken; WESTPHAL, Siegrid; WHALEY, Joachim (Ed.); ARNKE, Volker (Comp.). *Handbook of Peace in Early Modern Europe*. Berlin; Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2020.

DIOCESE de Osnabrück. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2022]. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Diocese\\_de\\_Osnabr%C3%BCck](https://pt.wikipedia.org/wiki/Diocese_de_Osnabr%C3%BCck). Acesso em: 18 jun. 2022.

DOURLEY, John. Substância Católica e Princípio Protestante: Tillich e o diálogo inter-religioso. *Correlatio*, v. 1, n. 1, p. 27-49, 2002.

DUPUIS, Jacques. O debate atual sobre a teologia das religiões. In: SOARES, Afonso Maria Ligorio (Org.). *Dialogando com Jacques Dupuis*. São Paulo: Paulinas, 2008.

\_\_\_\_\_. *O cristianismo e as religiões: do desencontro ao encontro*. Trad. de Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. *Introdução à cristologia*. Trad. de Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. La teologia del Pluralismo Religioso Rivisitata. *Rassegna di Teologi*, v. 40, n. 5, 1999.

\_\_\_\_\_. *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999.

\_\_\_\_\_. *Verso una teologia cristiana del pluralismo religioso*. Brescia: Queriniana, 1997.

EGGERT, E.; SILVA, M.A.; CAMPAGNARO, S. O amor tudo crê tudo suporta? Conversas (In)docentes. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2021. Acessível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/3254>

EICKHOFF, Jörg. Religions multiples pour mondes multiples? Paul Tillich et Paul Knitter dans le discours pluriel de la théologie des religions. In: BOSS, Marc; LAX, Doris; RICHARD, Jean (Ed.). *Mutations religieuses de la modernité tardive: Actes du XIVe Colloque International Paul Tillich, Marseille, 2001*. Berlin: Lit Verlag, 2002. p. 192-204.

EL OBISPO de Jaén invita, con una pastoral, a celebrar el Día Internacional de la Fraternidad Humana. *Diócesis de Jaén*, 4 fev. 2021. Disponível em: <http://diocesisdejaen.es/el-obispo-de-jaen-invita-con-una-pastoral-a-celebrar-el-dia-internacional-de-la-fraternidad-humana/>. Acesso em: 17 jun. 2022.

ELIADE, Mircea. Paul Tillich e a história das religiões. In: TILLICH, Paul. *El Futuro de las Religiones*. Buenos Aires: Ed. La Aurora, 1976.

ELLIOTT, Neil. *Libertando Paulo: a justiça de Deus e a política do apóstolo*. São Paulo: Paulus, 1998.

FABRO, Cornelio. *Breve introdução ao tomismo*. Belo Horizonte: Edições Cristo Rei, 1997.

FEIGENWINTER, Max. *Dieser Tag ist dein Geschenk*. 2. ed. Eschbach/Markgräferland: Eschbach Schwabenverlag, 2007.

FELDWISCH-DRENTROP, Heinrich; JUNG, Andreas; GROVERMANN, Christian. *Osnabrück – Dom und Domschatz, Die blauen Bücher Cathedral de São Pedro, Osnabrück*. Berlim: Karl Robert Langewische Verlag Sucessor Hans Köster, 1980.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.

FIGUEIREDO, Anísia de Paulo. *Ensino religioso: perspectivas pedagógicas*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.

FISCHER, Louis. *Gandhi*. Trad. de Ricardo Tavares. Lisboa: Editorial Aster, 1960 (Coleção Grandes Biografias).

FLOH, Fábio. Direito Internacional Contemporâneo: elementos para a configuração de um direito internacional neovestfaliana. In: CASELLA, Paulo Borba; CELLI JUNIOR, Umberto; MEIRELLES, Elizabeth de Almeida; POLIDO, Fabrício Bertini Pasquot (Org.). *Direito internacional, humanismo e globalidade*. São Paulo: Atlas, 2009.

FOLLMANN, José Ivo. Ética e tradições religiosas. *Revista Mundo Jovem*. Porto Alegre, ano 48, n. 407, p. 11, 2010.

FORLIN PATRUCCO, M. Edicto de Milán. In: DI BERARDINO A. (ed.). *Diccionario Patrístico y de la Antigüedad Cristiana*. Salamanca: Sígueme, 1991.

FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO (FONAPER). *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso*. 9. ed. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

\_\_\_\_\_. *Caderno de Estudos Integrados do Curso de Extensão de Ensino Religioso n. 7. Capacitação para um novo milênio: o fenômeno religioso nas tradições religiosas de matriz africana*. Curitiba: FONAPER, 2000.

FRAAS, Hans-Jürgen. *A religiosidade humana: compêndio de psicologia da religião*. Trad. de Ilson Kayser e Werner Fuchs. 2. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1997.

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social*. 2020. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html). Acesso em: 20 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Carta Encíclica Laudato Si'*. 2019. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html). Acesso em: 15 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Documento sobre a Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e da convivência comum*. 2019. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vatican-events/pt/2019/2/4/fratellanza-umana.html>. Acesso em: 15 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Mensagem do Papa Francisco aos Participantes no Encontro Internacional Inter-Religioso "Caminhos de Paz"*. 2017. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco\\_20170828\\_messaggio-strade-di-pace.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco_20170828_messaggio-strade-di-pace.html). Acesso em: 17 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Mensagem do Santo Padre Francisco para a Celebração do 50º Dia Mundial da Paz*. 2017. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20161208\\_messaggio-l-giornata-mondiale-pace-2017.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20161208_messaggio-l-giornata-mondiale-pace-2017.html). Acesso em: 17 maio 2022.

\_\_\_\_\_. *O Espírito de São Francisco*. Palavras inspiradoras do Papa Francisco sobre o santo dos pobres e protetor dos animais. São Paulo: Pensamento, 2015.

\_\_\_\_\_. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FRASCHETTI, Augusto. *La conversione. Da Roma pagana a Roma cristiana*. Bari: Laterza, 1999.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. *Vygotsky e Bakhtin – psicologia da educação: um intertexto*. São Paulo: Ática, 2007.

FRIDLIN, Jairo. *Torá: a lei de Moisés*. São Paulo: Editora Sêfer, 2017.

FRIEDEBURG, Robert von. *Cuius Regio, Eius Religio: os significados ambivalentes da construção do Estado na Alemanha protestante, 1555-1655*. In: HOWARD, Louthan; COHEN, Gary B.; SZABO, Franz, A. J. *Diversidade e dissidência: negociando diferenças religiosas na Europa Central, 1500-1800*. New York: Berghahn Books, 2011. p. 73-91.

\_\_\_\_\_. Algunas consideraciones sobre las construcciones teóricas de la centralización del poder político en la Antigüedad Tardía: Cristianismo, tradición y poder imperial. In: CORTI, Paola; MORENO, Rodrigo; WIDOW, José Luis (Org.). *Historia: entre el pesimismo y la esperanza*. Viña del Mar: Ed. Altazor, 2007. p. 297-308.

FRIEDEL, Egon. *Kulturgeschichte der Neuzeit: Die Krise der europäischen Seele von der schwarzen Pest bis zum ersten Weltkrieg*. München: Beck, 1969.

FRIGHETTO, Renan. *A antiguidade tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações – séculos II-VIII*. Curitiba: Juruá, 2012.

\_\_\_\_\_. *Cultura e poder na antiguidade tardia ocidental*. Curitiba: Juruá, 2000.

FULGENTIUS. De fide ad Petrum 38. In: BIANCO, M. G (Org.). *Fulgenzio de Ruspe. Lecondizioni della penitenza*. La fede. Roma: Città Nuova, 1986. p. 170-171.

\_\_\_\_\_. De fide ad Petrum 37. In: BIANCO, M. G (Org.). *Fulgenzio de Ruspe. Lecondizioni della penitenza*. La fede. Roma: Città Nuova, 1986. p. 170.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Grécia e Roma: vida pública e vida privada. Cultura, pensamento mitologia, amor e sexualidade*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

GAARDER, Jostein. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GALVÃO, Ramiz. *Vocabulário etymológico, orthographico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco. Alves, 1909.

GARCIA, Marcelo. *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora, 1999.

GARCIA-VILLOSLADA, Ricardo. *Martín Lutero II: En lucha contra Roma*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2008.

GATTI, Bernardete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília, DF: Liber Livro, 2005.

GAUDIUM ET SPES. In: VIER, Frei Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1968.

GEFFRÉ, Claude. *De Babel a Pentecostes: ensaios de teologia inter-religiosa*. Trad. de Margarida Maria Cicchelli Oliva. São Paulo: Paulus, 2013.

\_\_\_\_\_. A crise da identidade cristã na era do pluralismo religioso. *Revista Concilium*, v. 311, n. 3, p. 13-28, 2005.

\_\_\_\_\_. Para uma nova teologia das religiões. In: GIBELLINI, Rosino (Ed.). *Perspectivas teológicas para o século XXI*. Trad. de Carlos Felício e Roque Frangiotti. Aparecida, SP: Santuário, 2005.

\_\_\_\_\_. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia*. Trad. de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. La théologie des religions ou le salut d'une humanité plurielle. *Raisons Politiques*, n. 4, p. 104-120, 2000.

\_\_\_\_\_. Le pluralisme religieux et l'indifférentisme, ou le vrai défi de la théologie chrétienne. *Revue Théologique de Louvain*, v. 31, p. 3-32, 2000.

\_\_\_\_\_. La verdad del cristianismo en la era del pluralismo religioso. *Selecciones de Teología*, v. 37, n. 146, p. 135-144, 1998.

\_\_\_\_\_. La place des religions dans le plan du salut. *Spiritus. Expérience et Recherche Missionnaire*, n. 138, 1995.

\_\_\_\_\_. A fé na era do pluralismo religioso. In: TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto (Org.). *Diálogo de pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1993.

GEHRKE, Mirjam. 1961: Fundação da Anistia Internacional. DW, [2022?]. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1961-funda%C3%A7%C3%A3o-da-anistia-internacional/a-834909>. Acesso em: 4 jun. 2020.

GEISLER, Norman L. *Enciclopédia de apologética*. São Paulo: Vida, 2002.

GERHARD, Müller. Martin Luther. In: NOVA BIOGRAFIA ALEMÃ (NDB). Berlim: Duncker & Humblot, 1987. p. 549-561. v. 15.

GIBELLINI, Rosino. O livro do papa sobre Jesus no conflito das interpretações. *Revista Concilium*, n. 326, 2008.

GILSON, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GIORDANI, M. C. *História da Grécia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

GODOY, Mariana de. *Santa Dulce dos Pobres: a vida, a fé e a santidade do anjo bom da Bahia*. Rio de Janeiro: Petra Editora, 2019.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia*, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2003.

GORDON, Kelly. *The origins of the Westphalian Sovereignty*. Senior Seminar Thesis Papers, Western Oregon University, 2008.

GROSS, Leo. The peace of Westphalia, 1648-1948. *American Journal of International Law*, v. 42, n. 1, p. 20-41, 1948.

GROTIUS, Hugo. *O direito da guerra e da paz*. Trad. de Ciro Mioranza. 2. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2006. 2 v.

GRUEN, Wolfgang. *O ensino religioso nas escolas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GUIMARÃES, Irineu Rezende. *Correspondência com Irene: meditações de um Cristão sobre a paz e a não violência*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2019.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Aprender a educar para a paz: instrumental para capacitação de educadores em educação para a paz*. Goiás: Editora Rede da Paz, 2006.

\_\_\_\_\_. *Cidadãos do presente: crianças e jovens na luta pela paz*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

\_\_\_\_\_. *Educação para a paz: sentidos e dilemas*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2005.

\_\_\_\_\_. *A new world is possible: ten good reasons to educate for peace, practice tolerance, promote interfaith dialogue, be in solidarity and promote human rights*. London: World Association for Christian Communication, 2005.

\_\_\_\_\_. *Um novo mundo é possível: dez boas razões para educar para a paz, praticar a tolerância, promover o diálogo inter-religioso, ser solidário, promover os direitos humanos*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2004.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Cultura de paz: guia para a transformação social*. São Paulo: Salesiana, 2004.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende; PINHEIRO, Leandro. *Tribos nas trilhas da cidadania: histórias e guias para o voluntariado juvenil*. Porto Alegre: ONG Parceiros Voluntários, 2004.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação: perspectivas*. 5. ed. Trad. de Jorge Soares. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

HAMMES, Érico João. *Filii in Filio*: a divindade de Jesus como Evangelho da filiação no seguimento: um estudo em J. Sobrino. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

HAMMES, Érico João; BOLDORI, Mateus. Cristologia: um caminho para a paz. In: CONGRESSO ESTADUAL DE TEOLOGIA, I, São Leopoldo, RS, 2013. *Anais [...]*. São Leopoldo, 2013.

HATCHER, Willian; MARTIN, Douglas. *A Fé Bahá'í*: o emergir da religião global. São Paulo: Planeta Paz, 2006.

HEINRICH, Fausel. *D. Martin Luther*: vida e obra. Neuhausen-Stuttgart: Hänssler, 1996. 2 v.

HELD, Thomas; CZADA, Roland. *Religionen und Weltfrieden. Friedens und Konfliktlösungspotentiale von Religionsgemeinschaften*. Stuttgart: Kohlhammer Verlag, 2013.

HERMIDA, Juan M. Guzmán. Introdução geral. In: ISÓCRATES. *Discursos I*. Madrid: Editorial Gredos, 1979. p. IX-XXXII

HERRMANN, Horst. *Martin Luther*: eine Biographie. Berlim: Aufbau-Taschenbuch-Verlag, 2003.

HICK, John. *Uma interpretação da religião*: respostas humanas ao Transcendente. Trad. de Agnaldo Cuoco Portugal. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

\_\_\_\_\_. Pluralismo religioso e islã. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 183, 2010.

\_\_\_\_\_. *An Interpretation of Religion*: human responses to the transcendent. 2. ed. New Haven; London: Yale University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. *A metáfora de Deus encarnado*. Trad. de Luis Henrique Dreher. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. *God has many names*. Philadelphia: The Westminster, 1982.

HILLGARTH, Jocelyn Nigel. *Cristianismo e paganismo (350-750)*: a conversão da Europa Occidental. São Paulo: Madras, 2004.

HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. Trad. de Rosina D'Angina. São Paulo: Martin Claret, 2014.

\_\_\_\_\_. *Do cidadão*. Trad. de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Saraiva, 2002.

HUCK, Hermes Marcelo. *Da guerra justa à guerra econômica*: uma revisão sobre o uso da força em direito internacional. São Paulo: Saraiva, 1996.



HURLBUT, Jesse Lyman. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida, 1979.

INAUGURADA a Cátedra *Gaudium et Spes*, o Papa: um benefício para toda a Igreja. *Vatican News*, 2018. Disponível em:

<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-01/inaugurada-a-catedra-gaudium-et-spes--o-papa--um-beneficio-para-.html>. Acesso em: 15 jun. 2022.

INGRAO, Charles; SAMARDŽIĆ, Nikola; PEŠALJ, Jovan. *The Peace of Passarowitz, 1718*. West Lafayette: Purdue University Press, 2011.

JARES, Xesús R. *Educação para a paz: sua teoria e sua prática*. 2. ed. Trad. de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JEFFERS, James S. *Conflito em Roma*. São Paulo: Loyola, 1995.

JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1986.

JESSEN, Hans. *Der Dreißigjährige Krieg i Augenzeugenberichten*. Darmstadt: DBG, 1966.

JIMÉNEZ-PEDRAJAS, Rafael. Milán, Edicto de. In: GRAN ENCICLOPEDIA RIALP. 2. ed. Madrid: Rialp, 1979. p. 816-817. v. XV.

JOÃO PAULO II, Papa. *Mensagem de Sua Santidade João Paulo II para a celebração do XXXVII Dia Mundial da Paz*. 2004. Disponível em:

[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_20031216\\_xxxvii-world-day-for-peace.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_20031216_xxxvii-world-day-for-peace.html). Acesso em: 20 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Homilia*. Solenidade da Santíssima Mãe de Deus. XXXV Dia Mundial da Paz. 2002. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2002/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_20020101\\_madre-di-dio.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2002/documents/hf_jp-ii_hom_20020101_madre-di-dio.html). Acesso em: 20 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Mensagem de Sua Santidade João Paulo II para a celebração do XXXV Dia Mundial da Paz*. 2002. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_20011211\\_xxxv-world-day-for-peace.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_20011211_xxxv-world-day-for-peace.html). Acesso em: 20 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Apostolic Journey of His Holiness John Paul II to the United States of America. The Fiftieth General Assembly of the United Nations Organization*. 1995. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/en/speeches/1995/october/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_05101995\\_address-to-uno.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/en/speeches/1995/october/documents/hf_jp-ii_spe_05101995_address-to-uno.html). Acesso em: 20 jun. 2022.

JOÃO XXIII, Papa. *Carta encíclica Pacem in Terris: a paz dos povos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

JUNQUEIRA, Sérgio; WAGNER, Raul. *O ensino religioso no Brasil*. 2. ed. Curitiba: Champagnat, 2011.

JUSTO, L. Gonzalez. *The Story of Christianity*. New York: HarperCollins, 2010. v. I: The Early Church to the Reformation.

Justiça e paz [recurso eletrônico] : desafios teológicos – Festschrift em homenagem ao professor Erico João Hammes / Tiago de Fraga Gomes, Bernhard Grümme, Aline Amaro da Silva Organizadores. – Porto Alegre : Editora Fundação Fênix, 2023

KÄRKKLÄINEN, Veli-Matti. *Trinity and religious pluralism*. London: Routledge, 2017.

KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

KERSSENBROCH, Hermann von. *Narrative of the Anabaptist Madness: The Overthrow of Münster, the Famous Metropolis of Westphalia*. Leiden: Brill Academic Publishers, 2007.

KING JUNIOR, Martin Luther. *As palavras de Martin Luther King*. Trad. de Maria Luiza A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

KLEIN, Remí; BRANDENBURG, Laude Erandi; WACHS, Manfredo Carlos (Org.). *Ensino religioso: diversidade e identidade*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2008.

KLINGER, Elmar. *Jesus e o diálogo das religiões: o projeto do pluralismo*, Aparecida, SP: Ed. Santuário, 2010.

KLÖTZER, Ralf. The Melchiorites and Münster. In: ROTH, John; STAYER, James (Ed.). *A Companion to Anabaptism and Spiritualism, 1521-1700*. Leiden: Brill, 2007. p. 217-256.

KNITTER, Paul F. O mistério último é sempre maior. *Revista IHU On-Line*, 2012. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/505638-o-misterio-ultimo-e-sempre-maior-artigo-de-paul-knitter>. Acesso em: 10 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Jesus e os outros nomes: missão cristã e responsabilidade global*. Trad. de Leszek Lech. São Bernardo do Campo, SP: Nhanduti, 2010.

\_\_\_\_\_. *Introdução às teologias das religiões*. Trad. de Luiz Fernando Gonçalves Pereira. São Paulo: Paulinas, 2008.

\_\_\_\_\_. O cristianismo como religião verdadeira e absoluta? Perspectiva católico-romana. *Revista Concilium*, Petrópolis, n. 156, 2008.

\_\_\_\_\_. Para uma teologia da libertação das religiões. In: HICK, John; KNITTER, Paul F. *The Myth of Christian Uniqueness. Toward a Pluralistic Theology of Religions*. Maryknoll, New York: Orbis Book, 1987. p. 178-200.

KNOST, L. R. *Jesus, the Gentle Parent: Gentle Christian Parenting*. [S.l.]: Little Hearts Handbook, 2014.

KOERNER, Bernhard. Die Soldaten sind ganz arm, bloss, nackend, ausgemattet – Lebensverhältnisse und Organisationsstruktur der militärischen Gesellschaft während des Dreißigjährigen Krieges. In: BUßMANN, Klaus; SCHILLING, Heinz (Ed.). 1648.

*Krieg und Frieden in Europa*. Münster/Osnabrück: Ausstellungskatalog, 1998.

KONVITZ, Milton R. *Fundamental liberties of a free people: religion, speech, press, assembly*. 2. ed. New York: Cornell University Press, 1962.

KÜNG, Hans. *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*. Campinas, SP: Verus, 2004.

\_\_\_\_\_. *Grandes pensadores cristianos*. Madrid: Editorial Trotta, 1995.

\_\_\_\_\_. Paz mundial – religião mundial – ethos mundial. *Revista Concilium*, Petrópolis, n. 253, n. 3, 1994.

\_\_\_\_\_. *Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1992.

\_\_\_\_\_. Em busca de um "ethos" mundial das religiões universais. *Revista Concilium*, Petrópolis, n. 228, n. 2, 1990.

\_\_\_\_\_. *Teología para la postmodernidad: fundamentación ecuménica*. Madrid: Alianza Editorial, 1989.

\_\_\_\_\_. Para uma teologia ecumênica das religiões. *Concilium*, Petrópolis, n. 203, n. 1, 1986.

\_\_\_\_\_. O cristianismo como religião verdadeira e absoluta? *Concilium*, Petrópolis, n. 156, n. 6, 1980.

\_\_\_\_\_. *Ser cristão*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. Catholicism: The Freedom of Religions. In: THOMAS, Owen. C. (Org.). *Attitudes toward other religions: some Christian interpretations*. London: S.C.M. Press, 1969.

KUNRATH, Pedro Alberto. O mistério da graça divina e a colaboração humana no processo da justificação. *Teocomunicação*, v. 37, n. 156, p. 187-202, 2007.

\_\_\_\_\_. A graça segundo o espírito da primeira Carta de São João. *Teocomunicação*, n. 61, p. 282-287, 1983.

LACTANCE. *De la mort des persécuteurs II*. Paris: Éditions du Clerf, 1954.

\_\_\_\_\_. *De la mort des persécuteurs*. Trad. de Jacques Moreau. Paris: Les Éditions du Cerf, 1954.

LANGER, Herbert. Heeresfinanzierung, Produktion und Märkte für die Kriegsführung. In: BUßMANN, Klaus. SCHILLING, Heinz (Ed). *1648. Krieg und Frieden in Europa*. Münster/Osnabrück: Ausstellungskatalog, 1998.

LANGEVIN, Giles; PIRRO, Raphaël. *Le Christ et les cultures. Dans le monde et l'histoire*. Quebec: Les Éditions Belarmin, 1991.

LECLERC, Eloi. *Francisco de Assis: O retorno ao evangelho*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

LENTSMAB, Iakov. *A origem do cristianismo*. Lisboa: Caminho, 1988.

LÉON-DUFOUR, Xavier. Paz. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (dir.). *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

LESAFFER, Randall. The Westphalia peace treaties and the development of the tradition of great European peace treaties prior to 1648. *Grotiana*, v. 18, p. 71-95, 1997.

LIBÂNIO, João Batista. Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento. *IHU-Cadernos Teologia Pública*, São Leopoldo, RS, n. 16. 2005.

\_\_\_\_\_. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. Extra Ecclesiam Nulla Salus. *FAJE-Perspectiva Teológica*: Belo Horizonte, v. 5, n. 9, 1973.

LIENEMANN-PERRIN, Cristine. *Missão e diálogo inter-religioso*. Trad. de Walter O. Schlupp. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2005.

LIMA, Oliveira. *História da civilização*. São Paulo: Melhoramentos, 1922.

LO JACONO, Cláudio. *Islamismo: história, preceitos, festividades, divisões*. São Paulo: Globo, 2002.

LOCKE, John. *Carta sobre a tolerância*. Trad. de F. Fortes e W. Ferreira Lima. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LOQUE, Flávio Fontanelle. *Os fundamentos da tolerância religiosa em John Locke*, 2019. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

LOT, Ferdinand. *O fim do mundo antigo e o princípio da Idade Média*. Lisboa: Edições 70, 1968.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo, RS: Sinodal; Canoas: Editora da ULBRA, 1987. v. 8: Os Primórdios. Escritos de 1517 a 1519.

LYNDAL, Roper. *O homem Martin Luther: a biografia*. 4. ed. Frankfurt: S. Fischer, 2016.

MACEDO, Paulo Emilio Vauthier Borges de. *O nascimento do direito internacional*. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2009.

MACKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MALINA, Bruce J. *O evangelho social de Jesus: o reino de Deus em perspectiva Mediterrânea*. São Paulo: Paulus, 2004.

MANDELA, Nelson. *Autobiografia de Nelson Mandela*. Um longo caminho para a liberdade. Trad. de Victor Antunes. 5. ed. Lisboa: Planeta, 2012.

MARIA, Karla *Irmã Dulce: a santa brasileira que fez dos pobres sua vida*. São Paulo: Paulus, 2019.

MARINI, Alfredo E. A graça: dom de Deus em pessoa. *Teocomunicação*, n. 62, p. 386-392, 1983.

MARKUS, Cledes. Culturas e religiões: implicações para o ensino religioso. *Cadernos do COMIN*, n. 9, São Leopoldo, RS, 2002. Disponível em: <https://comin.org.br/wp-content/uploads/2019/08/culturas-e-religioes-1206992757.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MARQUES, Luiz Carlos Luz (Org.). Introdução geral às circulares conciliares. In: CAMARA, Helder. *Vaticano II: correspondência conciliar*. Circulares à família do São Joaquim, 1962-1964. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2004. v. I: 1962-1964.

MARSHALL, Peter. *Reforma protestante: uma breve introdução*. Porto Alegre: L&PM, 2017.

MARTINA, Giacomo. *História da igreja: de Lutero aos nossos dias*. São Paulo: Loyola, 1997. v. 1: A era da Reforma.

MASCARENHAS, Constancio. Mahatma Gandhi. *Seara Nova*, Lisboa, n. 67, 1926.

MERKEL em #stradedipace: parar os traficantes de morte, abrir os canais legais. Obrigado a Sant'Egídio pelos #corridoiumanitari. 2017. Disponível em: <https://www.santegidio.org/pageID/30284/langID/pt/itemID/22292/MERKEL-em--stradedipace-parar-os-trafficantes-de-morte-abrir-os-canais-legais-Obrigado-a-Sant-Egídio-pelos-corridoiumanitari.html>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MIEHL, Melanie. *O que é o Islã? Perguntas e respostas*. Trad. de Nélio Schneider. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2005.

MIETH, Dietmar. *Verbete "Mística"*. In: DICIONÁRIO de Conceitos Fundamentais de Teologia. São Paulo: Paulus, 1999.

MILANI, Feizi Masrour; JESUS, Rita de Cássia Pereira de. *Cultura da paz: estratégias, mapas e bússolas*. Salvador: INPAZ, 2003.

MINAYO, Maria C. de Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos de. É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 4, n. 1, 1999. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-81231999000100002>.

MIRANDA, Valtair A. *Lutero: história, poder e palavra*. São Paulo: Fonte Editorial, 2018.

MIYAMOTO, Shiguenoli. O idealismo e a paz mundial. In: BEDIN, Gilmar Antonio et al. *Paradigma das relações internacionais*. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2000.

MOHRMANN, Ruth-Elisabeth. *Alltag in Krieg und Frieden*. In: BUßMANN, Klaus; SCHILLING, Heinz (Ed.). *1648 Krieg und Frieden in Europa*. Münster/Osnabrück: Ausstellungskatalog, 1998.

MOLTMANN, Jürgen. *Ética da esperança*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2004.

\_\_\_\_\_. *La iglesia fuerza del Espíritu. Hacia una ecclesiólogía mesiánica*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1978.

MONTESSORI, Maria. *A educação e a paz*. Trad. de Sonia Maria Alvarenga Braga. Campinas, SP: Papirus, 2004.

MORAES, Alexandre de. *Direito constitucional*. 17. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

\_\_\_\_\_. *Constituição do Brasil interpretada e legislação constitucional*. São Paulo: Atlas, 2002.

MORALI, Ilaria. *La salvezza dei non cristiani. L'influsso di Henri de Lubac sulla dottrina del Vaticano II*. Bologna: EMI, 1999.

MOREIRA, Letícia de Sousa; BRANCO, Angela Uchoa Branco. Cultura de paz, moralidade e virtudes cívicas: contribuições da psicologia cultural. *Psicologia Argumento*, v. 30, n. 68, p. 161-170, 2017. Doi: <https://doi.org/10.7213/psicol.argum.5894>.

MOSSÉ, Claude; JONES, Peter V. (Org.). *Atenas: a história de uma democracia*. Brasília, DF: Editora UnB, 1979.

MOSSÉ, Claude; RAMALHETE, Carlos; TELLES, André. *Dicionário da civilização grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MULLER, Jean-Marie. *O princípio da não violência: uma trajetória filosófica*. Trad. de Inês Polegato. São Paulo: Palas Athena, 2007.

"NÃO SE SALVAR Sozinhos abre o caminho para visões partilhadas e um sonho sobre a humanidade". Andrea Riccardi no Encontro Internacional "Ninguém se salva sozinho". 2020. Disponível em: <https://preghieraperlapace.santegidio.org/pageID/31256/langID/pt/text/3608/Intervento-di-Andrea-Riccardi.html>. Acesso em: 20 jun. 2022.

NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro. A moral de Santo Tomás de Aquino: a segunda parte da Suma de Teologia. In: COSTA, Marcos Roberto Nunes; BONI, Luis Alberto de. (Org.). *A ética medieval face aos desafios da contemporaneidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

NERI, Valerio. Costantino e le guerre civile. Storia e storiografia. In: CONSTANTINO, I. *Enciclopédia Constantiniana. Sulla Figura e l'immagine dell' imperatore delcosiddeto Edditto di Milano*. Roma: Intituto della Enciclopedia Italiana, 2013. v. I.

NEVES, Edson Pereira. *Dar de si*. Porto Alegre: AGE, 2013.

NEVES, José Roberto de Castro. *Como os advogados salvaram o mundo: a história da advocacia e suas contribuições para a humanidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância religiosa*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. de Yara Aun Houry. *Revista Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Lílian et al. *Ensino religioso: no Ensino Fundamental*. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, Luciano. *Imagens da democracia: os direitos humanos e o pensamento político de esquerda no Brasil*. Recife: Pindorama Editora, 1995.

OLIVEIRA, Odete Maria de (Coord.). *Relações internacionais e globalização: grandes desafios*. 2. ed. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 1999.

\_\_\_\_\_. *Relações internacionais: estudos de introdução*. Curitiba: Juruá, 2001.

\_\_\_\_\_. *Relações internacionais: breves apontamentos e contextualização*. In: OLIVEIRA, Odete Maria de (Coord.). *Relações internacionais & globalização: grandes desafios*. 2. ed. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 1999. p. 15-66.

\_\_\_\_\_. *União europeia: processos de integração e mutação*. Curitiba: Juruá, 1999.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Objetivo 16: Paz, Justiça e Instituições Eficazes. In: ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)*. 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/16>. Acesso em: 18 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Declaração sobre os direitos das pessoas pertencentes a minorias nacionais ou étnicas, religiosas e linguísticas*. 1992. Disponível em: [https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/declaracao\\_minorias.pdf](https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/declaracao_minorias.pdf). Acesso em: 18 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Declaração sobre a eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação fundadas na religião ou nas convicções*. 1981. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/discrimina/religiao.htm>. Acesso em: 18 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 18 jun. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). *Cultura de paz: da reflexão à ação; balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo*. Brasília, DF: UNESCO; São Paulo: Associação Palas Athena, 2010. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000189919?locale=en>. Acesso em: 18 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Declaração de princípios sobre a tolerância*. 1995. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/paz/dec95.htm>. Acesso em: 18 jun. 2022.

OSIANDER, Andreas. Sovereignty, international relations, and the Westphalian myth. *International Organization, Cambridge Journals*, v. 2, n. 55, 2001.

OSNABRÜCK-Altstadt: Der Bürgerbrunnen. [2022?]. Disponível em: <https://www.osnabrueck-fuehrungen.de/weiterleitungen-links-osnabr%C3%BCck-stadt-osnabr%C3%BCcker-land-und-weiteres-mehr/altstadt-osnabr%C3%BCck/b%C3%BCrgerbrunnen/>. Acesso em: 4 jun. 2020.



OSNABRÜCK. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2021]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Osnabruque>. Acesso em: 18 jun. 2022.

PÁDUA, Marsílio de. *O defensor da paz*. Trad. de José Antônio Camargo Rodrigues de Souza. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

PAGOLA, José Antônio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. Palestras proferidas no encontro sobre Ecoteologia realizado em Brasília (DF) nos dias 16 e 17 de setembro de 2017. Organização Moema Miranda  
Edição/diagramação: Osnilda Lima.

PANIKKAR, Raimon. *Ícones do mistério: a experiência de Deus*. Trad. de Pedro Lima Vasconcellos. São Paulo: Paulinas, 2007.

\_\_\_\_\_. *Sobre el diálogo intercultural*. Salamanca: Editorial San Esteban, 1990.

PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia sistemática*. Trad. de Ilson Kayser. Santo André, SP: Academia Cristã; Paulus, 2009. v. II.

PARKER, Geoffrey (Ed.). *La Guerra de los Treinta Años*. Madrid: Antonio Machado Libros, 2003.

PARLAMENTO DAS RELIGIÕES DO MUNDO (CPWR). Declaração do Parlamento das Religiões do Mundo, solenemente proclamada em 4 de set de 1993. In: KÜNG, Hans; SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidade globais: duas declarações*. São Paulo, Loyola, 2001.

PASSOS, João Décio. *Ensino religioso: construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2007.

PAULO VI, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi: sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. 15. ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

\_\_\_\_\_. *Carta Encíclica Populorum Progressio*. 1967. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_26031967\\_populorum.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html). Acesso em: 20 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes. Sobre a Igreja no mundo atual*. 1965. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html). Acesso em: 20 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Declaração Dignitatis Humanae sobre a liberdade religiosa*. 1965. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651207\\_dignitatis-humanae\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651207_dignitatis-humanae_po.html). Acesso em: 20 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Declaração Gravissimum Educationis sobre a educação cristã*. 1965.

Disponível em:

[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_gravissimum-educationis\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html). Acesso em: 20 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. *Declaração Nostra Aetate sobre a Igreja e as religiões não cristãs*. 1965.

Disponível em:

[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_gravissimum-educationis\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html). Acesso em: 20 jun. 2022.

PEARSON, Robert A. Pearson's introduction. In: MORGAN, Christopher W. (Org.). *Faith comes by hearing*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2008.

PETIT, Paul. *A paz romana*. São Paulo: Edusp, 1989.

PHILIPPI, Friedrich et al. *Livro de documentos de Osnabrück*. Osnabrück, 1892-1996. v. VI: Cidade de Osnabrück 1301-1400.

\_\_\_\_\_ et al. *Livro de documentos de Osnabrück*. Osnabrück, 1892-1996. v. VII: Mosteiro de Börstel.

\_\_\_\_\_ et al. *Livro de documentos de Osnabrück*. Osnabrück, 1892-1996. v. V: Mosteiro de Iburg.

PHILPOTT, Daniel. Westphalia, authority, and international society. *Political Studies*, v. 47, n. 3, p. 566-589, 1999.

PIAZZA, Waldomiro Octavio. *Introdução à fenomenologia religiosa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

Piletti, Nelson. Piletti, Claudino. *História e Vida integrada*. 2008. Editora ática.

PINNOCK, Clark. *A wideness in God's mercy: the finality of Jesus Christ in a world of religions*. Grand Rapids: Zondervan, 1992.

PIO, João Gabriel; BRITO, Ana Carolina Santos; GOMES, Alexandre Lopes.

Criminalidade na cidade do Rio de Janeiro (RJ). *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 36, n. 106, 2021.

PIOVESAN, Flávia. *Temas de direitos humanos*. São Paulo: Max Limonad, 1998.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. *Diálogo e anúncio*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1999.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO; CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. *Diálogo e anúncio*. 1991. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/interelg/documents/rc\\_pc\\_interelg\\_doc\\_19051991\\_dialogue-and-proclamatio\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_19051991_dialogue-and-proclamatio_po.html). Acesso em: 20 jun. 2022.

PORTO ALEGRE. *Lei Municipal n. 10.372, de 25 de janeiro de 2008*. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/porto-alegre/lei-ordinaria/2008/1038/10372/lei-ordinaria-n-10372-2008-reconhece-o-grupo-de-dialogo-inter-religioso-de-porto-alegre-dirpoa-como-entidade-cuja-finalidade-e-prestar-assistencia-espiritual-e-liturgica-celebrativa-em-eventos-oficiais-e-nao-oficiais-no-municipio-de-porto-alegre-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 20 jun. 2022.

POVOS e religiões unidos pela paz: Papa Francisco, Mattarella e líderes religiosos juntos no Capitólio – apelo aos responsáveis dos Estados. 2020. Disponível em: <https://preghieraperlapace.santegidio.org/pageID/3/langID/pt/itemID/4424/Popoli-e-religioni-uniti-per-la-pace-papa-Francesco-Mattarella-e-i-leader-religiosi-insieme-in-Campidoglio--appello-ai-responsabili-degli-Stat.html>. Acesso em: 20 jun. 2022.

QUEIRUGA, Andrés Torres. O diálogo das religiões no mundo atual. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 183, 2010.

\_\_\_\_\_. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2001.

\_\_\_\_\_. *Um Deus para hoje*. São Paulo: Paulus, 1998.

\_\_\_\_\_. *O diálogo das religiões*. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. *A revelação de Deus na realização humana*. São Paulo: Paulus, 1995.

\_\_\_\_\_. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*. São Paulo: Paulinas, 1993.

RAHNER, Karl. *O cristão do futuro*. Trad. de Paulo Arantes. São Paulo: Fonte Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. Trad. de Alberto Costa. São Paulo: Paulus, 1989.

\_\_\_\_\_. Chiesa e mondo. In: RAHNER, Karl. *Sacramentum mundi*. Bréscia: Morcelliana, 1974. v. 3. p. 191-218.

\_\_\_\_\_. *O homem e a graça*. São Paulo: Paulinas, 1970.

\_\_\_\_\_. Los cristianos anónimos. In: RAHNER, Karl. *Escritos de teología*. Madrid: Taurus, 1969. v. 6. p. 535-544.

\_\_\_\_\_. *Teologia e antropologia*. São Paulo: Paulinas, 1969.

\_\_\_\_\_. *Graça divina em abismos humanos*. Herder: São Paulo, 1968.

\_\_\_\_\_. Cristianesimo e religione non cristiani. In: RAHNER, Karl. *Saggi di antropologia soprannaturale*. Roma: Paoline, 1965. p. 533-571.

RAMOS, William Marcos. *Modelos de ensino religioso: contribuições das ciências da religião para a superação da confessionalidade*. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*. Trad. de Bruno Bastos Lins. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2017.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: de Freud à atualidade*. São Paulo: Paulus, 2006. v. 7.

REICH, E. (Ed.). *The Religious Peace of Augsburg, 1555*. 1905. Disponível em: <https://pages.uoregon.edu/sshoemak/323/texts/augsburg.htm>. Acesso em: 20 jun. 2022.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. *Religião, democracia e direitos humanos: presença pública inter-religiosa no fortalecimento da democracia e na defesa dos direitos humanos no Brasil*. São Paulo: Relexão, 2016.

\_\_\_\_\_. *Pluralismo e libertação*. São Paulo: Paulinas, 2014.

\_\_\_\_\_. Religiões e salvação: indicações para o diálogo inter-religioso na teologia de Paul Tillich. *Numen*, v. 3, n. 2, 2000.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira; ARAGÃO, Gilbráz; PANASIEWICZ, Roberlei (Org.). *Dicionário do pluralismo religioso*. São Paulo: Recriar, 2020.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira; CATENACI, Giovanni. *O pluralismo religioso em debate*. São Paulo: Reflexão, 2017.

RICCARDI, Andrea. *A força desarmada da paz*. São Paulo: Editora Paulinas, 2018.

\_\_\_\_\_. *The Sant'Egidio. Book of Prayer*. Washington: Ave Maria Press, 2009.

\_\_\_\_\_. *Living Together*. London: New City, 2008.

RICOEUR, Paul. *Em torno ao político*. São Paulo: Loyola, 1995.

ROCCA, Roberto Morozzo Della. *Making Peace: The Role Played by the Community of Sant'Egidio in the International Arena*. Hyde Park, NY: New City Press, 2013.

ROCHA PINTO, Paulo Gabriel Hilu. *Islã – religião e civilização: uma abordagem antropológica*. Aparecida, SP: Santuário, 2010.

ROCHA, Graciliano. *Irmã Dulce, a santa dos pobres*. São Paulo: Planeta, 2019.

RODRIGUES, Edile Maria Fracaro; SCHLÖGL, Emerli; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. *Alteridade, culturas & tradições: atividades do ensino religioso para o Ensino Fundamental*. São Paulo: Cortez, 2009.

ROMANO, Roberto. Paz da Westfália (1648). In: MAGNOLI, Demétrio (org.). *História da Paz*. São Paulo: Contexto, 2008.

RUEDELL, Pedro. *Trajetória do ensino religioso no Brasil e no Rio Grande do Sul: legislação e prática*. Porto Alegre: Sulina; Canoas: Unilassale, 2005.

RUNDER Tisch der Religionen in Osnabrück. [2022?]. Disponível em: <https://www.osnabrueck.de/friedenskultur/kultur-des-friedens/die-welt-der-religionen/runder-tisch-der-religionen-in-osnabrueck#:~:text=Der%20Runde%20Tisch%20der%20Religionen,zwischen%20und%20in%20den%20Religionsgemeinschaften>. Acesso em: 17 jun. 2022.

RUSPE, Fulgêncio de. *Le condizioni della penitenza la fede*. Roma: Città Nuova, 1986.

SÃO PAULO. *Lei n. 17.346, de 12 de março de 2021*. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2021/lei-17346-12.03.2021.html>. Acesso em: 19 maio 2022.

SAVIANI, Dermeval. *A nova lei da Educação (LDB): trajetória, limites e perspectivas*. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

SCHILLEBEECKX, Edward. Religião e violência. *Concilium*, Petrópolis, n. 272, 1997.

SCHMIDT, Hans Paul; SENANCET, Dieter. *Ethik und Religionsunterricht. Thema: Frieden*. Stuttgart: Kohlhammer T-Reihe, 1980.

SCHÜLER, Arnaldo. *Dicionário enciclopédico de teologia*. Canoas: Editora da Ulbra, 2002.

SCHULSTIFTUNG IM BISTUM OSNABRÜCK. *Interreligiöser Dialog: Drei-Religionen-Schule Osnabrück*. [2022?]. Disponível em: <https://www.schulstiftung-os.de/paedagogik-profil/profil/anderen-vertrauen/interreligioeser-dialog-drei-religionen-schule-osnabrueck>. Acesso em: 20 jun. 2022.

SCHWANTES, Milton. *Deus vê, Deus ouve!* São Leopoldo, RS: Oikos, 2009.

SCOGNAMIGLIO, Rosario; DANIELI, Maria Ignazia. (Org.). *Omèlie su Giosuè*. Roma: Città Nuova, 1993.

SEFFNER, Fernando. *Da Reforma à Contrarreforma: o cristianismo em crise*. 7. ed. São Paulo: Editora, 1993.

SENADO FEDERAL. *Direitos humanos: atos internacionais e normas correlatas*. 4. ed. Brasília, DF: Senado Federal, 2013. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/508144/000992124.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2022.

SILVA, Alberto da Costa e. *A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

SILVA, Daniel Neves. O que foi a Pax Romana? *Brasil Escola*, [2022?]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-a-pax-romana.htm>. Acesso em: 4 jun. 2020.

SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco. Diocleciano e Constantino: a construção do Dominato. In: SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco (Org.). *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória, ES: EDUFES, 2006.

SILVA, Marinilson. *Em busca do significado do ser professor do ensino religioso*. João Pessoa, PB: Ed. Universitária UFPB, 2010.

SILVA, Valmor (Org.). *Ensino religioso – educação centrada na vida: subsídio para formação de professores*. São Paulo: Paulus, 2004.

SINNER, Rudolf von. *Confiança e convivência: reflexões éticas e ecumênicas*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2007.

SMITH, Wilfrid Cantwell. *O sentido e o fim da religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.  
SOARES, Afonso Maria Ligório (Org.). *Dialogando com Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2009.

SOARES, Guido Fernando Silva. *Direito internacional*. São Paulo: Atlas, 2002.

SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador: a história de Jesus de Nazaré*. 2. ed. Trad. de Jaime A. Classen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

STEIL, Carlos Alberto. O diálogo inter-religioso numa perspectiva antropológica. In: TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto (Org.). *Diálogo de pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1993.

STÜMKE, Volker. *Martin Luther's Understanding of Peace*. Grundlagen und Anwendungsbereiche seiner politischen Ethik. Stuttgart: Kohlhammer, 2007.

SULLIVAN, Francis A. *¿Hay salvación fuera de la Iglesia?* Bilbao: Desclée, 1999.

SUSIN, Luis Carlos. *Refletindo o percurso*. Um clamor e uma luz que vem de toda parte. *Concilium*, Petrópolis, RJ, n. 319, 2007.

SUSIN, Luiz Carlos. A boa-notícia aos pobres: um critério de identidade cristã. In: SOARES, Afonso Maria Ligório (Org.). *Dialogando com Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 157-178.

\_\_\_\_\_. O absoluto nos fragmentos: a universalidade da revelação nas religiões. In: TOMITA, Luiza; BARROS, Marcelo; VIGIL, José María (Org.). *Pluralismo e libertação: por uma teologia latino-americana pluralista a partir da fé cristã*. São Paulo: Loyola, 2005.

TEIXEIRA, Faustino. *Religiões & espiritualidades*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

\_\_\_\_\_. *Teologia e pluralismo religioso*. São Bernardo do Campo, SP: Nhanduti Editora, 2012.

\_\_\_\_\_. Hermenêuticas em tensão: tempos sombrios para a teologia. *Boletim Rede de Cristãos*, a. XX, n. 234, 2012.

\_\_\_\_\_. Faustino. *Buscadores do diálogo: itinerários inter-religiosos*. São Paulo: Paulinas, 2012.

\_\_\_\_\_. *O pluralismo inclusivo de Jacques Dupuis*. São Paulo: Paulinas, 2010.

\_\_\_\_\_. O irrevogável desafio do pluralismo religioso. In: SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (SOTER) (Org.). *Religiões e paz mundial*. São Paulo: Paulinas, 2010.

\_\_\_\_\_. A dimensão espiritual do diálogo inter-religioso. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 183, 2010.

\_\_\_\_\_. Os buscadores do diálogo. In: TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwínglio Mota. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do possível*. Aparecida, SP: Santuário, 2008.

\_\_\_\_\_. O pluralismo inclusivo de Jacques Dupuis. In: SOARES, Afonso Maria Ligório (Org.). *Diálogo com Jacques Dupuis*. São Paulo: Paulinas, 2008.

\_\_\_\_\_. O diálogo inter-religioso: gênese e significado. In: TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwínglio Mota. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do possível*. Aparecida, SP: Santuário, 2008.

\_\_\_\_\_. A teologia do pluralismo religioso na América Latina. In: VIGIL, José María; TOMITA Luiza E.; BARROS, Marcelo (Org.). *Teologia pluralista libertadora intercontinental*. Trad. de Antônio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2008.

\_\_\_\_\_. Teologia e diálogo inter-religioso. ALMEIDA, Edson Fernando de; LONGUINI NETO, Luiz (Org.). *Teologia para quê?* Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 73-85.

\_\_\_\_\_. O desafio de uma cristologia em chave pluralista. In: VIGIL, José María (Org.). *Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007.

\_\_\_\_\_. Diálogo inter-religioso e educação para a alteridade. In: SCARLATELLI, Cleide C. da Silva; STRECK, Danilo; FOLLMANN, José Ivo (Org.). *Religião, cultura e educação*. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2006.

\_\_\_\_\_. A substância católica e as religiões. *Correlatio*, v. 5, n. 10, 2006.

\_\_\_\_\_. Sonhos e esperanças de cortesia espiritual: um desafio para a Igreja Católica no século XXI. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, RJ, v. 65, n. 260, 2005.

\_\_\_\_\_. O Concílio Vaticano II e o diálogo inter-religioso. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise (Org.). *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004.

\_\_\_\_\_. O desafio do pluralismo religioso para a teologia latino-americana. In: DAMEN, Franz et al. *Pelos muitos caminhos de Deus*. Goiás: Rede, 2003. p. 65-84.

\_\_\_\_\_. *Dominus Iesus* em ação – a notificação sobre o livro de Jacques Dupuis. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, RJ, v. 61, n. 242, 2001.

\_\_\_\_\_. As religiões são marcadas por ambiguidades. *Último Andar – Caderno de Pesquisa em Ciências da Religião*, São Paulo, v. 4, n. 4, 2001.

\_\_\_\_\_. A palavra sagrada nas religiões. In: ALTEMEYER JÚNIOR, Fernando; BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Teologia e comunicação: corpo, palavra e interfaces cibernéticas*. São Paulo: Paulinas, 2001. (Coleção Teologia na Universidade).

\_\_\_\_\_. Do diálogo ao anúncio: reflexões sobre a declaração Dominus Iesus. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, RJ, n. 60, 2000.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: DUPUIS, Jacques. *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*. Trad. de Márcia de Almeida e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1999.

\_\_\_\_\_. A teologia do pluralismo religioso em questão. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, RJ, v. 59, n. 235, p. 591-617, 1999.



\_\_\_\_\_. Para uma teologia cristã do pluralismo religioso: a propósito de um livro (II). *Perspectiva Teológica*, v. 30, n. 81, 1998.

\_\_\_\_\_. A teologia do pluralismo religioso em Claude Geffré. *Numen*, Juiz de Fora, MG, v. 1, n. 1, p. 45-83, 1998.

\_\_\_\_\_. *O diálogo inter-religioso como afirmação da vida*. São Paulo: Paulinas, 1997.

\_\_\_\_\_. *Teologia das religiões: uma visão panorâmica*. São Paulo: Paulinas, 1995.

\_\_\_\_\_. A Igreja e o desafio do diálogo e anúncio: reflexões sobre dois documentos recentes do Magistério Eclesial. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, RJ, v. 55, n. 218, 1995.

TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio Mota. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do possível*. Aparecida, SP: Santuário, 2008.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

THE WILLIAMSBURG Charter (1988). In: HAYNES, Charles C.; THOMAS, Oliver. *Finding Common Ground: A first amendment guide to religion and public schools*. Nashville, TN: First Amendment Center, 2007. p. 284-308. Disponível em: <https://www.religiousfreedomcenter.org/wp-content/uploads/2015/01/Finding-Common-Ground-Williamsburg-Charter.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

THÜMMLER, Hans. *Der Dom zu Osnabrück*. Munique: Ed. Deutscher Kunstverlag, 1975.

TIEL, Gerhard. O processo conciliar de mútuo compromisso para a justiça, paz e integridade da criação. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, RS, v. 28, n. 2, 1988.

TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2005.

\_\_\_\_\_. *A era protestante*. São Paulo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1992.

\_\_\_\_\_. *Dinâmica da fé*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1980.

\_\_\_\_\_. *Teología de la cultura y otros ensayos*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.

\_\_\_\_\_. *A coragem de ser*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

\_\_\_\_\_. *Christianity and the Encounter of the World Religions*. New York; London: Columbia University Press, 1963.

\_\_\_\_\_. *Theology of Culture*. London; Oxford; New York: Oxford University Press, 1959.

TOSO, Giovanni. (Org.). *Cipriano: opere*. Torino: ETET, 1980.

UNIVERSITÄT OSNABRÜCK. 2022. Disponível em: <https://www.uni-osnabrueck.de/startseite/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

VANDIVER, Elizabeth; KNEEN, Ralph; FRAZEL, Thomas D. *Luther's lives: two contemporary accounts of Martin Luther*. Manchester: Manchester University Press, 2002.

VENTER, Sahn; MANDELA, Zamaswazi Dlamini. *Cartas da prisão de Nelson Mandela*. Trad. de José Geraldo Couto, São Paulo: Todavia, 2018.

VIER, Frei Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

VIGIL, José María. Por uma espiritualidade pluralista da libertação. In: TOMITA, Luiza E.; BARROS, Marcelo; VIGIL, José María (Org.). *Teologia latino-americana pluralista da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2006.

\_\_\_\_\_. *Teologia do pluralismo religioso para uma releitura do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_. Espiritualidad del pluralismo religioso: una experiencia espiritual emergente. In: ASOCIACIÓN ECUMÉNICA DE TEÓLOGOS Y TEÓLOGAS DEL TERCER MUNDO. *Por los Muchos Caminos de Dios: desafíos del pluralismo religioso a la teología de la liberación*. Quito: Centro Bíblico Verbo Divino, 2003.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WACHS, Manfredo Carlos. Ensino religioso como formação integral da pessoa. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, RS, v. 38, n. 1, p. 74-84, 1998.

WATSON, A. *The evolution of international society: a comparative historical analysis*. Londres; Nova York: Routledge, 1992.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

WEDGWOOD, C. V.; GRAFTON, Anthony. *The Thirty Years War*. New York: Editora New York Review Books, 2005.

WENGST, Klaus. *Pax romana: pretensão e realidade: experiência e percepção da paz em Jesus Cristo e no cristianismo primitivo*. Trad. de Antônio M. da Torre. São Paulo: Paulinas, 1991.

WILGES, Irineu. *As religiões do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

WILKINSON, Philip. *Religiões*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

WILLIAMS, George Hunston. *The Radical Reformation*. Kirsville: Truman State University Press, 1992.

WILSON, Peter H. *The Thirty Years War: Europe's Tragedy*. Londres: Belknap Press, 2011.

WOLFF, Elias. *Unitatis Redintegratio, Dignitatis Humane, Nostra Aetate: textos e comentários*. São Paulo: Paulinas, 2012.

ZACHER, Mark W. Os pilares em ruína do templo de Vestfália: implicações para a governança global e a ordem internacional. In: CZEMPIEL, Emst-Otto; ROSENAU, James N. (Org.). *Governança sem governo: ordem e transformação na política mundial*. Trad. de Sérgio Bath. Brasília: UNB, 2000.

ZEENDEN, Ernst Walter. *Das Zeitalter der Glaubenskämpfe: 1555-1648*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1978.

ZILLES, Urbano. *Fé e razão no pensamento medieval*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

ZIMMERMANN, Norbert. Catacomb Painting and the Rise of Christian Iconography in Funerary Art. In: JENSEN, R. J.; ELLISON, M. D. (Ed.). *The Routledge Handbook of Early Christian Art*. Abingdon, Oxon: Routledge, 2018. p. 21-38.





